

HENRY VALLEJO INFANTE
RITA JULIANA S. POLONI
LAIANA PEREIRA DA SILVEIRA
organizadores

O NATAL NOS UNE

edição Danilo Avelleda, símbolo das artes cênicas curitibanas

Coletânea interdisciplinar e multilíngue de perspectivas plurais



— EDICION —

Prof. Dr. Henry Vallejo Infante
Profa. Dra. Rita Juliana Soares Poloni
Ma. Laiana Pereira Da Silveira
(Organizadores)

O NATAL NOS UNE
edição Danilo Avelleda, símbolo das artes cênicas
curitibanas

Editora Edicon
Jaguaraão-2026

©2026 organizadores
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Conselho editorial

Adriana Silveira (UNICRUZ)
Bruno Marcelino (USP)
Cíntia Terra Pereira (CONEX)
Fatiane Pacheco (CONEX)
Felipe Rodrigues (UNIPAMPA)
Juliana Machado (CLAEC)
Larissa Bitar Duarte (UCS)
Lucimara Rocha (URI)
Marcelli Oliveira (UNICRUZ)
Márcia Della Flora (IFAR)

Editora-Chefe: Juliana Porto Machado

Revisão: Organizadores

Capa: Equipe Edicon

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N271	O natal nos une [recurso eletrônico]: edição Danilo Avelleda, símbolo das artes curitibanas / organizadores Henry Vallejo Infante, Rita Juliana Soares Poloni, Laiana Pereira da Silveira. - Jaguarão: Edicon, 2026. 266 p. il. ISBN: 978-65-88709-23-8 <i>E-book</i> 1. Cultura popular. 2. Natal. 3. Artes. 4. Patrimônio cultural. 5. Memória. I. Infante, Henry Vallejo (org.). II. Poloni, Rita Juliana Soares (org.). III. Silveira, Laiana Pereira da (org.). IV. Título. CDU: 39
------	--

Bibliotecária responsável Márcia Della Flora Cortes - CRB10/1877

COMISSÃO ORGANIZADORA 2025

Henry Rafael Vallejo Infante – UFPR
Paulo Marins Gomes – UFPR
Aldo Francisco Valotto – UFPR
Claudia Inês Parellada – UFPR
Ysmabelle Eliodor - UFPEL
Laiana Pereira da Silveira – UFPEL
Edward Dutra dos Anjos - UFPEL
Rita Juliana Soares Poloni – UFPEL
Jean Peterson Notis – UFRGS
Norma González de Zambrano – UPEL-IPC

COMISSÃO CIENTÍFICA 2025

Henry Rafael Vallejo Infante – UFPR
Rita Juliana Soares Poloni – UFPEL
Carolina Gomes Nogueira - UFPEL
Laiana Pereira da Silveira – UFPEL
Flavia Giribone Acosta Duarte - UCPEL
Sergia Cadenas Uzcátegui - USB
Noemí Frías Duran – UPEL-IPC

Sumário

PREFÁCIO	6
<i>Edilene Coffaci de Lima</i>	
INTRODUÇÃO: O NATAL NOS UNE.....	10
<i>Henry Vallejo Infante; Rita Juliana Soares Poloni e Laiana Pereira da Silveira</i>	
DANILO AVELLEDA, SÍMBOLO DAS ARTES CÊNICAS CURITIBANAS.....	12
<i>Henry Vallejo Infante e Rita Juliana Soares Poloni</i>	
L'ART ET LE PATRIMOINE HAÏTIENS ILLUMINENT NOËL: UNITÉ ET CRÉATIVITÉ AU COEUR DES FÊTES	26
<i>Ysmaelle Eliodor e Fábio Vergara Cerqueira</i>	
CREENCIAS Y SIGNIFICADOS EN TORNO A LA NAVIDAD NUESTRAMERICANA DESDE UNA PERSPECTIVA INTERGENERACIONAL	39
<i>Noemí Frías Durán</i>	
OS AROMAS E AS FORMAS DO NATAL EM UMA PROVÍNCIA DE MUITOS TEMPOS	51
<i>Francisca Ferreira Michelin e Laiana Pereira da Silveira</i>	
LA LOCALIZACIÓN DE LA NAVIDAD EN CHINA DESDE UNA PERSPECTIVA GLOBAL: LA CULTURA DE CONSUMO URBANA	67
<i>Nan Wu</i>	
ANALYSE DE LA SITUATION SOCIALE EN TEMPS DE NOËL AU REGARD DE LA LÉGISLATION HAÏTIENNE, DE 2019 À 2025	79
<i>Mike Bonnet</i>	
MEMORIAS SENSORIALES Y REINVENCIONES RITUALES DE UNA MIGRANTE VENEZOLANA ENTRE ALEMANIA Y POLONIA.....	89
<i>Rovimar Serrano Gómez</i>	
A FOLIA DE REIS DO “ANUNCIANDO REI MESSIAS” DE MARINGÁ-PR .	102
<i>Ana Paula dos Santos Coelho</i>	
DOCES MEMÓRIAS: O RITUAL NATALINO ATRAVÉS DAS DANÇAS.....	115
<i>Denise Prado Costa e Francisca Ferreira Michelin</i>	
NAVIDAD EN VENEZUELA Y COHERENCIA DISCURSIVA	129
<i>Norma González de Zambrano</i>	
TRAVESSIAS ILUMINADAS: A PONTE E O ESPÍRITO NATALINO NA PAISAGEM URBANA	145
<i>Laura Klajn Baltar</i>	
A MEMÓRIA DO CUIDADO E A MAGIA DO NATAL NA BIBLIOTECA.....	159
<i>Clarisse Fontenelle Ferreira Parente; Janaína Barcelos Resende e Sara Mayara Martins Borges</i>	
REPRESENTATIVIDADE E IDENTIDADE: UM OLHAR SOBRE MÍDIAS NATALINAS E REPRESENTAÇÃO LGBTQIA+	175

Edward Dutra dos Anjos e Franklin Donatello Rosa

CÓMO LA INFANCIA MOLDEA NUESTROS ROLES: FAMILIA, ESCUELA Y BARRIO COMO LABORATORIOS DE GÉNERO187

Smaïka Dorléus

O ESPÍRITO NATALINO NOS UNE O ANO TODO: A FORÇA DA DÁDIVA E SUA TRANSCENDÊNCIA AO NATAL201

Caroline Pereira Dias

EL SAZÓN DE LA MEMORIA: LA GASTRONOMÍA NAVIDEÑA VENEZOLANA COMO RITUAL DE PERTENENCIA, RESISTENCIA Y RE-EVOLUCIÓN, GÉNERO Y ROL DE LA MUJER.....215

Yetzy Villarroel-Peña

GASTRONOMIA, MEMÓRIA E COMENSALIDADE: O SABOR DAS TRADIÇÕES NATALINAS NAS IDENTIDADES BRASILEIRAS.....227

Sara Maria Candido Maia

LA DULCERÍA CRIOLLA NAIGUATENSE COMO COMPLEMENTO IDENTITARIO EN SUS FIESTAS TRADICIONALES.....238

Sergia Cadenas Uzcátegui; Noemí Frías Durán e José Gregorio Aguiar López

MEMÓRIAS DE NATAL COM CHEIRO DE COCO ADOCICADO: A QUEIJADINHA COMO LUGAR DE MEMÓRIA E REMEMORAÇÃO.....251

Aldo Francisco Valotto e Henry Vallejo Infante



PREFÁCIO

Apresentação: Natal, Navidad, Noël

EDILENE COFFACI DE LIMA¹

Em novembro de 2025 teve lugar na Universidade Federal do Paraná o IV Encontro Internacional e Multilíngue de Perspectivas Plurais, O Natal nos Une, sob a coordenação do Professor Henry Vallejo Infante. Mantendo a ideia de homenagear pessoas dedicadas ao campo das Artes, nesta edição o homenageado foi Danilo Avelleda, um multiartista (ator, produtor, diretor e cenógrafo) curitibano, com mais de 70 anos dedicados à dramaturgia².

Realizado no campus da Reitoria da Universidade Federal do Paraná, no centro de Curitiba, o evento vem crescendo ano a ano, aglutinando cada vez mais pessoas interessadas na interlocução, no compartilhamento de resultados de pesquisas e vivências que se fazem em conferências e apresentações orais, mas também com música, arte e gastronomia. Em sua quarta edição, em novembro de 2025, foram

¹ Antropóloga, Professora Titular do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia. Coordenadora do Núcleo de Estudos Ameríndios (NEA/UFPR) e Pesquisadora do CNPq.

² Depoimento de Danilo Avelleda consultado a partir de O palco e o tempo, memórias do Teatro Guaíra [Episódio 5], <https://www.youtube.com/watch?v=dnvMfiMNXhA>, visualizado em 25 de abril de 2026. Para mais informações sobre Danilo Avelleda ver também, nesta coletânea, o capítulo intitulado *Danilo Avelleda, símbolo das artes cênicas curitibanas*, de autoria de Henry Vallejo Infante e Rita Juliana Soares Poloni.

organizados sete Simpósios Temáticos (STs), os quais receberam participantes das áreas de linguística, antropologia, arte, sociologia e história, patrimônio e memória, entre outras. Em modo híbrido – uma herança tecnológica da pandemia que nos mostrou sua capacidade de facilitar encontros acadêmicos –, participaram dos Simpósios pesquisadores do Brasil, de Portugal, da Venezuela, do Haiti, de Porto Rico e da China, parte dos quais publicam agora seus trabalhos nesta coletânea multilíngue, com contribuições em português, espanhol e francês – línguas dos colonizadores moduladas localmente, promovendo, sem que possamos imediatamente perceber, outras variações.

As temáticas alcançadas pelos Simpósios foram ST1 Família e gênero, ST2 Política e Sociedade, ST3 Gastronomia, ST4 Artes, ST5 Memória e Patrimônio, ST6 Religião e ST7 Trabalhos diversos, as quais buscaram dar conta da diversidade dos modos de saber e saber-fazer e do dinamismo da cultura. As formas de estar no mundo têm, para nossa sorte, notável plasticidade e são habitualmente poucos ajustadas, ou mesmo indiferentes, à fixidez, mostrando-nos conhecimentos e práticas culturais que se transformam, que se fazem e se refazem permanentemente. Assim, Ysmabelle Eliodor, autora de uma contribuição que aborda a arte e o patrimônio haitiano, escreveu: “Noël en Haïti transcende l'importation de coutumes chrétiennes du colonialisme, c'est une période où la culture locale s'entrelace avec la religion pour former une célébration unique, marquée par la solidarité et l'ingéniosité. En tant qu'Haïtienne, amoureuse de nos coutumes, je sens comment ces fêtes font de nos rues un théâtre, où chaque lumière, chaque son, murmure un fragment de notre histoire. Dans un pays de résistance, d'esclavage et d'indépendance, l'art et le patrimoine sont à l'honneur, transformant les villes et les campagnes en lieux de mémoire vivante”³. Parece seguro, a

³ “O Natal no Haiti transcende a importação de costumes cristãos do colonialismo; é uma época em que a cultura local se entrelaça com a religião para formar uma celebração única, marcada pela solidariedade e pela engenhosidade. Como haitiana, profundamente ligada às nossas tradições, sinto como essas festividades transformam nossas ruas em um palco, onde cada luz, cada som, sussurra um fragmento da nossa história. Em um país de resistência, escravidão e independência, a arte e o patrimônio são celebrados, transformando cidades e o campo em lugares de memória viva”.

partir do que a autora nos apresenta, que reduzir o Natal a uma festividade importada, colonialista, seria afastar-se de sua justa compreensão ou do entendimento haitiano; um erro, enfim. O Natal como uma celebração que sustenta, que ampara, a memória do povo haitiano, resume com precisão seu argumento e a atenção etnográfica da autora que é, em verdade, uma artista. Esse entrecruzamento de áreas – no caso, das Artes e da Antropologia, mas existem outras possibilidades, algumas delas apresentadas nos capítulos que compõem a obra – é uma outra virtude da coletânea que se nos é apresentada. Antes que disciplinas estanques, fechadas em si mesmas, o diálogo se impõe nas Humanidades.

É preciso colocar em destaque também as duas conferências que aconteceram na abertura do evento. Na primeira delas, Kauê Kruger, docente de Antropologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), há muito dedicado ao estudo das inter-relações entre Arte e Antropologia, apresentou a conferência intitulada “Dramaturgia como etnografia”. Na sequência, diretamente do México, o professor José Antonio Flores Farfán (CIESAS/México), na fronteira entre a Linguística e a Antropologia, proferiu a palestra “Camino del arte y los medios en la revitalización lingüística”. No caso do professor Flores Farfán, cabe destacar que sua colaboração com o Programa Solidariedade Acadêmica, na UFPR, é anterior à realização do IV Encontro de Perspectivas Plurais. Teve início em 2024, quando visitou nosso Programa de Pós-Graduação e, naquela ocasião, presencialmente, participou de uma Mesa dedicada à mesma temática da revitalização de línguas indígenas, um tema urgente se se considera o avanço da erosão da diversidade linguística em todo o planeta, resultado nefasto e duradouro da colonização, com sua brutal imposição do monolinguismo⁴.

Para encerrar, gostaria de enaltecer o Programa Solidariedade Acadêmica, da CAPES, o qual viabilizou tanto a realização do evento como a publicação desta coletânea. Como é sabido, tal Programa é voltado à

⁴ Cf. Franchetto, Bruna (2020). “Línguas: cosmopolíticas, micropolíticas, macropolíticas”. *Campos. Revista de Antropologia*. 21(1): p. 21-36.

inserção de pesquisadores(as) refugiados(as) na pós-graduação brasileira como professores(as) visitantes, contribuindo para atenuar as condições desfavoráveis que o momento histórico impôs e, ao mesmo tempo e proativamente, incrementando o intercâmbio acadêmico. Em nosso Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia recebemos o colega venezuelano, o professor Henry Vallejo Infante, que antes fora colaborador, também como refugiado, na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Oxalá a parceria se prolongue entre os profissionais e as instituições de ensino e pesquisa envolvidos nas várias edições do evento e que ventos políticos mais favoráveis alcancem toda a América, do Sul ao Norte.

INTRODUÇÃO

O NATAL NOS UNE

Antes de tudo, como equipe organizadora da coleção de livros **O Natal Nos Une**, gostaríamos de destacar que, pela terceira vez, sentimos a alegria da união e da fraternidade acadêmico-científica que nos reúne desde 2022. Esse sentimento materializa-se agora nesta nova coletânea, a qual interpretamos como um presente para todos os envolvidos nas edições anteriores e, especialmente, na edição realizada em novembro de 2025, que prestou uma merecida homenagem a **Danilo Avelleda**, símbolo das artes cênicas curitibanas.

Aproveitamos para agradecer a cada membro das comissões organizadora e científica, que nos apoiaram, e aos coordenadores dos Simpósios Temáticos, conferencistas, autores e demais participantes. Durante o evento, todas essas pessoas articularam discussões nutritivas sobre o Natal como cotidiano na vida contemporânea, refletindo, de forma multi e interdisciplinar, as perspectivas internacionais e nacionais que compõem o pluriverso das identidades e culturas aqui apresentadas, predominantemente, latino-americanas e caribenhas, mas também sobre diferentes culturas natalinas que atravessam o oceano Atlântico, trazendo um pouco do Natal espanhol e também chinês. Tais contribuições ajudam a compreender as particularidades complexas que demandam ser desveladas a partir da pluralidade universitária.

Nosso terceiro volume é fruto do esforço em abrir brechas, com respeito e paciência, em muros de preconceito que reduzem a temporada natalina ao consumismo. Esta obra apresenta dimensões que afetam nossas sociedades nas esferas política, econômica, pedagógica, alimentar, arquitetônica, identitária e cultural. Sentimo-nos satisfeitos por

consolidar este produto intelectual coletivo com pesquisadores de diferentes continentes, que se encontraram para trocar epistemologias a partir de seus distintos lugares de enunciação.

O **Natal Nos Une**, como espaço de reflexão, vem se consolidando como uma janela de conexão entre pesquisadores do campo social brasileiro, sensibilizados com temáticas raciais e de gênero, universitários haitianos e acadêmicos indígenas e afro-venezuelanos, perfilando o evento como um lugar de encontros interétnicos e interculturais.

Prof. Dr. Henry Vallejo Infante

Profa. Dra. Rita Juliana Soares Poloni

Ma. Laiana Pereira da Silveira

Danilo Avelleda, símbolo das artes cênicas curitibanas⁵

HENRY VALLEJO INFANTE⁶
RITA JULIANA SOARES POLONI⁷

Resumo

Não é possível traçar um panorama das artes cênicas em Curitiba - Paraná, Brasil — sem considerar a importante trajetória que, ao longo de décadas, desenvolveu o mestre do teatro e da atuação em geral, senhor Danilo Avelleda. Esse distinto paranaense, cuja carreira foi atravessada por um cenário teatral de destaque na cidade, articulado à sua história de vida artística e familiar, constitui-se como símbolo cultural e parte da memória viva vinculada à dramaturgia, bem como à comoção de espectadores tocados pelas extraordinárias interpretações de seus múltiplos personagens. Desse modo, ao considerar aspectos relevantes para a realização de uma abordagem etnográfica do ator, busca-se entrelaçar fragmentos de oralidades obtidos por meio de uma entrevista em profundidade com ele e uma de suas filhas, com fotografias que possibilitem apreender sua concepção de lugar como artista da terceira idade e paranaense, fundamentando a análise em teóricos do campo teatral e fenomenológico.

Palavras-chave: Danilo Avelleda; memória; teatro; Natal; Curitiba.

Exposição introdutória ao estudo

O teatro é uma expressão artística milenar que vem se reinventando ao longo do tempo até a atualidade. Nele são representadas situações da cotidianidade, bem como narrativas históricas ou fictícias, com a intenção de aproximar o público que assiste à obra, interpretada por atrizes e atores, de arquétipos e emoções, apoiando-se em fatores que vão além do estritamente dramatúrgico, constituindo-se, assim, como uma manifestação comunicacional efêmera, porém extremamente potente. Com o objetivo

5 O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

6 Professor Visitante (CAPES) do PPGAA-UFPR, Doutor em Cultura e Arte para a América Latina e o Caribe pela UPEL-IPC, Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural pela UFPEL, com Pós-Graduação em Telemática e Informática aplicada à Educação a Distância pela UNA, Especialista em Educação Indígena pela UNEM e Licenciado em Educação pela UCV. E-mail: vallejo.henry@gmail.com

7 Professora do Departamento de Museologia e Conservação e do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Líder do grupo de pesquisa do CNPq “Arqueologia da Repressão e da Resistência” e editora da revista *Memória em Rede* (UFPEL). E-mail: julianapoloni@hotmail.com

de alcançar uma visão mais ontológica da arte teatral, incorporam-se os aportes teóricos de Maria Natacha Koss (2021, p. 10), que afirma:

Concordamos, assim, em considerar o teatro como um acontecimento complexo — nos termos de Gilles Deleuze — constituído pelo convívio, pela poiesis e pela expectativa. O primeiro termo refere-se ao encontro de corpos no tempo presente, em um aqui e agora intransferível, sem qualquer tipo de mediação tecnológica. Esse encontro viabiliza o espaço ontológico para o desenvolvimento da poiesis, do universo poético e da dimensão formal da arte. Por fim, a zona de expectativa, que reconhece essa construção, vincula-se a ela, ressignifica-a e a transforma, ao mesmo tempo em que também se transforma. Essa teoria rica e complexa sobre o teatro permite-nos polemizar com a história tradicional, descentralizar o texto dramatúrgico de seu lugar de preeminência, abordar poéticas liminares e, em última instância, valorizar acontecimentos tradicionalmente excluídos do campo que nos convoca.

Essa arte a diferencia de outras, pois contempla de forma holística a sua execução, envolvendo nela outras práticas que se evidenciam por meio da iluminação, do som, do figurino, do cenário, da cenografia, dos cartazes publicitários e dos componentes humanos que justificam a sua existência, tanto o público espectador quanto os atores que executam as falas contidas nos textos. Estes, após um trabalho árduo e dedicado de memorização e de marcações de movimento no palco, acabam por apresentar papéis e funções atorais em gêneros como comédia, tragédia, drama, musical, improvisação e teatro de bonecos. Em relação a isso, e a partir de uma perspectiva mais técnica, Manuel Vieites (2016, p. 1154) afirma:

O teatro é, antes de tudo, um ato de comunicação que (...) opera em diferentes níveis e envolve diversos emissores e receptores, uma vez que “uma representação é um produto final altamente organizado de um processo e de uma organização complexos” (Sarason, 2002, p. 35). Por essa razão, o escritor assinala que não se devem estudar apenas os princípios teóricos da comunicação, mas também a forma como estes se concretizam nos processos que todo espetáculo teatral desenvolve, o que nos oferece uma noção da complexidade da realidade que enfrentamos.

O autor anteriormente citado ressalta a complexidade do teatro como espetáculo comunicacional, em todos os seus níveis e em sua diversidade, aspectos que, no presente estudo, buscamos abordar a partir da subjetividade e da intersubjetividade de um curitibano que

integra o coletivo de atores e atrizes do Paraná — Brasil. Desse modo, atribui-se um rosto capaz de revelar oralidades que traduzem décadas de experiência, anedotas pessoais, histórias contextualizadas em cenários políticos de grandes contrastes e uma constante: a união familiar que sempre o acompanhou, especialmente durante os períodos natalinos. Tal intencionalidade encontra plena coerência com os pressupostos de Alfred Schutz (2008, p. 60), quando afirma:

A afirmação de que o objeto das ciências sociais é a conduta humana, suas formas, sua organização e seus produtos não suscitará controvérsias entre os especialistas. No entanto, haverá diferentes opiniões acerca de se essa conduta deve ser estudada da mesma maneira que o especialista em ciências naturais estuda o seu objeto, ou se a finalidade das ciências sociais é a explicação da “realidade social” tal como é experimentada pelo homem que vive cotidianamente no interior do mundo social (...). Nas páginas seguintes, sustentamos que as ciências sociais devem abordar a conduta humana e sua interpretação de senso comum na realidade social, o que exige a análise de todo o sistema de projetos e motivos, de significatividades e construções considerado nas seções precedentes. Tal análise remete necessariamente ao ponto de vista subjetivo, isto é, à interpretação da ação e ao seu enquadramento nos termos do próprio ator. Uma vez que esse postulado da interpretação subjetiva é, como vimos, um princípio geral de construção de tipos de cursos de ação na experiência do senso comum, toda ciência social que aspire apreender a “realidade social” deve, igualmente, adotar esse princípio.

É por essa razão que, para este primeiro capítulo do livro que registra as memórias do IV Encontro Internacional e Multilíngue de Perspectivas Plurais: *O Natal Nos Une*, edição: “Danilo Avelleda, símbolo das artes cênicas curitibanas”, empreendemos o desenvolvimento de uma análise hermenêutica (Ghiso, 2000), inscrita no campo das pesquisas qualitativas, assumindo a técnica da entrevista qualitativa (Gurdián-Fernández, 2007) como base de compreensão reflexiva e fenomenológica (Schutz, 2008). Tal abordagem é acompanhada por registros fotográficos e pela revisão de bibliografias relacionadas ao teatro da região, com o objetivo de nos imergirmos no mundo da vida do destacado ator Danilo Avelleda, possibilitando, assim, a aproximação à realidade social. Nesse sentido, de acordo com os pressupostos metodológicos de Alicia Gurdián-Fernández (2007, p. 54–55), pode-se compreender que:

A pesquisa qualitativa fundamenta-se em um redimensionamento da relação sujeito-objeto. A integração dialética entre sujeito e objeto constitui o princípio articulador de todo o arcabouço epistemológico da investigação qualitativa. É importante considerar que existem quatro condições básicas que devem ser observadas no momento da coleta de dados qualitativos:

1. A pesquisadora ou o pesquisador deve aproximar-se o máximo possível das pessoas, da situação ou do fenômeno que está sendo estudado, a fim de compreender, explicar e interpretar, com profundidade e detalhamento, o que está ocorrendo e o significado do que ocorre para cada um e cada uma dos envolvidos. Idealmente, a investigação é realizada de forma conjunta, envolvendo a pesquisadora ou o pesquisador e os sujeitos atuantes (frequentemente denominados, de forma inadequada, informantes), em torno do “objeto de estudo” selecionado.

2. A pesquisadora ou o pesquisador deve captar — “fotografar de maneira fiel, rigorosa e detalhada” — tudo o que está acontecendo e o que as pessoas dizem, bem como os fatos percebidos, os sentimentos, as crenças e as opiniões, entre outros aspectos.

3. Os dados são, inicialmente, eminentemente descritivos.

4. Os dados constituem referências diretas das pessoas, da dinâmica, da situação, da interação e do contexto.

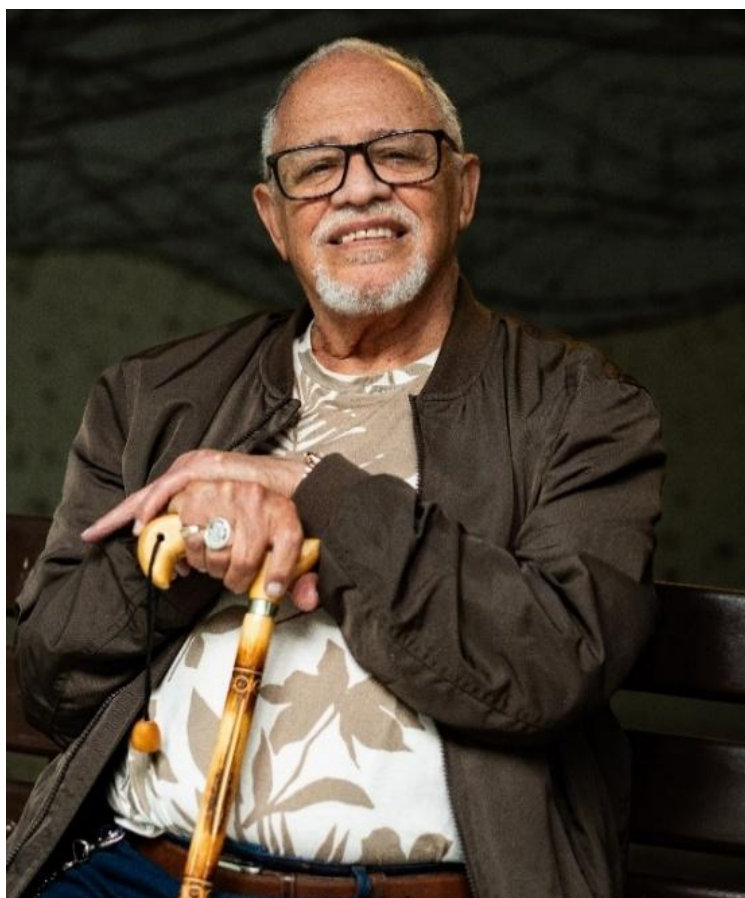


FIGURA 1. O ator Danilo Avelleda durante a entrevista realizada em novembro de 2025.

Fonte: Foto realizada por Carolina Cruz Castanho.

Dito isso, assume-se a realização de uma abordagem sobre a vida e a obra de um dos símbolos das artes cênicas em Curitiba, Danilo Avelleda, que tem sido merecedor de múltiplas homenagens em razão de sua constância e dedicação à cultura teatral ao longo de mais de 70 anos. Tal reconhecimento torna-se evidente tanto por sua seleção, pelo Comitê Científico e pelo Comitê Organizador de *O Natal Nos Une*, como epônimo da edição mais recente, em 2025, quanto pela concessão do título de “Vulto Emérito de Curitiba” pela Câmara Municipal de Curitiba (CMC), sendo este o mais elevado título concedido pelo Poder Legislativo a pessoas nascidas na capital paranaense ⁸.

Inícios no mundo do teatro

Durante a entrevista semiestruturada, realizada no dia 15 de outubro de 2025, na casa de um dos autores do texto, bem como em outros encontros compartilhados com Danilo Avelleda e sua filha Simone Avelleda, afloraram diversas lembranças que compõem momentos significativos na vida do protagonista desta investigação. Tratam-se de memórias que perpassam seus inícios no mundo do teatro, vivenciados no seio familiar desde os primeiros anos de infância, em uma Curitiba, que despontava no campo das artes cênicas, conforme expressa o entrevistado ao afirmar:

Uma coisa muito interessante, o meu pai e meus tios faziam teatro amador. Eles pertenciam à Liga Católica, que era uma entidade lá na catedral metropolitana. Que eu me lembro, eu comecei a assistir teatro, eu tinha uns três anos. E eu comecei, interessei, gostei e não perdi uma peça. Claro que eram espetáculos amadores. E assim foi indo, cada vez que tinha uma festa, um evento, eles apresentavam uma peça. Era sempre comédia. Eu era o primeiro da fila. A primeira na cadeira, uma lá na frente. E sempre acompanhava. De repente eu comecei a tomar gosto por aquilo. Na verdade eu nunca pensei em ser ator. Não conscientemente, “eu vou ser ator”. Aquilo era... ele introjetava aquilo de uma maneira, sem perceber. Bom, aí passou tempo. Eu fui para o exército. Servi durante três anos. E um dia eu fiquei pensando, um calor desgraçado, no pátio do quartel, “o que eu

⁸ Site Web da Câmara Municipal de Curitiba, disponível em: <https://www.curitiba.pr.leg.br/informacao/noticias/icone-do-teatro-danilo-avelleda-ganha-vulto-emérito-de-curitiba>

estou fazendo aqui? Não gosto desse troço! Eu vou embora daqui". E pedi meu desligamento. Só que daí eu fiquei sem saber o que eu ia fazer (risos). O que eu vou fazer na vida. Sei fazer nada, só sei marchar! Mas aí as coisas acontecem de maneira surpreendente. Aí o que aconteceu foi que... Tinha um elenco. Tocou no Teatro Guaíra. O elenco oficial. Onde quem fundou, que tava lá, era o Ary Fontoura, Maurício Tavora, era uma porção de colegas, que muitos já foram... E eu resolvi, eu fui lá fazer um teste. Surpreendentemente, eu passei. Bom, aí eu comecei a fazer teatro. Mas depois eu estava fazendo televisão.



FIGURA 2. Álbum de fotos dos primeiros anos de atuação de Danilo Avelleda. Foto realizada por Carolina Cruz Castanho.

A partir das memórias compartilhadas por Danilo Avelleda, não apenas se contextualizam a vida familiar e artística nas quais nasceu e cresceu esse jovem que tantas alegrias proporcionou ao público paranaense, como também a realidade dos espaços teatrais nas décadas passadas do século XX. São referências a um movimento artístico que, quando ele ainda era criança, encontrava abrigo na catedral, mas que, com o passar dos anos, também pôde contar com sua participação do Teatro Guaíra, espaço que abriu caminho para a consolidação de um ator disciplinado e multifacetado, o qual, ao longo do tempo, percorreu diversos palcos regionais, nacionais e internacionais. Essas lembranças narradas pelo entrevistado nos conectam aos estudos realizados por Selma Suely Teixeira (1992, p. 2), que escreve:

Quando o Pequeno Auditório do Teatro Guaíra abriu suas portas ao público no dia 25 de fevereiro de 1955, autores, atores,

diretores e técnicos ligados ao teatro paranaense foram unânimes em reconhecer que a inauguração daquela casa de espetáculos representaria para a classe, a oportunidade de "subsistir em sua própria casa".

Sem um espaço oficial onde apresentar seu trabalho desde a demolição do velho Guaíra na década de 40, os artistas do teatro local contentavam-se, até então, em encenar suas montagens nos salões de igrejas, escolas, sociedades beneficentes e nos palcos dos cine-teatros existentes na cidade no início da década.

A pesquisadora, em seu processo de estudo sobre o teatro curitibano de meados do século passado, oferece maiores detalhes acerca do momento conjuntural entre as artes cênicas desenvolvidas em igrejas e a importância e o significado que o Teatro Guaíra⁹ passou a oferecer, e ainda oferece, ao coletivo de atrizes e atores, não apenas da capital, mas de todo o Paraná e do Brasil. Estas são vivências que Danilo Avelleda possui em primeira mão, uma vez que participou diretamente dessas histórias e das trajetórias de seus colegas, em relações sociais que conformaram um entrelaçamento de intersubjetividades artísticas, transformadoras em afetos, lutas e crescimento profissional, conforme expõe e registra ao longo da conversa:

Acontece o seguinte, que... houve um espetáculo e... no Teatro de Comédia do Paraná, que fui chamado pra fazer a figuração. Um espetáculo maravilhoso. Ali foi determinante. Ali eu realmente tinha certeza que eu queria ser ator. Que era isso que eu queria fazer. Isso foi determinante. Conheci uma porção de gente, uma porção de atores. E hoje são nomes nacionais, como o próprio Ary, como o Paulo Goulart, como Nicette Bruno, como a Eleonor Bruno, Paulo Autran, todas essas pessoas que eu tive contato e se tornaram meus amigos. Então acho que realmente o determinante foi "A megera domada". E o "Paraná terra de todas as gentes", que determinou a minha posição, definiu minha posição como ator.

As obras *A megera domada*, de William Shakespeare, e o musical *Paraná, terra de todas as gentes*, com texto do dramaturgo Aderbhal Fortes e música de Paulo Vitola, marcaram a trajetória de Danilo Avelleda como jovem ator, especialmente porque esta última peça teatral foi o

⁹ O Teatro Guaíra é um dos mais importantes cenários da América Latina. A história do Guaíra começa no século XIX. Em 1884 foi inaugurado o Theatro São Theodoro, na Rua Nova, atual rua Dr. Muricy. Era o primeiro teatro oficial do Paraná. Durante a Revolução Federalista, de 1893 a 1895, as atividades do teatro foram suspensas e suas instalações utilizadas como prisão. Em 1900, o teatro foi reinaugurado com o nome de Teatro Guayrá, mas foi demolido em 1935. A construção do prédio atual do Guaíra foi iniciada em 1952 e concluída em 1974, segundo o projeto de Rubens Meister. Fonte: <http://www.curitiba-parana.net/guaira.htm>

espetáculo selecionado para apresentação no Guairão¹⁰ por ocasião da inauguração do Centro Cultural Teatro Guaíra, em dezembro de 1974. A respeito disso, Reginaldo Cerqueira Sousa (2010, p. 91–92) comenta:

A narrativa trata da saga das famílias paranaenses, tradicionais e vindas de outros lugares, embaladas pelo sonho de conquistar terra e trabalho. A partir daí, os diálogos estabelecidos entre os personagens tentam compor os diferentes grupos que povoaram a cidade, com o processo de migração. Percorre a narrativa, os esforços das famílias tradicionais, simbolizado na figura de Antonio Ernesto Portugal, o pai que deseja casar suas sete filhas com os filhos de famílias tradicionais de Curitiba. As jovens, por sua vez, pretendem casar-se por amor com rapazes filhos dos imigrantes que habitaram a cidade. As jovens casam com descendentes de alemães, italianos, japoneses, entre outros, demonstrando que as prerrogativas de seu Portugal foram inúteis ao tentar impedir essa união.

É a partir dessa configuração que o tema da imigração tece o fio dos acontecimentos. Os conflitos ali representados manifestam-se apenas na esfera das dificuldades de relações entre diferentes identidades nacionais e culturais, mas que encontra em espaço curitibano, lugar propício para o trabalho e uma terra acolhedora onde há a possibilidade de se viver, harmoniosamente, pessoas de países tão distintos e compondo, no Brasil, uma única pátria. Busca estabelecer uma espécie de harmonia racial completada pela perspectiva do progresso, com a chegada de europeus, entre outras nacionalidades.

Vale a pena mencionar que o projeto de construção modernista do Centro Cultural Teatro Guaíra foi dirigido pelo ícone da arquitetura curitibana Rubens Meister¹¹, responsável também por outras obras de grande relevância para a cidade, tais como o Panteão dos Heróis da Lapa, o Auditório da Reitoria da Universidade Federal do Paraná, o Centro Politécnico, o Edifício Barão do Rio Branco, a Prefeitura Municipal de Curitiba, a Estação Rodoferroviária de Curitiba, o Centro de Atividades SESC da Esquina, a restauração do Palácio da Avenida e a fundação dos estudos de arquitetura e urbanismo na UFPR.

¹⁰ O Guairão é a sala mais importante do Teatro Guairá, com a maior capacidade para receber o público curitibano, entre as três que o complexo cultural possui.

¹¹ Rubens Meister (1922-2009), engenheiro, não exerceu a arquitetura, mas foi o responsável pela fundação do curso de arquitetura e urbanismo da UFPR e influenciou gerações. Criou verdadeiros monumentos da cidade e da arquitetura nacional, como o Teatro Guaíra, a reitoria da UFPR e a Rodoferroviária. Foi, também, o precursor de um dos movimentos mais importantes da cultura paranaense: o Modernista. Fonte: <https://www.curitibahistorica.com.br/pioneiros/32/rubens-meister>

Um ator em tempos de ditadura

Ao longo de todos os seus anos de experiência atoral, Danilo Avelleda atravessou momentos complexos, de alta tensão e medo, vivenciando diretamente a vigilância constante sobre as obras, a perseguição política por meio de intimidações e o assédio promovidos pela ditadura militar de 21 anos, aos quais a grande maioria dos artistas de sua época foi submetida no Brasil. Nesse sentido, o controle e o silenciamento impostos pelos militares ao movimento teatral também integram as memórias, neste caso traumáticas, da vida do ator, que compartilhou conosco seus temores, bem como as estratégias adotadas para driblar a opressão e seguir fazendo aquilo que ama: o teatro.

Acontece que naquela época, você tinha que mandar os textos para a censura, o texto. E eles cortavam, o que achava que tava ofendendo, digamos assim, o sistema, né? Aí depois você tinha que fazer um ensaio geral pra censura. Ali eles cortavam mais ainda.

É, os censores, sempre tinha dois, tinha um polaco, tinha uma raiva dele que queria matar ele (risos). Mas aí eu descobri, aí eu achei um jeito. O texto, a peça, eu ralentava, mas era bem devagarzinho. E eles dormiam (risos).

Durante o relato, a filha do ator, Simone Avelleda, intervém para assinalar outro episódio ocorrido durante o período da ditadura, afirmando: “Mas tem um texto seu, que você escreveu, e que você só pôde montar depois de muitos anos, que eu não me lembro, que falava sobre a guerra”. Ao que Danilo respondeu imediatamente:

Porque eu escrevi o “Rir é o melhor que há”, e descia o cacete! Aí censuraram. Cortaram, não podíamos montar. Aí eu não sei o que eu fiz, eu mudei de nome, parece que foi... Ah! O título original era “Vai mexendo que eu tempero”. Eu troquei de título. O “Rir é o melhor que há” (risos). E os burros entraram na conversa e eu entrei, mas era um inferno. Você tinha que pegar o texto, levar lá na censura, que era aqui no Alto da rua XV, aqui, Ubaldino do Amaral, lá ficava, aí cortavam, eles cortavam, riscavam. Aí depois você tinha que fazer um ensaio pra a censura.

Na conversa, Simone intervém novamente para explicar: “Depois da estreia, vamos supor que tava lá uma semana os espetáculos e apareciam do nada”. Esse comentário foi um detonante para a memória de seu pai, que imediatamente recordou:

Eu quase fui preso. O que aconteceu: nós montamos uma peça que se chamava “Os fuzis de 1894”, da Revolução Federalista. E a abordagem, foi uma abordagem bem política. Ele era o lado mais político, mais pesado. E porque a Revolução Federalista foi o quê? Eles mataram uma porção de gente que trabalhava na roça. Houve uma revolta, eles quiseram, uma companhia americana desapropriou a terra deles. Eles vieram no diabo! E aí foi isso. E eu, o texto não era meu, o texto era do Gemba. Eu fazia um capitão. E aí o que aconteceu? E aí não passou o texto. Eu fui pra Brasília tentar liberar. Quase que eu não volto mais. Faltou muito pouco pra ficar por lá mesmo. Mas assim, no final tinha um cara lá que acho que gostou da minha cara (risos) Mas o texto não passou. O texto não passou.

1966... Não tenho certeza, mas é por aí. Era uma loucura aquilo. O Gemba, o que é o diretor, o Gemba não era vermelho, ele era roxo. Ficou preso, ficou preso um tempão na penitenciária, ele e uma porção de amigos. Eu não fui preso. Isso é porque eles não gostaram de mim.

A República Federativa do Brasil vivenciou, em 1964, o chamado Golpe Civil-Militar, evento que instaurou um período sombrio na vida dos cidadãos do país. O mundo artístico, considerado perigoso pelos militares, foi perseguido, encarcerado e censurado, conforme explica Reginaldo Cerqueira Sousa (2009, p. 4):

Em Curitiba, grupos esquerdistas compostos por intelectuais, jornalistas, profissionais liberais e estudantes, estiveram à frente da tarefa de “conscientização” do papel político das camadas populares. O TPP correspondeu a essa expectativa. Após transformar-se na Sociedade de Arte Popular (SAP), converte-se, em meio a contradições entre seus membros, no primeiro Centro Popular de Cultura do Paraná, em 1962. Por meio do teatro, discutiu temas políticos e assumiu projetos de mobilização, alfabetização e educação popular dos trabalhadores e do contingente populacional que se aglomerava na capital paranaense na época.

O reverso desse processo veio, em 1964, com o golpe militar. Gradativamente, os militares levaram à militarização do sistema estatal e à readequação da estrutura burocrática do Estado para a centralização em nível federal, causando a desarticulação dos movimentos até então comprometidos com as camadas populares e a restrição da atuação da “classe política”. Em Curitiba, diante do contexto de fechamento dos espaços de participação política, o campo da cultura, constituiu-se num ambiente no qual os atores sociais puderam fazer oposição ao arbítrio. Em um deles nasceu o Teatro de Bonecos Dadá, formado pela necessidade de se manter o apreço pelo teatro e de reunir os ex-cepecistas dispersos pela ditadura.

Foram décadas marcadas por severas restrições, censura e graves violências de Estado. A classe artística nacional resistiu, apesar das duras ofensivas sofridas, fazendo circular, ainda que de forma codificada

ou parcial, discursos de liberdade. A circulação de ideias, apesar da ação da censura, configura um cenário de persistência de “memórias subterrâneas” (Pollak, 1989).

Segundo Pollak, as memórias subterrâneas constituem narrativas e experiências que, embora silenciadas pelo discurso oficial dominante, persistem no interior de grupos sociais marginalizados ou oprimidos, sendo transmitidas por meio de suportes informais, fragmentários e, em muitos casos, cifrados. No contexto da ditadura militar brasileira, essas memórias não desaparecem com a repressão estatal, mas se reorganizam em espaços alternativos de sociabilidade e expressão, como a arte, a música, o teatro e a literatura. A produção artística passa, assim, a funcionar como um espaço de preservação e circulação da memória, permitindo que vivências de violência, censura e resistência sejam compartilhadas de maneira indireta, contornando parcialmente o controle institucional. Desse modo, as memórias subterrâneas não apenas desafiam o esquecimento imposto pelo Estado autoritário, como também preparam o terreno para futuras disputas em torno da “memória coletiva” (Halbwachs, 2004), especialmente no período de redemocratização, quando essas narrativas emergem com maior força no espaço público.

Natal, um tempo de união familiar frente às adversidades

Danilo Avelleda é um ator que transitou por uma diversidade de personagens no teatro e na televisão, superando inclusive as barreiras do idioma ao apresentar, por vários anos, a obra *O Diário de um Louco* na Argentina. Além disso, participou de mais de cem produções cênicas, alcançando uma longa trajetória profissional marcada por inúmeros êxitos difíceis de contabilizar pela ampla trajetória e pelas falhas de memória típicas da idade avançada. Entre seus múltiplos trabalhos, também deu vida à personagem do Papai Noel.



FIGURA 3. Danilo Avelleda junto a sua filha Simone, repassando velhas fotos e recordando momentos da vida do ator.

Fonte: Foto realizada por Carolina Cruz Castanho.

Entretanto, a trajetória artística desse curitibano, que iniciou sua atuação aos 11 anos de idade, também é atravessada por histórias familiares lembradas tanto com alegria quanto com dor, uma vez que ficou órfão de mãe quando tinha apenas um ano e meio de idade. Essa ausência acelerou seus processos de infância: aos 16 anos alistou-se no Exército e, aos 19, preparava-se para se casar. Para encerrar os registros das entrevistas, apresentamos um diálogo entre Danilo Avelleda e sua filha Simone, que comenta:

Simone: É especial vê-lo como Papai Noel, inclusive ele teve uma participação acho que foi dois anos atrás.

Danilo: Eu não me lembro do nome da peça. Em 70, 86 anos eu não lembro nem meu nome mais (risos).

Simone: Que eu acho que é esse lado pai. Vem sei lá, não é só o artista. Daí vem o pai, vem o ser humano também. Então pra mim foi bem especial vê-lo assim como Papai Noel. E o Natal dentro da minha família é forte. A gente faz questão de estar todos juntos. Todos, todos. E é uma família grande. E é uma família grande. Porque são sete filhos. Os sete, tem marido. Depois tem os dois filhos. Então é grande. Dá aí umas trinta e poucas pessoas. E a gente faz a sensação de estar sempre junto. Mesmo quando meu irmão faleceu. Falecido Wellington. Que era ator também. Que fazia parte do grupo Tanahora. E ele morreu no Natal. No dia 22 de dezembro. Então foi muito triste pra nós. Mas aí a gente se uniu mais ainda. E desde então nunca mais ninguém passa Natal longe. Esse ano foi difícil de novo. Porque a gente perdeu minha mãe no dia 16. Dia 16 de dezembro.

Henry: *Danilo, eu queria perguntar pra você. Se você agora fosse o Papai Noel dos curitibanos, como ator de teatro, o que deixaria para as pessoas de Curitiba como presente?*

Danilo: *Se eu interpretasse o Papai Noel para as pessoas de Curitiba, eu deixaria a força, o brilho, a esperança. Eu procuraria fazer isso de uma forma muito interior. Isso é uma coisa que sai do coração realmente. Isso é de uma alma.*

Desse modo, o testemunho de Danilo Avelleda transcende o registro de uma trajetória artística bem-sucedida e inscreve-se no campo da memória afetiva e familiar. Sua experiência como ator, marcada pela versatilidade de personagens e por uma presença constante no teatro e na televisão, entrelaça-se com vivências pessoais atravessadas por perdas, resiliência e vínculos profundos. A figura do Papai Noel, evocada a partir do relato de sua filha, adquire, assim, um significado simbólico que ultrapassa a representação artística, convertendo-se em uma expressão de cuidado, união e esperança.

Palavras finais

Em síntese, a trajetória e o testemunho de Danilo Avelleda evidenciam como a prática artística se constrói no cruzamento entre experiência pessoal, trabalho constante e compromisso humano. Sua vida e sua obra refletem não apenas as marcas da dor e da perda, mas também a alegria do fazer teatral, a disciplina do ofício e a capacidade de transformar a experiência vivida em criação. Nesse sentido, a arte afirma-se como um espaço de resistência sensível e de elaboração da memória, sustentado pelo esforço cotidiano e pelos vínculos afetivos que o atravessam.

Referências

GHISO, Alfredo. Potenciando la diversidad (Diálogo de saberes, una práctica hermenéutica colectiva). Medellín: Universidad de Antioquia, 2000.

GURDIÁN-FERNÁNDEZ, Alicia. El Paradigma Cualitativo en la Investigación Socio-Educativa. San José: Coordinación Educativa y Cultural Centroamericana (CECC); Agencia Española de Cooperación Internacional (AECI), 2007.

HALBWACHS, Maurice. La memoria colectiva. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2004. Disponible en: https://www.academia.edu/17123309/141999311_Halbwachs_Maurice_La_Memoria_Collectiva_pdf. Acceso en: 05 abril 2026.

KOSS, María. Historia del Teatro. Tomo I. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Colección Libros de Cátedra, 2021. Disponible en: https://publicaciones.filo.uba.ar/sites/publicaciones.filo.uba.ar/files/LC.%20Historia%20del%20Teatro_digital.pdf Acceso en: 1 febrero 2026.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SCHUTZ, Alfred. El problema de la realidad social. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2008.

SOUSA, Reginaldo. Arte e Política: o teatro como prática de liberdade, Curitiba (1950-1978). Dissertação apresentada ao Curso de PósGraduação em Letras da Universidade Federal do Paraná, 2010.

SOUSA, Reginaldo. Representações da Liberdade: Teatro e Política em Curitiba (1964-1978). ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009. Disponible en: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/24495> Acceso en: 31 enero 2026.

TEIXEIRA, Selma. Teatro em Curitiba na década de 50: historia e significação. Dissertação apresentada ao Curso de PósGraduação em Letras da Universidade Federal do Paraná, 1992.

VIEITES, Manuel. Teatro y comunicación. Un enfoque teórico. UNED Revista Signa 25 (2016), págs. 1153-1178.

L'Art et le Patrimoine Haïtiens illuminent Noël: Unité et Créativité au Coeur des Fêtes

YSMAELLE ELIODOR¹²
FÁBIO VERGARA CERQUEIRA¹³

Résumé: Cet article analyse l'intégration du patrimoine artistique haïtien dans les festivités de Noël, en mettant en valeur sa dimension symbolique, culturelle et spirituelle. Dans une approche inclusive et plurilingue, il montre comment peintures, musiques, sculptures, artisanat et influences vodou enrichissent et transforment cette période. L'étude met en avant des éléments patrimoniaux tels que les masques cérémoniels, les objets de culte, les fanals et les motifs issus de l'imaginaire collectif, considérés comme un héritage vivant porteur de mémoire. À travers des exemples issus de projets universitaires et communautaires, l'article démontre que ces pratiques contribuent à réinventer Noël comme un espace de transmission, de création collective et de dialogue interculturel. Ainsi, l'art haïtien devient un vecteur de solidarité et d'identité, tout en soulignant l'importance de préserver ce patrimoine pour les générations futures.

Mots-clés: Art haïtien; Patrimoine culturel; Noël festif; Créativité partagée; Vodou haïtien.

Introduction

La fusion synchrétique de l'art haïtien et des traditions festives de Noël implique une approche interdisciplinaire centrée sur l'unité culturelle et la créativité collective. En s'appuyant sur des références théoriques et des observations personnelles, elle souligne comment les éléments vodou, artistiques et populaires réaffirment l'identité nationale face aux défis socio-économiques, tout en favorisant un dialogue interculturel inclusif. Ce recorte vise à démontrer la réinvention contemporaine de Noël comme espace de résistance, de transmission intergénérationnelle et de solidarité communautaire en reliant le passé colonial au présent globalisé.

¹² Artiste dans le domaine des arts visuels, professeure d'histoire de l'art haïtien, de patrimoine culturel à l'Université d'Etat d'Haïti Henry Christophe de Limonade et chercheuse haïtienne en doctorat au sein du programme de post-graduation en Mémoire Sociale et Patrimoine Culturel (PPGMSPC) à l'Université Fédérale de Pelotas (UFPEL).

¹³ Professeur titulaire au Département d'Histoire de l'UFPEL. Chercheur CNPq PQ-A et chercheur à la Fondation Humboldt, Allemagne. Il contribue à ce texte en tant qu'orientateur de la recherche.

Dans un cadre général, Noël en Haïti transcende l'importation de coutumes chrétiennes du colonialisme, c'est une période où la culture locale s'entrelace avec la religion pour former une célébration unique, marquée par la solidarité et l'ingéniosité. En tant qu'Haïtienne, amoureuse de nos coutumes, je sens comment ces fêtes font de nos rues un théâtre, où chaque lumière, chaque son, murmure un fragment de notre histoire. Dans un pays de résistance, d'esclavage et d'indépendance, l'art et le patrimoine sont à l'honneur, transformant les villes et les campagnes en lieux de mémoire vivante. Comme le précise McAlister (2002), les fêtes haïtiennes, vodou et populaires, sont des mécanismes de réaffirmation de l'identité nationale face aux problèmes socio-économiques (pauvreté, instabilités politiques). C'est ce que j'ai constaté de mes propres yeux en parcourant les quartiers de Port-au-Prince ainsi que dans ma ville natale Hinche où, dans la misère, la joie collective éclate.

Ainsi, on explore comment les arts haïtiens (peintures naïves, sculptures, musiques syncrétiques, artisanat) célèbrent Noël, favorisant l'unité et la créativité collective. En m'appuyant sur des analyses théoriques d'auteurs haïtiens et étrangers, tels que Cosentino (1995) qui parle des arts sacrés du vodou, une religion afro-diasporique haïtienne issue du syncrétisme entre les traditions spirituelles d'Afrique de l'Ouest (notamment des peuples *Fon*, *Congo* et *Taïno*) et le catholicisme imposé durant la colonisation française et l'esclavage. Le terme "vodou" (ou "vodu" en *Fon*) signifiant "esprit" ou "divinité", et impliquant une vénération d'un Dieu suprême (Bondye) et d'esprits intermédiaires (*lwa*) à travers des rituels, danses et offrandes pour la guérison, la protection et la communauté. De ce fait dans ce texte, je l'emploie pour souligner son rôle dans les expressions artistiques et culturelles haïtiennes, en lien avec la résistance historique et l'identité collective.

Dans ce sens, je démontre comment ils relient le passé au présent. L'approche est interdisciplinaire, entre anthropologie culturelle et histoire de l'art, pour démontrer que Noël en Haïti est un canal de transmission intergénérationnelle. Enfin, je plaide pour une préservation

vivante de ce patrimoine, nécessaire à la cohésion sociale dans un monde globalisé, car comme je le constate dans ma famille, ces traditions nous gardent ancrés.

Noël haïtien: syncrétisme religieux, artistique et afro-haïtien

Le patrimoine haïtien, d'origine africaine (*fon*¹⁴ et *kongo*¹⁵), européenne et *taïno*¹⁶, se manifeste avec intensité durant les célébrations de Noël. Ces célébrations ne sont pas uniquement chrétiennes, elles sont également vodou, un syncrétisme qui représente la résistance haïtienne. Ramsey (2011) affirme que le vodou, marginalisé ou diabolisé, imprègne le quotidien ainsi que les festivités et l'identité collective. Ici, Noël est une œuvre d'art, où l'unité se crée à travers des gestes artistiques communs, et où la spiritualité vodou imprègne l'atmosphère d'une chaleur envoûtante. Je pense que c'est cela qui confère la magie de Noël chez nous; c'est comme si nos ancêtres veillaient sur nous à travers ces traditions.

En me renseignant sur les pratiques vodou de l'époque, j'ai appris que chez les fervents adeptes, on se souhaite « Bon Makaya ! » ou « Jwaye Makaya ! » au lieu de « Joyeux Noël ». La saison de Makaya, une branche du vodou liée aux *lwa*¹⁷ des feuilles (*fey makaya*), à la magie végétale et à la purification spirituelle, coïncide exactement avec la période de Noël : elle débute vers le 21 décembre et se termine le 6 janvier (Worcester Caribbean American Carnival, 2025). Makaya est une période de renouveau, de rituels de purification et d'hommage aux esprits de la terre et de la guérison, comme illustrant dans la Figure 1 Selon Haiti

¹⁴ Les Fon sont un peuple originaire du Bénin (ancien Dahomey), dont les traditions spirituelles ont fortement influencé le vodou haïtien. Hurbon, Laënnec. (2021)

¹⁵ Les Kongo (ou Congo) font référence aux peuples bantous de la région du Congo, dont les croyances ancestrales en les esprits et la nature ont contribué à la formation du syncrétisme haïtien.

¹⁶ Les Taïno étaient les peuples autochtones des Caraïbes, y compris Haïti (anciennement Hispaniola), dont l'héritage culturel inclut des éléments agricoles et spirituels intégrés à la culture haïtienne post-colombienne.

¹⁷ Les lwa (ou loa) sont les esprits intermédiaires dans le vodou haïtien, servant de médiateurs entre les humains et le Dieu suprême (Bondye), et honorés à travers des rituels spécifiques.

wonderland (2024) dans le contexte du Makaya, les adeptes du vodou réalisent le rituel de purification connu sous le nom de "bain Simbi Macaya" exposé dans la Figure 1. Ce bain spirituel implique l'utilisation de plantes, écorces et feuilles cueillies lors de longues marches dans les bois sacrés, reconnues pour leurs vertus curatives et leur rôle protecteur contre les énergies négatives. Ce bain symbolise un nettoyage intégral corporel, spirituel et domestique destiné à éloigner les influences néfastes et à attirer des bénédictions pour l'année à venir.



FIGURE 1 – Makaya Season and Its Spiritual Practices in Haitian Vodou¹⁸

Du point de vue culturel, la peinture haïtienne, vibrante et emblématique, est omniprésente dans la décoration festive. Les artistes naïfs, comme Hector Hyppolite, Philomé Obin et Dieudonne Cedor ont illustré des scènes de vie spirituelle vodou, influençant les ornements de Noël modernes. Les crèches haïtiennes illustrent la Sainte Famille dans un environnement tropical, avec des *loas* (esprits vodou) surveillant l'Enfant Jésus, amalgamant christianisme et vodou (Cosentino, 1995). Ces œuvres, présentées dans les marchés de Port-au-Prince ou dans les

¹⁸ Source: Tito TVT (2025). Disponible sur: <https://www.instagram.com/p/DSkV6UcgKQM/> Accès 29 jan. 2026.

églises rurales, relatent l'indépendance haïtienne de 1804 et encouragent une conversation interculturelle avec les diasporas. Dans les villages, les familles réalisent des fresques sur leurs habitations, transformant les quartiers en galeries à ciel ouvert. Cette pratique, dérivée de la tradition orale africaine, renforce l'identité et stimule la créativité des jeunes qui apprennent à combiner pigments naturels et symboles ancestraux pour exprimer leur héritage. Nwokocha (2023) approfondit cette analyse en examinant comment le style et l'esthétique vodou, y compris dans les décorations festives, fonctionnent comme un "méta-langage" pour affirmer l'identité noire, remettant en question les stéréotypes négatifs qui sont liés à la pauvreté haïtienne.



FIGURE 2 – Dieudonné Cedor (1925–2010). La Nativité de nuit, 1969.
Huile sur toile.¹⁹

L'artiste Cedor Dieudonné démontre l'harmonisation et la fusion des croyances, suggérant que les deux traditions peuvent coexister et s'enrichir mutuellement, illustrant ainsi une identité culturelle synchrétique où les rituels africains (vodou) se mêlent aux symboles chrétiens.

Dans les pratiques culturelles, les éléments sacrés et les masques de cérémonie du vodou confèrent une dimension spirituelle aux

¹⁹ Source: Collection Famille Marie & Georges S. Nader. Accès: 25 jan. 2026.

célébrations. Malgré le caractère chrétien de Noël, des aspects du vodou tels que les *vèvès* (dessins réalisés au sol à l'aide de farine de maïs) ou les masques en bois sculpté, ont une influence sur les tenues et les parades nocturnes. Selon Averill (1997), ces artefacts dérivés de coutumes anciennes représentent la sauvegarde collective et l'harmonie de la communauté durant les festivités, reliant les participants à leurs origines africaines. Par exemple, à Jacmel ou au Cap-Haïtien, les fanals (des lanternes faites main en forme de petites maisons ou d'étoiles) éclairent les ruelles dès le début décembre, refaçonnant les traditions coloniales françaises dans un cadre haïtien synchrétique. Ces lanternes, faites à la main avec du carton recyclé, des tissus colorés et des bougies, présentent fréquemment des motifs vodou tels que des serpents ou des croix, se transformant en emblèmes de lumière spirituelle et de résilience (voir Figure 3 pour un exemple typique de fanal illuminant les rues).



FIGURE 3 – Fanal illuminant les rues lors de la célébration de Noël en Haïti.
Source: Le Floridien (2014)²⁰.

Ils ne servent pas seulement de décoration ; ils unissent le voisinage lors de concours d'imagination, consolidant une nation en proie à des crises récurrentes. Largey (2006) enrichit cette perspective en

²⁰ Disponible sur: <https://lefloridien.com/christmas-traditions-in-haiti/> Accès: 25 dez. 2025.

examinant la manière dont ces démarches artistiques alimentent le nationalisme culturel en Haïti. Pour moi, créer un fanal avec ma communauté, c'est établir un lien avec l'esprit de nos ancêtres. C'est une méthode simple mais puissante de nous rassembler. Durant la période *Makaya*²¹, ces illuminations symbolisent une purification et un renouvellement d'une profondeur accrue.

La danse et la musique haïtiennes métamorphosent Noël en une manifestation éclatante de joie communautaire et spirituelle. Les messes de minuit et les célébrations du réveillon en famille prennent vie grâce aux chants de Noël, intégrant des rythmes de rara, de *konpa*²² ou de *meringue*²³. Selon McAlister (2002), la musique rara, liée au vodou, est interprétée lors des célébrations afin d'illustrer simultanément résistance et festivité. Cela se fait à l'aide de percussions d'origine africaine telles que le tambour petro Figure 4b, un instrument emblématique du rite Petro dans le vodou haïtien. Originaire des traditions congolaises et dahoméennes (Afrique de l'Ouest et Centrale), importées et adaptées pendant l'esclavage en Haïti au XVIIIe siècle, ce tambour tire son nom d'un leader rebelle, Padre Jean en 1768, et symbolise la fureur révolutionnaire contre l'oppression coloniale. Fabriqué en bois local (comme le chêne ou le cèdre) avec une peau d'animal sacrifié (généralement de chèvre ou de vache) tendue sur un cadre cylindrique ou conique.

En Haïti, les artistes de Noël se déplacent dans les quartiers en interprétant des hymnes tels que « Minuit Chrétiens », mais retravaillés avec des instruments traditionnels et des allusions discrètes aux loas. Des danses traditionnelles, dérivées des rituels vodou tels que le *yanvalou*, encouragent une participation collective ouverte à tous, où

²¹ La période Makaya est une saison rituelle dans le vodou haïtien, liée à la purification et à la magie végétale, coïncidant avec Noël (comme expliqué précédemment dans le texte)

²² Le konpa (ou compas) est un genre musical haïtien populaire, né dans les années 1950, caractérisé par des rythmes dansants influencés par le meringue et des éléments jazz, souvent joué lors de fêtes.

²³ Le meringue est une danse et un rythme musical traditionnel haïtien, aux racines africaines et européennes, symbolisant la joie et la résistance culturelle.

jeunes et anciens créent des cercles d'unité, représentant la continuité entre les générations (voir Figure 4a pour une représentation de la danse yanvalou lors d'une cérémonie).



FIGURE 4 – La danse traditionnelle haïtienne, expression des racines culturelles d'Haïti. Source: HAITI WONDERLAND²⁴.

²⁴ Disponible sur: <https://haitiwonderland.com/haiti/culture/la-danse-traditionnelle-haitienne-une-ode-a-la-culture-et-aux-racines-d-haiti/187> . Accès: 29 jan. 2026.



FIGURE 5 – Tambour haïtien “Petwo”²⁵.

Initiatives universitaires et mobilisations communautaires: préservation vivante et innovation

Des projets universitaires tels que ceux menés par l'Université d'État d'Haïti mettent en place des séminaires au cours desquels les étudiants incorporent ces danses dans des représentations de Noël, contribuant ainsi à la sauvegarde du patrimoine intangible. Ces instants démontrent comment la musique se transforme en un moyen de communication, reliant les générations et consolidant l'identité culturelle face à l'occidentalisation progressive. Je me rappelle ces soirées où la

²⁵ Source: WMIC. Disponible en: <https://wmic.net/haiti-petwo-tanbou-drum/> . Accès: 01 fev. 2026.

musique nous emporte tous, et je pense que c'est à ce moment-là que notre puissance collective se dévoile.

Tout de même il y a l'artisanat et les jeux traditionnels ajoutent également leur touche à ce tableau joyeux, enracinant ainsi la célébration de Noël dans la culture d'Haïti. Les œuvres en métal recyclé provenant de Croix-des-Bouquets, souvent représentées en tant qu'arbres de vie ou esprits protecteurs, embellissent avec raffinement les sapins de Noël de circonstance. Ces œuvres, nées dans les années 1950 au sein d'une culture de recyclage dictée par des contraintes économiques, sont le reflet d'une créativité tenace (Cosentino, 1995 ; Thirdeyemom, 2017). Des jeux comme le lamayòt, qui combine un jeu de société avec des paris et des histoires, et les piñatas bourrées de sucreries, mobilisent des aspects culturels, favorisant ainsi l'interaction familiale et la transmission orale des coutumes. Au sein des initiatives communautaires appuyées par des ONG, les artisans se réunissent en coopératives afin de créer des objets de fête, ce qui leur offre l'opportunité d'assurer une source de revenus tout en préservant leurs compétences traditionnelles (Locally Haiti, 2020).

Ces méthodes démontrent comment l'artisanat contribue à l'union économique et culturelle, faisant de la période de Noël un moment d'épanouissement durable et de résistance à la mondialisation standardisée. En prenant part à ces ateliers, j'ai noté comment cela suscite de l'espoir chez les jeunes en leur démontrant que notre culture est une source de dynamisme. Pour conclure, cette intégration est illustrée par des exemples précis de projets universitaires et communautaires. À l'Université Quisqueya, chaque année, des expositions valorisent les créations d'étudiants qui, inspirés par le vodou, réinterprètent à l'occasion des célébrations de Noël, notamment avec des drapeaux sacrés (drapo vodou), embellis par des motifs festifs. Selon les études de Ramsey (2011), les projets métamorphosent l'art en un terrain favorable à la discussion interculturelle, en incitant les diasporas à participer par le biais de plateformes numériques. Dans les quartiers précaires de Cité Soleil, des ateliers se consacrent à la réutilisation de

matériaux pour fabriquer des lampadaires, favorisant ainsi l'expression créative et la capacité de rebondir face aux crises. Ces initiatives montrent comment les traditions, fermement enracinées dans l'esthétique vodou, peuvent s'étendre à des groupes marginalisés : par exemple, selon Nwokocha (2023), elles offrent aux femmes queer une plateforme d'expression, élargissant l'unité communautaire vers des périphéries généralement négligées et promouvant une inclusivité plus large dans la société haïtienne, où la culture sert de vecteur de résilience et d'empowerment pour tous. Ces actions illustrent que la culture haïtienne n'est pas figée ; elle se transforme pour faire face aux enjeux actuels, consolidant de ce fait l'unité nationale et appelant à une reconnaissance au niveau mondial. C'est touchant de voir que, malgré les circonstances, notre art réussit à nous rassembler et à nous pousser à tenir bon.

Systematisation des manifestations culturelles haïtiennes à Noël

Au terme de cette exploration, il apparaît clairement que les célébrations de Noël en Haïti ne se limitent pas à une importation coloniale, mais incarnent une réinvention dynamique du patrimoine culturel, où le syncrétisme vodou, les arts visuels et les pratiques communautaires tissent un lien indéfectible entre passé et présent. Cette synthèse met en lumière comment ces éléments, ancrés dans une histoire de résistance et d'identité afro-haïtienne, favorisent non seulement l'unité sociale face aux défis contemporains (pauvreté, instabilités politiques), mais aussi une créativité collective qui transcende les frontières, encourageant un dialogue interculturel avec les diasporas. En systématisant ces manifestations, nous pouvons observer leur impact multidimensionnel, en considérant particulièrement les aspects d'unité communautaire (renforcement des liens sociaux et intergénérationnels) et de créativité (innovation artistique née de la nécessité et de la tradition).

Considération finale

En fin de compte, cette étude met en évidence que l'art et le patrimoine haïtiens occupent une place déterminante dans les célébrations de Noël, dépassant leur fonction esthétique pour devenir de véritables instruments de cohésion sociale, de transmission des savoirs et de résistance culturelle. Ces éléments, englobant les peintures, les musiques, l'artisanat et les influences vodou, génèrent un espace d'unité et de créativité qui dépasse les clivages sociaux et historiques, établissant un lien entre la communauté et son héritage africain tout en encourageant l'innovation contemporaine. Les pratiques artistiques, musicales et artisanales, en dialogue avec les références au vodou, font de Noël un moment privilégié de construction identitaire et de créativité partagée. Ancrées dans une histoire marquée par les luttes et les transformations sociales, ces expressions culturelles illustrent la capacité de la société haïtienne à mobiliser son héritage comme une ressource active face aux défis contemporains.

Ainsi que l'affirme Averill (1997), ces pratiques festives se révèlent essentielles à la préservation de l'identité haïtienne dans un contexte de mondialisation. Il est essentiel d'appuyer les initiatives universitaires et communautaires afin d'assurer la transmission de ce patrimoine aux générations futures, tout en prévenant sa dilution ou sa stigmatisation. Dès lors, la valorisation de ce patrimoine apparaît comme un levier essentiel pour assurer la continuité culturelle et renforcer le tissu social en Haïti. La célébration de Noël en Haïti transcende la simple festivité ; elle constitue une manifestation tangible de la résilience culturelle qui, d'un point de vue personnel, suscite un sentiment d'espoir quant à l'avenir, ces moments étant perçus comme ceux où le peuple haïtien exprime le plus de force.

Références

- AVERILL, G. A day for the hunter, a day for the prey: popular music and power in Haiti. Chicago: University of Chicago Press, 1997.
- COSENTINO, D. J. (Org.). Sacred arts of Haitian Vodou. Los Angeles: UCLA Fowler Museum of Cultural History, 1995.

LARGEY, M. Vodou nation: Haitian art music and cultural nationalism. Chicago: University of Chicago Press, 2006.

Hurbon, L. “Vodou Haïtien”. In The Open Encyclopedia of Anthropology, edited by Felix Stein. Facsimile of the first edition in The Cambridge Encyclopedia of Anthropology, 2021.

<https://haitiwonderland.fr/haiti/cultura/le-makaya-histoire-et-pratiques-vaudouesques-en-haiti/304> Acesso em 31 jan. 2026.

MCALISTER, E. Rara! Vodou, power, and performance in Haiti and its diaspora. Berkeley: University of California Press, 2002.

NWOKOCHA, E. A. Vodou en vogue: fashioning Black divinities in Haiti and the United States. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2023.

RAMSEY, K. The spirits and the law: Vodou and power in Haiti. Chicago: University of Chicago Press, 2011.

RESTAVEK FREEDOM. Nwèl ann Ayiti (Christmas in Haiti). Disponível em: <<https://restavekfreedom.org/nwel-ann-ayiti-christmas-in-haiti/>>. Acesso em: 25 dez. 2025.

WORLD WIDE VILLAGE. Christmas in Haiti. Disponível em: <<https://worldwidevillage.org/christmas-in-haiti/>>. Acesso em: 25 dez. 2025.

Worcester Caribbean American Carnival, Makaya est une tradition spirituelle issue du vodou haïtien. 2025. <https://www.facebook.com/WCACACarnival>

Creencias y significados en torno a la Navidad nuestramericana desde una perspectiva intergeneracional

NOEMI FRIAS DURAN²⁶

Resumen: La Navidad como un espacio de relevante interculturalidad insertada en el contexto nuestroamericano, se impregna de sabores, sentidos, espiritualidades y saberes ancestrales donde la dinámica temporo espacial que nos aporta la Geohistoria del maestro Ramón Tovar (1986), nos abre un relevante abanico para indagar al respecto e interpretar su vigencia desde múltiples miradas generacionales. A través de una pregunta generadora ¿Qué significa la Navidad para ti? Los hallazgos derivados de la búsqueda se sustentan teóricamente en González (1990), Martí (2005) y Chávez (2014). El soporte metodológico se enmarca en el enfoque cualitativo, con paradigma interpretativo y la fenomenología social, desde los cuales emergen sus percepciones entretrejidas de memorias, solidaridad, fraternidad y espiritualidades.

Descriptor: Navidad nuestramericana; interculturalidad; geohistoria; saberes ancestrales

Reflexiones iniciales para abrir el debate desde los sentires y haceres

El contexto de la Navidad sin duda alguna nos sumerge en un mar de diversidad de emociones, añoranzas, recuerdos y alegría. Lo llamativo de este cúmulo de emociones rodeadas de múltiples circunstancias es su ritmo acelerado y simultáneo, en otras palabras, un entramado que se activa con mayor o menor intensidad desde lo intergeneracional, donde condiciones históricas dadas²⁷ generan cambios en su interpretación, en su sentir y pensar, pero donde el “núcleo central del sentido”²⁸ como nos los refiere González, Enrique, se resguarda consciente e inconscientemente, aunque sea en el imaginario social a través del tiempo.

²⁶ Doctora en Cultura y Arte para América Latina y El Caribe. Coordinadora del Centro de Investigaciones Culturales “Mariano Picón Salas”. Universidad Pedagógica Experimental Libertador- Instituto Pedagógico de Caracas.

²⁷ Postulado asociado a la génesis de los principios del Enfoque Geohistórico, referido a los cambios y procesos de transformación que pueden generarse

²⁸ Núcleo central del sentido referido a la esencia de la tradición que se conserva.

En este sentido destacamos igualmente, cuan necesario es seguir impregnándonos de amor desde los aportes de la palabra de los representantes de Dios en la Tierra, que sin duda tributa de manera relevante, al centrar nuestra mirada amorosa en la festividad de la Navidad en cualquier espacio territorial, alimentada siempre de la especificidad de sus activadores en coherencia a la diversidad cultural de donde proceden, nos referimos en particular al Padre Francisco²⁹:

“...Ella se deja conducir por el Espíritu, es un itinerario de fe, hacia un destino de servicio y fecundidad. Nosotros hoy fijamos en ella la mirada, para que nos ayude anunciar a todos el mensaje de salvación, y para que los nuevos discípulos, se conviertan en agentes evangelizadores (...) Porque cada vez que miramos a María, volvemos a creer en lo revolucionario de la ternura y el cariño en ella vemos que la humildad y la ternura no son virtudes de los débiles, sino de los fuertes” (*Evangelii Gaudium*, 288).

En este contexto se asoma la pertinencia que, desde la perspectiva de la interculturalidad, se inserta sin duda una especificidad en la perspectiva religiosa de percibir y celebrar la Navidad, vinculada a la ancestralidad de nuestros pueblos nuestroamericanos, que en celebraciones tan relevantes y significativas como lo constituyen las fiestas y tradiciones decembrinas, se hacen presente como reclamando un espacio que por derecho de la tradición cultural e identitaria, les pertenece.

Bajo estas premisas, insisto en abrir el diálogo con el propósito de dejar entrever, el entretejido identitario que subyace en la conmemoración de la Navidad en el ámbito de los países que constituyen nuestro continente americano, que se activa con especial fuerza espiritual y emocional, en tiempos que la dinámica migratoria se ha profundizado, contexto de multiplicidad de sentires, que solapadamente a puesto a prueba la convicción, fortaleza e integridad del entramado identitario del relevante contingente intergeneracional latinoamericano y caribeño, que ha asumido el desafío de emigrar.

²⁹ El Padre Francisco, elegido Papa en el año 2013, constituye el primer Papa de América del hemisferio sur, Caracterizado por una discursiva sencilla y cercana al pueblo.

Sentir y pensar la Navidad desde múltiples voces

Este mundo de sentimientos encontrados que genera la Navidad nos invita indudablemente a girar y ampliar la mirada desde la génesis geohistórica³⁰ que nos convoca al entretejido: Intercultural, creencias religiosas y cosmovisiones que dan cuenta de un cumulo de significados, sentimientos y añoranzas, que aunque percibimos su sin igual estallido al final del año en la temporada decembrina para ser más específicos; no es menos cierto que el amor, unión, solidaridad, nostalgia y remembranzas, a muchos(as) de nosotros(as) nos invade en cualquier época del año, en coherencia a la especificidad de nuestro mundo de vida, que en arduo proceso de receptividad, construye consciente o inconscientemente, los aspectos identitarios del sentir y pensar como seres humanos.

Sin duda alguna la Navidad no se vive ni siente igual en el contexto de nuestra infancia y adultez, como podemos apreciar en los testimonios de algunas personas representantes de diversidad de generaciones, con las que dialogue de manera informal para conocer sus sentires en torno a la Navidad.

Asumo la Navidad en Venezuela como una expresión sociocultural, a través de la cual, el punto de partida es visualizarla como un espacio familiar de entrega de regalos y obsequios donde el gran protagonista es el niño Jesús, quien casi hasta nuestra pre-adolescencia, la mayoría de las veces, nos deja regalos la noche del 24 de diciembre. (Testimonio No.1)³¹

Bajo una percepción similar nos expresa otra entrevistada:

De nos hacen creen cosas extraordinarias, para unos el niño Jesús, para otros San Nicolás y otros los Reyes Magos, aspectos que tributan a ese sentimiento que es la inocencia y que a medida que pasan los años, nuestro niño interior resguarda en cofre sagrado de nuestro corazón-memoria que se activa con cierta frecuencia en momentos de alegría, nostalgia, tristeza, en coherencia al recuerdo que sobre esos momentos hemos almacenado en nuestra mente y corazón. (Testimonio No.2)³²

³⁰ Postulado teórico construido por el Maestro Ramón Tovar que se refiere a la interrelación permanente del tiempo y el espacio geográfico.

³¹ Profesional adulto de 60 años.

³² Profesional adulto de 50 años

Acercándonos a los escritos de los escritores emblemáticos de nuestro continente, nos encontramos con José Martí³³ quien nos asevera: “... La fiesta es la tregua necesaria para que los ciudadanos se reconozcan como hermanos.”, aspecto que sin duda es parte de la esencia que en torno a la Navidad nos dejan entrever los entrevistados desde su versionar, generado con el transcurrir de los años, indudablemente, en atención a condiciones históricas dadas³⁴.

Con ese cumulo de alegría y emociones que se genera en mucho de nosotros y nosotras al referirnos a la Navidad nos deja otra entrevistada su apreciación:

Para mí es un momento especial del año, donde sin duda, se activan los recuerdos que incluyen olores: pernil, hallacas, pollo horneado, pan de jamón. Al mismo tiempo esos olores nos recuerdan permanentemente el compartir familiar. Para los que estamos fuera de Venezuela se entrecruzan las emociones, por una parte nos genera nostalgia y simultáneamente nos traslada imaginariamente a nuestros hogares con una fuerza interior tan pero tan profunda, que enérgicamente sentimos que estamos en nuestros hogares venezolanos, no sentimos el distanciamiento geográfico. (Testimonio No.3)³⁵

Bajo ese ambiente siempre de alegría, de compartir en la fiesta que nos une familiarmente, nos deja con gran entusiasmo su testimonio una adulta mayor:

Yo percibo la Navidad como un encuentro de amor, de paz, de esperanza, prácticamente una transferencia de afecto entre la familia. Lo más significativo es el compartir de los alimentos, donde agradecemos a Dios estar juntos los que seguimos con vida. En ese cumulo de alegría, sentimos el gran compromiso espiritual de celebrar el nacimiento del hijo de Dios, Jesucristo y, lo expresamos con los regalos del niño Jesús. (Testimonio No.4)

En el calor del dialogo nos ofrece nuevamente el testimonio No.2:

Asocio la Navidad como la relevante ocasión que se presenta también, para decorar nuestras casas y esos nos llena, así lo pienso yo, de mucha alegría, energía, buena vibra, al tener en nuestros hogares además del pesebre, el árbol de pino, adornado según la creatividad de todos los familiares que participamos en su decoración, acompañados de otras figuras que con el

³³ José Martí

³⁴ Aspecto epistémico inherente a los postulados teóricos de la Geohistoria que nos refiere el Maestro Ramón Tovar

³⁵ Profesional femenina de 45 años.

transcurrir de los años, se han incorporado, como lo representan diversidad de imágenes (muñecos, cojines y adornos de cerámica) de San Nicolás.

Interpreto desde el testimonio de las y los entrevistados, sin temor a equivocarme, que en gran parte de nuestro continente, Navidad es sinónimo de alegría, fiesta, unión familiar, un ambiente permanente de compartir y en ocasiones, salpicado de nostalgia, donde el gran protagonista es el niño Jesús en su pesebre, ámbito con un significativo sello nuestroamericano, que invita activar la creatividad en su elaboración, como podemos visualizar en las siguientes imágenes:



FIGURA 1. Pesebre de Navidad diciembre 2014. Caracas, Venezuela
Fuente. Familia Daal.

Continuando con nuestro recorrido en torno a pesebres familiares, nos encontramos también con el de la familia Ramírez, visitado en trabajo de campo realizado en la Parroquia Santa Rosalía en diciembre de 2017, en la imagen se puede observar la activa creatividad que la elaboración del pesebre despierta en cada familia, siempre contando con algún integrante que coordina, organiza y dirige su confección. Bajo estas expectativas, de manera colaborativa e integral, se genera amorosamente el espacio-hogar donde se rendirá adoración al niño Jesús, como podemos visualizar a través de la siguiente imagen:



FIGURA 2- Pesebre de Navidad. 2017. Caracas, Venezuela
Fuente: Familia Ramírez

En este amplio diálogo sostenido con adultos y adolescentes, me llama a la reflexión ciertos acontecimientos que, a muy temprana edad, a veces el destino le juega a algunos seres humanos. Me refiero a mi conversa sostenida con un adolescente, quien nos comparte el siguiente testimonio:

Cuando pequeño, siempre sentí la alegría de todos los regalos que me traía el niño Jesús, ahora ya voy a cumplir quince años y desde los 11 años supe que el niño Jesús era imaginario, que realmente quienes nos daban esos obsequios eran nuestros padres, me lo comento un compañero en la escuela. En mi caso, que mi mamá falleció al nacer yo, comprendo que fue mi padre el que se encargó de conservar esa tradición para mí, pero luego el murió cuando yo tenía nueve años y se encargaron mis tíos y tías. Cuando llega la Navidad siento alegría y tristeza a la vez, porque no tengo a mi papá que fue también una mamá para mí. Mis tías me quieren mucho e igual mi madrina que me complace en la mayoría de las ocasiones, pero realmente lo que más deseo es tener a mi papá (Testimonio No. 5).³⁶

Escuchar este testimonio, me deja entrever una vez más la diversidad de impacto emocional que suscita la Navidad y cualquier otro momento, donde se agolpa a nuestras mentes y corazones el recuerdo de los seres humanos irrepetibles e insustituibles, como lo constituyen el padre y la madre. Sorprende y admiro, el versionar de este adolescente

³⁶ Testimonio de estudiante adolescente masculino de 14 años

que en la actualidad cuenta con 14 años y es capaz de expresar, con singular madurez, lo incompleto que para él representa la conmemoración de la Navidad, sin sus padres, Aspectos que corroboro, cuando en el calor del ameno dialogo me expresa desde su entramado emocional lo siguiente: *“Quiero que el tiempo pase rápido y ser mayor, un adulto, para no sentir esta tristeza que me genera en muchas ocasiones, no solamente en Navidad, la ausencia de mi mama (que conocí a través de fotos) y ahora la de mi papá, que siempre estuvo a mi lado en muchos otros momentos”*. (Testimonio No.5)

Nuestros entrevistados dejaron entrever también en su oratoria, su parecer en torno a lo referente a los obsequios, regalos, que tradicionalmente convergen en el ambiente navideño, sin duda alguna, se trata de una matriz consumista que en algún momento surgió y se ha quedado hasta el presente. El testimonio No.3 nos comenta:

Pienso que en lo referente a estrenar ropa y calzado entre niños, adolescentes y adultos, tiene una lectura que rescato, donde interpreto que es una forma de honrar al niño Jesús y, es tal la diversidad de sentimientos que nos genera su nacimiento, lo que nos motiva el vestirnos de manera pulcra y estéticamente llamativa, como expresión de ofrendar nuestra alegría con vestimenta vistosa y nueva. (Testimonio 3).

Por su parte otro de los entrevistados emite otro criterio que sin duda invita que sigamos reflexionando de una manera más consciente, ampliando la mirada hacia diversidad de aristas, como lo interpreto a partir de la siguiente narrativa:

Lo preocupante de esa dinámica de entrega de regalos, es cuando no se puede cumplir las expectativas de los niños y niñas, por cuanto se suscita desilusión, desencanto y derivado de todo esto, hasta conflictos familiares, en el entendido de no poder mantener la concepción del imaginario social del niño Jesús, por carecer de poder adquisitivo, que repercute en algunas oportunidades, no poder cumplir a cabalidad, con los petitorios de los niños y adolescentes, en torno al niño Jesús y, razón por lo cual se genera en ocasiones caos total, como se dice, por cuanto no se posee ingresos económicos suficientes, derivado de estar desempleado, o simplemente no poseer ese poder adquisitivo. Como se ha convertido el estrenar ropa y calzado como algo indispensable, una urgente necesidad, las familias que no pueden saldarlas, sus hijos consideran que no son dignos del cariño y amor del niño Jesús, que no los quiere, circunstancia, que si no es aclarada por los padres, de manera oportuna, con el

transcurrir del tiempo, puede convertirse como un mal recuerdo de la infancia, así como, sentir las diferencias sociales desde la niñez y, si lo analizamos minuciosamente toda esta complejidad emerge del silencio obligado por resguardar la “inocencia” de no decir claramente a nuestros niños y niñas quien es en realidad el niño Jesús., que en una sociedad consumista en ascenso, ya no se puede conservar en el imaginario social, ante realidades fuertes, que impone la sociedad consumista vs poder adquisitivo.(Testimonio No.1).

En coherencia con el versionar del testimonio No.1, sin duda, la imagen (Figura No.3) que visualizamos a continuación, devela la génesis del alcance de la reflexión que desde su oratoria nos compartió, como un sincero llamado de alerta para activarnos como docentes desde el ámbito educativo e invitar a la conversa critica desde la revisión y valoración de nuestras raíces ancestrales, con miras a desde el conocimiento consciente, fortalecer el entretejido identitario de nuestras tradiciones y tiempos pascuales.



FIGURA 3- Compras familiares en Navidad. 2022. Caracas, Venezuela
Fuente: Daniel Ramos. Prensa Ciudad Caracas

Emerge, cuán importante es que desde el sistema educativo, en especial Primaria y Educación Media, generemos espacios para la conversa y dialogo consciente y desde ese contexto de ideas tributar para no dejar que el sentido humanista, de unión y cohesión social desaparezca y se transforme en un intercambios de satisfacciones

consumistas. La imagen tomada en el mercado de la Hoyada, Caracas-Venezuela, en plena ebullición de la temporada navideña, donde podemos observar en la figura No.3, se ha desbordado gran parte de la población, quien, en coherencia con la demanda publicitaria de las redes sociales, los “estrenos navideños” es una “necesidad de todos y todas”.

Como una especie de corolario, otro de los entrevistados nos comenta y deja para la interpretación abierta: *“Considero sinceramente que urge la necesidad de rescatar el sentido armonioso, de compartir e integrarnos de la Navidad entre familiares y amigos que todavía están con vida* (Testimonio No.2)

Sustento metodológico del entretendido intercultural nuestroamericano

Sin lugar a dudas, el asumir el enfoque cualitativo abrazado con el paradigma interpretativo fortalecido con la fenomenología social, ha constituido en este sendero metodológico que ha guiado asertivamente esta indagatoria. Las voces de los entrevistados de diversas generaciones a través de testimonios aquí compartidos, dejaron entrever desde su mundo interior, sus vivencias y concepciones en torno a la navidad y al triangular con la producción intelectual de escritores nuestroamericanos, nos develan un entramado categorial en torno al ámbito de la celebración navideña, que nos invita a seguir escudriñando en tiempos contemporáneos.

En lo particular, destacamos postulados teóricos inmersos en las obras de José Martí, que sin lugar a dudas, se erigen como consignas ideológicas- cognitivas, con miras a profundizar y ampliar el debate que iniciamos en torno a ¿Qué es la Navidad? ¿Qué creencias acerca a la celebración navideña, se han alojado en el corazón y mente del pueblo nuestroamericano? Interrogantes, que en este proceso indagatorio, obtienen una certera respuesta, con esta afirmación de José Martí: “La Navidad en América debe oler a nuestra tierra, no a la nieve ajena.(p.67).

Interpretar la Navidad bajo esta mirada consciente y crítica, sin duda, es una urgente tarea a iniciar y velar porque se mantenga, a través

de fortalecer principios impregnados de ética y consciencia de arraigo a las tradiciones que nos caracteriza como nuestroamericano.

Avanzando en la lectura reflexiva y crítica, Martí nos sigue invitando a la introspección permanente cuando nos comenta: “ La ciudad parece una feria; los escaparates, museos; las gentes, (...)! Pero cuidado con que, en el estrépito de la compra, se pierda el susurro del alma”. (p.85).

Como aparentemente, albergamos todavía muchas dudas, en lo referente al valor y pertinencia que como docentes se nos demanda ejecutemos como lo constituye la invitación, que la Navidad realmente sea un espacio de introspección y lazo fraternal, no solo de intercambio de mercancías.

Reflexiones que sin duda nos invita a indagar acerca de la relevancia de la festividad de la Navidad como espacio para fortalecer nuestros lazos identitarios. Siguiendo su hilo discursivo, interpreto la relevancia que otorga a estas festividades, siempre y cuando, nuestro pensamiento y acción se centre en visualizarla como un espacio para amalgamar el espíritu nacional y en este sentido, rescatar la esencia humana frente al materialismo, que se activa en las compras desenfrenadas y, de carácter eminentemente consumista que con tristeza se activan cada vez más con fuerza en el imaginario social latinoamericano y caribeño.

Bajo esta premisa, Martí destaca acerca de la pertinencia y necesidad de sentir y pensar la celebración de la Navidad, no como un rito vacío, en coherencia a ese consumismo desenfrenado, sino la urgencia de tomar consciencia de asumir la Navidad como un espacio natural impregnado de amor para fortalecer la cohesión social y trascender a visualizarla como el espacio de reafirmación que proyecta “ el alma de los pueblos”, frase que profundiza aún más al señalar: “ El pueblo que se divierte bien, es un pueblo que tiene buen corazón” (p.90). Sin duda alguna, nos deja entrever, que la salud de una sociedad y la convivencia ciudadana que debe erigirse de manera permanente, es una

labor indiscutible de todos los que ejercemos la docencia con perspectiva sociocultural.

Conclusiones desde nuestro mundo interior

En Navidad emerge la necesidad de cuidar del otro, aspecto que se expresa a través de las comidas especiales, regalos, gestos y, acciones individuales o grupales en el ámbito familiar o entre amigos que generalmente no se realizan en otra época del año. Desde la infancia se genera un ambiente de cierta complicidad que se inicia en el caso muy latinoamericano, de la llegada del niño Jesús con sus regalos como motivación espontánea de gratificar el buen comportamiento, optimas calificaciones o triunfos obtenidos, aspecto que en gran parte de nuestro América, se extiende hasta aproximadamente la pre-adolescencia y se ha tratado de resguardar en la medida de lo posible como un criterio de inocencia que muchas madres en el presente consideramos, las redes sociales pueden borrar de un plumazo, según algunos testimonios con quienes dialogamos y dejamos evidencia en los párrafos anteriores.

En ese ambiente memoriado por diversidad de generaciones, emerge la nostalgia por la convivencia de alegría, de unión, de fraternidad, de intensidad de interacciones entre los diversos integrantes de la familia extensivo a vecinos, a amistades de que prácticamente ya son parte importante de la familia extendida que ha comenzado a conformarse desde la sinceridad y solidaridad.

A manera de cierre de esta narrativa comprometida con la urgencia de girar la mirada hacia las nuevas generaciones, para fortalecer el entramado de sentires que tributen significativamente a consolidar nuestra unión como países nuestroamericanos sumergidos en una amplia interculturalidad, considero pertinente la siguiente aseveración de José Martí, vinculada a valorar las celebraciones como momentos para reconocer la hermandad del continente: *"Los hombres son como los astros, que unos dan luz de sí y otros la reciben... las fiestas son el momento en que todos debemos dar luz."* (p.99)

Referencias

CHÁVEZ, Eduardo. Navidad Significados y Tradiciones. México. Editores Índice Fons.2014.

GONZÁLEZ, Enrique. Treinta y Una Tesis para la Delimitación de 116 subtipos del Campo Residencial Popular y No Popular en América Latina. Caracas- Venezuela. Fundación de Etnomusicología y Folklore. CONAC.1990

MARTÍ, José. Nuestra América. Caracas. Venezuela. Fundación Ayacucho. 2005.

TOVAR, Ramón. El Enfoque Geohistórico. Caracas. Academia Nacional de la Historia. 1986.

Os aromas e as formas do Natal em uma província de muitos tempos³⁷

FRANCISCA FERREIRA MICHELON³⁸

LAIANA PEREIRA DA SILVEIRA³⁹

Resumo: O estudo expõe diferentes percepções que ocorrem durante o período das festividades natalinas nas cidades de Estepa e Sevilla, por meio de uma perspectiva sensorial e migrante. O primeiro estudo apresenta Estepa, e destaca a produção de *mantecados* e *polvorones*, onde a tradição sustenta a economia local. Num segundo momento, o estudo apresenta Sevilla, com o foco voltado a tradição da montagem dos presépios. Através dos sentidos, presentes no ato de caminhar como pesquisa constante, as autoras exploram os diferentes sentidos e observam as diferenças culturais no Sul da Espanha. Alguma das conclusões propostas baseia-se no fato de que tanto o aroma, quanto a visualidade, são expressões intangíveis que materializam a tradição, ano após ano, nas duas cidades, impactando em diferentes esferas da sociedade.

Palavras-chave: Estepa; Sevilla; Mantecados; Polvorones; Presépio.

³⁷ Este estudo surgiu da instância de pós-doutorado da primeira autora, na Universidad de Sevilla (Espanha), no período de 2022 a 2023, com financiamento da CAPES, e instância de doutorado sanduíche da segunda autora, no período de 2024 a 2025, na mesma instituição e com financiamento da mesma agência.

³⁸ Doutora em História (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul). Mestre em Artes Visuais (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Graduada em Licenciatura Plena em Educação Artística (Universidade Federal de Pelotas). É professora Titular do Instituto de Ciências Humanas, da Universidade Federal de Pelotas. Coordenadora do projeto de pesquisa “Tecnologias antigas e atuais na sustentabilidade do patrimônio industrial transfronteiriço: Rio Grande do Sul-Uruguai” – FAPERGS. E-mail: fmichelon.ufpel@gmail.com

³⁹ Doutoranda e Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural (Universidade Federal de Pelotas). Bolsista CAPES-DS e CAPES-PDSE (2024/2025). Designer de Moda (Instituto Federal Sul-rio-grandense). Integrante do grupo de pesquisa “Tecnologias antigas e atuais na sustentabilidade do patrimônio industrial transfronteiriço: Rio Grande do Sul-Uruguai” — FAPERGS. E-mail: laianasilveira@gmail.com

Introdução

Como Sevilla é a capital de Sevilla Província, além dela própria, vale à pena falar dos doces de Natal de Estepa, cidade que pertence a essa Província. São conhecidos como “*los mantecados y polvorones de Estepa*” e começam a ser produzidos no outono de cada ano para, em outubro, dar início a campanha de vendas, que acontece em toda a Espanha. Durante o período de preparação desses doces, que, para nós habitantes da capital nacional do doce (cidade de Pelotas, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil), são um pouco divergentes do que consideramos como tal, a cidade de Estepa recebe muitos visitantes e algumas fábricas oferecem oficinas e visitas guiadas.

E o mais interessante: há um projeto tramitando para que o “aroma dos mantecados e polvorones de Estepa” seja declarado Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO. Observem: é o aroma, nada mais intangível, o que está sendo proposto como bem cultural. Isso se deve ao fato de que o núcleo urbano, que não é grande, possui um número significativo de fábricas, algumas pequenas, outras médias, todas familiares, que no período de produção perfumam a cidade com o aroma das sementes, açúcar, baunilha e erva-doce. Vale à pena conhecer a cidade, a história de como começou a produção desses doces e de que forma um município tão pequeno consegue nuclear no doce uma economia forte e diversificada, que aproveita o turismo de modo sustentável. E vale, muito, à pena conhecer os doces.

Como dissemos antes, os estranhemos como “doces” e os identificamos mais como produtos de padaria. Para nós, se definem melhor como cookies e biscoitos, tanto pelo formato como pela consistência da farinha. No entanto, tudo o que envolve a sua produção e apresentação é muito intenso, seja no tempo em que se dá essa trajetória, sejam nos fatores que a implicam, como a figura da “mantecaera”. E, por tal ponto de vista, são bem apreciáveis.

Entendemos, através da percepção do espaço, os diferentes elementos que compõem a cultura de Natal nas duas cidades, por

experiências e estímulos (Claval, 2007) sensoriais, enquanto migrantes no período natalino. Além do cheiro dos polvorones e mantecados, observamos também na visualidade as diferenças culturais referentes ao período, onde ao caminharmos pela região central da cidade identificamos a importância dos presépios para a comunidade. Considerando o ato de caminhar como aprendizagem e aquisição de experiência, configurando-se como uma pesquisa constante — atencional, engajada e em correspondência com os ambientes (Ingold, 2021).

Na avenida de la Constitución, próximo a pontos importantes da cidade como a Catedral de Sevilla e o *Archivo General das Índias*, ocorre a *Feria del Belén*. Onde há diversas tendas comercializando todos os tipos de objetos artesanais para compor os beléns (presépio), possibilitando que cada indivíduo ou núcleo familiar possa formar seu próprio *belén*, diferente dos demais. Sendo um atrativo turístico e parte da cultura natalina local, além dos mercadinhos que compõem a Feria, há as exposições de beléns, realizadas para o público local e de fora, por diferentes instituições, como a *Fundación Cajasol*.

Portanto, este capítulo apresentará os dois casos mencionados acima, onde as autoras enquanto migrantes – temporariamente – em um espaço com cultura e clima diferente no período de Natal, puderam observar as diferenças existentes nas tradições natalinas de uma parte do Sul da Espanha.

Estepa — o aroma

Estepa é uma cidade com pouco mais de 12.500 habitantes, que recebe um turismo controlado e ancora sua riqueza no setor alimentício, seja pela produção de olivas e azeite, seja pela produção dos tradicionais doces de Natal. Uma parte significativa da cidade foi declarada conjunto histórico-artístico em 1965, pelo reconhecido valor artístico e arquitetônico de monumentos civis e religiosos, muitos deles localizados no alto do *Cerro de San Cristóbal*, local da antiga cidade romana de

Ostippo.

Esse, o ponto mais alto da cidade, de onde, em dias claros, avista-se Sevilha e com um pouco mais de sorte, os picos brancos de *Sierra Nevada*, é a sede de um conjunto arquitetônico com vestígios da ocupação humana desde muitos séculos antes da era cristã. Fala-se dos turdetanos, fenícios, cartagineses, romanos (não há dúvida), árabes e depois cristãos. Inclusive, como em quase todas as cidades andaluzes, a Semana Santa⁴⁰ é uma celebração incontestável e, também, o Natal. Se em outras cidades da Espanha, o Natal tem suas próprias competências, em Estepa ele cheira a erva doce, canela, anis e baunilha. Cheira a amêndoas tostadas em azeite, a chocolate e farinha cozida. Mas não no dia 25 de dezembro, nem mesmo nesse mês.

Tais aromas, ou a mistura deles, se espalham pela cidade em setembro, outubro e novembro quando ocorre a fabricação dos *mantecados* e *polvorones* (Figura 1), produção fabril de média e pequena escala, mas que nas suas mais de 20 fábricas produz e distribui esses doces por toda a Espanha.



FIGURA 1 – Polvorones, mantecados, polvorones e mantecados.

Fonte: montagem desenvolvida pelas autoras com base nas redes sociais das marcas locais (San Jeronimo, E. Moreno e El Santo), 2025.

A primeira autora deste capítulo esteve em Estepa três vezes, uma em julho, quando os termômetros locais marcavam 40°C. Outra em janeiro, frio sem neve e outra em março. Ou seja, não conheceu os aromas que acabamos de descrever. Mas eles constam em muitas matérias de jornal, em muitos vídeos, em muitos sites e textos que amparam a proposição e isso desde o início como atesto com o trecho

⁴⁰ Celebração do calendário cristão.

abaixo de matéria do jornal mais importante na Província:

A Câmara Municipal de Estepa está tomando medidas para incentivar o envolvimento institucional em sua iniciativa de declarar o que chama de "Aroma de Estepa", ligado às tradicionais indústrias de mantecado e polvorón, como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. Em 23 de dezembro, Verónica Pérez, Secretária-Geral do PSOE em Sevilha e membro do Parlamento da Andaluzia, e Antonio Jesús Muñoz Quirós, Prefeito de Estepa, apresentaram ao Parlamento uma proposta para que o Aroma de Estepa seja declarado Patrimônio Imaterial da Humanidade⁴¹ (Diário de Sevilla, 2020, n. p., tradução nossa).

Praticamente, cinco anos após essa matéria, outra notícia faz saber:

Um setor com 18 fábricas protegidas por Indicação Geográfica Protegida, que é muito mais do que uma atividade econômica, sendo uma força motriz para esta região da Serra Sul de Sevilha. É um modo de vida e uma fonte de identidade. Por isso, Estepa, o primeiro município a acender as luzes de Natal em 2025, está promovendo um projeto para que a produção artesanal de mantecados e polvorones seja declarada Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO⁴² (Rivera, 2025, n. p., tradução nossa).

São processos demorados os que buscam reconhecimento em esferas muito altas e a mundial, sem dúvida, é a mais alta de todas. Portanto, não há o que estranhar na demora. No entanto, ainda que não se esteja analisando o processo, o seu texto, os argumentos, a documentação etc., há de se ressaltar a experiência concreta do imaginar o aroma, mas não senti-lo. E o odor não é como o som dos sinos que se possa gravar para escutar depois. É um fenômeno sensorial muito particular, que pode ficar gravado na memória como uma sensação ou sentimento. Na sua absoluta imaterialidade, apenas a memória o retém.

No entanto, é bom detalhar o processo para a proposição de uma materialidade tão absoluta como patrimônio da humanidade. E uma das

⁴¹ El Ayuntamiento de Estepa empieza a dar pasos para intentar que las instituciones se impliquen en la iniciativa municipal de convertir lo que ha denominado el "Aroma de Estepa", vinculado a la tradicional industria del mantecado y el polvorón, en Patrimonio Inmaterial de la Humanidad. El 23 de diciembre, la secretaria general del PSOE de Sevilla y parlamentaria andaluza, Verónica Pérez y el alcalde de Estepa, Antonio Jesús Muñoz Quirós, presentaron en el Parlamento una iniciativa para que el Aroma de Estepa, sea declarado Patrimonio Mundial Inmaterial.

⁴² Un sector con 18 fábricas amparadas por Indicación Geográfica Protegida, que es mucho más que una actividad económica, y motor para esta comarca de la Sierra Sur sevillana. Es una forma de vida y de identidad. Por ello, Estepa, el primer municipio este 2025 en encender la Navidad, promueve un proyecto para que se declare la elaboración artesanal del mantecado y polvorón como patrimonio inmaterial de la humanidad por la UNESCO.

partes do processo é da “identificação geográfica protegida”. O documento que registra o selo é emitido pela *Dirección General de Industrias, Innovación y Cadena Agroalimentaria* da *Junta de Andalucía*, com data de abril de 2024. O documento informa o nome do produto como “Mantecados de Estepa”. A descrição do produto nesse documento esclarece:

Os "Mantecados de Estepa" são doces assados feitos com uma mistura de farinha de trigo, banha e açúcar de confeitiro como ingredientes comuns, complementados por outros ingredientes dependendo da variedade: canela, azeite, amêndoa, cacau, coco, limão, avelã e baunilha. Excepcionalmente, nos "Mantecados de Estepa" feitos com azeite, a banha é substituída por azeite extra virgem. Eles têm uma cor marrom tostada, são compactos por fora e macios por dentro, com uma superfície levemente rachada e uma textura lisa⁴³ (Junta de Andalucía, 2024, p. 1, tradução nossa).

Portanto, para as 18 indústrias que solicitaram o selo, a receita básica inclui esses ingredientes, que uma vez combinados e elaborados resultam nos *mantecados* descritos no texto. Além disso, cada ingrediente precisa atender parâmetros físico-químicos especificados que são descritos quanto à cor, aroma, sabor e aspecto. Assim, as amêndoas têm aroma “fresco”, enquanto o açúcar, farinha e banha possuem aroma neutro. As amêndoas pertencem aos ingredientes complementares, enquanto os demais, inclusive o azeite extravirgem, são os básicos. Os aromas natalinos de Estepa, portanto, advêm dos ingredientes que ao longo do tempo foram definindo as variedades de *mantecados* e *polvorones*.

Para obter o selo é necessário que o produto seja originário da zona geográfica definida pelo título, no caso Estepa e para tanto. Mesmo que uma fábrica siga a receita e produza os doces, não poderá utilizar o selo caso não esteja na localidade delimitada. Ou seja, mesmo que o processo

⁴³ Los «Mantecados de Estepa», son piezas de masa horneada, obtenida a partir de la mezcla de harina de trigo, manteca de cerdo, y azúcar glas (azúcar molida), como ingredientes comunes, complementados con otros ingredientes, en función de la variedad del «Mantecado de Estepa»: canela, casero, aceite de oliva, almendra, cacao, coco, limón, avellana y vainilla. Como caso excepcional, en los «Mantecados de Estepa» de aceite de oliva, la manteca será sustituida por aceite de oliva virgen extra. Son de color marrón tostado, compacto en su exterior y tierno en el interior, con la superficie ligeramente cuarteada y suave al paladar.

de fabricação siga estritamente o que estabelece o documento, mesmo que a idoneidade das matérias primas e das características estejam atestadas, o produto não pode ser designado pela identificação geográfica protegida, porque o selo se estabelece por um princípio: “[...] la reputación del producto adquirida a lo largo de los más de 100 años que llevan fabricando estos productos con la misma receta centenaria” (Junta de Andalucía, 2024, p. 6). É nesse valor histórico que se encontram as pistas da imaterialidade. É necessário subir o cerro e lá se aproximar do Convento de Santa Clara de Estepa (Figura 2):

Este convento preserva registros da produção de "Mantecados de Estepa" utilizando receitas antigas. Uma mistura de cereais era usada com banha excedente. Esses "bolos de banha" eram feitos em todas as casas de Estepa, e recipientes usados para seu preparo foram encontrados⁴⁴ (Junta de Andalucía, 2024, p. 7, tradução nossa).



FIGURA 2 – Convento de Santa Clara de Estepa.
Fonte: Francisca Michelin, 2023.

Sob uma luz tão absoluta e imaterial quanto os aromas da produção dos doces, se encontra o portal branco que dá acesso ao pátio

⁴⁴ En este Convento se conservan referencias a la elaboración de «Mantecados de Estepa» con recetas antiguas. Se producía una mezcla de cereales con los excedentes de manteca de cerdo. Estas «tortas de manteca» eran producidas en todos los hogares de Estepa, existiendo recipientes utilizados para su elaboración.

do obrador, florido, cuidado e que sob um alpendre, em um discreto canto, disponibiliza ao visitante interessado em comprar os doces uma pequena antessala, uma campainha e um torno através do qual se faz o pedido, o pagamento e o recebimento do produto. O Monastério Santa Clara de Jesús é uma clausura⁴⁵ desde a origem em 1599, e como tal mantém a vida contemplativa no interior de suas paredes. Ao contrário de outros mosteiros de vida contemplativa, o claustro de Santa Clara de Estepa é imutável assim como os votos das monjas. O visitante ouve suas vozes, mas não as veem. No entanto, ainda que a prática do total subsistência seja inerente ao mosteiro, feminino ou masculino, o trabalho voltado para o sustento do mosteiro e que, conseqüentemente, colocava monges e monjas na condição de produtores de mercadorias, é recente. Surge na década de 1950, com a Constituição Apostólica *Sponsa Christi* que cria a Federação de Monastérios de Monjas. Na Espanha, a Federação constituiu-se em 1954, com sede em Granada, a qual pertence o Monastério de Estepa. Entre muitas reformas promovidas pela Federação foi:

[...] para incentivar os mosteiros irmãos a desenvolverem atividades de trabalho para sustentar a Comunidade. E as monjas, com a mesma vocação que abraçam na vida contemplativa, realizam seu trabalho diário para obter esse sustento necessário. Nem tudo pode continuar sendo contemplação e oração. Elas também oram através do trabalho. A piedade dos outros, tão importante para a Comunidade, não é suficiente para sustentar cada mosteiro. Lembremos que o mosteiro em questão possui mais de 6.000 metros quadrados de área construída e que, com apenas onze monjas, elas o mantêm, dentro de seus recursos limitados, em perfeitas condições⁴⁶ [...] (Obrador de Santa Clara, s/d, n/p, tradução nossa).

Como tudo na vida contemplativa é lento, a exclusividade do fazer doceiro só tem início em 1971, ainda que neste monastério a confeitaria

⁴⁵ As pessoas que fazem parte desta comunidade estão em um espaço interno do mosteiro onde não é permitida a entrada de pessoas estranhas.

⁴⁶ [...] el potenciar que los monasterios hermanos desarrollasen actividades laborales para el sustento de la Comunidad. Y las monjas, con la misma vocación que afrontan la vida contemplativa, realizan sus labores de trabajo diario para obtener ese necesario sustento. Ya no todo puede seguir siendo contemplación y rezos. También se reza trabajando. La piedad de los demás, importantísima para la Comunidad, no es suficiente para el sostenimiento de cada monasterio. Recordemos que el monasterio que nos ocupa, posee más de 6.000 m² de edificio, y que con tan solo once monjas, lo conservan, dentro de sus mínimas posibilidades en perfecto estado [...].

fosse conhecida desde 1900. Portanto, a influência dos doces conventuais na região é data e óbvia.

Ainda segundo o documento da *Indicaciones Geográficas Protegidas* (IGP), foi no ano de 1870 que inicia a comercialização do *mantecado*:

Por acaso ou por necessidade, o fato é que nas casas de Estepa, doces primitivos eram feitos para consumo próprio com a banha de porcos recém-abatidos, que, juntamente com farinha de trigo e açúcar, formavam uma espécie de bolo; na verdade, eram assados em "torteras", que podem ser interpretadas como parentes distantes e mais rústicos dos atuais mantecados biscoitos amanteigados⁴⁷ (Junta de Andalucía, 2024, p. 7, tradução nossa).

Desse início remoto da produção de um doce rústico, surgiria a empreendedora, Micaela Ruiz Téllez, capaz de refinar a receita e tornar a massa mais suave, sugerindo a potencialidade do que viria a ser o atual *mantecado*. Conta a história que de Estepa à Córdoba, o marido de Micaela levava e vendia essas tortas. Tal como o mascate no Brasil, a venda feita pelo ambulante foi criando freguesia certa, já que o trajeto se repetia regularmente. Mais fregueses, mais melhoramentos na receita. Entre eles, uma curiosidade: a secagem do biscoito no exterior. Dado o crescimento de fabricantes artesanais (e todo o *mantecado* era de produção artesanal), em 1927, o então prefeito da cidade convoca todos os fabricantes para discutir padrões de produção que considerou essenciais para o reconhecimento da qualidade do produto. A iniciativa resulta em um fundo de promoção dos produtos que logo se tornará o maior negócio comercial da cidade. Ao contrário do que se esperaria, a Guerra Civil (1936 – 1939) não estancou os doces de Estepa:

[...] a indústria de biscoitos amanteigados começou a se desenvolver rapidamente, impulsionada pela ajuda governamental destinada a apoiar as indústrias locais, apesar da escassez e do racionamento. Na distribuição de matérias-primas, os confeitores receberam quantidades extras de farinha, açúcar e banha para que pudessem continuar

⁴⁷ Fruto de la casualidad o de la necesidad, lo cierto es que, en los hogares estepeños se elaboraba para autoconsumo unos primitivos dulces a partir de la manteca de cerdo recién sacrificado, que junto a la harina de trigo y el azúcar componía una especie de tortas, de hecho se cocían en «torteras», que pueden interpretarse como unos parientes lejanos y más rústicos de los actuales mantecados.

produzindo seus produtos⁴⁸ (Junta de Andalucía, 2024, p. 8, tradução nossa).

Tampouco o pós-guerra mitigou essa indústria. Sobre tal aspecto, valeria um estudo aprofundado para verificar as razões de uma lógica subvertida. Na década seguinte, surgiram as cooperativas e concomitante aos fatos listados, as demais empresas de produtos e serviços que servem à indústria, como a de embalagens, publicidade, armazenagem de matéria prima, automação das linhas de produção e, sobretudo, do turismo.

A *Campaña de mantecados y polvorones de Estepa* é lançada, anualmente em setembro, e motiva o turismo sazonal na cidade. Nos meses seguintes, os visitantes conhecem o aroma de Estepa que é sentido até dezembro, quando se conclui a produção dos doces natalinos. As fábricas oferecem atrativos como visitas guiadas, experiências de produção e experimentação dos doces. Mescla-se a esse conjunto a visita ao centro histórico. Praticamente toda a população produtiva da cidade é ocupada com a *Campaña* e os discursos reiterativos dos valores, que se apresentam em todos os meios

Não se deve esquecer que o mantecado e o polvorón representam um importante pilar para o emprego e a economia, não só de Estepa, mas de toda a região, proporcionando emprego direto a mais de 2.000 pessoas, quase todas mulheres, que ocupam desde funções de operárias até cargos de responsabilidade, o que reforça o seu papel na indústria (Consejo Regulador, 2014, n.p., tradução nossa).

Com os conteúdos apresentados acima, oriundos de fontes geradas em torno da regularização e controle da produção dos mantecados, volta-se à questão proposta inicialmente que pergunta o motivo de eleger a mais intensa materialidade para auspicar à Estepa o selo de patrimônio mundial. Ensaia-se uma possibilidade na conclusão.

⁴⁸ [...] a industria del mantecado comenzó a desarrollarse rápidamente auspiciada por las ayudas recibidas del gobierno que pretendía mantener las industrias locales a pesar de la escasez y el racionamiento. En el reparto de materias primas, los pasteleros recibían cantidades extra de harina, azúcar y manteca con objeto de que pudieran seguir elaborando sus productos.

Sevilla — o caminhar

Sevilla é uma cidade com pouco mais de 680.000 habitantes, e possui um fluxo intenso de turismo, principalmente, na Semana Santa e na *Feria de Abril*⁴⁹. A cidade possui edificações históricas que são Patrimônios Mundiais da UNESCO, como a Catedral de Sevilha – maior catedral gótica do mundo – e a Giralda; o Real Alcázar e o Archivo General de Índias, além da Plaza da Espana, que chama atenção pela riqueza em detalhes e é a segunda maior do país.

Mas espaços como a Avenida de la Constitución, onde estão tanto a lateral da Catedral, quanto a frente do Archivo, se transformam quando o final de ano se aproxima. Pois nesse espaço, são montadas inúmeras tendas das quais compõem a *Feria de Beléns* (Figura 3), o que para o Brasil seria equivalente a uma Feira de Presépios. As tendas, que são inúmeras, trazem diferentes possibilidades para cada pessoa montar seu próprio presépio, conforme pode ser observado na Figura 3, onde há diversidade nos objetos expostos. Em uma das Cartas Apostólicas redigidas pelo Papa Francisco em 2019, Sua Santidade discorre da importância simbólica que o presépio possui e apoia a tradição cultuada por diferentes famílias da montagem do presépio. Refere-se a prática como um “exercício de imaginação criativa” (Bergoglio, 2019, s/p).



FIGURA 3 – Registros da *Féria de Belén*, na Avenida de la Constitución.
Fonte: Nan Wu, 2025.

Nesta mesma carta, o Papa Francisco (1936 – 2025) indica o

⁴⁹ *Feria de Abril* ou *Feria de Sevilla*, é uma festividade que movimenta o cenário econômico, cultural e turístico da cidade de Sevilla. Sendo a *Feria*, uma celebração da cultura andaluza, marcada por tendas, conhecidas pelos locais por casetas (onde há casetas públicas e privadas, nesta segunda, necessita de convite para ingressar), trajes de flamenca, cavalos, dança, comida típica e intensa interação social durante uma semana.

simbolismo que envolve a prática da montagem dos presépios nos ambientes familiares pois estimula diferentes sentimentos e afetos vinculados ao contexto histórico e o cultural. Ao detalhar sobre os elementos que compõem o presépio, destaca as paisagens, a natureza, as ruínas e os animais. E, quando pensamos em tradições, vinculadas a religião, destacamos a ideia apresentada por Halbwachs (2023) sobre a relação das diferentes religiões com as tradições, sejam elas mais ou menos simbólicas, mas através delas as pessoas encontram uma forma de reproduzir histórias, por exemplo, de grandes eventos, como é o nascimento de Jesus, para a igreja católica.

A montagem do presépio é uma forma de relembrar e reproduzir um acontecimento do passado, o que Halbwachs (2023) explica, sobre

[...] a imagem da vida, dos atos e da figura de seres divinos ou sagrados. Com traços humanos, animais ou de outra forma, a imaginação lhes empresta de qualquer maneira uma forma de existência sensível: eles existem ou apareceram em certos lugares, em certas épocas (Halbwachs, 2023, p. 181).

E em Sevilla a montagem dos presépios é parte da cultura local, mais presente na época de final de ano, mas não esquecida em outros momentos. Pois, por meio da Asociación de Belenistas de Sevilla, durante o ano existem atividades voltadas para o presépio, como cursos de Belenismo, instruindo como realizar a montagem e até mesmo sobre o saber-fazer, a construção de cada elemento que comporá o cenário. Há também concursos para selecionar o melhor presépio e seleção das melhores fotografias. A associação, que possui mais de 40 anos de atividade e surgiu “*fomentar el sentido cristiano de la Navidad, en el hogar y en el ambiente y promocionar la construcción de belenes artísticos*” (Asociación de Belenistas de Sevilla, 2025), busca junto a UNESCO, o reconhecimento da tradição dos presépios como patrimônio cultural imaterial.

Além das montagens em ambientes privados, como as casas de famílias, alguns ambientes comerciais e instituições culturais (Figura 4) também participam da montagem dos presépios. Atraindo diferentes públicos com a montagem e exposição de presépios gigantescos, que

abrem as portas ao público dia 8 de dezembro, pois é o dia da Festa da Imaculada Conceição.



FIGURA 4 – Presépio montado pela Fundación Cajasol.
Fonte: Laiana Silveira, 2024.

Na Figura 2, é possível observar a riqueza nos elementos que compõem o cenário, e retratam acontecimentos do passado conforme mencionou Halbwachs (2023) ao se referir sobre as memórias vinculadas as religiões. E, assim como mencionado na Carta Apostólica⁵⁰, visualizamos nas diferentes paisagens que compõem o presépio montado pela Fundación Cajasol: as pessoas, a natureza, as ruínas e os animais.

Conclusão

Para contemplar a questão sobre os aromas na candidatura de Estepa à Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO, toma-se como referência a Badalada Manual dos Sinos difundida por toda a Espanha em diversas comunidades que mantêm a prática em torres e campanários de pequenas, grandes e médias cidades. O toque dos sinos, de longa data, servia como um comunicador de efeito imediato nas localidades. Para cada evento como alertas de perigos, cortejos fúnebres, horário de cultos, festividades, até o prosaico “relógio” das horas, os sinos tocavam sons diferentes decorrentes das técnicas empregadas.

A prática do sineiro exigia e exige, haja vista que ainda há quem a faça, conhecimento e habilidade resultantes de um aprendizado longo. Além disso, a confecção do sino e do campanário acompanham os

⁵⁰ Este tipo de documento é considerado uma fonte oficial, emitida pelo Papa, na qual serve para orientação de temas específicos. Para este estudo foi utilizada a Carta Apostólica *Admirabile Signum*, sobre a origem e o sentido do presépio.

elementos dos quais resulta a prática do sineiro. Todos esses fatores foram levados em conta na candidatura que resultou no reconhecimento da prática pela UNESCO, em 2023. No Brasil, no ano de 2010, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) registrou o “Toque dos Sinos e o Ofício de Sineiro de Minas Gerais” como Patrimônio Imaterial do Brasil.

No início deste texto colocou-se a imaterialidade do som como equivalência para discutir a imaterialidade do aroma. Ambos geram memórias e suportam memórias. No entanto, a exemplo do projeto “Som dos Sinos”, que utiliza uma plataforma multimídia para difundir esse patrimônio imaterial, a possibilidade de gravar o som dos sinos materializa o imaterial. Embora o Brasil tenha sido atento ao seu patrimônio, promovendo o reconhecimento há uma década e meia, o documentário que registra a prática do sineiro deixa ver que os praticantes não usam equipamentos de proteção, luvas e protetores auriculares, fato que se encontra resolvido na Espanha. Inclusive, os registros apresentados na plataforma mostram a presença de crianças aprendendo ou praticando sem nenhuma proteção. A tradição é viva e como tal assume, ao longo de sua jornada, os valores pelos quais as sociedades se moldam. O bem-estar, e nesse caso, a saúde e a integridade dos praticantes deveriam estar aneladas ao reconhecimento da prática. Quiçá já esteja ou venha a estar.

Volta-se à questão. Os aromas são materializáveis? Ainda que não, há entre os dados históricos, um ponto de inflexão, no país onde se propõe o reconhecimento do bem: o local e origem desses doces. O vínculo com o Mosteiro de Santa Clara e com a vida contemplativa podem ser esse ponto. A imaterialidade da contemplação, que traduz uma forma de espiritualidade e a incorporação da prática laboral como uma expressão dessa materialidade (trabalhar orando) é uma herança local que permeou um modo de vida e de sustento, que se transferiu para a comunidade local como uma possibilidade e que, quando a doceria conventual consolidou seu reconhecimento, autorizou que as famílias auspiciassem manter os *mantecados* como herança legítima a ser utilizada em proveito

da comunidade. Ainda, em sua maioria, são as mulheres que produzem os mantecados. Muitas marcas utilizam referência religiosa no seu nome.

A Espanha é um país de contrastes conviventes: é tão católica quanto anticlerical, basta conhecer um pouco dos processos de desamortização dos templos e bens católicos nesse país. Por isso, talvez, os *mantecados* sejam os doces da festa religiosa mais comercial de grande parte do mundo: o Natal. No processo histórico da formação dos *mantecados* como mercadoria, se reconhece uma profunda trajetória social e econômica que pautou a religiosidade do país. Resta entender se os *mantecados* podem ser considerados como *commodities*. E, por fim, para que não sejam apenas isso, reconhecer que a sua imaterialidade é tão intangível como a espiritualidade, e desse modo, que sejam os aromas dos seus ingredientes a representar sua unicidade, historicidade e antiguidade. Se essa não é uma resposta à questão, que seja uma hipótese a verificar.

Com relação a tradição presente na cidade de Sevilla, também vinculada ao lado mercadológico com uma feira dedicada a venda dos elementos que compõem os presépios, a tradição também reforça o catolicismo presente na cidade, mas também se contrapõe, nas exposições das instituições culturais que atraem turistas de diferentes localidades como público de visitantes.

Em ambos os casos, observamos o destaque para a relação dos sentidos com o processo de memória, conforme sinalizado acima. Os quais possibilitam a percepção das diferenças no espaço, nos mercados, na paisagem urbana da cidade, nas instituições culturais. Duas cidades que ganham novos cenários, novas formas de consumir, novos cheiros da intensa produção alimentar dos doces de Natal, e badalar do sino, esse sim, presente o ano todo.

Referências

ASOCIACIÓN DE BELENISTAS DE SEVILLA. Historia. Sevilla, 2025. Disponível em: <https://www.asociaciondebelenistasdesevilla.org/>. Acesso em: 19 dez. 2025.

CLAVAL, Paul. A geografia e a percepção do espaço. Florianópolis: UFSC, 2007.

CONSEJO REGULADOR DE LAS INDICACIONES GEOGRÁFICAS PROTEGIDAS “MANTECADOS DE ESTEPA” Y “POLVORONES DE ESTEPA”. Estepa arranca oficialmente otra campaña de mantecados y polvorones. Estepa, 9 set. 2024. Disponível em: <https://mantecadosypolvoronesdeestepa.com/campana-mantecados-estepa/>. Acesso em: 10 dez. 2025.

DIARIO DE SEVILLA. La iniciativa para que el “aroma de Estepa” sea Patrimonio Mundial Inmaterial llega al Parlamento andaluz. Sevilla, 25 dez. 2025. Disponível em: https://www.diariodesevilla.es/provincia/Estepa-aroma-mantecados-Patrimonio-Mundial-Inmaterial-Parlamento_0_1531946807.html. Acesso em: 10 dez. 2025.

FRANCISCO, Papa. Carta Apostólica Admirabile Signum. Vaticano, 1 dez. 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/s/papa-francesco-lettera-ap_20191201_admirabile-signum.html. Acesso em: 17 dez. 2025.

HALBWACHS, Maurice. Os quadros sociais da memória. Curitiba: Antonio Fontoura, 2023.

INGOLD, Tim. Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2021.

JUNTA DE ANDALUCÍA. Consejería de Agricultura, Ganadería, Pesca y Desarrollo Sostenible. Dirección General de Industrias, Innovación y Cadena Agroalimentaria. Pliego de condiciones de la Indicación Geográfica Protegida “Mantecados de Estepa”. Sevilla, 2024. PDF.

OBRADOR DE SANTA CLARA. Catálogo pedidos. Estepa, [s. d.]. Disponível em: <https://www.santaclaraestepa.com/>. Acesso em: 10 dez. 2025.

RIVERA, Raquel. El mantecado de Estepa, mucho más que una industria artesanal: “es una forma de vida y de identidad”. Sevilla: Cadena SER Andalucía, 7 dez. 2025. Disponível em: <https://cadenaser.com/andalucia/2025/12/07/el-mantecado-de-estepa-mucho-mas-que-una-industria-artesanal-es-una-forma-de-vida-y-de-identidad-radio-sevilla/>. Acesso em: 10 dez. 2025.

SOM DOS SINOS. Som dos Sinos. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://somdossinos.com.br/>. Acesso em: 10 dez. 2025.

La localización de la Navidad en China desde una perspectiva global: la cultura de consumo urbana

NAN WU⁵¹

Resumen: La Navidad en la China urbana contemporánea no representa una capitulación ante la homogeneización global, sino un proceso de transformación creativa y reorganización funcional. A través de tres mecanismos clave —laicización, mercantilización y localización— la festividad se ha despojado de sus raíces cristianas para convertirse en un fenómeno cultural laico, esencial para los jóvenes y el sector comercial. Basándose en la investigación histórica y Zhize Shao⁵² y el análisis de datos de consumo y redes sociales, se evidencia que la sociedad local actúa con agencia, absorbiendo elementos globales para dotarlos de significados propios. Así, la Navidad funciona como una herramienta de interacción social y un motor económico que dinamiza los centros comerciales. En definitiva, este fenómeno demuestra cómo una cultura local puede integrar influencias externas y convertirlas en activos sociales y económicos sin perder su identidad estructural en el proceso.

Palabras clave: globalización; localización; navidad en China; cultura de consumo.

Introducción

La Navidad, como la festividad religiosa más importante del mundo cristiano, se ha ido introduciendo gradualmente en la sociedad china desde finales de la dinastía Qing.⁵³ Sin

⁵¹ Universidad de Sevilla - nanwu0121@outlook.com

⁵² Shao, Zhize. 邵志择. De la festividad extranjera del solsticio de invierno a la Navidad: la conversión de la Navidad en una festividad en China desde la era moderna [从外国冬至到圣诞节：近代以来圣诞节在中国的节日化]. Shanghai: Editorial de la Universidad de Jiaotong, 2018. Shao es historiador y profesor de la Universidad de Zhejiang, su área de investigación incluye la historia del cristianismo en la China moderna y la historia sociocultural. El libro se centra en Shanghai y se basa en el periódico *Diario de Shenbao* [申报 *Shanghai Daily*] como fuente histórica, para investigar cómo la Navidad ha pasado por un proceso de comercialización de más de un siglo en Shanghai, hasta convertirse finalmente en una festividad social reconfigurada.

⁵³ *Ibidem*, p. 56. Por «finales de la dinastía Qing» se entiende habitualmente el período comprendido entre 1840 y 1912. La dinastía Qing fue la última gran dinastía feudal unificada de la historia de China, y se extendió desde 1636 hasta 1912. En el estudio de Shao, *Shenbao* [申报 *Shanghai Daily*] se informaba por primera vez sobre la Navidad en 1872, cuando se denominaba «el día del nacimiento de Jesús»; en 1882, el término popular «solsticio de invierno extranjero» comenzó a aparecer en el periódico; y en 1909, *Shenbao* [申报 *Shanghai Daily*] informó de que los chinos celebraban simultáneamente el solsticio de invierno chino y el extranjero,

embargo, su aceptación en China no ha sido un simple trasplante cultural, sino un complejo proceso de localización.⁵⁴ Por ejemplo, en la China moderna, la Navidad se denominaba «solsticio de invierno extranjero»,⁵⁵ lo que indica que los chinos utilizaban el solsticio de invierno local como marco cognitivo para comprender esta festividad religiosa occidental. La difusión de la figura de Papá Noel en la China moderna se llevó a cabo principalmente a través de canales comerciales y no de instituciones religiosas,⁵⁶ y su imagen se utilizó ampliamente con fines promocionales.

La forma definitiva que adoptó la Navidad en China fue una celebración material que envolvió la festividad, despojándola de su núcleo religioso y conservando y amplificando su forma material.⁵⁷ De este modo, presenta características de una religiosidad débil, una fuerte comercialización y una marcada tendencia al entretenimiento. La formación de estas características es precisamente el resultado de la interacción entre la globalización y la localización. Este trabajo se inspira en el concepto de fiestas sociales reconstruidas de Shao y, desde las tres perspectivas de la pérdida de significado, la transferencia de símbolos y la reconstrucción local —laicización, consumismo y localización— de la Navidad en China, expone como los elementos globalizados son selectivamente aceptados, transformados en su significado y reorganizados en su función al entrar en el contexto local.

lo que demuestra que la Navidad ya había comenzado a introducirse en los espacios de entretenimiento público de los puertos comerciales como Shanghai.

⁵⁴ La localización, en este contexto, se refiere al proceso de ajuste y adaptación integral que se lleva a cabo cuando una cultura se introduce en un país o región concretos, con el fin de adaptarse al idioma, las tradiciones culturales y las necesidades del mercado locales. Suele combinarse con la globalización y hace hincapié en respetar e integrar las características locales, al tiempo que se promueven estándares globales unificados.

⁵⁵ *Ibidem*, pp. 56-61. China moderna, se suele entender el período histórico comprendido entre el estallido de la Primera Guerra del Opio en 1840 y la fundación de la República Popular China en 1949.

⁵⁶ *Ibidem*, pp. 71-72.

⁵⁷ *Ibidem*, pp. 156-160.

Orígenes históricos: la difusión inicial de la Navidad en China y la transformación gradual de su significado

Cuando la Navidad entró en cultura popular de Shanghai de finales de la dinastía Qing, no fue aceptada en su identidad religiosa como el nacimiento de Jesús, sino que se le otorgó un nombre con un marcado carácter local, el solsticio de invierno extranjero, como ya se ha dicho antes.⁵⁸ El hecho de denominar el nacimiento de Jesús como solsticio extranjero pone de manifiesto la posición predominante del solsticio de invierno chino, es decir, que durante un período considerable, la sociedad china utilizó la festividad autóctona del solsticio de invierno como marco de referencia para comprender esta festividad religiosa de los países occidentales. La festividad del solsticio de invierno chino forma uno de los veinticuatro períodos climáticos del año solar, tiene lugar entre el día 21 y 23 de diciembre de cada año, es dos o tres días antes de la Navidad. Sus significados —el fin del invierno y el regreso de la primavera, el nacimiento de vigor en el solsticio de invierno— y sus costumbres, como la reunión familiar, guardan similitudes con la Navidad. Por ello, cuando esta última llegó a China, se la denominó solsticio de invierno extranjero.

La introducción y difusión de la figura de Papá Noel fue un paso importante en el proceso de localización de la Navidad en China. Papá Noel entró en el imaginario colectivo a través de las galas benéficas organizadas por instituciones eclesiásticas y las fiestas de la Asociación Cristiana de Jóvenes en 1900.⁵⁹ En 1917, el periódico *Shenbao* mencionó por primera vez la aparición de Papá Noel en una fiesta de invierno de la escuela nocturna de la Asociación de Jóvenes Cristianos.⁶⁰ Sin embargo el motor clave de la difusión de Papá Noel en China no provino de la Iglesia, sino del comercio, ya que su imagen se utilizó ampliamente con fines promocionales. El suplemento semanal de Navidad del *Shenbao* de

⁵⁸ *Ibidem*, p. 57.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 37. La Asociación Cristiana de Jóvenes (YMCA) de Shanghai, fundada el 6 de enero de 1900, es una organización internacional, no gubernamental de servicios sociales de origen cristiano. Se dedica principalmente a la educación, el deporte y la asistencia social. La afiliación no se limita a los cristianos.

⁶⁰ *Ibidem*, pp. 70-71.

1920 utilizó la imagen de papá Noel como ilustración de portada.⁶¹ El cambio de función, de la caridad eclesiástica a la promoción comercial, ilustra de manera paradigmática la doble lógica de la laicización y la comercialización en la difusión de la Navidad en China.



FIGURA 01: Anuncio de dulces y galletas de la empresa Mayushan publicado en el *Republic Daily*, en el libro de Papá Noel se lee «10% de descuento». Este anuncio se publicó a diario desde el 3 de diciembre de 1920 hasta el día de Navidad.⁶²

Además, la Navidad en China también experimentó un desplazamiento del espacio festivo de las iglesias a los mercados. Como indica la investigación de Shao, las celebraciones extranjeras del solsticio de invierno a principios del reinado Guangxu se limitaban principalmente a las comunidades occidentales residentes en Shanghai, y la misa en la iglesia era la principal forma de celebración. Sin embargo, a partir de

⁶¹ *Ibidem*, pp. 73-76.

⁶² *Ibidem*, p. 101.

mediados del mismo reinado, la participación de los chinos en la festividad fue aumentado gradualmente, y el espacio de las actividades navideñas se trasladó progresivamente de las iglesias a los mercados, los hipódromos, los salones de baile y los restaurantes.⁶³ En 1909, el periódico *Shenbao* informó de un fenómeno interesante:

En ese día del solsticio de invierno chino, eran innumerables los carruajes que se dirigieron a *Zhangyuan*. Ayer fue el solsticio de invierno occidental, y de nuevo eran innumerables los carruajes que se dirigieron a *Zhangyuan*. ¡Los chinos realmente no quieren desaprovechar una ocasión tan especial!⁶⁴

Zhangyuan, como el espacio de entretenimiento público más importante de Shanghai en aquella época, acogió simultáneamente las celebraciones del solsticio de invierno chino y del occidental. Este uso superpuesto del espacio indica claramente que la Navidad se estaba incorporando al sistema de entretenimiento público de las ciudades chinas.

La integración de la cultura de consumo: el paisaje festivo urbano

Los chinos no celebran la Navidad en torno a la familia, por lo que, en este sentido, difiere por completo de las costumbres sociales de la Navidad occidental. Son pocos los chinos que decoran un árbol de Navidad en casa, o regresan expresamente para compartir la cena navideña con la familia. Esto se debe a que, en China, la Navidad es principalmente una fiesta de los jóvenes, es decir, una fiesta de una parte de la población. Los jóvenes chinos celebran la Navidad principalmente reuniéndose con amigos, en diversas formas, como ir de compras, salir a

⁶³ *Ibidem*, pp. 93-155. El reinado Guangxu se refiere al período de gobierno del undécimo y, penúltimo emperador de la dinastía Qing, que reinó desde el 25 de febrero de 1875 hasta el 14 de noviembre de 1908.

⁶⁴ *Ibidem*, p. 67. *Zhangyuan*[张园 *El Jardín Zhang*], situado en el corazón de Shanghai, fue construido en 1882 y en su día fue considerado como el jardín más bello de la costa, fue centro cultural y de ocio de Shanghai a finales de la dinastía Qing y principios de la República China. En la actualidad, sigue siendo un hito urbano que combina el comercio de lujo, la cultura, el arte, y el encanto histórico.

comer o ir al cine. Por ello, esta festividad de origen extranjero se considera una fiesta social para los jóvenes.

Por ejemplo, la diplomática estadounidense Elizabeth Davnie, residió en HongKong, Tailandia y Rusia mientras acompañaba a su padre, también diplomático. De 2000 a 2002, enseñó inglés en una universidad de Nanjing. Tras un año estudiando la cultura china en la misma ciudad, regresó a Estados Unidos para obtener una licenciatura en economía educativa en la Universidad de Columbia. En 2004 escribió:

Durante mi etapa como profesora, descubrí que celebrar la Navidad era muy popular entre los estudiantes. Ellos no solo intercambiaban tarjetas y regalos, sino que también organizaban bailes en Nochebuena o el día de Navidad. Además, muchas tiendas se decoraban con árboles de Navidad e incluso contrataban a personas disfrazadas de Papá Noel... Esto difería mucho de la forma tradicional estadounidense de celebrar la festividad.⁶⁵

Con la llegada del siglo XXI, la localización de la Navidad en China ha entrado en una nueva etapa, en la que la cultura de consumo ha pasado de ser el envoltorio de la festividad a convertirse en su esencia. Los datos de consumo de 2024 revelan que las formas en que los jóvenes urbanos de China celebran la Navidad se han diversificado enormemente. Según el análisis de *Ocean Engine*, los temas más comentados entre el 20 de noviembre y el último día del año 2024, son el ambiente navideño, los árboles de Navidad y los lugares para hacerse fotos.⁶⁶ En las cuatro ciudades de primera línea como Beijing, Shanghai, Guangzhou y Shenzhen, las formas de celebrar la Navidad se concentran principalmente en cuatro tipos: visitar instalaciones de marcas de lujo (28%), recorrer parques temáticos (25%), pasear por calles con ambiente

⁶⁵ DAVNIE, Elizabeth. La increíble popularidad de la Navidad em China. Elite Reference, Beijing, el 21 de diciembre de 2004. Sección 21.

⁶⁶ *Ocean Engine*, la plataforma oficial de marketing digital del grupo Douyin (TikTok versión china), que integra los recursos de tráfico de múltiples plataformas web y ofrece a los anunciantes y comerciantes servicios integrales de publicación de anuncios, análisis de datos y marketing. Disponible en: <<https://creator.douyin.com/creator-micro/creator-count/arithmetic-index/analysis?keyword=%E5%9C%A3%E8%AF%9E%E8%8A%82&tab=correlation&appName=aweme&source=creator>>. Fecha de acceso: 03/05/2026.

festival (22%) y visitar mercadillos navideños.⁶⁷ Esta distribución indica que el patrón de consumo navideño ha pasado de la simple compra de productos a un consumo de experiencias combinadas. En cuanto a los motivos de consumo, el 68% de los clientes participa en la Navidad para experimentar el ambiente festivo, el 57% para estrechar lazos con amigos y compañeros de trabajo, y el 46% para relajarse.⁶⁸ Estos datos confirman que el significado religioso de la Navidad en China ha sido sustituido por la alegría y la vida social.

Si bien la característica más destacada del consumo navideño en las ciudades es el ambiente, la principal motivación de los visitantes para celebrar la fiesta es ir a lugares de moda con un ambiente navideño intenso para hacer fotos, sentir y registrar el ambiente festivo, lo que ha dado lugar a una economía especial de las fotos de redes sociales. Según informan los medios, en diciembre de 2024, la marca china de floristería de alta gama *Beast* lanzó en *Xingtian di*, de Shanghai, una campaña navideña con el tema «teatro de los sueños invernales», en la que se habilitaron nueve puntos de referencia para hacerse fotos y se organizaron más de treinta actividades interactivas, lo que ha desatado una amplia ola de *check-ins* en las redes sociales.⁶⁹

Del mismo modo, durante la Navidad de 2024, la Oficina de Turismo de Hong Kong instaló en el Distrito Cultural de West Kowloon un pueblo navideño con una superficie un 30% mayor que el año anterior y un árbol de Navidad de veinte metros de altura, además de organizar

⁶⁷ *Datastory*, Informe sobre tendencias de estilo de vida para la Navidad de 2024. Basado en el análisis de contenido generado por los usuarios (UGC) de *Rednote* (小红书 *Xiaohongshu*, la mayor plataforma de compartir estilo de vida de China) y *Douyin* (TikTok versión china, plataforma de entretenimiento general centrada en videos cortos y retransmisiones en directo) durante los meses de noviembre y diciembre de 2024. Disponible en: <<https://www.datastory.com.cn/details/507>>. Fecha de acceso: 03/05/2026.

⁶⁸ *Ibidem*.

⁶⁹ Disponible en: <<https://finance.sina.com.cn/wm/2024-12-16/doc-inczsnhi5592830.shtml>>. Fecha de acceso: 03/05/2026. *Xingtian di* es una de las zonas céntricas más emblemáticas de Shanghai, uno de los buletines de visita de la ciudad y un centro de ocio y moda que combina el carácter histórico y cultural con la vida moderna.

cuatro espectáculos de fuegos artificiales en su puerto Victoria.⁷⁰ Según las estadísticas de la Oficina de Inmigración de Hong Kong, el día de Nochebuena se registraron 126 mil visitantes a Hong Kong, de los cuales más de 90 mil procedían de China continental; muchos de estos turistas se desplazaron expresamente a Hong Kong para celebrar la Navidad.⁷¹

Como se puede observar, en la cultura de consumo urbana contemporánea, la visibilidad de la Navidad se ha convertido en un valor fundamental. A través de acciones como tomar fotos, compartir y hacer registros, los consumidores transforman la experiencia de consumo navideña en capital identitario en las redes sociales. Este mecanismo lleva al extremo la forma material que, según el estudio de Shao, envuelve la Navidad, de modo que la forma de celebración en sí misma se ha convertido en el contenido principalmente del consumo.⁷²

En los últimos años, una nueva tendencia en la localización de la Navidad es la profunda integración con los recursos culturales y turísticos locales. Debido a las diferencias geográficas, el sur de China carece habitualmente de paisajes nevados, por lo que durante la Navidad los turistas del sur se desplazan al norte en busca de experiencias turísticas de nieve y hielo fuera de lo común, lo que ha provocado un notable aumento del interés por los destinos turísticos del norte combinados con la Navidad. En 2024, el Gran Mundo de Hielo y Nieve de Harbin -la capital provincial más septentrional de China- abrió sus puertas en diciembre y, tras 68 días de funcionamiento, recibió un total de 3,56 millones de visitantes.⁷³ Esto demuestra que, en comparación

⁷⁰ Oficina de Turismo de Hong Kong. Disponible en: <<https://www.discoverhongkong.cn/events/hong-kong-winterfest.html>>. Fecha de acceso: 03/05/2026.

⁷¹ Departamento de Inmigración del Gobierno de la Región Administrativa Especial de Hong Kong de la República Popular China. Disponible en: <<https://www.immd.gov.hk/hkt/facts/passenger-statistics.html?d=20241224>>. Fecha de acceso: 03/05/2026.

⁷² Shao, Zhize. 邵志择. De la festividad extranjera del solsticio de invierno a la Navidad: la conversión de la Navidad en una festividad en China desde la era moderna [从外国冬至到圣诞节：近代以来圣诞节在中国的节日化]. Shanghai: Editorial de la Universidad de Jiaotong, 2018. p. 156.

⁷³ Informe anual sobre la divulgación de información gubernamental de 2024 del Gobierno Popular de Harbin, publicado en el 26 de enero de 2025. Disponible en:

con la nieve artificial de los centros comerciales urbanos, los paisajes nevados naturales de lugares como Harbin se consideran un ambiente navideño más auténtico. Los viajeros muestran su gran interés por los paisajes naturales del norte, como la nieve, los campos nevados y la capa blancuzca lustrosa que recubre ciertos árboles y hojas heladas blancas.

Cabe destacar que este fenómeno no supone un retorno a la esencia original de la Navidad occidental, sino todo lo contrario, es un proceso en el que los consumidores chinos reimaginan y otorgan un nuevo significado a la Navidad a partir de los recursos paisajísticos locales. Tal y como afirma Shao, el destino de la Navidad en China es evolucionar hacia “un carnaval secularizado”,⁷⁴ y el turismo cultural de nieve y hielo amplía este carnaval desde los centros comerciales urbanos hasta los parajes naturales.

La localización de la Navidad en China

Desde el solsticio de invierno extranjero hasta la Navidad y, posteriormente, hasta la fiesta de consumo, la evolución del significado de la Navidad en China presenta una clara trayectoria de laicización, esto ha sido objeto de una evolución continua a lo largo de más de un siglo. La investigación de Shao revela una paradoja clave, aunque el movimiento anticristiano criticaba el carácter religioso de la Navidad, no logró afectar a su atractivo como “fiesta de alegría”.⁷⁵ Cuando la identidad religiosa del cristianismo se convirtió en objeto de crítica, quienes celebraban la Navidad se sintieron aún más motivados a atenuar su carácter religioso y reforzar su faceta festiva no religiosa.⁷⁶ La crítica religiosa, por el contrario, impulsó la secularización de la festividad. En

<https://www.harbin.gov.cn/haerbin/c2024nb/zfxxgk_nb.shtml>. Fecha de acceso: 03/05/2026.

⁷⁴ Shao, Zhize. 邵志择. De la festividad extranjera del solsticio de invierno a la Navidad: la conversión de la Navidad en una festividad en China desde la era moderna [从外国冬至到圣诞节：近代以来圣诞节在中国的节日化]. Shanghai: Editorial de la Universidad de Jiaotong, 2018. p. 147.

⁷⁵ *Ibidem*, pp. 161-166.

⁷⁶ *Ibidem*, pp. 288-332.

la cultura de consumo urbana contemporánea, la mayoría de los celebrantes chinos desconocen los orígenes religiosos de la Navidad y no tienen interés en participar en ninguna actividad religiosa. Aunque la palabra “santo” se mantiene en el nombre traducido en chino, su significado ha pasado de referirse por igual a la santidad de Cristo y a la alegría de la fiesta.

Paralelamente a la laicización, la Navidad ha experimentado un proceso de reconstrucción de significado, en el que el consumo ha sustituido a la religión como lógica central de la festividad. El motivo principal de este cambio es la intervención continua del capital comercial. Desde los anuncios navideños y las cenas de Navidad de la Shanghai moderna⁷⁷ hasta las promociones anuales de *shuangdan* —campañas promocionales conjuntas que lanzan las plataformas de comercio electrónico o las tiendas físicas durante el período entre la Navidad y el Año Nuevo— utiliza el carácter *shuang* —doble—, y *dan* —inicio— para denominar dos fiestas occidentales mediante un solo carácter chino y ha dado lugar a un importante evento promocional, el las plataformas virtuales y físicas, algo parecido a las rebajas de *Blackfriday* en el mundo occidental. Se trata de un ejemplo típico de la aprobación simbólica de la Navidad por parte de la cultura de consumo, así como de una confirmación de cómo las formas de celebración materiales han envuelto a esta la festividad.

La localización de la Navidad en China no solo supone una transformación de su significado, sino también una producción local de símbolos, como el regalar manzanas en Nochebuena. Debido a la asociación fonética entre Nochebuena -Píng’ānyè- y manzana -píngguǒ- en chino, la costumbre de regalar manzanas para desear paz y seguridad se ha incorporado de forma creativa al sistema simbólico de la Navidad. Este ritual no tiene ningún origen occidental, sino que es una creación local.

⁷⁷ *Ibidem*, p. 7.

Las fotografías en lugares emblemáticos y el turismo cultural de nieve y hielo siguen esta misma lógica. Los consumidores se hacen fotos ante los adornos navideños en las redes sociales y viajan a Harbin para disfrutar de una experiencia navideña, todas estas actividades están creando un símbolo navideño totalmente nuevo con características locales de China. Estos fenómenos se alejan cada vez más del significado cultural original de la Navidad y se acercan cada vez más al estilo de vida local, como ya se ha mencionado anteriormente.

Conclusión

Al estudiar el proceso de localización de la Navidad en China desde una perspectiva global, se observa que no se trata de un fenómeno nuevo surgido tras la reforma y apertura china en 1978, sino de un proceso histórico prolongado que se remonta a más de un siglo atrás. Este proceso se ha llevado a cabo gradualmente a través de la pérdida de significado, la transferencia de símbolos y la reconstrucción local, lo que ha despojado a la Navidad de su contenido religioso para sustituirlo por un significado consumista implantado y símbolos locales creativos, hasta convertirse finalmente en una festividad social reconstruida y única.

En esta transformación, la cultura de consumo urbana contemporánea ha pasado de ser el envoltorio exterior de la festividad a convertirse en su núcleo, impulsando la expansión de las celebraciones desde las simples compras hasta un estilo de vida que abarca múltiples formas, como barrios con ambiente festivo, mercadillo navideño y turismo con temática de nieve y hielo entre otros. Esta práctica de localización demuestra de manera contundente que la globalización cultural no ha conducido a la homogeneización prevista, sino que, por el contrario, la sociedad local, utilizando el consumo como medio, ha transformado los elementos culturales globales en productos de diálogo que combinan las características de lo importado con la lógica secular, logrando así una fusión creativa entre lo global y lo local.

Referencias

Datastory. Informe sobre tendencias de estilo de la vida para la Navidad de 2024. Disponible en: <<https://www.datastory.com.cn/details/507>>. Fecha de acceso: 03/05/2026.

DAVNIE, Elizabeth. La increíble popularidad de la Navidad en China. Elite Reference, Beijing, el 22 de diciembre de 2004. Sección 21.

Departamento de Inmigración del Gobierno de la Región Administrativa Especial de Hong Kong de la República Popular China. Disponible en: <<https://www.immd.gov.hk/hkt/facts/passenger-statistics.html?d=20241224>>. Fecha de acceso: 03/05/2026.

Informe anual sobre la divulgación de información gubernamental de 2024 del Gobierno Popular de Harbin, publicado en el 26 de enero de 2025. Disponible en: <https://www.harbin.gov.cn/haerbin/c2024nb/zfxxgk_nb.shtml>. Fecha de acceso: 03/05/2026

Ocean Engine. Índice de búsqueda de palabras claves en Douyin (Tiktok) del 20 de noviembre al 31 de diciembre de 2024. Disponible en: <<https://creator.douyin.com/creator-micro/creator-count/arithmetic-index/analysis?keyword=%E5%9C%A3%E8%AF%9E%E8%8A%82&tab=correlation&appName=aweme&source=creator>>. Fecha de acceso: 03/05/2026.

Oficina de Turismo de Hong Kong. Disponible en: <<https://www.discoverhongkong.cn/events/hong-kong-winterfest.html>>. Fecha de acceso: 03/05/2026.

SHAO, Zhize 邵志择. De la festividad extranjera del solsticio de invierno a la Navidad: la conversión de la Navidad en una festividad en China desde la era moderna [从外国冬至到圣诞节：近代以来圣诞节在中国的节日化]. Shanghai: Editorial de la Universidad de Jiaotong, 2018.

Analyse de la situation sociale en temps de Noël au regard de la législation haïtienne, de 2019 à 2025

MIKE BONNET⁷⁸

Résumé : Ce travail nous permet de mieux réfléchir sur la situation sociale en Haïti, en se référant à des interactions et circonstances dans lesquelles les individus interagissent avec les autres en temps de Noël selon la loi. L'objectif de ce travail vise à analyser et faire ressortir les impacts du mauvais fonctionnement de la société en temps de Noël, un moment où la communauté se mobilise pour exprimer des sentiments de solidarité. Les articles 22 et 24 de la Constitution haïtienne, nous garantissant des privilèges. Mais en 2019, on a eu une vague insécurité empêchant le bon fonctionnement de la société. En considérant des théories et des faits produisant dans le temps à nos jours.

Mots-clés: Temps de Noël; Situation sociale; Législation haïtienne; Analyse

Introduction

En Haïti, la Noël est une célébration importante axée sur la famille, la religion et la solidarité. C'est-à-dire, on considère le temps de Noël comme une période d'événement central à la communauté, où les familles se rassemblent pour célébrer la naissance de Jésus-Christ à travers des chants et des prières, surtout à la messe de minuit le 24 décembre, la veille de la fête de Noël. Et après la messe, les familles se réunissent toujours pour un repas copieux, renforçant les liens communautaires et familiaux. Les maisons sont décorées souvent avec des lumières et parfois des fanaux (lanternes) sont réalisés par les enfants. En ce temps-là, de nombreuses actions de charité sont organisées avec des dons de repas et de cadeaux au plus démunis. Cependant, la loi est la prescription de l'autorité législative qui règle, ordonne, permet ou défend. Ou encore, règle écrite et permanente, élaborée par le parlement⁷⁹. Mais il n'existe pas d'auteurs spécifiques traitant exclusivement le temps de Noël et de la loi en Haïti, car le temps

⁷⁸ Titulaire d'une licence en Sciences juridiques obtenue à l'École de Droit et des Sciences Économiques des Cayes (EDSEC-UEH), e-mail: mikebonnet26@gmail.com

⁷⁹ Raymond Guillien et al. Lexique des termes juridiques. Italie : Tipografica varese. 07/1999.

de Noël est principalement abordé sous des aspects culturels et religieux, plutôt que juridiques.

Pourtant, l'angle juridique peut-être abordé par des juristes, tandis que des auteurs comme les évêques d'Haïti (via des messages de Noël) ou des journalistes et chroniqueurs abordent le sujet du temps de Noël dans un contexte de défis sociopolitiques. Les textes sur les jours fériés et les décrets peuvent également fournir des perspectives légales sur la situation sociale en temps de Noël en Haïti. Conformément au troisième préambule de la loi mère du pays, le peuple haïtien proclame la présente Constitution «pour établir un état stable et fort, capable de protéger les valeurs, les traditions, la souveraineté, l'indépendance et la vision nationale»⁸⁰. Alors que, malgré tous ces dispositions-là, en Haïti la situation est vraiment chaotique depuis au début de l'année 2019, les gens ne peuvent pas jouir la liberté prévue par la Constitution, ils ne peuvent pas exercer ce qu'ils ont comme mœurs et traditions dans la culture haïtienne. Et même le pouvoir judiciaire ne peut pas les aider. Au contraire, il y a des zones qu'on considère comme territoire perdu, à titre d'exemple : village de Dieu, Matissant, Carrefour-feuille, etc. Pourtant, avant 2019, il y avait des libres échanges de commerce entre les gens des provinces et ceux de la capitale (Port-au-Prince).

La société haïtienne en temps de Noël

La Noël est sans doute la fête la plus chère à l'âme populaire, la plus liée aussi à un folklore religieux, qui demeure quand la foi s'en va. Le peuple chrétien doit réagir contre l'usure de sa foi et de percer la signification d'une fête liturgique, si proche de l'âme de chacun, si riche de mystère⁸¹. La fête de Noël est bien plus qu'une simple fête chrétienne, c'est aussi un moment de réflexion sur les valeurs essentielles de l'humanité. Comme le soulignent Notis et Cheron (2025), l'organisation

⁸⁰ Assemblée constituante nationale, Constitution haïtienne amendée le 09 mai 2011. Port-au-Prince : Bibliothèque nationale d'Haïti, 28/03/1996.

⁸¹ A. HAMMAN et al. **Lettres chrétiennes** (le mystère de Noël) Bibliothèque nationale de France : dépôt légal, 01/03/2012.

sociétale en Haïti, a un fossé énorme dans des repères traditionnels et des fondements constitutionnels⁸². Cette période est marquée par les décorations festives, des chants de Noël et les fanaux, puis des repas festifs en familles et avec des amis pour fêter ensemble la Noël. Sans oublier Vieux-Chauvet (2012), qui dans ses œuvres, a abordé les coutumes religieuses, telles que les messes de minuit, qui sont centrales à la célébration de Noël et Jean Claude Charles souligne l'importance des décorations et des lumières dans les villes et villages haïtiens. Tout en respectant le droit de chacun. D'où, le fonctionnement de la société haïtienne en temps de Noël.

Le temps de Noël et la législation haïtienne

Depuis au commencement, la législation haïtienne ne réglementait pas spécifiquement les célébrations de Noël, qui étaient et sont toujours traitées comme une fête religieuse et culturelle. Mais, là où il y'a la vie en commun naissent les règles juridiques. Cette idée est assortie de l'adage latin « ***Ubi societas, ibi ius*** », c'est-à-dire, il n'existe pas de société sans Droit⁸³. Cela nous aide à dire, la loi donne l'ouverture au droit. Ce dernier est l'ensemble des règles régissant la vie en société et sanctionnées par la puissance publique, et aussi des prérogatives attribuées à un individu dans son intérêt lui permettant de jouir une chose, une valeur ou d'exiger d'autrui une prestation⁸⁴. La Constitution de 1987, ne contenait aucune disposition légale interdisant ou encadrant spécifiquement les activités en temps de Noël. Mais les jours fériés sont définis par la loi, incluant le temps de Noël. Le décret haïtien du 23 mai 1989 inclue le jour de Noël

⁸² NOTIS, Jean Peterson ; CHERON, Cibele. Os desafios da democracia no cenário político haitiano e o papel do Conselho Presidencial de Transição. (106 – 122). In : FABIO H. ; PAULO R. M.; SANTOS E. R.; (organizadores). A fragilidade da democracia: sombras do autoritarismo no século XXI. CLAEAC (2025).

⁸³ FORTIUS, Jean Osselet. L'effectivité de la décentralisation à la lumière de la constitution haïtienne de 1987 consulté le 3 décembre 2025. Mémoire (licence)-Sciences Juridiques, UPSAC-Les Cayes soutenu le 20 juin 2016.

⁸⁴ Raymond Guillien et al. Lexique des termes juridiques. Italie : Tipografica varese. 07/1999.

parmi les jours fériés, comme le vendredi Saint et la fête Dieu, témoignant de son statut de fête religieuse nationale. Il a désigné le 25 décembre (jours de Noël) aux côtés d'autres célébrations religieuses et historiques. Ainsi, chaque année pour la Noël, les représentants des différents ministères du pays adressent toujours des messages de paix et souhaitent le peuple haïtien heureuse année nouvelle, par exemple: Avant la Noël, le Ministre du Ministère des Affaires Sociales et du Travail (MAST) adresse toujours des messages au peuple, comme a fait Georges Wilbert FRANCK (2025) mentionnant:

Qu'il présente ses compliments aux employeurs des entreprises industrielles, commerciales, agricoles, des institutions à but lucratif et en profite pour rappeler l'obligation qui leur est faite de payer à leurs employés un salaire complémentaire ou boni entre le 24 et le 31 décembre de chaque année, quelle que soit la durée de l'emploi, conformément aux dispositions des articles 154, 155, 156 et suivants du Code du Travail Haïtien. Et annonce a cet effet, un corps d'Inspecteurs du Travail sera déployé sur tout le territoire national pour assurer de la pleine application desdites disposition. Puis, saisit l'occasion pour souhaiter aux employeurs et travailleurs en général un joyeux Noël 2025 et une fructueuse année 2026⁸⁵.

De la même manière, les jours fériés nationaux sont payés comme les autres jours de travail y compris le temps de Noël. Selon l'article 108 du code de travail haïtien : «Les travailleurs doivent bénéficier, sans diminution de salaire, du repos hebdomadaire, des jours fériés chômés et des jours de chômage autorisés par arrêté présidentiel, sauf s'ils sont employés pour effectuer un travail à caractère provisoire »⁸⁶. Car, l'article 109 de ce même code du travail prévoit : Les jours fériés sont de deux catégories:

a) les jours fériés chômés; b) les jours fériés non chômés.

a) Les articles 110 et 111 prévoient : « Les jours fériés chômés sont: Le 1^{er} janvier, jour de l'indépendance; le 2 janvier, jour des aïeux; le 1^{er} mai, fête nationale du travail et de l'agriculture; le 18 mai, fête du drapeau et de l'Université; le 18 novembre, commémoration de la bataille

⁸⁵FRANCK, Georges Wilbert, **Ministère des Affaires Sociales et du Travail** (communiqué). Port-au-Prince: Bureau du Ministre, le 19 /12/ 2025.

⁸⁶ SALES, Jean-Frédéric. Code du travail haïtien. Haïti,12/09/1961, <https://www.haiti-now.org>, p.27, date d'accès le 09/11/2025

de Vertières et jour des forces armées d'Haïti; le Mardi gras; le Vendredi-Saint; le 25 décembre, jour de Noël; le Lundi gras et le 2 novembre, jour de la fête des morts à partir de midi ».

b) « Les jours fériés non chômés sont: le 14 avril, jour des Amériques; la Fête-Dieu; la fête de l'Ascension; le 15 août, fête de l'Assomption; le 17 octobre, anniversaire de la mort de Jean Jacques Dessalines; le 24 octobre, jour des Nations Unies; le 1^e novembre, fête de la Toussaint. Les jours fériés non chômés pourront être déclarés chômés par arrêté présidentiel. (La constitution de 1987 a abrogé partiellement cet article) ». D'où nous allons présenter dans le tableau⁸⁷. Mais une modification récente a ajouté le 14 août (jour du Bois- Caïman et de l'Union pour la liberté) comme jour férié national, selon un décret de décembre 2024. Nouveau jour férié depuis 14 août 2025⁸⁸.

Les jours fériés chômés et religieux en Haïti

Date	Fête
1 ^{er} janvier	jour de l'indépendance
14 août	jour du Bois- Caïman et de l'Union pour la liberté
2 janvier	jour des aïeux
1 ^{er} mai	fête nationale du travail et de l'agriculture;
18 mai	fête du drapeau et de l'Université
2 novembre	jour de la fête des morts à partir de midi
18 novembre	commémoration de la bataille de Vertières et jour des forces armées d'Haïti
Février - mars (dates variables)	Lundi gras, Mardi gras, mercredi des cendres
Mars – avril (dates variables)	Jeudi Saint, vendredi Saint, dimanche Pâques
25 décembre	jour de Noël

Sources : Code du travail haïtien, <https://www.haiti-now.org>, art.108, consulté le 09 novembre 2025

⁸⁷ SALÈS Jean-Frédéric. Code du travail haïtien, Haïti, 12 /09/ 1961. Disponible sur : <https://www.haiti-now.org>, date d'accès le 09/11/ 2025

⁸⁸. VOLMAR, Philippe Junior. **Nouveaux jours fériés en Haïti** : entre **mémoire** collective et patrimoine historique. Ce qui change avec le **décret de décembre 2024**. Cabinet VOLMAR Delmas 19-Haïti. Publié le 29/12/ 2024. **Disponible** sur : <https://hdticabinetvolmar.com/fr/code du travail mise à jour/>. Date d'accès : le 05/12/2025.

Les jours fériés non chômés

Date	Fête
14 avril	jour des Amériques
	la Fête-Dieu
	la fête de l'Ascension
15 août,	fête de l'Assomption
17 octobre,	anniversaire de la mort de J.-J. Dessalines
24 octobre	jour des Nations Unies
1er novembre,	fête de la Toussaint

Sources : Code du travail haïtien, <https://oig.cepal.org>, art.108, consulté le 09 novembre 2025

Les tableaux ci-dessus résument les jours fériés chômés et non fériés en Haïti.

Les obstacles liés au bon fonctionnement de la société haïtienne en temps de Noël durant la période 2019-2025

La société haïtienne (2019-2025) évolue toujours avec des tendances de décoration en temps de Noël, qui se fait avec des matériaux naturels et rustiques comme le lin et l'osier, la mise en avant de matières somptueuses comme le velours et l'utilisation de métaux patinés comme le cuivre et le laiton. La fête de Noël elle-même est célébrée le 25 décembre de chaque année pour marquer la naissance de Jésus-Christ, avec de nombreuses traditions culturelles et religieuses observées dans le monde. Comme des gens témoignent dans les années 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024 et 2025.

Mais durant ces périodes de temps-là, il y a certaines modernisations dans les décorations traditionnelles avec des fleurs artificielles fabriquées par des artistes comme art-floral. Mais, Haïti est marquée par des profondes crises sociales, telles que : l'instabilité politique ; Il y'a des obstacles sur le plan économique ; Des obstacles sur le plan sécuritaire empêchant les messes de minuit et d'autres manières de fonctionnement de la société ; Manque d'accès aux services de base ; Inapplication de la loi ; Absence de la loi ; Inapplicabilité de la loi ; etc. Sur le plan législatif, la Constitution haïtienne garantit tous ces droits fondamentaux. Mais la mise en œuvre de ces difficultés créant une

situation sociale précaire pour la majorité de la population en temps de Noël. Majorité des haïtiens vivent dans des conditions très difficiles. La période de Noël, traditionnellement synonyme de festivités, devient une période de détresse accrue pour beaucoup des gens.

Bien qu'il y'a des textes de lois qui sont adoptés en vue de garantir le droit à la sécurité et la liberté individuelle en Haïti, tels que: l'article 19 de la Constitution haïtienne de 1987 amendée le 09 mai 2011, prévoit « l'Etat a l'impérieuse obligation de garantir le droit à la vie, à la santé, au respect de la personne humaine, à tous les citoyens sans distinction, conformément à la déclaration universelle des droits de l'homme ». La crise de l'insécurité, notamment la montée des gangs, a entraîné des déplacements massifs de la population, rendant la vie quotidienne plus précaire et les rassemblements familiaux difficiles. Le taux de chômage est élevé et l'économie du pays ne parvient pas à créer suffisamment d'emplois pour la population active. L'offre de formation technique et professionnelle est également limitée et peu adaptée. La situation humanitaire est désastreuse avec de nombreux cas de malnutrition et d'accès limité à des soins de santé qui sont exacerbés pendant la fête de Noël. Pourtant, la Constitution haïtienne de 1987 consacre tous ces droits-là. Alors que, les lois ne sont pas appliquées de manière effective face aux faiblesses socio-économiques du pays. Mais quand même, il y'a des gens qui s'appuient toujours les uns sur les autres pour faire face à ces obstacles en temps de Noël.

Perspectives pour un fonctionnement efficace de la société haïtienne en temps de Noël

Dans un pays comme Haïti, où la fête de Noël demeure l'une des plus prestigieuses fêtes traditionnelles. Après avoir identifié des problèmes empêchant le bon fonctionnement de la société en temps de fête, nous avons fait quelques propositions pour un meilleur fonctionnement de cette société spécifiquement en temps de Noël, telles que: Incarcérer les gangs criminels ; Relancer la production nationale ; Application de la loi ; Légiférer sur des nouvelles lois ayant rapports

spécifiquement avec le fonctionnement de la société en temps de Noël ; Rendre accessible les services de bases (éducation, santé, l'eau potable, électricité) pour une résolution totale des problèmes identifiés.

Méthodologie de la recherche et outils de collecte des données

Par définition, la méthodologie est l'ensemble des méthodes et techniques qui orientent l'élaboration d'une recherche et qui guident la démarche scientifique. Selon son étymologie grecque : elle indique le chemin (odos) qui mène à la science (logos)⁸⁹. Le cadre méthodologique de notre travail est centré sur les causes du mauvais fonctionnement de la société haïtienne. Pour arriver à comprendre cette situation, notre démarche se tourne beaucoup plus vers une construction du savoir qui se réalise *apriori* pour éviter d'éventuels biais que vers la découverte d'un savoir guidé qui peut probablement perdre son essence dans les tuyaux qui guident sa quête et son analyse. Donc, notre travail de recherche est le fruit de la méthode qualitative. Cela veut dire que, notre travail s'inscrit dans un cadre épistémologique constructiviste. Pour parvenir à la collecte des données, nous avons réalisé des entretiens semi-directifs, à la recherche documentaire et questionné directement des personnes concernées pour avoir des informations précises, concernant la situation de la société haïtienne en temps de Noël au regard de la loi en Haïti.

Conclusion

En guise de conclusion, la loi est l'un des éléments indispensables dans toutes les sociétés en temps de fête comme la Noël, en particulier dans la société haïtienne, pour que la fête soit toujours belle et réussite. Comme étant la fête de la naissance de Jésus-Christ, est à la fois un moment de réjouissance et de réflexion. Sans oublier la musique, qu'on

⁸⁹ RIGAUD, Jean Ronald. Exposé de la méthodologie du mémoire en Droit, éditions des Antilles S.A. Port-au-Prince – Haïti : 2011

considère comme une partie très importante lors de la célébration avec des chants de Noël traditionnels. La Noël est une période de générosité, où les haïtiens partagent avec leurs voisins et des personnes dans le besoin, même lorsqu'ils ont peu. Souvent, des organisations caritatives et des églises organisent des distributions de nourriture et de cadeaux pour les plus démunis. Des événements comme des repas collectifs sont organisés pour que tout le monde puisse participer à la fête. Ensuite, une évolution des jours fériés, marquée par l'équilibre entre tradition et histoire, par exemple: Le décret de 1989, avec sa liste restreinte, s'appuyait principalement sur des célébrations religieuses (Vendredi Saint, Fête-Dieu, Noël) et une seule date historique (17 octobre). En revanche, le décret de 2024 introduit de nouvelles commémorations, notamment :

- 14 août, célébrant le Bois-Caïman, symbole de l'union pour la liberté ;
- 20 septembre, un nouveau jour dédié à Dessalines, en complément du 17 octobre ;

Ces ajouts reflètent une volonté de renforcer l'identité nationale et de diversifier les journées commémoratives. Toutefois, l'augmentation du nombre de jours fériés pourrait poser des défis économiques, notamment pour les entreprises, en termes de productivité et d'organisation. En somme, la loi représente l'équilibre entre la préservation du patrimoine culturelle et la reconnaissance des jalons historiques qui fondent l'identité nationale haïtienne⁹⁰. Bref, Parmi les premières législations, figurait la loi du 13 juillet 1926, modifiée par celle du 17 juillet 1931, qui définissait les jours fériés. En 1961, le Code du travail a cherché à unifier ces lois, mais sans détaillé précisément les jours fériés y compris le temps de Noël qui est un moment important dans la société haïtienne même dans les moments les plus difficiles.

⁹⁰ VOLMAR, *Philippe Junior*. Nouveaux jours fériés en Haïti : entre mémoire collective et patrimoine historique. Ce qui change avec le décret de décembre 2024. Cabinet VOLMAR Delmas 19-Haïti. Publié le 29/12/ 2024. Disponible sur : <https://hdticabinetvolmar.com/fr/code du travail mise à jour/>. Date d'accès : le 05/12/2025.

Reference

Assemblée constituante nationale, Constitution haïtienne amendée le 09 mai 2011. Port-au-Prince : Bibliothèque nationale d'Haïti, 28/03/1996.

FABIO Hoffmann, PAULO Roberto dos Santos Mendonça, EVERTON Rodrigo Santos. A fragilidade da democracia: sombras do autoritarismo no século XXI. P.106 à 122 In : Os desafios da democracia no cenário político haitiano e o papel do Conselho Presidencial de Transição. P.109.

FORTIUS, Jean Osselet. L'effectivité de la décentralisation à la lumière de la constitution haïtienne de 1987. Consulté le 3 décembre 2025. Mémoire (licence)- Sciences Juridiques, UPSAC-Les Cayes soutenu le 20 juin 2016.

FRANCK, Georges Wilbert, **Ministère des Affaires Sociales et du Travail** (communiqué). Port-au-Prince: Bureau du Ministre, le 19 /12/ 2025.

NOTIS, Jean Peterson ; CHERON, Cibele. Os desafios da democracia no cenário político haitiano e o papel do Conselho Presidencial de Transição. (106 – 122). In : FABIO H. ; PAULO R. M.; SANTOS E. R.; (organizadores). A fragilidade da democracia: sombras do autoritarismo no século XXI. CLAECE (2025).

RAYMOND Guillien et al. Lexique des termes juridiques. Italie : Tipografica varese. 07/1999.

RIGAUD, Jean Ronald. Exposé de la méthodologie du mémoire en Droit, éditions des Antilles S.A. Port-au-Prince – Haïti : 2011.

SALÈS Jean-Frédéric. Code du travail haïtien, Haïti, 12 /09/ 1961. Disponible sur : <https://www.haiti-now.org>, date d'accès le 09/11/ 2025

VOLMAR, Philippe Junior. Nouveaux jours fériés en Haïti : entre mémoire collective et patrimoine historique. Ce qui change avec le décret de décembre 2024. Cabinet VOLMAR Dèlmas 19-Haïti. Publié le 29/12/2024. Disponible sur : <https://hdtcabinetvolmar.com/fr/code-du-travail-mise-a-jour/>. Date d'accès : le 05/12/2025.

Memorias sensoriales y reinversiones rituales de una migrante venezolana entre Alemania y Polonia

ROVIMAR SERRANO GÓMEZ⁹¹

Resumen: Se discute la Navidad como patrimonio inmaterial en movimiento, mediante una autoetnografía de inspiración fenomenológica basada en un diario multimodal (texto, fotografías, videollamadas, audios) y en una colección de objetos/artefactos (pesebre, adornos, tarjetas, calendarios de adviento) producidos y/o adquiridos entre Venezuela y Europa (2019–2024). Se analiza cómo saberes-hacer culinarios y rituales domésticos navideños se reconfiguran en la migración, activando memorias sensoriales y redes de cuidado y pertenencia. Los resultados muestran: (1) hibridaciones gastronómicas y musicales que actualizan patrimonios afectivos; (2) mediaciones digitales que conforman “mesas” transnacionales; (3) desplazamientos temporales (husos, calendarios, Adviento) que reordenan ritmos familiares; (4) feminización del trabajo de cuidado en la organización festiva; y (5) tensiones entre nostalgia, acogida y extrañamiento que producen nuevas territorialidades íntimas. Desde esta vivencia, la celebración navideña se concibe como práctica patrimonial viva donde lo material e inmaterial entrelazan memorias y abren espacios de convivencia más allá de las fronteras.

Palabras clave: migración; memoria; patrimonio inmaterial; Navidad; autoetnografía.

Introducción

La primera Nochebuena lejos de Venezuela me enseñó que la Navidad significa más que un día en el calendario, pues de inmediato mi memoria se activó con un andamiaje de olores, sabores y sonidos; un cúmulo de recuerdos que revela la capacidad del sujeto migrante para reconstruir su nación a escala doméstica, demostrando que la “patria”, además de ser un territorio soberano, es un conjunto de saberes y haceres que se llevan a cuestas y se reinventan frente a la extrañeza del otro.

Desde que mi existencia se encuentra entre Alemania y Polonia en 2019, habitando la cotidianidad en ciudades como Heidelberg, Neckargemünd y Brzeg, comprendí que los rituales domésticos navideños, desde la cocina hasta la materialidad del pesebre portátil,

⁹¹ Profesora jubilada de la Universidad Pedagógica Experimental Libertador, Instituto Pedagógico de Caracas, Venezuela. Investigadora en cultura, arte, educación y tecnología educativa. Correo electrónico: rovimar.serrano.ipc@upel.edu.ve.

constituyen anclas fundamentales para sostener una territorialidad afectiva en contextos de vida transnacional.

Como sugiere la teoría de la memoria colectiva, los recuerdos se evocan y se reubican en marcos sociales, más que vivir en solitario (Halbwachs, 2004); y se encarnan en prácticas que repetimos en nuestra cotidianidad, en actuaciones rituales que sedimentan lo que recordamos (Connerton, 1989). Desde esa vivencia, la Navidad se configura como patrimonio inmaterial en movimiento, en consonancia con la perspectiva de la UNESCO (2003), donde lo que importa no es “el objeto” en sí, sino los saberes y destrezas que se transmiten y recrean.

Este capítulo de libro pretende seguir esa trama desde una autoetnografía de inspiración fenomenológica, un diario multimodal, que incluye texto, fotografías, capturas de chats y videollamadas, audios, recetas y un archivo doméstico de objetos, elaborado entre Caracas, Guarenas, Heidelberg, Neckargemünd y Brzeg.⁹² En lugar de cerrar con definiciones, busco describir densamente escenas que hagan visible cómo los rituales se rehacen en tránsito. En este marco, me propongo explorar de qué modo los saberes-hacer culinarios y los rituales domésticos (montaje del pesebre, cantos, intercambio de regalos, preparación de la cena) se reconfiguran en la migración, activando memorias sensoriales y redes de cuidado y pertenencia.

La pregunta orientadora que guía el manuscrito es: ¿cómo se rearticulan esos saberes y rituales, mediados hoy por pantallas y desplazamientos de lengua y de tiempo, en la experiencia migrante, y qué comprensiones fenomenológicas se abren al describir su darse? A lo largo del texto, se muestran hibridaciones gastronómicas y musicales que actualizan patrimonios afectivos; mediaciones digitales (*WhatsApp*, videollamadas) que componen “mesas” transnacionales; desplazamientos lingüísticos y temporales (husos, calendarios, Adviento) que reordenan

⁹² Caracas y Guarenas, en Venezuela, forman parte de mi trayectoria vital: la primera asociada al ámbito laboral y la segunda al hogar materno y a la crianza. Heidelberg y Neckargemünd, en Alemania, se vinculan con mi experiencia formativa y cotidiana, mientras que Brzeg, en Polonia, remite al espacio familiar de mi esposo y a gran parte de las celebraciones navideñas compartidas.

ritmos familiares; la feminización del trabajo de cuidado en la organización de las fiestas; y tensiones entre nostalgia, acogida y extrañamiento que configuran nuevas territorialidades íntimas. Más que concluir, estas escenas invitan a pensar la Navidad como un tejido material-inmaterial que, al rehacerse en el exilio, hace hogar más allá de las fronteras.

Los recuerdos entre el gusto y el olfato

Entrar en los predios de la nochebuena implica la organización o preparación de ese escenario simbólico propio de la fecha; y encontrarme en una cocina de un apartamento en Heidelberg o en la quietud invernal de Brzeg, para tratar de evocar los sabores de la cena navideña venezolana, con la hallaca y el pan de jamón, deja de ser una tarea doméstica para convertirse en un laboratorio de la memoria. Como sostiene C. Nadia Seremetakis (1993), los sentidos son más que meros receptores biológicos, ya que se configuran como archivos históricos y culturales. Para el migrante, el gusto y el olfato operan como ese dispositivo que colapsa la distancia geográfica: el aroma de ciertos productos que se pueden conseguir aquí (aceitunas, alcaparras, pasas, cebollín) que son parte esencial de la sazón navideña venezolana evoca mi terruño y se hace presente en esta nueva territorialidad.

Es así como Seremetakis define la memoria sensorial como una forma de *aisthēsis*, donde la percepción constituye un acto de implicación con la cultura material. En este sentido, el "guiso" de la hallaca funciona como una cápsula del tiempo. Al inhalar su aroma en el eje Alemania-Polonia, se activa en mí una territorialidad íntima que desafía, a escala continental, los límites del mapa geopolítico. El sentido del olfato, por su conexión directa con el sistema límbico, actúa como el puente más corto hacia la identidad, permitiendo que en mi condición de migrante venezolana recupere una "continuidad del ser" en medio de la fractura del exilio.

Esta experiencia puede comprenderse mejor a la luz de lo que Seremetakis (1993) plantea acerca de la memoria sensorial como una forma de almacenamiento en la que experiencias, personas y materialidades quedan encarnadas y preservadas en soportes de alteridad. Desde esta perspectiva, el despertar de los sentidos entraña también el despertar de una memoria tangible, pues recordar supone una activación sensorial mediada por la sustancia. De allí que prácticas cotidianas como la preparación y transmisión de los alimentos permitan que la memoria se inscriba en la materia compartida, haciendo posible que las sustancias circulen no solo entre los cuerpos, sino también en el seno de una memoria social que es, en esencia, sensorial.

Sin embargo, esta recuperación no es pura ni estática; está marcada por la hibridación cultural. Es allí donde recordamos a Néstor García Canclini (1990), quien nos indica que la hibridación surge de procesos socioculturales donde prácticas discretas se combinan para generar nuevas formas. La mesa navideña que configuro entre Alemania y Polonia es un testimonio de esta síntesis. Por ejemplo la hallaca y el pan de jamón, ya de por sí productos de una hibridación colonial, y entran ahora en un diálogo transnacional que se une con el *pierogi*¹ polaco de col y setas o la carpa frita. Del lado alemán, aparece el ganso asado (*Gänsebraten*⁹³) o la pata de pato al horno (*Entenkeule*⁹⁴), con col roja estofada (*Rotkohl*⁹⁵) y bollos de papa (*Klöße/Kartoffelknödel*⁹⁶) y regalos de figuras de chocolate con motivos navideños (ver figura 1)

⁹³ *Gänsebraten*: ganso asado, plato tradicional de la cocina alemana que suele servirse en celebraciones navideñas.

⁹⁴ *Entenkeule*: muslo de pato asado u horneado, preparación característica de las comidas festivas en Alemania.

⁹⁵ *Rotkohl*: col roja estofada, guarnición tradicional de la cocina alemana, frecuente en las comidas navideñas

⁹⁶ *Klöße / Kartoffelknödel*: preparación elaborada a base de papa, en forma de bollo, que suele acompañar carnes y platos tradicionales de la cocina alemana.



FIGURA 1 – Figuras de chocolate con iconografía navideña presentes en la celebración de Navidad de 2019.

Fuente: Fotografía de la autora, 2019.

Esta intersección no debe leerse como una pérdida de autenticidad, pues prevalece una reconfiguración creativa del patrimonio. Como argumenta Canclini, en la globalización las identidades se vuelven "des-territorializadas" y se reubican en nuevos circuitos. Cuando incorporo el pan especiado (*Lebkuchen*⁹⁷) alemán o las galletas decoradas en la liturgia del 24 de diciembre, estoy ejerciendo una interculturalidad crítica (Walsh, 2010). El gusto se vuelve entonces un espacio de negociación donde se saborean platillos y se agradece la hospitalidad europea.

Un pesebre en itinerância

Si la cocina es el laboratorio del aroma, el pesebre es el ancla de la espacialidad; el pesebre venezolano, tradicionalmente expansivo y

⁹⁷ *Lebkuchen*: galleta de especias típica de la tradición navideña alemana.

comunitario. En mi caso (ver figura 2) se ve obligado en la migración a una síntesis simbólica: ahora viaja en una caja. Cuatro figuras: San José, la Virgen María, el niño Jesús y una mula en su pesebre constituyen la estructura básica de este patrimonio portátil, figuras que simbolizan un núcleo mínimo de parentesco y cuidado: José como amparo y trayecto, María como matriz y abrigo, el Niño como promesa y fragilidad compartida, y la mula, con el pesebre, como trabajo, refugio y calor doméstico. En la itinerancia entre Heidelberg, Neckargemünd y Brzeg, la colocación de mi pesebre viene a ser una epifanía ritual; y en cada diciembre, decidir dónde ponerlo (repisa, ventana, mesa) abre una conversación, delimita un adentro en un afuera desconocido y reactiva ese gesto heredado.



FIGURA 2 – Pesebre itinerante utilizado en la celebración navideña en contexto migratorio

Fuente: Fotografía de la autora, 2025.

Como advierte Paul Connerton (1989), la memoria social se sedimenta en "actuaciones corporales". Al elegir dónde colocar el pesebre en un apartamento alemán o polaco, se activa una conversación que

negocia el espacio: ¿dónde ponerlo?, ¿qué gesto lo activa? Este ejercicio de bricolaje festivo, entendido en el sentido de Lévi-Strauss (1997) como la capacidad de crear con "lo que se tiene a mano", permite que el rito se concentre. Lo material soporta lo inmaterial: el objeto organiza el gesto de las manos, y ese gesto encarna la memoria de todos los pesebres montados anteriormente en Venezuela. Aquí, el patrimonio se recrea en una clave situada (UNESCO, 2003), donde la escasez de espacio físico se compensa con una densidad de significado afectivo.

Esta voluntad de "hacer mundo" a través de las manos se expandió durante mi estancia en Alemania, específicamente a través de la adquisición de calendarios de adviento, y la elaboración de tarjetas postales navideñas (Figura 3). En el contexto germano, donde la cultura del papel, la papelería y el envío postal conserva un valor ritual de cercanía, mi identidad como docente y artesana juguetera encontró un nuevo canal de expresión. El *basteln*⁹⁸ (el hacer manualidades o bricolaje alemán) se fusionó con la necesidad de sostener los vínculos transnacionales.

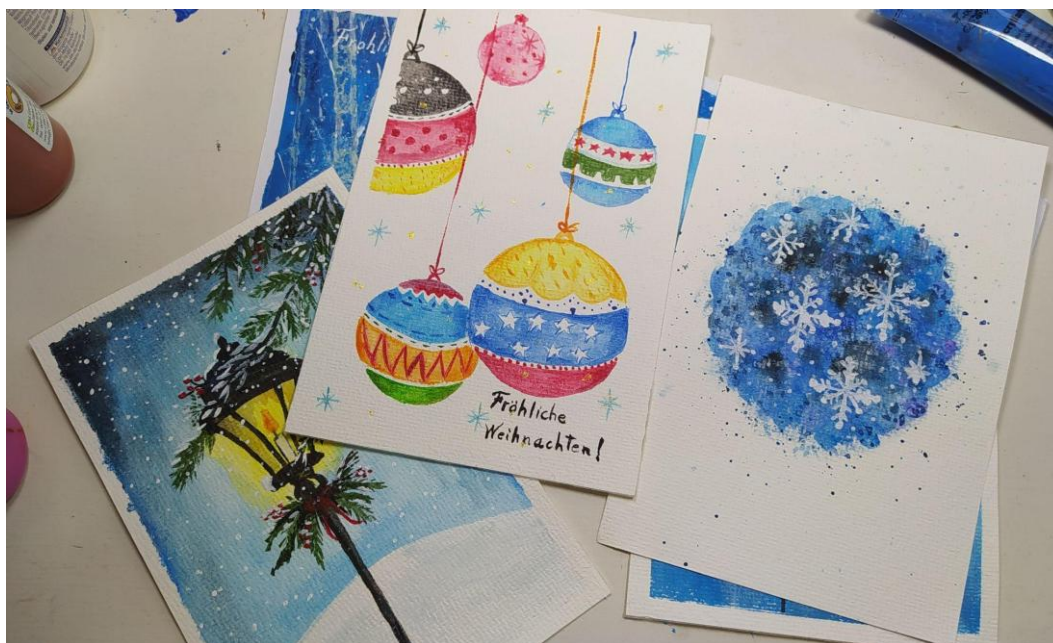


FIGURA 3 – Elaboración de tarjetas navideñas como práctica creativa vinculada a la celebración decembrina.

Fuente: Fotografía de la autora, 2020.

⁹⁸ *Basteln*: actividad de crear o ensamblar objetos de forma manual, generalmente con materiales sencillos o disponibles en el entorno inmediato.

La creación de estas tarjetas, utilizando técnicas de pintura en acrílico, permitió extender ese sentimiento por compartir y regalar algo elaborado por mí, además de incorporar esa práctica de enviar postales por correo; fue una adopción de una costumbre local, que aumentaba la estrategia intercultural al utilizar el soporte de la postal alemana para comunicar la calidez de mis deseos navideños de paz, unión y fraternidad.

Esta apuesta por la dimensión física de los afectos encuentra sustento en la premisa de Daniel Miller (2010), quien afirma que “la mejor manera de comprender, transmitir y apreciar nuestra humanidad es a través de la atención a nuestra materialidad fundamental (P. 11) Bajo esta luz, tanto el pesebre que sale de la caja, como la postal que entra en el buzón demuestran que el patrimonio inmaterial en movimiento, requiere de soportes físicos mínimos pero potentes. El objeto (las figuras de plástico, el papel de la tarjeta) se convierten en los mediadores que permiten que el afecto atravesase las fronteras. En este "hacer" manual, yo como migrante recupero la agencialidad sobre mi propia historia, transformando la nostalgia en un objeto tangible que puede ser compartido, tocado y enviado, configurando así lo que hemos denominado una territorialidad íntima y portátil.

Mediaciones digitales y la ubicuidad del afecto

En el contexto de la migración contemporánea, la mesa navideña ya no está limitada por las cuatro paredes de un comedor en Europa; se expande a través de bits y pantallas, configurando lo que denomino una "mesa transnacional". Si bien la distancia física es innegable, la mediación tecnológica permite una sincronía ritual que mitiga el aislamiento. Como señalan Madianou y Miller (2012), habitamos una era de polimedia, donde la elección de la plataforma (una videollamada por *WhatsApp*, un audio de *Telegram*, un video en *Youtube*) constituye en sí misma un gesto de cuidado y una forma de gestionar la distancia emocional.

En este sentido, Madianou y Miller (2012) sostienen que la separación derivada de la migración ha transformado profundamente las formas de cuidado entre padres e hijos, gracias al uso de medios digitales como el correo electrónico, la mensajería instantánea, las redes sociales, la cámara web y los mensajes de texto. Estas tecnologías permiten sostener interacciones frecuentes y prolongadas, de modo que una madre migrante puede comunicarse varias veces al día con los hijos que permanecen en el país de origen y generar, a través de ello, una sensación de copresencia (MADIANOU; MILLER, 2012, P. 2).

Es así que en mis diarios multimodales, el teléfono móvil deja de ser un objeto de consumo para convertirse en un comensal más y durante la Nochebuena, el dispositivo lo coloco estratégicamente sobre la mesa, permitiendo que el sonido de las gaitas y villancicos de Venezuela se mezcle con el silencio de la nieve europea. Esta "copresencia ambiental" permite que los familiares, aunque separados por miles de kilómetros y distintos husos horarios, compartan el momento de la bendición, el brindis o el "abrir los regalos". Se consolida entonces la construcción de un tercer espacio digital donde el ritual se unifica.

Esta mediación transforma la experiencia del tiempo y el espacio. Mientras en Europa son las doce de la noche, en Caracas apenas cae la tarde, pero la pantalla colapsa esa brecha. En este escenario, el grupo de *WhatsApp* familiar funciona como un archivo vivo de la celebración: capturas de pantalla de las videollamadas, fotos del plato servido en cada país y audios con deseos de prosperidad se entrelazan para formar un tejido de pertenencia. La "mesa transnacional" es, por tanto, una respuesta creativa al desarraigo, es una forma de asegurar que, a pesar de la fractura geográfica, el banquete de la identidad siga siendo un evento compartido y colectivo.

El papel de la mujer

La continuidad del patrimonio navideño en la diáspora se sostiene en una logística del afecto que, en la práctica, recae mayormente sobre

las mujeres. En mi estancia europea he observado que la mesa transnacional y los saberes culinarios persisten gracias a una doble gestión: material (compras, sustituciones, envíos, montaje del pesebre) y emocional (contener el duelo migratorio, coordinar husos horarios y animar a la familia). Por ejemplo, esa gestión adopta una forma muy concreta cuando mi madre, desde Guarenas⁹⁹, en Venezuela, me dicta por videollamada las recetas y me corrige en tiempo real hasta dar con la sazón venezolana. Este “doble frente” dialoga con la “segunda jornada” y la “labor emocional” de Arlie R. Hochschild cuando señala que además del trabajo remunerado, muchas mujeres administran reglas de sentimiento que mantienen la armonía en contextos de distancia (2000). Cuando esa administración atraviesa fronteras, se vuelve transnacional y se inscribe en lo que la autora llamó cadenas globales de cuidado. Para Orozco (2007), “la conformación de las cadenas globales de cuidados es uno de los fenómenos más paradigmáticos del actual proceso de feminización de las migraciones en el contexto de la globalización y la transformación de los estados del bienestar” (P. 4).

Entre la nostalgia, la acogida y el extrañamiento

La Navidad en migración se vive y coexiste con la nostalgia por el hogar de origen, la acogida en el lugar de llegada y el extrañamiento que recuerda las distancias. Estas fuerzas producen territorialidades íntimas, un espacio mínimo, practicado y afectivo donde el hogar se fabrica más, que se posee, existe una necesidad imperiosa por tener a la familia cerca. Con García Canclini podemos leer esa coexistencia como una estrategia de hibridación (1990), se está bajo la presencia de una mezcla de idiomas, prácticas y sentidos que van a permitir hacer continuidades en contextos de ruptura. La mesa navideña, el pesebre y las mediaciones digitales

⁹⁹ *Guarenas* es una ciudad del estado Miranda, en Venezuela, cercana a Caracas y tradicionalmente reconocida como ciudad dormitorio por su estrecha vinculación cotidiana con la capital. Allí vive mi madre y allí transcurrió mi crianza; por ello, constituye un referente fundamental de mi memoria familiar y navideña.

operan como interfaces híbridas donde tradiciones venezolanas y mundos centroeuropeos negocian su convivencia.

En ese momento extraño el olor del guiso de hallaca y de las hojas de plátano al vapor, mi función en ese ritual de hacer la hallaca, de niña me tocaba cortar el “pabito”, luego pasé a lavar las hojas, cortar los vegetales y recientemente a armar las hallacas y amarrarlas; extraño el sabor del pan de jamón, el ponche crema y los dulces de lechosa de mi mamá. Echo de menos las gaitas y villancicos, los cohetes, la risa de los vecinos, la misa de gallo y el abrazo múltiple de medianoche. Extraño el pesebre grande armado en la sala, las lucecitas de colores, “estrenar” ropa, comer hallacas tres veces al día. Me falta el clima tibio de diciembre, el cielo brillante, los mercados bulliciosos y sobre todo, la cercanía física de mi mamá y mi familia.

Como ha señalado Seremetakis, el extrañamiento irrumpe cuando el rito pierde sus anclajes sensoriales, que se expresan a través de olores, sabores, texturas, sonoridades, y donde la memoria no encuentra sus soportes materiales. En ese escenario, la hibridación es una estrategia de supervivencia y continuidad, me apoyo en los medios tecnológicos para estar cerca, se reajustan tiempos para que el rito acontezca, se sustituyen ingredientes, se traducen gestos, emotividades. Al final, estas territorialidades íntimas muestran el carácter resiliente del patrimonio inmaterial; nuestra “propiedad” más móvil, capaz de reterritorializar el hogar donde estemos y, con García Canclini, enseñarnos a “entrar y salir” de la modernidad y de los contextos culturales, rearticulando identidades para habitar la diversidad de este mundo.

A modo de cierre

A través de este recorrido autoetnográfico se hace evidente que el patrimonio inmaterial constituye un flujo de sentidos que viaja y se recrea en la materialidad de una postal, en el aroma de las recetas guiadas por videollamada y en el esfuerzo invisible de quienes sostienen los vínculos, y todo esto es más que un conjunto estático de tradiciones. La Navidad

en la diáspora deja de ser una fecha en el calendario para convertirse en un ejercicio de soberanía afectiva, donde se generan acciones creativas frente a la fractura o el duelo por la migración. Es una especie de umbral festivo donde el hogar se rehace con objetos mínimos, lenguas mezcladas y tiempos desfasados, produciendo territorialidades íntimas donde el “aquí” convive con el “allá”.

Referencias

CONNERTON, Paul. *How Societies Remember*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 1989. Disponible en: <https://hemisphericinstitute.org/images/courses/spring-2009/connerton.pdf>. Acceso el: 20 enero. 2026.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas: estrategias para entrar y salir de la modernidad*. Ciudad de México: Grijalbo, 1990.

HALBWACHS, Maurice. *La memoria colectiva*. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2004.

HOCHSCHILD, Arlie Russell. *Global Care Chains and Emotional Surplus Value*. In: HUTTON, W.; GIDDENS, A. (eds). *On The Edge: Living with Global Capitalism*. London: Jonathan Cape, 2000.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *El pensamiento salvaje*. México: Fondo de Cultura Económica, 1997. Disponible en: https://ses.unam.mx/docencia/2018I/Levi-Strauss1997_ElPensamientoSalvaje.pdf. Acceso en: 23 abr. 2026.

MADIANOU, Mirca; MILLER, Daniel. *Migration and New Media: Transnational Families and Polymedia*. London: Routledge, 2012. Disponible en: <https://doi.org/10.4324/9780203154236>. Acceso el: 21 enero 2026.

MILLER, Daniel. *Stuff*. Cambridge, UK: Polity Press, 2010. Disponible en: <https://drive.google.com/file/d/1mIlwI2wpKExWsHmzoDyt2N-t7hdleLLu/view?usp=sharing>. Acceso el: 21 enero 2026.

OROZCO, Amaia. *Cadenas globales de cuidado*. Documento de trabajo 2, Serie Género, Migración y Desarrollo. Santo Domingo: Instituto Internacional de Investigaciones y Capacitación de las Naciones Unidas para la Promoción de la Mujer (INSTRAW), 2007.

SEREMETAKIS, C. Nadia. *The Memory of the Senses: Historical Perception, Commensal Exchange and Modernity*. *Visual Anthropology Review*, v. 9, n. 2, p. 2-18, 1993. DOI: 10.1525/var.1993.9.2.2.

Disponible en: <https://doi.org/10.1525/var.1993.9.2.2>. Acceso el: 21 enero. 2026.

UNESCO. Convención para la Salvaguardia del Patrimonio Cultural Inmaterial. París, 2003. Disponible en: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000132540_spa. Acceso el: 18 diciembre 2025.

WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica y educación intercultural. In: VIAÑA, Jorge; TAPIA, Luis; WALSH, Catherine. Construyendo Interculturalidad Crítica. La Paz: Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, 2010.

A folia de reis do “Anunciando Rei Messias” de Maringá-PR

ANA PAULA DOS SANTOS COELHO¹⁰⁰

Resumo : A folia de reis é uma manifestação cultural que existe no Brasil desde o século XVI, vinda da Península Ibérica. Ela acontece entre o Natal e o Dia de Reis e celebra a viagem dos três reis magos até o local de nascimento do menino Jesus, guiados pela estrela de Belém. Durante esse período os foliões percorrem as casas das comunidades cantando músicas religiosas e populares que narram a história dos reis magos e pedem bençãos às famílias. Nesse percurso são levadas bandeiras dos devotos, enquanto palhaços, conhecidos como Bastiões, trazem humor e proteção ao trajeto. O encerramento acontece no dia 6 de janeiro, onde há uma celebração para encerrar o ciclo. Em Maringá, no Paraná, existe o grupo "Anunciando Rei Messias", neste trabalho irei mostrar como essa tradição foi passada de geração para geração e quais os preparativos para a festa do ano de 2025.

Palavras-chave: folia de reis; Paraná; cultura popular; natal; Maringá.

Introdução

A cultura popular brasileira tem como principal característica a influência de costumes dos imigrantes e povos originários, criando com o tempo uma mistura que se torna única. A Folia de Reis é exemplo disso, vinda da Península Ibérica¹⁰¹ na época da colonização do Brasil. Ocorre logo após o Natal e celebra a visita dos três Reis Magos ao menino Jesus, se tornou uma importante celebração realizada até hoje e que mistura música, devoção, humor, a hospitalidade e vínculo social.

O presente texto nasce do interesse pela Folia de Reis, após ter contato com a pesquisadora Lia Marchi, que trabalha com Cultura Popular. Ela já lançou livro¹⁰² sobre a Folia de Reis do norte do Paraná

¹⁰⁰ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Estadual do Paraná- UNESPAR. Graduada em Jornalismo pela Universidade Tuiuti do Paraná. Bolsista CAPES. E-mail: anapauladosantoscoelho@gmail.com.

¹⁰¹ A Península Ibérica é a região da Europa onde estão Portugal e Espanha, formando uma grande extensão de terra cercada por mares e oceanos.

¹⁰²Disponível em <https://www.gov.br/mda/pt-br/acervo-nucleo-de-estudos-agrarios/nead-outras-publicacoes-1/10-folias-do-norte-do-parana.pdf>. Acesso em 28 de dezembro de 2025.

em 2012 e através de seu evento "Encontro de Tradições"¹⁰³ teve o conhecimento do grupo "Anunciando Rei Messias" de Maringá, como um dos grupos ativos no Paraná.

É importante abordarmos esse tema porque existem poucas pesquisas atuais sobre o assunto na região de Maringá. Sendo uma manifestação cultural antiga que existe no Brasil desde o século XVI, a transmissão para as novas gerações é um trabalho que envolve a comunidade, o interesse e o sentimento de pertencimento das pessoas.

A importância não reside nas distinções que os indivíduos possam estabelecer entre quem canta utilizando terça maior, isto é, um intervalo de quatro semitons associado a uma sonoridade mais aberta e brilhante, ou terça menor, caracterizada por um intervalo de três semitons e uma sonoridade mais fechada e melancólica, mas antes para como a música encaixa na sociedade como faz parte dos fenômenos existentes da vida, e como ela é organizada conceitualmente pelo povo que a usa e a organiza (Merriam, 1964).

Neste artigo será mostrado a origem da prática da folia de reis com dados históricos até chegar a atualidade, através de entrevista, para mostrar como foi o processo de preparação para a folia de 2025. Para isso foi realizada uma entrevista on-line, em 10 de novembro, com Jhonathan Viana, embaixador do grupo desde sua fundação, em 2018, com o objetivo de conhecer a história da companhia e compreender como se encontram os preparativos para a folia neste ano. A entrevista foi realizada de forma semiestruturada. As respostas foram registradas por meio de anotações durante e após a entrevista, não havendo transcrição literal das falas. As informações apresentadas no artigo correspondem a citações indiretas, preservando o sentido dos relatos do participante.

¹⁰³ Disponível em <http://www.encontrodetradicoes.com.br/>. Acesso em 29 de janeiro de 2026.

Origem da Folia de Reis

O messianismo, entendido como a crença na vinda de um portador de boas novas, manifesta-se em diferentes culturas e mitos. Na cultura ibérica, ela aparece principalmente no período natalino, tendo origem antes da disseminação do cristianismo, nos cultos e festas pagãs. Segundo estudos de Ferreira (2000), festas religiosas na antiga Roma estão vinculadas aos rituais agrários e dos solstícios. Próximo à chegada do inverno eram feitas celebrações para o deus Saturno, entre os dias que seriam hoje entre os dias 17 e 23 de dezembro. Outra comemoração vinculada aos romanos que reflete nas tradições dos ibéricos são as festividades ao deus Jano, associado ao mês de janeiro.

De acordo com Kodama (2009), mesmo com a propagação do cristianismo, os povos catequizados continuaram com seus festejos e crenças locais, mesmo com a forte censura e proibição da igreja. Com o objetivo de manter o controle e a proibição, algumas celebrações da liturgia cristã e suas festividades foram deslocadas e incorporadas ao que atualmente se denomina ciclo natalino. No início do cristianismo não existia data específica para os relatos bíblicos, mas no século IV, consolidou-se na Igreja a celebração do nascimento de Cristo em 25 de dezembro, enquanto o dia 6 de como a visita dos Reis Magos.

Desse modo, durante a estruturação, consolidação e interpretação da doutrina cristã, de forma mais acentuada no medievo, muitas crenças pagãs e a visão mística do povo se entrelaçaram, se incorporaram e adentraram os textos bíblicos, fazendo surgir uma prática conhecida como catolicismo profano, que confrontou o catolicismo romanizado atrelado aos dogmas de Roma. Nasce, desta forma, um “hibridismo” religioso que permanece até a atualidade (Kodama, 2009, p. 103).

Em Portugal, o presépio e autos natalinos já eram conhecidos desde o século XIV, mas a folia como conhecemos hoje é proveniente do século XVI (Machado, 1998). Nesse período surgiu o mito de D. Sebastião, que é praticado até hoje em Portugal, e estão ligados à volta de uma época farta, próspera e de paz entre todos. Existem duas

festividades que seguem essa particularidade do "espírito do sebastianismo": Folia do Divino Espírito Santo e Folia de Reis.

Ainda segundo Kodama:

Os Reis Magos são considerados os primeiros santos do cristianismo e a sua santificação é atribuída ao encontro com o Divino. Foram santificados pela esperança, pelo contato com a renovação, e essa santificação contradiz a pregação da Igreja romanizada, que atribui a salvação e a redenção dos pecados ao sangue derramado por Cristo em sua crucificação, assim como ao martírio e morte dos santos. A devoção aos Reis acompanha o imaginário popular desde os primórdios da expansão do pensamento cristão, sempre vinculada à redenção pela vida (2009, p. 107).

A celebração aos reis magos chega ao Brasil junto com a colonização e de acordo com Gonçalves (2008, p.6), uma prova disso é a nomeação escolhida para o Forte dos Reis Magos, inaugurado em 6 de janeiro de 1598, em Natal no Rio Grande do Norte. Os jesuítas chegaram no país para evangelizar e catequizar os povos indígenas e posteriormente os africanos, mas tiveram que usar métodos mais concretos, já que essas culturas têm como característica a concretude de sua espiritualidade e a prática animista (Kodama, 2009).

Nesse contexto, Rios observa que:

A folia, como a música e o drama, foi usada pelos jesuítas para a catequese. Os padres Manuel da Nóbrega e José de Anchieta usavam as folias e outras danças nas procissões e nos autos, muitos escritos na língua geral. Com a consolidação da colonização, os rituais usados na catequese do índio disseminaram-se entre colonos portugueses, negros escravos e mestiços de toda sorte e foram incorporados às festas dos padroeiros (2006, p. 67).

Segundo Câmara Cascudo (1998), em Portugal folia era uma dança ao som do pandeiro ou adufe¹⁰⁴. As folias do Brasil têm origem ibérica, mas com o tempo e a ideia de hibridização cultural¹⁰⁵ criada por Canclini, foi ganhando características próprias dependendo da região, "é uma

¹⁰⁴ Anterior ao pandeiro, mas usado com o mesmo princípio. Feito com couro de animal.

¹⁰⁵ "entendo por hibridização processos socioculturais nas quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas" (CANCLINI, 2006, p. 19).

espécie de confraria, meio sagrada, meio profana, instituída para implorar a proteção divina contra pragas malinas que às vezes infestam os campos" (Cascudo, 1998, p. 402).

Os Reis Santos, como são chamados em diversos lugares, ganharam reconhecimento em quase todo o Brasil em razão dos milagres que lhes são atribuídos. Com isso, a Folia de Reis se consolidou no país com a tradição de seus devotos cumprirem promessas realizando festas, cortejos, ofertas e banquetes em sua homenagem. Ao longo de sua trajetória, essa manifestação reafirma valores como a união comunitária, a experiência do homem com o sentido do divino, o convívio e trabalho em comunidade e o rito de passagem de um ano para outro, celebrando e agradecendo, além de renovar o compromisso de continuar foliando Reis.

É uma tradição que reúne não apenas a expressão musical e narrativas populares, mas também um amplo conjunto sociocultural de modos de pensar, viver e interpretar o mundo (Marchi; Camargo, 2012). Segundo Kodama, "No Brasil, a área de maior incidência tem sido a região Sudeste, principalmente no interior dos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo" (2009, p. 121).

Folia de Reis em Maringá com o grupo "Anunciando Rei Messias"

O presente texto nasce do interesse pela Folia de Reis após contato com a pesquisadora Lia Marchi, que trabalha com Cultura Popular e já lançou livro¹⁰⁶ sobre a Folia de Reis do norte do Paraná em 2012 e através de seu evento "Encontro de Tradições"¹⁰⁷ tive o conhecimento do grupo "Anunciando Rei Messias" de Maringá, como um dos grupos ativos no Paraná. Foi realizada uma entrevista on-line, em 10 de novembro, com Jhonathan Viana, embaixador do grupo desde sua fundação, em 2018,

¹⁰⁶ Disponível em <https://www.gov.br/mda/pt-br/acervo-nucleo-de-estudos-agrarios/nead-outras-publicacoes-1/10-folias-do-norte-do-parana.pdf>. Acesso em 28 de dezembro de 2025.

¹⁰⁷ Disponível em <http://www.encontrodetradicoes.com.br/>. Acesso em 29 de janeiro de 2026.

com o objetivo de conhecer a história da companhia e compreender como se encontram os preparativos para a folia neste ano.

Jhonatan tem 34 anos e participa da Folia de Reis desde os oito anos. Sua história com a folia vem de seu avô, Gabriel Arcanjo, nascido em Minas Gerais, que trouxe essa tradição para Maringá, onde, ao longo de 67 anos como folião, criou diversos grupos, entre eles Unidos com Fé e Caminhando com Santos Reis. Gabriel sempre teve o papel de Bastião dentro dessa cultura. Com o afastamento de seu avô pela idade, Jhonatan resolveu fundar com amigos a própria companhia, a Anunciando Rei Messias. Jhonatan é formado em Música pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e seu trabalho de conclusão de curso foi uma etnografia intitulada "A Folia de Reis em Maringá: um estudo etnográfico do Grupo Caminhando com os Santos Reis", feito em 2018.



FIGURA 1 – Grupo Anunciando Rei Messias, 2023.
Fonte: Acervo digital do grupo (Instagram)

Para entender como a folia é feita pelo seu grupo, o entrevistado começa explicando os personagens que fazem parte da companhia. Ele é o embaixador ou mestre, coordena a cantoria e conduz o grupo. Para

auxiliá-lo existe o contramestre, que responde e complementa os versos cantados e ajuda a guiar o grupo. Jhonatan explicou que as músicas cantadas são chamadas de toadas¹⁰⁸. Ele interpreta composições de autoria de seu avô, de outros grupos que considera relevantes e criações próprias. Existem toadas de saudação, despedida, para falecimento e as que são elaboradas no momento da execução, de forma improvisada e rimada. Os tocadores acompanham o mestre e contramestre tocando violão, viola caipira, bandolim, caixa e pandeiro, tendo grupos que também utilizam acordeon e violino. O bandeireiro é quem fica responsável por carregar a bandeira ou estandarte. A bandeira é o guia dos foliões e é nela que são penduradas fitas com pedidos e promessas, quando a companhia chega em uma casa o dono da residência fica segurando a bandeira durante toda a visita. Os Bastiões são personagens mascarados, como palhaços, que dançam, brincam e animam o cortejo, mas sua verdadeira responsabilidade é proteger a bandeira, conversar com a família na hora da visita, pedir contribuições. Jhonatan comenta que enquanto ele, como mestre, conduz a companhia, o Bastião conduz com descontração e alegria os devotos e pessoas presentes nas casas.



FIGURA 2 – Os Bastiões do grupo na 41ª Festival de Folia de Reis SESC - Paranavai/PR, 2025.

Fonte: Acervo digital do grupo (Instagram)

¹⁰⁸ A toada consiste em um padrão rítmico, geralmente executado por instrumento de corda, responsável por conduzir o andamento da música, ao qual os demais instrumentos se alinham.

Durante o cortejo as famílias recebem os foliões, são cantadas as toadas na frente da casa, enquanto um membro da família segura a bandeira. As famílias oferecem oferendas em dinheiro, em mantimentos, animais, para a companhia realizar uma festa no final da folia como agradecimento à comunidade. As casas são decoradas com presépio, enfeites de Natal e a tradição é oferecer café, almoço, jantar ou mesmo um lanche para os foliões. Depois do dia 6 de janeiro, para comemorar a folia realizada, com todas as oferendas e doações recebidas durante o cortejo, é realizado uma festa para toda a comunidade com tudo gratuito.

ritos, rotinas, rituais e espetáculos são performances da vida individual e coletiva, são a forma sensorial e perceptível pela qual as experiências e expressões se reúnem, são jogos que se fazem com a alteridade, em todos os sentidos, com todos os sentidos, são comunicação (Bião, 1996, p. 15).



FIGURA 3 – Cortejo na casa de devoto, 2024.
Fonte: Acervo digital do grupo (Instagram)

A oralidade do entrevistado permite compreender o valor e a importância que ele dá a todo o processo, destacando como a folia de 2025 se estruturou. A partir de agosto foram organizados ensaios

semanais com os integrantes. Jhonatan traz à tona uma discussão presente nessa manifestação cultural: os desafios para a manutenção da tradição diante da diminuição do interesse das gerações mais jovens.

Segundo Hall (2006), as chamadas “crises de identidade” decorrem das profundas transformações decorrentes das novas estruturas sociais, as quais impulsionam processos de reconfiguração e, em alguns casos, de reinvenção da identidade cultural. Nesse sentido, a migração do meio rural para o urbano não implica a ruptura com valores, tradições, costumes e práticas religiosas, mas desencadeia transformações resultantes das adaptações necessárias à preservação de práticas culturais originárias de outros contextos sociais.

Uma forma de trazer a nova geração para a folia é através de aulas de música e instrumentos dentro da igreja. Esses jovens durante o ano praticam tocando em missas e durante a folia participam dos cortejos. A festa de Chegada da folia, para celebrar o encerramento dos cortejos realizados aconteceu no dia 18 de janeiro, no Salão da Capela Nossa Senhora Aparecida, em Maringá, com um almoço para a comunidade e apresentação da companhia, finalizando esse ciclo de Folia de Reis de 2025.

As redes sociais são ferramentas bastante usadas pela companhia para a divulgação e contato com os foliões. A companhia tem uma conta na plataforma TikTok¹⁰⁹, no Instagram¹¹⁰ e possui canal no Youtube¹¹¹. Jhonatan relatou que depois dessa inserção digital e de maior frequência nas postagens a procura para que eles fossem na casa de novas famílias aumentou consideravelmente.

A Folia de Reis, além de promover a coesão comunitária, evoca sentimentos de pertencimento, memórias relacionadas à infância e à família, bem como expressões de fé e o cumprimento de promessas dirigidas ao Messias e aos Reis Magos. O conceito de identidade e essa

¹⁰⁹Disponível em https://www.tiktok.com/@foliamaringa?_r=1&t=ZS-93VmwdWBrSm. Acesso em 30 de jan de 2026.

¹¹⁰ Disponível em <https://www.instagram.com/anunciandoreimessias>. Acesso em 20 de out de 2025.

¹¹¹ Disponível em <https://www.youtube.com/@foliamaringa>. Acesso em 29 de jan de 2026.

identificação, segundo Castells (1999, p. 22-23), é “o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda, um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual (ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado”.

Para Halbwachs, a memória não é uma simples reprodução do passado, mas um processo de reconstrução. Segundo ele, não conseguimos lembrar de acontecimentos nem situar essas lembranças sem recorrer a referências presentes no meio social. Assim, a memória não é puramente individual, já que o indivíduo está sempre em interação com o ambiente e inevitavelmente sofre sua influência. Dessa forma, a memória deve ser entendida como uma reconstrução do passado a partir dos contextos sociais em que o sujeito está inserido.

(...) para nós, ao contrário, não subsistem, em galeria subterrânea de nosso pensamento, imagens completamente prontas, mas na sociedade, onde estão todas as indicações necessárias para reconstruir tais partes de nosso passado, as quais nós representamos de modo incompleto ou indistinto, ou que, até mesmo, cremos que provêm completamente de nossa memória. (HALBWACHS, 2006, p.77)

O entrevistado ressaltou a intensidade do envolvimento dos devotos e da carga emocional presente na manifestação, mencionando os diversos relatos de famílias que recebem o cortejo profundamente comovidas. Bourdieu (2008, p. 106) observa que os ritos “conseguem fazer crer aos indivíduos consagrados que eles possuem uma justificação para existir, ou melhor, que sua existência serve para alguma coisa”.

Jhonatan apontou que a partir do contato que teve com a pesquisadora Lia Marchi, percebeu que poderia fazer mais para salvaguardar a Folia de Reis. A Anunciando Rei Messias participou do 50. Encontro de Tradições, em 2024, realizado em Piraquara. Através desse evento foi produzido um documentário sobre a companhia em parceria com Lia Marchi e o Canal Evangelizar¹¹². O entrevistado enfatizou que o contato com os grupos de cultura popular participantes

¹¹² Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Ik4QE10AP_Q. Acesso em 25 de out de 2025.

do festival fez com que ele percebesse as diversas possibilidades para se trabalhar com a Folia de Reis, além do evento tradicional realizado entre os dias 25 de dezembro e 6 de janeiro. Para transmitir o trabalho da Anunciando Rei Messias, Jhonatan quer aprender a escrever projetos para conseguir financiamento com leis de incentivo à cultura, fazer parcerias com a prefeituras e o governo do estado, para poderem realizar oficinas, palestras, apresentações e vivências, principalmente em escolas.

Conclusão

A Folia de Reis realizada em Maringá-PR pela companhia Anunciando Rei Messias desenvolve atividades anuais no período de 25 de dezembro a 6 de janeiro. No entanto, o processo que viabiliza a realização da manifestação inicia-se muito antes desse intervalo, envolvendo a preparação dos músicos por meio de ensaios, a manutenção dos instrumentos, o cuidado com a bandeira e com os adereços dos bastiões, bem como o planejamento das rotas diárias das residências a serem visitadas e da festa comunitária que marca o encerramento da Folia, além da organização da forma como a comunidade será recebida pelos foliões.

Trata-se de uma manifestação cultural que, embora tenha sido historicamente muito presente na comunidade, enfrenta atualmente desafios relacionados ao envelhecimento de seus integrantes, o que suscita preocupações quanto à sua continuidade. Ainda assim, a Folia de Reis mantém-se ativa graças ao empenho e à organização de Jhonatan, que atua como embaixador do grupo, dando continuidade à tradição herdada de seu avô, que exerceu a função de bastião por 67 anos.

Diante desse contexto, torna-se relevante promover o diálogo e a produção de pesquisas que investiguem as formas de realização dessa manifestação cultural e sua importância para os devotos, especialmente no que diz respeito à construção da identidade comunitária. Observa-se, ainda, a escassez de trabalhos acadêmicos recentes sobre o tema, o que

reforça a necessidade de aprofundamento teórico e empírico, tanto para a compreensão das especificidades da Folia de Reis enquanto prática religiosa e cultural quanto para a análise das variações existentes entre as diferentes Folias realizadas no território nacional.

Além disso, estudos dessa natureza podem contribuir para a salvaguarda dessa manifestação popular e para a ampliação de sua visibilidade, despertando o interesse de órgãos públicos de preservação e patrimônio cultural, a fim de fomentar políticas de apoio mais estruturadas e contínuas. A Folia de Reis, portanto, não se configura apenas como uma celebração religiosa, mas como parte constitutiva da história, da cultura local e da memória coletiva do país e de seus antepassados.

Referências

BIÃO, A. Estética Performativa e Cotidiano. In: TEIXEIRA, João Gabriel L. C. (Org.). Performativos, performance e sociedade. Brasília: Editora da UNB: Transe, 1996, p. 15.

BOURDIEU, P. A Economia das Trocas Linguísticas: O que Falar Quer. 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 106.

CANCLINI, N. G. Culturas híbridas. São Paulo: EDUSP, 2006, p. 19.

CASTELLS, M. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura – O poder da Identidade. Vol. 2. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999, p. 22 e 23.

FERREIRA, M. N. (Org.). Os antigos rituais agrários itálicos e suas manifestações na atualidade. Comunicação e Política. CEBELA, São Paulo, v. 7, nº 1, jan-abr, 2000, p. 123.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 81.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Editora Vértice, 2006, p. 77.

KODAMA, K. M. R. O. Iconografia como processo comunicacional da Folia de Reis: o avatar das culturas subalternas. Tese, Programa de Pós-

graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009, p. 102-103.

MACHADO, M. C. T. Cultura Popular e Desenvolvementismo em MG: caminhos cruzados de um mesmo tempo. Tese- USP, São Paulo. 1998, p. 213-214.

MARCHI, L. CAMARGO, G. Folias do Norte do Paraná. Curitiba: Olaria Projetos de Arte e Educação, Curitiba, Brasília. 2012, p. 11.

MERRIAM, A. P. The Anthropology of Music. Northwestern University Press, 1964, p. 63.

RIOS, S. Os cantos da festa do reinado da Nossa Senhora do Rosário e da Folia de Reis. Sociedade e Cultura, janeiro-junho, ano/volume 09, número 001, Universidade Federal de Goiás: Goiânia: 2006, p. 67.
VIANA, J. L. A folia de reis em Maringá: um estudo etnográfico do grupo caminhando com os Santos Reis. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso em Música com habilitação em Composição- Universidade Estadual de Maringá.

Doces memórias: o ritual natalino através das danças

DENISE PRADO COSTA¹¹³

FRANCISCA FERREIRA MICHELON¹¹⁴

Resumo: Este artigo investiga a relação entre dança, memória e identidade cultural na cidade do Rio Grande, no Rio Grande do Sul, entre 1978 e 2023. A pesquisa analisa como as práticas em dança, especialmente o balé clássico, contribuem para a construção do patrimônio imaterial, com foco em sua manifestação como ritual festivo no período natalino. Nesse contexto, a adoção do balé de repertório “O Quebra-Nozes” como espetáculo de final de ano por escolas de dança locais é examinada como um mecanismo de estoriar e reestoriar narrativas sociais, culturais e artísticas, capaz de cristalizar valores, fortalecer o senso de pertencimento e registrar memórias coletivas ligadas à celebração do Natal. Argumenta-se que a ritualização da dança transforma o caráter efêmero da festa em memória duradoura, conforme a teoria dos rituais de Segalen (2002, p. 31). A análise evidencia que a encenação recorrente desse balé ultrapassa o âmbito artístico, configurando-se como um ato social de manutenção da identidade local frente às transformações históricas da cidade.

Palavras chave: Dança; Memória Cultural; Natal; O Quebra Nozes; Rio Grande.

Introdução

A dança, enquanto veículo de expressão cultural e registro de saberes, estabelece um diálogo contínuo entre passado e presente, contribuindo para a construção da identidade coletiva. Este artigo aprofunda-se nessa relação ao examinar como as manifestações corporais participam da constituição do patrimônio imaterial, com foco no desenvolvimento das danças na cidade do Rio Grande, Rio Grande do Sul (RS) por meio dos espetáculos “O Quebra-Nozes”, apresentados entre 1978 e 2023. O recorte temporal fundamenta-se na identificação dessas apresentações a partir de reportagens,

¹¹³ Doutoranda em Memória Social e Patrimônio Cultural pela UFPEL, Mestre em Educação pela FURG-RS, Especialista em Dança pela PUC-RS e Graduada em Pedagogia – Licenciatura Plena pela FURG-RS. E-mail: denacostaprado@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7294-3882>.

¹¹⁴ Doutora em História pela PUC-RS, Mestre em Artes Visuais pela UFRGS e Graduada em Educação Artística pela UFPEL. E-mail: fmichelon@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4737-323x>.

fotografias, programas, acervos pessoais e registros em redes sociais, que evidenciam a recorrência dos espetáculos no contexto local.

A análise compreende a dança como um ritual social inserido nas celebrações de Natal, no qual a *performance* atua como catalisadora de memória. Nesse contexto festivo, o espetáculo “O Quebra-Nozes”, de Tchaikovsky, adotado por escolas de dança da cidade como apresentação de final de ano, transcende sua origem artística e se estabelece como um evento que evoca a magia natalina, transformando o palco em um espaço de reafirmação identitária. Tal perspectiva dialoga com Schechner (2013, p. 38), ao afirmar que “o palco é um espaço onde as identidades podem ser exploradas, contestadas e reafirmadas”.

A investigação busca compreender como a repetição coreográfica desse balé, ao longo das décadas, sedimentou uma memória específica sobre o Natal dançado em Rio Grande, configurando um ciclo contínuo de descoberta e recriação. Nesse processo, o corpo resiste e narra a partir de evidências documentais provenientes de jornais locais, acervos pessoais, programas de apresentações e outros materiais que contribuem para a construção dessa história dançante, conforme os registros abaixo (Figura 1). A pesquisa justifica-se pela necessidade de preservação da memória da dança, um campo que, embora efêmero na *performance*, torna-se duradouro por meio do registro (Costa, 2021). A análise de “O Quebra-Nozes”, clássico do repertório universal que adquire contornos locais a cada montagem, permite mapear transformações estéticas e pedagógicas da dança na região ao longo de cinco décadas.



FIGURA 1 – Colagem de diversas reportagens sobre “O Quebra Nozes”. Anos de publicação de esquerda à direita: 1996, 2006, 2006 e 2006.
Fonte: Acervo pessoal. 2026.

Conforme argumenta Silva (2022), a documentação de repertórios consolidados em contextos regionais é fundamental para compreender a circulação de estéticas e a apropriação de linguagens globais pelas comunidades artísticas locais. Assim, ao centrar-se nesse espetáculo específico, o estudo não apenas cataloga apresentações, mas investiga como a tradição coreográfica se renova e se insere no tecido social e cultural de Rio Grande/RS, em diálogo com a perspectiva de Lima (2023) sobre a ressignificação de obras no cenário contemporâneo. Nesse sentido, conforme destaca Isabel Marques (2018, p. 73) “a dança clássica na contemporaneidade brasileira opera no limiar entre memória coreográfica e urgência do presente, ressignificando o repertório herdado para dialogar com as complexidades do tecido social atual”.

A reflexão de Isabel Marques captura com precisão a dinâmica observada na trajetória de “O Quebra-Nozes” em Rio Grande, na qual a dança clássica opera em um limiar constante entre a reverência à memória coreográfica e a necessidade de ressonância com o presente. O repertório herdado, como o do balé natalino, não se mantém por inércia, mas é continuamente renegociado e ressignificado pelas instituições que

o adotam.

Ao ser lançado como projeto cultural, como ocorreu em 2006 na cidade, o balé clássico não se limita a encenar a obra de Tchaikovsky, mas busca reconfigurar o repertório herdado para que dialogue com uma urgência contemporânea, que naquele contexto estava relacionada à tentativa de união das escolas locais. Essa tensão é justamente o que garante a vitalidade do clássico no cenário brasileiro contemporâneo, pois, caso as escolas de Rio Grande mantivessem o balé apenas como um documento histórico, ele teria se tornado obsoleto. Ao contrário, a alternância de grupos responsáveis pelas montagens, da atuação pioneira da escola “Diclea Ferreira de Souza” às propostas mais contemporâneas do Vanessa de Oliveira Estúdio de Dança, evidencia como cada geração inscreve sua própria urgência no movimento.

Assim, a cada nova encenação, o balé torna-se um espelho das relações institucionais, das capacidades técnicas e das demandas simbólicas de seu tempo, demonstrando que a tradição se mantém viva apenas quando é apropriada de forma ativa e adaptada para dialogar com as complexidades do tecido social contemporâneo.

Histórico do balé “O Quebra-Nozes”

O balé “O Quebra-Nozes” estreou em 18 de dezembro de 1892, no Teatro Mariinski, em São Petersburgo, na então Rússia imperial. A obra foi originalmente coreografada por Lev Ivanov, a partir da adaptação concebida por Marius Petipa, com música composta por Piotr Ilitch Tchaikovski. Sua narrativa baseia-se na adaptação do conto infantil “O Quebra-Nozes e o Rei dos Camundongos”, de E.T.A. Hoffmann, na versão de Alexandre Dumas (Freedman, 2001, p. 154). A história se desenvolve na noite de Natal, na casa da jovem Clara, que vivencia uma fantasia na qual seu boneco Quebra-Nozes ganha vida e enfrenta personagens simbólicos de um universo onírico. A trilha musical de Tchaikovski, que inclui peças como a “Valsa das Flores” e a “Dança da Fada Açucarada”, consolidou-se como uma referência central do imaginário natalino em

escala global (Caminada, 2019).

No contexto de Rio Grande, cidade portuária mais antiga do Rio Grande do Sul, a institucionalização das danças, especialmente do balé clássico, remonta à década de 1920, tendo como referência a atuação de Madge Lawson, conforme registros apresentados por Costa *et al.* (2023), Bittencourt (2007) e Duarte (1997). As buscas realizadas indicam que, em 1978, a Escola de *Ballet* “Dicléa Ferreira de Souza”, filial Rio Grande, promoveu a primeira apresentação do clássico “O Quebra-Nozes” no Teatro Sete de Setembro (Figuras 2 e 3). O espetáculo contou com a participação de alunas da escola, entre crianças e adolescentes, algumas das quais contribuíram posteriormente com depoimentos que integram esta pesquisa. Nesse sentido, Souza (2015) argumenta que a permanência de “O Quebra-Nozes” no repertório brasileiro, sobretudo em cidades do interior, evidencia processos de apropriação e ressignificação da tradição europeia, configurando o balé como um ritual anual que legitima e atualiza a memória festiva das comunidades locais.



FIGURA 2 – Cartaz de anúncio de “Quebra Nozes”.
Fonte: Acervo pessoal. 2025.

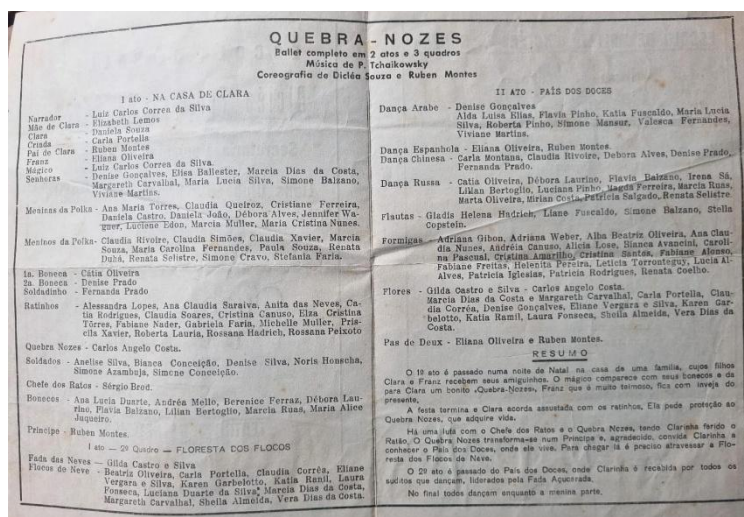


FIGURA 3 – Programação do “Quebra Nozes”.
Fonte: Acervo pessoal. 2025.

Essas apresentações se adaptam às realidades regionais, respeitando tradições e ao mesmo tempo atualizando o espetáculo para públicos contemporâneos. A seguir, será detalhado a metodologia escolhida para realizar a presente pesquisa.

Metodologia

A investigação adota uma abordagem qualitativa com viés histórico-genealógico, inspirada em Foucault (2010a), para traçar as origens e os desdobramentos da prática do balé clássico em Rio Grande, com foco nas apresentações artísticas do clássico “O Quebra-Nozes”. O período de 1978 a 2023 é delimitado pela ocorrência da obra apresentada na cidade de Rio Grande/RS, conforme os registros encontrados.

As etapas metodológicas abrangem a pesquisa em documentos de acervos particulares de colaboradores que participaram das apresentações artísticas do balé na cidade, a análise de reportagens jornalísticas, o levantamento em redes sociais das escolas de dança locais e o exame do acervo da pesquisadora. Também foi incluída a recuperação de memória, na qual se evidenciam depoimentos que capturam a percepção das bailarinas e do público sobre o caráter ritualístico dessas apresentações. A opção pelo método histórico-genealógico justifica-se pela necessidade de mapear as descontinuidades e as transformações das relações de poder e saber que sustentam a tradição do balé na cidade. Foucault (2010b) oferece ferramentas para analisar como determinadas práticas se tornam “verdades” por meio de discursos e eventos pontuais. As etapas metodológicas foram estruturadas em duas frentes principais de investigação, sendo elas: a) documental e arquivística; e, b) recuperação de memória e fontes secundárias.

No que se refere à pesquisa documental e arquivística, a etapa concentrou-se na análise de periódicos, registros fotográficos e redes sociais das escolas de dança, visando rastrear anúncios e reportagens sobre a montagem do balé “O Quebra-Nozes” (Figura 4). A análise documental mostrou-se fundamental para acessar o arquivo da cidade, onde os discursos sobre o evento são registrados. Para o tratamento de fontes documentais em pesquisas históricas, adota-se a perspectiva de Gomes (2019), que enfatiza a necessidade de um olhar crítico sobre o que o documento representa e sobre como foi produzido em seu contexto.



FIGURA 4 – Publicações em redes sociais sobre “O Quebra Nozes”. Data de esquerda à direita: 2018, 2021 e 2023.
Fonte: Acervo pessoal. 2026.

Na etapa referente à recuperação de memória e às fontes secundárias, destaca-se a busca pela captação da dimensão experiencial e ritualística da prática. Priorizou-se a análise de depoimentos que evidenciassem a percepção do público e das bailarinas. A recuperação de memória, especialmente em práticas culturais, dialoga com a historiografia que investiga a cultura como prática social. Ribeiro (2015) discute como a memória cultural se constrói coletivamente em torno de eventos periódicos, aspecto central para compreender o caráter ritualístico de “O Quebra-Nozes” natalino.

Um exemplo significativo da pesquisa documental pode ser ilustrado pela análise de um anúncio encontrado em jornal local, que promovia uma das montagens de “O Quebra-Nozes”. O anúncio não apenas informava as datas e o local das apresentações, mas também refletia as expectativas sociais e culturais da época em que foi veiculado. Segundo Gomes (2019), a análise de documentos como esse deve ir além da superfície, considerando o contexto em que foram produzidos e as narrativas que sustentam ou ocultam.

Nesse caso, o anúncio apresenta uma linguagem festiva,

destacando a importância do balé como tradição natalina na cidade. Contudo, ao examinar criticamente o texto, é possível perceber que o documento também revela tensões entre a cultura local e as influências externas, bem como a busca por legitimação artística em um cenário que frequentemente marginaliza práticas culturais regionais. Assim, o que aparenta ser um simples convite à comunidade transforma-se em um registro significativo, que permite compreender como o balé clássico se insere nas dinâmicas sociais de Rio Grande, revelando tanto o valor ritualístico das apresentações quanto as aspirações de uma identidade cultural local em construção. A próxima seção aprofunda no referencial teórico que sustenta esta pesquisa.

Referencial teórico: dança, ritual e a memória do Natal

Araújo (2015) fornece o arcabouço conceitual ao definir a dança como um processo de “estoriar e reestoriar”, no qual o movimento se configura como um ato de recriação constante da história. Essa construção identitária é fundamental para a comunidade, pois a *performance* de “O Quebra-Nozes” torna-se um rito de passagem que liga gerações, reforçando a continuidade cultural e a coesão social.

Essa ressignificação é evidenciada na adaptação de “O Quebra-Nozes”, que, ao ser apresentada anualmente, não apenas preserva a tradição, mas também a atualiza, permitindo a incorporação de novas narrativas e experiências. Quando o movimento se insere no contexto do Natal, ele assume uma função ritualística. Leite (2018) argumenta que os rituais festivos utilizam a *performance* corporal para “cristalizar valores sociais”, sendo a dança o elemento que confere durabilidade à efemeridade da celebração. A escolha do clássico natalino é significativa, pois, segundo Kirstein (1975), o balé de repertório clássico funciona como um repositório de tradições, mesmo quando adaptado. A encenação anual desse espetáculo, portanto, estabelece uma memória performativa do Natal em Rio Grande.

Adicionalmente, a perspectiva de Soares (2021) sobre o pertencimento mostra-se fundamental. Para bailarinas e bailarinos, a participação no espetáculo natalino seja como Clara, o Príncipe ou um dos personagens do *Grand Pas de Deux* reforça a identidade do grupo e a conexão com a comunidade. A dança, assim, opera como um dispositivo de memória (Halbwachs, 1990), no qual a repetição da coreografia assegura que a narrativa festiva seja recontada e vivenciada coletivamente a cada fim de ano.

Segundo o relato de uma das entrevistadas, Viviane Martins Silveira, 63 anos, natural de Rio Grande e que, em 1978, participou do primeiro espetáculo do clássico “O Quebra Nozes”, como aluna da Escola de Ballet “Diclea Ferreira de Souza”,

“(…) A coreografia em si foi especial, a Dança Árabe, que participei, é rica em gestos, movimentos com os braços e muitos detalhes. Eu tinha 16 anos, uma menina apaixonada pela dança. As lembranças que tenho do espetáculo O Quebra Nozes, na nossa cidade, foi muito positiva e hoje, com muitas saudades daquele tempo incrível, onde eu e minhas amigas participamos e nossas famílias e amigos compareceram ao teatro Sete de Setembro para assistir”. (Silveira, 2025).

Seguindo os relatos, a autora principal deste artigo, natural de Rio Grande, participou da primeira apresentação do clássico natalino em 1978 como aluna da Escola de Ballet “Diclea Ferreira de Souza”, depois em 1996, como professora e bailarina convidada pela “Escola de Belas Artes Heitor de Lemos”, seguindo 2005, 2006 e 2010, como proprietária de escola de dança e proponente de projetos culturais. De tal maneira, o seguinte depoimento explica as participações e adaptações do espetáculo:

Eu, Denise Prado Costa, participei da primeira apresentação do balé O *Quebra Nozes*, em 1978. Na época foi um acontecimento muito significativo tanto para as alunas da Escola de Ballet Diclea Ferreira de Souza, filial da sua tradicional escola pelotense, quanto para o público que teve a oportunidade de assistir um clássico entre os balés de repertório que existem. Tempos depois, em 1996, por ser professora da EBAHL, participei da montagem e adaptação desse mesmo balé, agora nos *Pas De Deux* da Fada Açucarada. Foi uma grande emoção, pois tive o privilégio de dividir o palco com meu mestre Otávio Augusto Lima. Tempos depois, já com minha própria escola de dança, remontamos O *Quebra Nozes*, o que foi um sucesso e que

me impulsionou a escrever um projeto, no ano seguinte, através das leis de incentivo à cultura, onde reuni todas as escolas de dança da cidade, através da montagem e adaptação deste maravilhoso clássico, adaptando-o para os palcos de rua, levando a dança para a Praça Xavier Ferreira/ centro histórico de Rio Grande e Avenida Rio Grande/ Balneário Cassino. Saímos dos tradicionais palcos fechados e levamos a dança para as ruas (Costa, 2025, p. 16).

“O Quebra-Nozes” em Rio Grande/RS

A dança é concebida aqui não apenas como arte, mas como prática social que inscreve temporalidades e significados. Nesse sentido, Ana Paula Souza (2015, p. 78) destaca que “[...] a dança não apenas reflete, mas também constrói identidades coletivas, especialmente em momentos de celebração, nos quais memória e afeto se entrelaçam [...]”. Assim, a dança, enquanto prática ritual, não só perpetua a memória coletiva, como também atua como meio de transformação social. Como afirma Ricardo Pereira (2020, p. 67), “[...] a dança é um veículo de expressão que transcende a mera *performance*, tornando-se uma ferramenta de reflexão sobre a identidade cultural e a memória coletiva de uma comunidade [...]”. Dessa forma, a encenação de “O Quebra-Nozes” em Rio Grande não se configura apenas como um espetáculo, mas como um ritual que celebra e reafirma os laços sociais e culturais em torno da festividade natalina.

Para encerrar, os elementos discutidos ao longo deste trabalho evidenciam que a encenação de “O Quebra-Nozes” em Rio Grande ultrapassa o campo estritamente artístico, configurando-se como uma prática social, ritual e memorial. A partir das abordagens teóricas e da análise das fontes, torna-se possível compreender como a dança articula tradição, identidade e pertencimento. É a partir dessas reflexões que se encaminham, a seguir, as considerações finais, nas quais se sintetizam os principais achados da pesquisa e suas implicações para a compreensão do balé enquanto prática cultural situada.

Conclusão

A análise do balé “O Quebra-Nozes”, como peça das celebrações natalinas em Rio Grande, entre 1978 e 2023, revela a dança como um pilar da construção identitária e do patrimônio imaterial da cidade. O espetáculo, ao ser ritualizado anualmente, cumpre a função de inscrever, no corpo da comunidade, as narrativas e a estética do Natal, conforme proposto pela teoria dos rituais (Leite, 2018).

As escolas de dança, ao trazerem e adaptarem o repertório clássico, garantiram que a memória desse tempo fosse expressa por meio de um movimento codificado, porém profundamente sentido. A dança, nesse sentido, não apenas refletiu a sociedade, mas ativamente a moldou, oferecendo um momento de suspensão e de celebração compartilhada. A tradição de encenar “O Quebra-Nozes” em Rio Grande constitui um testemunho eloquente de como a arte corporal se torna essencial para a continuidade da memória cultural.

Observa-se que a Academia Ensaio¹¹⁵ emerge como um agente de continuidade, assumindo a tradição em momentos distintos (1986, 1990, 2003, 2018), o que indica uma institucionalização da memória em espaços específicos. Essa persistência demonstra como a estabilidade de um grupo formador é vital para a perenidade de um ritual performático. Já o período de 2005 a 2010, marcado pela atuação da Dena Companhia de Dança¹¹⁶ e do Projeto Cultural, representa um momento de articulação simbólica explícita, um esforço de união que buscou democratizar a responsabilidade pela manutenção da tradição. Contudo, a subsequente ausência de registros até 2018, seguida pela diversificação de agentes (Art e Manhas; Vanessa de Oliveira Estúdio de Dança), sugere uma fragmentação da gestão ritualística. Essa alternância entre projetos colaborativos e iniciativas isoladas reflete a instabilidade inerente à

¹¹⁵ A Academia Ensaio, escola de dança fundada em 1981 em Rio Grande (RS), encerrou suas atividades em dezembro de 2023, conforme dados da própria instituição (Academia Ensaio, 2026).

¹¹⁶ A Dena Companhia de Dança, fundada em 1998 no município rio-grandino, encerrou suas atividades em 2008, conforme Oliveira (2015).

manutenção de grandes produções culturais sem um aparato institucional fixo e permanente.

A repetição da coreografia, enquanto dispositivo de memória, garante que “O Quebra-Nozes” se constitua como um patrimônio imaterial corporificado. A cada nova geração de bailarinos e bailarinas que domina os passos, a narrativa festiva é recontada e sentida coletivamente, confirmando que, como afirma Ricardo Pereira (2020, p. 59), a arte corporal “se torna essencial para a continuidade da memória cultural, pois o corpo é o arquivo mais resistente”.

Portanto, a tradição de encenar “O Quebra-Nozes” em Rio Grande, cidade localizada no extremo sul do Brasil, se torna fundamental para a continuidade da memória cultural, oscilando entre a força da tradição herdada e a capacidade de reinvenção dos agentes culturais locais. O futuro das apresentações de “O Quebra-Nozes” em Rio Grande depende de como as escolas de dança e os grupos culturais negociarão a tensão entre colaboração e fragmentação. À medida que novas instituições e iniciativas surgem, abre-se uma oportunidade singular de revitalizar e expandir a narrativa natalina, integrando novas linguagens e tecnologias à tradição clássica.

A continuidade dessa prática não se limita à repetição, mas à reinvenção criativa capaz de incorporar diferentes vozes e estilos, refletindo a diversidade cultural contemporânea. Assim, o desafio consiste em garantir que a memória performática permaneça viva e significativa, ao mesmo tempo em que se adapta às novas realidades sociais e artísticas.

Se as escolas de dança e as comunidades se unirem em torno de um projeto colaborativo, poderão não apenas preservar a essência de “O Quebra-Nozes”, mas também ampliá-la, transformando o espetáculo em um espaço de diálogo intergeracional e intercultural. Dessa forma, o balé pode continuar a ser um pilar da identidade cultural de Rio Grande, ressoando junto às novas gerações e assegurando que a magia do Natal permaneça como um evento vibrante, inclusivo e capaz de tocar e inspirar toda a comunidade.

Referências

ACADEMIA ENSAIO. Perfil no Instagram. Instagram, 2026. Disponível em:

<https://www.instagram.com/academiaensaio?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igsh=ZDNlZDc0MzIxNw> Data do acesso: 22 abr. 2026.

ARAÚJO, V. C. de. Corpo, memória e movimento: uma genealogia da dança. São Paulo: Cortez, 2015.

BITTENCOURT, E.R. Da rua ao teatro, os prazeres de uma cidade: sociabilidades & cultura no Brasil Meridional. 2.ed. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2007.

CAMINADA, E. História da dança: evolução cultural. 15.ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2019.

COSTA, D. Memória das mulheres: a cidade que dança suas histórias. Revista da FUNDARTE, v. 63, n. 63, p. 1-25, março, 2025. Disponível em: <<https://seer.fundarte.rs.gov.br>> Data do acesso em: 22 dez. 2025.

COSTA, D. *et al.* O pioneirismo das danças urbanas em rio grande/rs: de autodidatas à profissionalização. Revista da FUNDARTE, [S. l.], v. 55, n. 55, 2023. DOI: 10.19179/rdf.v55i55.1179. Disponível em: <<https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/1179>> Data do acesso: 13 dez. 2025.

COSTA, R. M. A memória do corpo em cena: preservação e efemeridade na dança. Rio de Janeiro: Editora XYZ, 2021.

FOUCAULT, M. A arqueologia do saber. Tradução de Luiz Felipe Baêta da Gama. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.

FOUCAULT, M. Microfísica do poder. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010b.

FREEDMAN, R. The Nutcracker, The story of Clara and The Nutcracker Prince. New York: Scholastic Press, 2001.

GOMES, Â. de C. A história e a escrita da história: entre a ciência e a arte. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. Tradução de J. A. Guilhaon Albuquerque. São Paulo: Vértice, 1990.

KIRSTEIN, L. Dance: a definitive illustrated history. New York: Dance Horizons, 1975.

LEITE, P. R. Rituais de fim de ano: corpo, performance e identidade. Salvador: Edufba, 2018.

LIMA, G. C. Dança contemporânea e tradição: o diálogo entre o universal e o local. Cadernos de Pesquisa em Arte, v. 15, n. 3, p. 112-130, 2023.

OLIVEIRA, V. MEMÓRIAS E NARRATIVAS: Protagonistas do Ballet Clássico na cidade de Rio Grande/RS. 2015. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Dança) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 30 jun. 2015. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/danca/files/2014/06/Vanessa-TCC-OFFICIAL.pdf>> Data do acesso: 22 abr. 2026.

RIBEIRO, A. E. Memória cultural e patrimônio: o papel dos arquivos e da história pública. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 35, n. 70, p. 251-274, 2015.

SCHECHNER, R. Performance studies: an introduction. 3. ed. New York: Routledge, 2013.

SEGALEN, M. Ritos e rituais contemporâneos. São Paulo: Editora FGV, 2002.

SILVA, P. A. A circulação de repertórios clássicos no interior do Brasil: apropriações e desafios. Revista Brasileira de Estudos Cênicos, v. 10, n. 1, p. 50-65, 2022.

SOARES, L. S. A dança e o corpo em cena: corpo, movimento e sociedade. Rio de Janeiro: Sprint, 2021.

SOUZA, A. P. Dançando o Natal: a recepção e adaptação de balés clássicos no sul do Brasil. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015.

Navidad en Venezuela y coherencia discursiva

NORMA GONZÁLEZ DE ZAMBRANO ¹¹⁷

Resumen: La Navidad en Venezuela se manifiesta en diferentes códigos. La música engalana este tiempo con la sublimidad de cantos y aguinaldos, la curiosidad invita a indagar qué ocurre desde la materia lingüística. ¿Cómo caracterizar la Navidad en Venezuela desde la coherencia discursiva? En un recorrido investigativo se presentan hallazgos derivados en la búsqueda. Teóricamente se contextualiza en Halliday (1982), Sánchez de R. (1993), Van Dijk (1996), Cassany (2021), entre otros autores y en la sustentabilidad cultural con los valores implícitos para la conservación de tradiciones y costumbres de las comunidades, contenidos en los Objetivos del Desarrollo Sostenible de la Agenda 2030, los cuatro pilares de la educación: aprender a conocer, a hacer, a vivir juntos y a ser (Delors, 1996). Los fundamentos metodológicos se enmarcan en el enfoque cualitativo, con paradigma interpretativo para dar cuenta de los variados discursos y actuaciones en los distintos escenarios en el tiempo de Navidad.

Palabras clave: Navidad en Venezuela; materia lingüística; coherencia discursiva; tradición; órdenes del discurso

Introducción

La materia lingüística en su proyección discursiva se pasea por las distintas realidades del ser humano. Desde este punto de vista, la indagación se concreta en la Navidad en Venezuela, con la especificidad de investigar cómo se expresa lingüísticamente esa celebración anual en los períodos de preparación (antes), durante y después de la Natividad y cómo se contextualiza la coherencia discursiva en este lapso de tiempo. Se hace mención a cómo los órdenes discursivos se manifiestan en distintos ámbitos, con mayor énfasis en el familiar, el escolar, el académico y el social, mediante la narración (cuentos, relatos orales y escritos), la descripción (detalles de momentos, deseos, buenas intenciones o de la festividad en general), la exposición (definiciones correspondientes al período en estudio o presentación de ideas en el período de la festividad), la argumentación (reflexiones en torno a la temporada espiritual y social de la fiesta) y la instrucción (indicaciones de secuencias y pasos para la elaboración de comida, adornos o para

¹¹⁷ Universidad Pedagógica Experimental Libertador - Instituto Pedagógico de Caracas - Instituto Venezolano de Investigaciones Lingüísticas y Literarias “Andrés Bello” - Centro de Investigación Mariano Picón Salas. Correo electrónico: ipclecesc@gmail.com

sugerir comportamientos y actitudes durante ese período), todo en coherencia con la efeméride y la captación de ese espacio de tiempo por quienes han participado y participan en la conmemoración. Son las percepciones de la realidad navideña en el contexto venezolano y mediadas por las palabras, el pensamiento y los modos de organizar la información de quienes recuerdan o han observado, participado, protagonizado y/o protagonizan la tradición.

Durante este tiempo es posible observar las numerosas manifestaciones de anuncio y celebración del motivo de la festividad. Los mensajes abundan en diferentes códigos, variados formatos y diversas maneras. Los sentidos se activan ante tanta creatividad para ver, escuchar, oler, degustar y palpar el ambiente de la época. La vida contemporánea, muy signada por lo visual, presenta integración de códigos y la intertextualidad prevalece. La música con las letras de canciones sublimes como los aguinaldos cautivan a los celebrantes. A partir de esas vivencias surge como inquietud investigativa indagar qué ocurre lingüísticamente en ese período. Se podría pensar que a imagen y semejanza de cuanto ocurre desde lo musical, comunicativamente algo similar debería ocurrir en torno a la palabra y la interacción social en esa época. La heterogeneidad de la vida moderna por la intervención de los objetos culturales, ofrecen nuevos referentes para las efemérides decembrinas, pero cómo se manifiesta comunicativamente la tradición, ¿es fiel al discurso de Navidad? La revisión y el análisis de los datos nos revelan una proyección a partir de la información recopilada, hallazgo que se irá exponiendo en el avance del texto.

El estudio se contextualiza, teóricamente, en Halliday (1982), Sánchez de R. (1993), Van Dijk (1996), Cassany (2021), entre otros autores y en la sustentabilidad cultural con los valores implícitos para la preservación de tradiciones y costumbres de las comunidades, considerados en los Objetivos del Desarrollo Sostenible de la Agenda 2030, los cuatro pilares de la educación: aprender a conocer, aprender a hacer, aprender a vivir juntos y aprender a ser (Delors, 1996), y, la promoción y difusión cultural (González de Z., 2023). Los fundamentos

metodológicos se enmarcan en el enfoque cualitativo, con paradigma interpretativo para dar cuenta de los variados discursos y actuaciones en los distintos escenarios para concluir con los detalles derivados de la investigación que caracterizan la coherencia discursiva durante el proceso de celebración en el tiempo de Navidad, según el grupo de informantes consultados. En las próximas páginas se develan los contenidos de interés.

Desarrollo

Se precisa contextualizar los contenidos, ellos se ubican en el espacio pertinente para explicitar la información. Este apartado está conformado por las siguientes secciones: La Navidad en Venezuela, La coherencia discursiva, ésta a su vez, con las subsecciones de Tradición, Materia lingüística y Órdenes del discurso y seguidamente las secciones de Metodología y Conclusiones.

La Navidad en Venezuela

La materia lingüística en su proyección discursiva se pasea por las distintas realidades del ser humano. Desde este punto de vista, la indagación se concreta en la Navidad en Venezuela, con la especificidad de cómo se expresa lingüísticamente esa celebración anual en los periodos o momentos del Tiempo de Navidad enmarcados en tres estadios (a) preparación (antes del nacimiento del Niño Dios), (b) durante (el nacimiento del Niño Jesús) y (c) después de la Natividad (véase la tabla que se presenta a continuación):

ANTES	DURANTE	DESPUÉS
<i>Tiempo de Adviento</i>	<i>Natividad</i>	<i>Santos Inocentes Año Nuevo Epifanía Paradura</i>
Período de reflexión y preparación	Celebración del júbilo	Bromas Fiesta Sabiduría Presentación
Ámbito social Ámbito académico	Ámbito social Ámbito religioso	Ámbito social Ámbito académico

Ámbito religioso		Ámbito religioso
Recogimiento Penitencia	Fiesta Alegría	Esperanza
Discursos, calendarios, oraciones, cantos, publicidad, poemas, cuentos, cartas, tarjetas, guiones de representación	Discursos, calendarios, oraciones, cantos, publicidad, poemas, cuentos, cartas, tarjetas, regalos	Discursos, calendarios, oraciones, cantos, publicidad, cuentos, poemas, cartas, guiones de representación, tarjetas

TABLA 1 - Periodos o momentos del Tiempo de Navidad
Fuente: Elaborado por la autora

Cada momento se caracteriza por una dinámica cultural, una interacción social que motiva la participación de la comunidad y de quienes se ven identificados con la conmemoración. Ello origina un comportamiento social, participativo como observador o comprometido con la acción, que oscila entre lo cognitivo y espiritual en sintonía con la efeméride y propicia, en el contexto, una ambientación discursiva acorde con las fechas. En Venezuela, este período se extiende desde los preparativos coincidentes con el tiempo de Adviento, en tiempo litúrgico, cuatro domingos (aproximadamente desde finales de noviembre) antes del 25 de diciembre hasta el 2 de febrero, día de Nuestra Señora de La Candelaria o de la Virgen de La Candelaria o Nuestra Señora de Las Candelas, Presentación del Niño y celebración de la tradición andina Paradura del Niño.

La vida moderna en su dinámica vertiginosa nos muestra la innovación de los objetos culturales en una combinación de formatos y códigos. En el estudio se conjugan cada uno de los autores consultados para enlazar y ofrecer contenidos de interés, acordes con el lapso de tiempo seleccionado. Para M.A.K. Halliday (1982), el lenguaje es definido como una semiótica social, una posibilidad de construcción de significado en contexto (cultural y social). El lenguaje es significado en el entorno, en sociedad para identificarse, interactuar y desempeñar roles, en espacios de cultura y en contexto (el entorno ubica la situación y el

registro la identificación de sus variables: campo (cuanto sucede o tema), tenor (quienes participan) y modo (papel del lenguaje, oral y escrito). Se proyecta en tres metafunciones: ideacional (el mundo, lo que se vive y sucede), interpersonal (las relaciones sociales, roles, actitudes, intenciones) y textual (coherencia y cohesión). Las metafunciones se reconsideran en la metodología para derivar la significación de la coherencia discursiva en el tiempo de Navidad. En la dinámica social se aprende el lenguaje desde sus funciones básicas. El lenguaje es el fundamento en la construcción de la cultura, el tiempo de Navidad se contextualiza en estas ideas, en una manifestación semántica y social. La realidad de las tradiciones se aprende en la acción y en la reflexión de esa realidad vivida e interpretada con actos de habla específicos según el momento y el tiempo de la tradición, las acciones del Adviento son diferentes a las de la Natividad y a las de Año Nuevo, Epifanía o Paradura del Niño Jesús.

Mientras que para Sánchez (1993) es importante recordar lo establecido por M.A.K. Halliday en torno a la función primordial del lenguaje “crear textos estructurados de forma coherente” (p.61). Los textos estructurados están implícitos en la tradición y se integran otros textos que emergen en el marco de la acción. A partir de esa reflexión, la autora define coherencia, órdenes del discurso, cohesión, tema y rema, concatenación y patrones de enunciados, recursos cohesivos, específicamente: las relaciones referenciales, las sustitutivas o elípticas, las conjuntivas y las léxicas; la textura, la coherencia y sus condiciones, el orden de los segmentos discursivos: la repetición, la progresión, la no contradicción y la relación, la coherencia local y global, los tipos de coherencia y órdenes del discurso, todos los contenidos que conllevan a la función primordial del lenguaje mediante la estructuración coherente de un texto. En la investigación, se hace énfasis en la coherencia global del evento.

En sintonía con los autores mencionados con anterioridad, van Dijk (1996) conecta con la comunicación verbal en integración lingüística, cognitiva y social, es decir en la proyección del mensaje desde

el proceso de emisión y recepción en una comunidad, en el momento o temporada de estudio, en este caso, en la época navideña. Desde la estructura del discurso recuerda la esencia de los aspectos relevantes: la macroestructura (lo semántico, el tema), la superestructura (el esquema, la forma de organización: introducción, desarrollo, conclusión), la microestructura (la sintaxis, el léxico, el nivel de las oraciones, la coherencia lineal), el contexto (representación de la situación social mediante modelos mentales subjetivos que influyen en la producción y comprensión de mensajes, del discurso), para un enfoque multidisciplinario entre la cognición, la sociedad y el texto en la dinámica de las acciones. Desde las funciones del discurso, la época navideña impone la modalidad y el tema social en el contexto, así como el estilo para informar a los participantes e influir en las mentes de la audiencia con el reflejo de la efeméride y el contenido de las representaciones sociales y mentales de quienes celebran la festividad, de esta realidad se desprende la interdisciplinariedad que posibilita entender integralmente la celebración y todo su protocolo. Los mensajes se focalizan en temas como el amor, la unión, la familia, la compasión, la misericordia, la humildad, el perdón, el dar, la fe, el respeto, entre otros. Las efemérides decembrinas emergen en algunos casos fieles al discurso de la temporada y otras veces distante a él, el mundo digital lo muestra muy diferente, sobre a los más jóvenes.

En una reflexión más contemporánea, Cassany (2021) en su obra resalta las tareas comunicativas, los distintos contextos, que permiten hacer la transferencia de la comunicación en estos nuevos tiempos, para comprender los textos, las formas expresivas y el léxico utilizado en estas prácticas de la temporada navideña. La interculturalidad favorece el conocimiento de las tradiciones navideñas, el autor sugiere que el docente como curador debe enseñar y dar a conocer los idiomas y sus culturas, incluso fuera del aula, así como los valores y las prácticas sociales de la comunidad, situación que le permitirá aprender el vocabulario en la diversidad, pero si la institución educativa no ofrece la tradición, la comunidad lo puede hacer. También sugiere el uso de la

tutoría para orientar el aprendizaje autónomo, valerse y valorar los recuerdos y el aprendizaje colaborativo, porque reconoce el aula cooperativa, las tutorías entre iguales, los grupos y equipos, así como formar y entrenar equipos. La diversidad cultural favorece que entre pares se comuniquen las experiencias propias de la Navidad en cada familia.

Considera relevante la formación en destrezas sociales, la tarea cooperativa con estrategia y dinámica cooperativa, los roles y funciones, la observación, las instrucciones y meta instrucciones acordes, las secuencias, las alternativas y la autorregulación como posibilidades para aprender. Otros aspectos de interés lo constituyen la conducta no verbal, el tiempo, el espacio, la mirada, el contacto visual, las expresiones faciales y gestos, el cuerpo, los tipos de gestos, las expresiones faciales, la voz y los sonidos, los recursos de la voz, el tacto y el contacto físico, todos elementos de interés en el estudio de las tradiciones. Otra perspectiva la ofrece el observar la tradición entre pantallas, con códigos no verbales en la pantalla, que puede incorporarse en una clase digital, para tomar decisiones digitales, evaluar la sincronía, el Entorno Virtual de Aprendizaje (EVA), valorar los recursos digitales, los recursos en línea, las imágenes, copiar, pegar y remix, conocer información contra el plagio, valorar los datos masivos, las incomprensiones, los andamiajes, las comprensiones variadas: literal, inferencial, crítica, ser crítico, fundamentos de la criticidad, comprensión oral y sus técnicas, tareas lectoras, técnicas de lectura, comprensión audiovisual, formar lectores, evaluación, hablar para aprender, déficit, fomentar el habla, organizar la interacción, estructuras interactivas, juicio a las redes sociales, recursos y estructuras, técnicas en pareja, turnos de habla, dialogar para aprender, conversar para aprender, exposiciones, preparar exposiciones orales, corrección, técnicas de corrección oral, puestas en común, técnicas, criterios de evaluación de la expresión oral, escribir para aprender, más déficit, prácticas de escritura, composición, procesos y recursos de composición, talleres literarios, gramática y discurso, escribir para aprender sobre el discurso, escritura epistémica, técnicas de

escritura epistémica, ortografía, orientaciones, corrección, portafolios, en síntesis, fomentar las habilidades comunicativas. Además incorpora la hibridez de los entornos comunicativos.

Todos aspectos significativos que pueden considerarse en el tratamiento de los discursos y la coherencia en el entorno de las tradiciones. La dinámica y velocidad de la vida actual, así como la intervención de las redes ofrecen nuevos objetos culturales que pueden alejar de los objetos culturales de tradición. En el contexto, la heterogeneidad aproxima o distancia el conocimiento de las efemérides decembrinas.

En la consulta a los *Objetivos del Desarrollo Sostenible de la Agenda 2030*, se enfatiza en el contenido del Objetivo Número 4: "Garantizar una educación inclusiva, equitativa y de calidad y promover oportunidades de aprendizaje durante toda la vida para todos" (p.15). La educación de calidad se alcanza al elevar los niveles de alfabetización y se sabe que ya se ha intentado, por lo demás, el conocimiento cultural puede incidir en el ofrecimiento de aportes para su alcance, la tradición decembrina contribuye en la mejora de la vida de las personas mediante las tradiciones, la convivencia, los valores y los discursos que en ellas se generan. En esta oportunidad la vinculación prioritaria se establece con los discursos propios de la Navidad, que además de ofrecer temas variados, posibilita la disertación de valores morales y, en consecuencia, educar en valores para la preservación y transmisión de las tradiciones, el respeto del legado cultural, la participación en las ceremonias y preparación de las comidas contenidas en la festividad, así como la convivencia y la ciudadanía en el marco de la celebración. Son varias las metas del Objetivo 4, sin embargo haremos mención a la 4.7:

De aquí a 2030, asegurar que todos los alumnos adquieran los conocimientos teóricos y prácticos necesarios para promover el desarrollo sostenible, entre otras cosas mediante la educación para el desarrollo sostenible y los estilos de vida sostenibles, los derechos humanos, la igualdad de género, la promoción de una cultura de paz y no violencia, la ciudadanía mundial y la valoración de la diversidad cultural y la contribución de la cultura al desarrollo sostenible (pp. 16-17).

Esta meta se circunscribe a la defensa de la identidad cultural y fortalece el sentido de pertenencia, aspecto vital en la preservación y custodia de la tradición, cualquiera sea ella, sin obviar las bondades que se incluyen en la alfabetización en general. La sustentabilidad cultural con los valores implícitos para la conservación de tradiciones y costumbres de las comunidades, también se consolida con los contenidos propuestos por Jacques Delors (1996) en los cuatro pilares de la educación: aprender a conocer, aprender a hacer, aprender a vivir juntos y aprender a ser. El preámbulo de las festividades decembrinas, su celebración y el tiempo posterior a las fiestas favorecen la activación de los pilares propuestos por Delors porque conocer, hacer, vivir juntos y ser se manifiestan integralmente en todas las tradiciones culturales, no obstante, las festividades decembrinas exploran temas, valores, ceremonias y vivencias diferentes a las celebraciones en otro período del año.

Tanto la promoción y la difusión cultural (González de Z., 2024) se extienden en el llamado tiempo de Navidad. Es un período que entrelaza modos de vida y celebración de creencias, manifestaciones religiosas, culturales, artísticas, culinarias en torno a un eje temático como es la preparación, el gran momento y el después del nacimiento del Niño Jesús. Momento propicio para que discursivamente se generen interacciones en los modos de protagonizar y observar la realidad de la tradición. La autora expresa que:

La cultura es un fundamento para prescribir nuestro ser y esbozar nuestra identidad desde el espacio universitario. Las manifestaciones culturales se proyectan en los ámbitos de convivencia y la universidad es un terreno propicio para descubrir la diversidad cultural desde la teoría y la praxis (p. [44]).

Además comenta que la celebración navideña se impregna de la idiosincrasia y la religiosidad popular de quien estudia, participa o protagoniza la tradición, en este caso, en Venezuela. Es como si se estableciera un vínculo con la esencia del ser humano y su desarrollo

integral en una combinación de lo físico, lo químico, lo biológico, lo psicológico, lo social, lo cultural, lo ético moral y lo espiritual en el tiempo navideño. Cuando esto no ocurre hay una indiferencia o insensibilidad ante la actividad cultural, muchas veces originada por el desconocimiento de la tradición, o, por alteración en el contexto de la comunidad..

La coherencia discursiva

En esos días vinculados con las festividades del período pre navideño, navideño y post navideño es usual reunirse en familia, comunidad o con los amigos más cercanos para planificar la decoración, los encuentros o viajes para vivir la Navidad, con los allegados, en armonía, alegría y paz. De ese sentir se deriva que la interacción comunicativa esté signada por mensajes de unión familiar, de gratitud, de fe, de recordar el gran suceso de la historia la Natividad, de celebrar lo vivido y lo aprendido, orientado a vivir un mejor año, aspirando el éxito, encaminado en la ilusión, la esperanza y la calidad de vida.

En palabras de Sánchez de R. (1993): “Por coherencia se entiende la relación existente entre los hechos denotados por dos o más de los segmentos que constituyen un texto” (p. 62). Para efectos de esta investigación se asume esta acepción de coherencia del texto en un contexto vinculado con la Navidad, con la intención de que la relación de esos hechos encajen en la realidad de quienes interactúan. Si se asume los argumentos de van Dijk (1996) se amplía la noción de coherencia porque se hace mención a lo semántico y a una relación más o menos lógica que favorece las relaciones por la organización de unidades lingüísticas con palabras adecuadas, como los conectores u otras palabras que vinculan el discurso con los actos de habla y la interacción. Desde este ángulo, la coherencia vincula lo semántico, con lo pragmático para que todo encaje como cuando se arma un rompecabezas. Es decir, cuanto se dice ofrece un sentido que es adecuado y se relaciona o encaja en el momento y tiempo en que se dice. En la época del año en estudio se orienta hacia la unión, la familiaridad, la armonía en la convivencia.

Tradición

Culturalmente hay una proyección de lo que es convencional hacer en la época decembrina, porque se celebran según el legado de generaciones anteriores, desde hace mucho tiempo hay ceremonias sociales y religiosas que se actualizan según las características y costumbres de los habitantes de ese espacio. El tiempo de Navidad posee muchas variantes, se caracteriza por una serie de ritos y eventos sociales, religiosos, políticos, lingüísticos, culinarios, escolares, comunitarios, académicos, artísticos, que se contextualizan, se reinterpretan y se acomodan en la relaciones de vida.

Materia lingüística

El estudio científico del lenguaje aproxima a la materia lingüística sincrónica o diacrónicamente en campos y áreas específicas de indagación como la fonética, la fonología, la morfología, la sintaxis, la semántica, la lexicografía, la pragmática, la grafemática. Esto permite indagar, comprender y analizar las estructuras propias de la lengua y sus realizaciones en los actos de habla, en las distintas prácticas discursivas e invita a observar, estudiar, analizar y reflexionar en torno a la materia lingüística vinculada con y en las tradiciones el tiempo de Navidad. Así se encuentran variaciones en qué se dice, qué se lee, qué se escucha, qué se escribe, cuándo, cómo y por qué se usa según el lugar, el contexto, la edad, la hora, etc.

Órdenes del discurso

Las estructuras del texto, es decir, el modo de organización conforman los órdenes del discurso. Se hace mención a cómo los órdenes discursivos se manifiestan en distintos ámbitos, con mayor énfasis en el familiar, el escolar, el académico, el religioso y el social en general. Mediante la narración (cuentos, noticias, relatos históricos, biografías, chistes, relatos orales y/o escritos), la descripción (detalles de momentos

o de la festividad en general para dar a conocer las cualidades o momentos de la tradición), la exposición (definiciones correspondientes al período en estudio o a momentos o detalles de la tradición), la argumentación (el pregón navideño, reflexiones en torno a la temporada, momentos o participantes de la fiesta) y la instrucción (indicaciones y pasos para la elaboración de comida, adornos o para sugerir comportamientos y actitudes durante esa época), todo en coherencia con la efeméride y la captación de ese período por quienes han observado, estudiado, participado y participan en la conmemoración. Son las percepciones de la realidad navideña en el contexto venezolano y mediadas por las palabras, el pensamiento y los modos de organizar la información de quienes observan, estudian o han protagonizado y protagonizan los eventos.

Entre las prácticas discursivas de estos momentos se hacen notar los relatos bíblicos, las oraciones, el calendario de Adviento y los propósitos, composiciones de aguinaldos y gaitas, el pregón de Navidad, las misas de aguinaldos, poemas, narraciones, recetas, instrucciones, cartas, mensajes publicitarios, mensajes de autoridades, vecinos, familiares, tarjetas, entre otras prácticas alusivas a la época. En la era digital estas manifestaciones se hacen en diversos formatos audiovisuales para interactuar a través de las redes con la comunidad sin límite de tiempo ni distancia.

Metodología

Los fundamentos metodológicos se enmarcan en el enfoque cualitativo, con paradigma interpretativo para dar cuenta de los variados discursos y actuaciones en los distintos escenarios, con el propósito de derivar conclusiones en torno a la coherencia discursiva antes, durante y después de la Navidad. El enfoque cualitativo favorece la comprensión de fenómenos sociales como el Tiempo de Navidad y sus prácticas discursivas para indagar la coherencia en ellas y poder interpretar desde este paradigma las respuestas y actuaciones de las personas implicadas en las acciones y el momento de estudio.

Con ese basamento metodológico, la propuesta concreta fue indagar entre un grupo de estudiantes y personas cercanas al círculo de quien investiga cuáles son los discursos conocidos y puestos en práctica en el Tiempo de Navidad. Socialmente, los informantes estaban determinados por estudiantes universitarios y adultos profesionales sin especificación etaria. No obstante, los resultados fueron diferenciadores. De un total de 46 informantes, los resultados fueron los siguientes: 28 estudiantes reportan ver películas en el período en estudio, 12 informantes entre estudiantes y profesionales reportan leer y ver películas y 6 profesionales reportan leer, ver películas y ver publicidad con el propósito de analizar y reflexionar en torno al mensaje implícito.

Resulta curioso e interesante que la mayoría de los más jóvenes son quienes responden que solamente ven películas. Entre las cuales destacan *Mi pobre angelito* y *El Grinch*, pareciese que son partícipes de la cultura visual, la cultura de la imagen y del movimiento. En el grupo de los 12 informantes (estudiantes y profesionales) que reportan leer y ver películas, resaltan textos, por un solo informante, como el cuento De cómo Panchito Mandefuá cenó con el Niño Jesús, del escritor venezolano José Rafael Pocaterra incluido en la obra *Cuentos grotescos*, también mencionaron, 8 informantes, *Cuento de Navidad* de Charles Dickens y *El Expreso Polar*, por un solo informante. Mientras que en el rango de películas hubo coincidencias con *Un cuento de Navidad* y *El Expreso Polar*. A pesar de la combinación cultura letrada y cultura visual, de estos informantes se percibe una aproximación a la variedad de coherencia discursiva existente en el período en estudio.

En un ejercicio investigativo los resultados se han transferido a las metafunciones de Halliday (1998): ideacional, interpersonal y textual para validar las respuestas en la construcción de la significación de la coherencia discursiva en el tiempo de Navidad. La función ideacional (experiencial y lógica) se corresponde con “el componente mediante el cual el lenguaje configura la experiencia cultural y el hablante codifica su propia experiencia individual como miembro de la cultura” (p. 148), devela el conocimiento previo y el conocimiento nuevo en torno a los tipos

de textos y la coherencia discursiva en el tiempo de Navidad. En la función interpersonal, el componente “representa el potencial de significado del hablante como intruso; es la función participatoria del lenguaje como algo que se hace” (p.148) y es el espacio para la interacción, en este caso, convoca la participación en la situación comunicativa vinculada con los textos y la coherencia discursiva de la tradición y el tiempo de Navidad en estudio. La función textual constituye el componente que representa el potencial de formación de texto del hablante” (p. 149), se manifiesta en el contexto de situación con el producto lingüístico adecuado al entorno y vinculado con la coherencia discursiva en investigación.

Los resultados derivados de la consulta en concordancia con las metafunciones de Halliday permiten inferir que no hay una participación masiva ni conocimiento en los discursos puestos en práctica en la Navidad entre los informantes, sobre todo en los más jóvenes. Hay aspectos vinculados con decoración, comida, manifestación de valores, tiempo de Navidad, Adviento, pesebre o nacimiento, nociones de Nochebuena, Natividad o Navidad, Nochevieja, Año Nuevo, Epifanía, Reyes Magos, Paradura, entre otros términos de interés que emergen en ese tiempo de las tradiciones decembrinas y no aparecieron entre los hallazgos, lo cual permite inferir la distancia existente entre quienes participaron en la consulta.

Conclusión

Desde la materia lingüística se afirma que como en todas las tradiciones, en el contexto de las tradiciones en el tiempo de la Navidad en Venezuela hay un repertorio propio para la temporada. Los anuncios y la celebración de las efemérides de esta época se proyectan de formas diversas y los mensajes combinan variadas estrategias en su estructura. Los mensajes abundan en diferentes códigos, formatos y de diversas maneras, la tecnología no se escapa de la celebración.. La significación de la tradición en Navidad se construye mediante la interacción social y los discursos empleados en cada evento. Sin embargo, cada integrante

de la comunidad lo procesa de manera diferente. La experiencia expuesta compromete a las instituciones educativas, culturales y comunitarias en la divulgación y difusión de los actos de habla implícitos en las tradiciones y específicamente en las enmarcadas en el llamado *Tiempo de Navidad*. Los actos de habla de las tradiciones antes, durante y después del tiempo de Navidad invitan no solamente a referirse al enunciado sino a comprometerse con lo enunciado, hacerse partícipe en lo enunciado como consecuencia del efecto; situación algo compleja si los receptores no se integran e identifican con lo comunicado. En concordancia con González de Z. (2024, p. 55) se sugiere desde la formación docente inicial contribuir en la formación de un ser cultural integral, un docente extensionista y un promotor de las tradiciones navideñas en diversos ambientes de aprendizaje, en la familia y en la comunidad. También propone seguir indagando en torno al tema expuesto con la intención de ampliar el conocimiento de la coherencia discursiva en Venezuela en el período navideño.

De manera sucinta, se puede concluir que a partir del estudio realizado hay un desconocimiento de la heterogeneidad de discursos y de la coherencia en éstos durante el proceso de celebración para el tiempo de Navidad: a) conceptualmente, pareciese que hay desconocimiento del motivo de la celebración, de la construcción del significado de este tiempo y de la coherencia discursiva depende de la emocionalidad, de la valoración de quien participa en la tradición; b) procedimentalmente, la interacción social es fundamental para opinar de cuánto ocurre y cómo se expresa en el evento, si no se participa habría que indagar el motivo o los motivos por los cuales no se participa y no se interactúa, y, c) actitudinalmente, hay una indiferencia en la mayoría de los informantes en torno a la tradición y tiempo en estudio, mientras que en una minoría de los informantes hay expresiones de identificación, de reconocimiento y respeto por las tradiciones navideñas.

Referencias

CASSANY, Daniel. El arte de dar clase (según un lingüista). Barcelona, España. Editorial Anagrama. 2021.

DELORS, Jacques. Los cuatro pilares de la educación En: La educación encierra un tesoro. Informe a la UNESCO de la Comisión Internacional sobre la Educación para el Siglo XXI. Santillana: Ediciones Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura (UNESCO). 1996.

VAN DIJK, Teun A. Estructura y funciones del discurso. México. Siglo veintiuno editores. 1996

GONZÁLEZ de Z., Norma. Tiempo de Navidad: Una experiencia universitaria en Venezuela. En: Vallejo Infante, Henry et al. (Organizadores). II Encontro Internacional O Natal Nos Une Edição Dulce Primo, maestrina das crianças. Coletânea interdisciplinar e multilíngue de perspectivas plurais. Porto Alegre: Casalettras. 2024.

HALLIDAY, M.A.K. El lenguaje como semiótica social. La interpretación social del lenguaje y del significado. México: Fondo de Cultura Económica. 1998

NACIONES UNIDAS. Agenda 2030 y los Objetivos de Desarrollo Sostenible. Una oportunidad para América Latina y el Caribe. ONU Comisión Económica para América Latina (CEPAL). 2016

SÁNCHEZ de R., Y. Coherencia y órdenes del discurso. Letras. 50. Caracas. 61-81. 1993.

Travessias Iluminadas: a ponte e o espírito natalino na paisagem urbana

LAURA KLAJN BALTAR¹¹⁸

Resumo: As pontes, mais do que infraestruturas de conexão física, são expressões simbólicas de passagem, encontro e continuidade. No período natalino, muitas delas se transformam em verdadeiros marcos luminosos, ressignificando a paisagem urbana e despertando o olhar para dimensões de afeto e pertencimento. A luz, elemento efêmero e poético, aproxima técnica e emoção, convertendo estruturas racionais em gestos de celebração. Este trabalho reflete sobre esse fenômeno por meio de três exemplos emblemáticos: a Ponte Estaiada Octávio Frias de Oliveira, em São Paulo, que assume a forma de uma grande árvore de Natal; a Megyeri Bridge, em Budapeste, que transforma suas torres em uma árvore de luz sobre o Danúbio; e a Purple People Bridge, nos Estados Unidos, que se torna passarela de luzes e música. As iluminações natalinas revelam o potencial poético da arquitetura e fazem da travessia uma metáfora luminosa de esperança e comunhão.

Palavras-chave: pontes; Natal; iluminação; paisagem urbana; celebração coletiva.

Introdução

As pontes, ao mesmo tempo que atravessam cidades, também atravessam imaginários. Mais do que obras destinadas a vencer distâncias físicas, elas condensam sentidos de passagem, encontro e continuidade. Desde as primeiras travessias sobre rios e vales, a ponte foi associada ao gesto de conectar não apenas margens, mas também comunidades, tempos e histórias, aproximando aquilo que antes permanecia separado. Há, em toda ponte, uma promessa de movimentação e de relação, um convite a deixar um lado para alcançar o outro.

No cotidiano das grandes cidades, porém, essa dimensão simbólica tende a diluir-se sob o ritmo acelerado dos fluxos. A ponte converte-se em infraestrutura silenciosa, suporte do tráfego, peça anônima da engrenagem urbana. O período natalino introduz, nesse cenário, uma

¹¹⁸ Brasileira; Arquiteta e Urbanista; Mestre em Arquitetura; Programa de Pós-Graduação em Arquitetura – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROPAR/UFRGS); arq.laurabaltar@gmail.com

pausa sensível. As luzes que se acendem em dezembro suspendem provisoriamente a rotina e oferecem outra leitura da paisagem. É quando muitas pontes deixam de ser apenas vias de passagem para tornarem-se marcos luminosos, capazes de reunir olhares, afetos e memórias compartilhadas. Como sugere Maurice Halbwachs (1990), as lembranças não se sustentam apenas nos indivíduos, mas necessitam de referências materiais e coletivas que as ancoram no espaço vivido; a ponte iluminada, converte-se, assim, em um desses quadros que orientam o lembrar e o sentir da cidade.

A luz atua, nesse contexto, como linguagem poética. Sem alterar a matéria do concreto ou do aço, ela redesenha formas, revela cabos e torres, multiplica reflexos sobre a água. Ao iluminar a estrutura, a decoração natalina “desfuncionaliza” a infraestrutura, convertendo em imagem, cenário e experiência aquilo que servia prioritariamente ao deslocamento.

Assim, este trabalho propõe refletir sobre esse fenômeno, buscando compreender de que modo a iluminação natalina produz novas camadas de sentido em pontes urbanas. Interessa observar como a técnica se aproxima da emoção, como a paisagem cotidiana é reencantada e como a travessia adquire valor ritual. A partir de três exemplos – a Ponte Estaiada Octávio Frias de Oliveira, em São Paulo; a Megyeri Bridge, em Budapeste e a Purple People Bridge, nos Estados Unidos –, pretende-se investigar de que formas essas estruturas, concebidas para conectar margens, passam a conectar também memórias, afetos e narrativas coletivas.

A reflexão desenvolve-se por meio de uma abordagem qualitativa e interpretativa, que articula revisão bibliográfica sobre memória coletiva, paisagem e experiência urbana à análise de estudos de caso. Para cada ponte, foram considerados registros documentais, reportagens, materiais institucionais e imagens de sua iluminação Natalina, buscando compreender de que modo a luz reconfigura a percepção dessas infraestruturas e produz novas leituras simbólicas da paisagem urbana.

Entre o brilho efêmero das luzes e a permanência da arquitetura,

as pontes iluminadas revelam que a cidade é feita não apenas de objetos, mas de experiências. Ao acenderem-se, elas convidam a atravessar não só o espaço, mas o próprio cotidiano, transformando o simples ato de passar em um breve exercício de encantamento e pertencimento.

A ponte como artefato simbólico da cidade

As pontes sempre ultrapassaram a condição de meras infraestruturas. Ainda que nasçam de necessidades técnicas – vencer rios, vales ou descontinuidades do território –, elas se convertem, com o tempo, em marcos simbólicos das cidades. Atravessá-las não significa apenas deslocar-se de um ponto a outro, mas experimentar um intervalo, um limiar entre margens físicas, tempos e sentidos. Como objetos fortemente visíveis na paisagem, as pontes organizam o olhar urbano e participam da construção de narrativas coletivas sobre a própria cidade, reafirmando o que a história das travessias demonstra: desde as primeiras passagens improvisadas até as megaestruturas contemporâneas, a ponte materializa o desejo humano de aproximar mundos e de transformar a geografia em convivência (Resende, 2023).

Essa dimensão simbólica se intensifica quando a ponte deixa de ser percebida apenas como via de passagem e passa a ser experimentada como lugar. A permanência, ainda que breve, possibilita que a travessia se converta em vivência sensível: o ritmo do caminhar, o contato com o vento, o reflexo da água, o enquadramento das vistas. Nesse sentido, Yi-Fu Tuan (2013) observa que o espaço se torna lugar quando é atravessado por experiências afetivas e corporais, quando deixa de ser extensão abstrata para converter-se em cenário de significados. A arquitetura da ponte, ao acolher gestos e percepções, atua como mediadora entre corpo e cidade, entre técnica e imaginação, transformando-se em dispositivo de experiência urbana.

No contexto contemporâneo, marcado pela aceleração dos fluxos e pela predominância da funcionalidade, esse potencial simbólico tende a ser obscurecido. Entretanto, determinados momentos do calendário

coletivo – entre eles o período natalino – produzem uma suspensão do cotidiano e reabrem o espaço para outras leituras da paisagem. A iluminação cênica, ao incidir sobre a estrutura da ponte, desloca seu significado: o que era suporte do tráfego converte-se em cenário de contemplação. A técnica é temporariamente recoberta pela festa, e a infraestrutura revela uma face até então latente.

A luz possui papel decisivo nesse processo. Por sua natureza intangível e efêmera, ela não altera a materialidade da obra, mas transforma radicalmente sua percepção. Junhai Pallasmaa (2011) lembra que a experiência arquitetônica é fundamentalmente sensorial e que a luz tem a capacidade de tocar o corpo antes mesmo da razão, modulando atmosferas e afetos. Feixes luminosos revelam cabos, torres e arcos; cores redesenham volumes; reflexos duplicam a estrutura sobre a água. A ponte passa a ser lida menos como objeto de engenharia e mais como imagem compartilhada, como presença quase onírica na noite urbana.

É nesse ponto que a travessia física se aproxima da travessia simbólica que o Natal evoca: passagem, esperança, encontro. A ponte iluminada deixa de ser apenas elemento da rede viária para tornar-se signo de celebração, marco sensível no qual a cidade reconhece a si mesma. Entre a permanência do aço e a fugacidade da luz, instaura-se um território híbrido onde técnica e emoção se entrelaçam, revelando que a infraestrutura também pode ser linguagem poética e que o espaço urbano é, antes de tudo, experiência vivida.

Memória, paisagem e celebração

A relação entre pontes iluminadas e memória urbana pode ser compreendida a partir da ideia de que o lembrar é sempre um processo socialmente situado. Conforme discutido por Halbwachs (2023), a memória não é atributo exclusivamente individual, mas se constrói nos quadros da vida coletiva, apoiando-se em referências materiais e simbólicas que orientam aquilo que pode ser recordado. Lugares, objetos e paisagens funcionam como marcos de evocação, permitindo que

experiências pessoais se articulem a narrativas compartilhadas.

Nesse sentido, a ponte atua como um desses suportes, sobretudo quando destacada pela iluminação natalina. Ela organiza a lembrança do período festivo, tornando-se ponto de referência para diferentes grupos que habitam a cidade. A cada dezembro, o retorno das luzes reinscreve a estrutura no calendário afetivo urbano, produzindo uma memória cíclica que não depende de fatos históricos, mas de experiências sensoriais reiteradas.

Michael Pollak (1989) aprofunda essa compreensão ao enfatizar que a memória é seletiva e enquadrada socialmente. Monumentos, paisagens e rituais contribuem para reforçar sentimentos de pertencimento e para delimitar aquilo que uma coletividade reconhece como significativo. A escolha de iluminar determinadas pontes revela, portanto, um processo de valorização simbólica: a cidade elege quais estruturas representarão o espírito natalino e, por extensão, a própria identidade urbana.

Essa dinâmica aproxima as pontes iluminadas do que Pierre Nora (1993) descreve como “lugares de memória”. Para o autor, tais lugares emergem quando a memória viva se enfraquece e necessita de suportes materiais que fixem, ainda que provisoriamente, o sentido do passado. Embora efêmeras, as iluminações natalinas produzem uma forma particular de lugar: não permanente, mas ritualizado, reativado a cada ano pela repetição das luzes, das vistas e das fotografias.

Joel Candau (2016) contribui para essa leitura ao afirmar que memória e identidade se alimentam mutuamente e que o patrimônio, material ou imaterial, funciona como marco da identidade representada de um grupo. As pontes iluminadas não guardam um passado remoto, mas constroem uma memória presente: lembranças de passeios em família, encontros e reencontros, registros fotográficos, trajetórias cotidianas. Trata-se de uma memória sensível, continuamente atualizada, que modela e é modelada pelos sujeitos.

Assim, a celebração natalina transforma a ponte em um dispositivo de rememoração coletiva. A travessia iluminada deixa de ser apenas

deslocamento e converte-se em experiência compartilhada, capaz de articular afetos individuais a uma narrativa urbana mais ampla. A memória que daí emerge não é estável nem homogênea, mas plural e processual, reafirmando a potência simbólica dessas estruturas que, embora concebidas como infraestruturas, tornam-se espaços de comunhão.

Estudos de caso

Ponte Estaiada Octávio Frias de Oliveira – São Paulo

Inaugurada em 2008, a Ponte Octávio Frias de Oliveira consolidou-se rapidamente como um dos ícones visuais da cidade de São Paulo. A forma em “X” de seu mastro central, os cabos que desenham curvas suspensas e a presença dominante sobre a Marginal Pinheiros fizeram da estrutura um marco reconhecível da metrópole. Durante a maior parte do ano, entretanto, essa monumentalidade é percebida sobretudo como cenário do fluxo: a ponte é mais atravessada do que contemplada.

No período natalino, esse regime de percepção se altera. Desde o final dos anos 2000, a ponte passou a integrar o programa “Natal Iluminado” da cidade, recebendo instalações de iluminação de LED que a transformam visualmente em uma grande árvore de Natal (figura 1). Em 2010, por exemplo, mais de quarenta mil pontos luminosos distribuídos ao longo dos estais compuseram um pinheiro de aproximadamente 138 metros de altura, visível a quilômetros de distância, acompanhado por animações cromáticas e sequências temáticas de luz (Prefeitura Municipal de São Paulo, 2010). A intervenção convertia a estrutura viária em espetáculo noturno, acompanhada diariamente por milhares de motoristas e pedestres.



FIGURA 1 – Ponte Estaiada Octávio Frias de Oliveira no Natal em 2010.
Fonte: Disponível em: <<https://onprojecoes.com.br/Natal-Ponte-Estaiada>>. Data do acesso: 16/01/026

A repercussão dessa transformação extrapolou o âmbito técnico e ganhou espaço no imaginário urbano. Diferentes registros jornalísticos enfatizaram como a ponte, habitualmente associada à velocidade do tráfego, passava a ser percebida como imagem e acontecimento. O Portal da Prefeitura de São Paulo descreveu a intervenção como um marco do programa natalino da cidade, ressaltando a dimensão coletiva do espetáculo luminoso e a visibilidade alcançada pela estrutura na paisagem paulistana (Prefeitura Municipal de São Paulo, 2010). A revista *Veja* São Paulo também retoma essa leitura ao destacar como a presença de grandes estrelas de LED suspensas entre os cabos reforçam a ideia da ponte como ornamento flutuante sobre o rio (Veja São Paulo, 2019). Entre o fluxo cotidiano e o brilho festivo, consolidava-se uma nova camada de sentido: a travessia deixava de ser apenas percurso para converter-se em experiência compartilhada.

A transformação é sutil e radical ao mesmo tempo. Nada se altera na matéria do concreto ou do aço, mas a luz redesenha a forma: revela cabos que durante o dia se confundem com o céu, projeta reflexos sobre a água, produz uma escala quase doméstica em um objeto monumental. Como lembra Pallasmaa (2011), a luz tem o poder de tocar o corpo antes da razão; na Ponte Estaiada, ela desloca o usuário do modo utilitário para um estado de atenção sensível, ainda que por alguns segundos dentro do

automóvel.

Esse deslocamento produz efeitos urbanos concretos. A cada dezembro, a ponte converte-se em destino para fotografias, ponto de encontro e referência de roteiros noturnos. O trajeto cotidiano ganha uma pausa inesperada, e a travessia se aproxima de um ritual. Como sugeriria Tuan (2013), o espaço do deslocamento transforma-se em lugar quando atravessado por afeto e, portanto, a ponte iluminada passa a ser lembrada não pelo tempo economizado, mas pela experiência vivida.

Mais do que decoração, a iluminação natalina instaura uma segunda vida para a infraestrutura. A ponte continua sustentando o tráfego, mas passa a sustentar também narrativas: memórias de fim de ano, imagens compartilhadas nas redes, relatos familiares. O que durante onze meses é símbolo da velocidade metropolitana converte-se, por algumas semanas, em símbolo de pausa e celebração. A técnica não desaparece, mas é recoberta por uma camada de imaginação.

A Ponte Estaiada evidencia, assim, como a cidade é capaz de reinventar seus próprios artefatos sem modificá-los materialmente. Basta a luz para que a infraestrutura se torne paisagem afetiva. No Natal, a travessia cotidiana ganha outro nome: encontro.

Megyeri Bridge – Budapeste

A Megyeri Bridge é uma ponte Estaiada que atravessa o rio Danúbio ao norte de Budapeste, capital da Hungria. Com cerca de 1.862 metros de extensão e torres de aproximadamente 100 metros de altura, a ponte é uma das principais infraestruturas da região, desempenhando um papel funcional no fluxo metropolitano e interurbano.

No período de Natal, assim como observado na ponte paulistana, a Magyeri Bridge assume uma presença poética e festiva que transcende sua função primária de ligação viária. De acordo com reportagens recentes¹¹⁹, a ponte tem sido transformada, ao longo de vários anos

¹¹⁹ Ver, por exemplo: Megyeri Bridge Near Budapest Illuminated as Christmas Tree. Hungary Today, 2021. Disponível em: <<http://hungarytoday.hu/megyeri-bridge->

consecutivos, em uma espécie de árvore de Natal monumental através da iluminação de seus dois pilares principais. Em uma das edições mais recentes desse gesto, as torres da ponte foram revestidas com luzes verdes por toda sua altura e ornamentadas com estrelas luminosas no topo, criando um efeito visual que remete aos grandes pinheiros natalinos (figura 2) sobre o curso do Danúbio – uma imagem que se tornou parte do calendário festivo dos arredores de Budapeste (Urbán, 2024).



FIGURA 2 – Megyeri Bridge iluminada no Natal.

Fonte: Disponível em:

<<https://welovebudapest.com/en/article/2024/12/20/sights-and-culture-christmas-lights-budapest-tree-megyeri-bridge/>>. Data do acesso: 16/01/2026

Esse espetáculo luminoso é organizado de forma que a ponte inteira, ainda que mantenha sua função estrutural e viária, passa a ser lida como uma “árvore gigante” iluminada. Cintia Urbán, em reportagem publicada no portal “*We Love Budapest*” (2024), destaca que a iluminação natalina já foi repetida por várias temporadas e costuma ser acionada em dias próximos ao Natal, criando uma experiência visual marcante no cenário da cidade e para quem transita pela rodovia M0.

No contexto deste estudo, a Megyeri exemplifica como a iluminação

budapest-bridges-christmas-lights-decorations/>. Data do acesso: 20/04/2026; Illuminated Bridge to Transform into the Country’s Biggest “Christmas Tree”. Hungary Today, 2024. Disponível em: <<https://hungarytoday.hu/illuminated-bridge-to-transform-into-the-countrys-biggest-christmastree/>>. Data do acesso: 20/04/2026.

natalina pode produzir uma metamorfose simbólica em infraestruturas que, durante a maior parte do ano, são percebidas apenas como instrumentos de mobilidade. Ao se revestirem de luz verde e se configurarem como árvores gigantes, os pilares convidam à contemplação, estabelecem diálogo com o horizonte urbano e contribuem para a construção de uma narrativa festiva compartilhada. A travessia – ainda funcional – passa a integrar um repertório de experiências afetivas e sensoriais, ligando usuário e cidade através de um gesto de celebração coletiva.

Purple People Bridge – Estados Unidos

Diferentemente das pontes analisadas anteriormente, a Purple People Bridge, que conecta as cidades de Cincinnati (Ohio) e Newport (Kentucky), nos Estados Unidos, não é prioritariamente uma infraestrutura viária, mas uma passarela destinada exclusivamente a pedestres e ciclistas. Construída em 1872 como ponte ferroviária e posteriormente convertida em travessia pública, ela consolidou-se como espaço de lazer e convivência às margens do rio Ohio, integrando parques, eventos culturais e circuitos turísticos da região. Essa vocação social explica por que, no período natalino, a ponte não apenas se ilumina, mas se transforma em um verdadeiro território de celebração.

Anualmente, o evento “*Winter Nights, River Lights*”, converte a passarela em um percurso imersivo composto por milhares de lâmpadas, projeções coloridas, trilhas sonoras e instalações temáticas. Segundo o portal “*Cincinnati Refined*”, a iniciativa cobre toda a extensão da ponte com luzes roxas e brancas, criando um túnel luminoso que convida o visitante a atravessar lentamente o rio como parte da experiência natalina (Cincinnati Refined, 2020). Diferentemente de um simples ornamento visual, trata-se de uma ambientação que solicita a presença do corpo e o tempo da caminhada.

Imagens divulgadas pelo próprio site da ponte mostram árvores de Natal distribuídas ao longo do percurso (figura 3), espaços para registros

fotográficos e projeções que dialogam com o curso do rio (The Purple People Bridge, 2020). A experiência é menos monumental que nos casos de São Paulo e Budapeste, porém mais próxima e participativa: o observador não contempla a ponte à distância, mas habita a ponte iluminada. Aqui, a travessia é experimentada na escala do corpo: o brilho das luzes, a música e o fluxo dos visitantes fazem da ponte um ambiente vivo, em que o movimento cotidiano cede lugar ao tempo do passeio.



FIGURA 3 – Árvore de Natal na Purple People Bridge, Estados Unidos.
Fonte: Disponível em: <<https://cincinnatirefined.com/arts-design/the-purple-people-bridge-is-prettier-than-its-ever-been-for-a-limited-time-newport-cincinnati?photo=29>>Data do acesso: 16/01/026

A Purple People Bridge evidencia outra possibilidade de relação entre infraestrutura e festa. Em vez de converter a estrutura em ícone visível de longe, a iluminação produz uma escala humana convidativa. A luz não monumentaliza, mas aproxima; não celebra a forma técnica, e sim o encontro. Sob esse aspecto, a ponte demonstra que o espírito natalino pode emergir tanto do espetáculo quanto da intimidade, e que a cidade se reinventa também a partir de gestos cotidianos.

Ao final de cada temporada, as luzes se apagam e a passarela retorna ao uso ordinário. Permanecem, contudo, as memórias de quem caminhou sobre o rio envolto por música e brilho. A ponte confirma, assim, que a travessia pode ser mais do que deslocamento: pode ser

experiência, narrativa e celebração compartilhada.

Conclusão

As três experiências analisadas revelam que a iluminação natalina é capaz de produzir uma inflexão significativa na forma como as pontes são percebidas e vividas. Em São Paulo, a monumental Ponte Estaiada converte-se em árvore luminosa visível à escala metropolitana; em Budapeste, os pilares da Megyeri Bridge erguem-se como pinheiros sobre o Danúbio; nos Estados Unidos, a Purple People Bidge transforma a travessia em percurso imersivo e participativo. Apesar das diferenças de contexto e de escala, todas apontam para um mesmo movimento: a passagem funcional é recoberta por uma camada simbólica que reaproxima infraestrutura e imaginação.

Essas intervenções evidenciam o poder da luz como linguagem urbana. Sem tocar a materialidade das estruturas, ela desloca significados, altera ritmos e convoca outros modos de estar na cidade. A ponte, concebida para organizar fluxos, passa a organizar afetos; o trajeto cotidiano torna-se experiência sensível. O que era suporte do deslocamento converte-se em cenário de encontro, confirmando que a arquitetura não se esgota em sua função técnica, mas se realiza plenamente quando acolhe narrativas e emoções.

Do ponto de vista da memória coletiva, as pontes iluminadas atuam como marcos temporários que reativam vínculos entre habitantes e paisagem. A cada dezembro, o retorno das luzes reinscreve essas estruturas no calendário afetivo urbano, produzindo lembranças compartilhadas que não dependem de eventos históricos, mas de experiências reiteradas. Trata-se de uma memória do presente, construída no corpo e no olhar, que transforma a travessia em ritual e faz da cidade um território de pertencimento.

Os três casos também revelam diferentes modos de celebração. Enquanto São Paulo e Budapeste enfatizam a dimensão espetacular e visível à distância, Cincinnati privilegia a escala do pedestre e do

convívio. Entre o monumento e o passeio, delineia-se um campo amplo de possibilidades para pensar o papel das pontes na cultura urbana contemporânea. Em todas elas, contudo, repete-se a mesma operação simbólica: a técnica é temporariamente “desfuncionalizada” para dar lugar ao imaginário.

Assim, as pontes natalinas demonstram que o espaço urbano é continuamente reinventado por gestos efêmeros. A luz que se apaga em janeiro não elimina o que foi vivido. As imagens, fotografias, histórias contadas e recontadas permanecem. A travessia cotidiana ganha outro nome – encontro – e a infraestrutura revela sua capacidade de acolher o sensível. Entre o aço e o brilho, entre a velocidade e a pausa, as pontes lembram que a cidade é, antes de tudo, uma experiência compartilhada.

Referências

- CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- CINCINNATI REFINED. The Purple People Bridge Is Prettier Than It's Ever Been For a Limited Time. Cincinnati Refined, 2020. Disponível em: <<https://cincinnatirefined.com/arts-design/the-purple-people-bridge-is-prettier-than-its-ever-been-for-a-limited-time-newport-cincinnati?photo=1>>. Data do acesso: 16/01/2026
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALBWACHS, Maurice. *Os Quadros Sociais da Memória*. Curitiba: Antonio Fontoura, 2023.
- NORA, Pierre. *ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A problemática dos lugares*. Proj. História, 1993.
- PALLASMAA, Juhani. *Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos*. São Paulo: Bookman, 2011.
- POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, p. 3–15, 1989.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. Ponte estaiada se transforma na maior Árvore de Natal iluminada do mundo. Prefeitura Municipal de São Paulo, 2010. Disponível em: <<https://prefeitura.sp.gov.br/web/comunicacao/w/noticias/118745>>. Data do acesso: 16/01/2026
- RESENDE, Nuno. *A Pontística Medieval*. Enciclopédia do Românico em Portugal, p. 75–86, 2023.
- THE PURPLE PEOPLE BRIDGE. Photos of Winter Nights, River Lights display in Cincinnati Refined. The Purple People Bridge, 2020. Disponível

em: <<https://purplepeoplebridge.com/photos-of-winter-nights-river-lights-display-in-cincinnati-refined/>>. Data do acesso: 16/01/2026

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 2013.

URBÁN, Cintia. See Budapest's largest Christmas tree light up - English - We love Budapest. We love Budapest, 2024. Disponível em: <<https://welovebudapest.com/en/article/2024/12/20/sights-and-culture-christmas-lights-budapest-tree-megyeri-bridge/>>. Data do acesso: 16/01/2026

VEJA SÃO PAULO. Ponte Estaiada ganha decoração de Natal com estrelas de 4 metros. Veja São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/cultura-lazer/ponte-estaiada-decoracao-natal/>>. Data do acesso: 16/01/2026

A memória do cuidado e a magia do Natal na Biblioteca

CLARISSE FONTENELLE FERREIRA PARENTE¹²⁰

JANAÍNA BARCELOS RESENDE¹²¹

SARA MAYARA MARTINS BORGES¹²²

Resumo: Este capítulo investiga a relação entre memória, identidade e patrimônio, contrastando as perspectivas clássicas com a crítica decolonial. Enquanto Halbwachs foca na memória coletiva sustentada por quadros sociais e Candau na patrimonialização como gestão da lembrança, a lente decolonial exige o questionamento da colonialidade dos critérios de valor. Analisamos este debate através de um estudo de caso na Biblioteca Central (BCE) da Universidade de Brasília, investigando como o trabalho de um restaurador e um bibliotecário se entrelaça com a tradição do Natal da BCE. A metodologia inclui entrevistas semi-estruturadas e análise de acervos. Os resultados demonstram que a dedicação humana desses servidores garante a longevidade do patrimônio material, que, por sua vez, reativa e nutre o patrimônio imaterial e afetivo da comunidade. Conclui-se que o cuidado dos servidores transcende a conservação, estabelecendo a biblioteca como um espaço vivo e seus profissionais como guardiões da memória.

Palavras-chave: Restauração; Biblioteca; Memória Individual e Coletiva; Patrimônio; Coleção de vinis.

Introdução

A tríade memória, identidade e patrimônio constitui um campo fundamental para a compreensão das dinâmicas sociais e políticas contemporâneas. Iniciamos a análise desta relação, classicamente, com a conceituação da Memória Coletiva por Maurice Halbwachs. Para o sociólogo, a memória não é um fenômeno meramente individual, mas sim um constructo social que só pode existir e ser

¹²⁰ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Química na Universidade de Brasília (UnB). Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Bacharela em Química pela UnB. Servidora do Setor de Conservação e Restauração da Biblioteca Central da UnB. E-mail: clarissefontenelle@gmail.com.

¹²¹ Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio, Universidade Estadual do Goiás (UEG) e bacharel em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília (UnB). Servidora do Setor de Seleção e Aquisição da Biblioteca Central da UnB. E-mail: janaina.resende@gmail.com.

¹²² Mestranda em Psicologia Organizacional pela Metropolitan University of Science and Technology (MUST University). Especialista em Tecnologia de Celulose e Papel pelo Centro Universitário UniBF. Graduada em Relações Internacionais pelo Centro Universitário do Distrito Federal (UDF). Assistente em Administração na Universidade de Brasília (UnB), atuando no Setor de Conservação e Restauração (RES) desde 2015. E-mail: saraborges@unb.br

acessado por meio dos quadros sociais como a família, religião, classe social. A memória coletiva é, assim, o elemento essencial que garante a coesão e a permanência da identidade de um grupo.

Para compreender nossas operações mentais, parece ser necessário focar no indivíduo e inicialmente desconsiderar os laços que o conectam à sociedade. No entanto, é na sociedade que, normalmente, o ser humano adquire suas lembranças, as recorda e, como dizem, as reconhece e localiza (Halbwachs, 2023, p. 6 e 7).

No entanto, o sociólogo Joël Candau oferece uma perspectiva crítica, deslocando o foco da necessidade intrínseca de memória para o fenômeno moderno da patrimonialização e afirma “a busca memorial se manifesta na patrimonialização generalizada da sociedade, fica demonstrada no nível individual, na ligação aos objetos de toda natureza” (Candau, 2016, p. 160).

Em um contexto de acelerada globalização e enfraquecimento dos quadros sociais tradicionais (matriz halbwachsiana) surge uma espécie de ‘obsessão’ pelo lembrar, pela nostalgia, que Candau chama de memória extensa ou globalizada. O Patrimônio, neste sentido, é o resultado de uma seleção, exteriorização e objetivação da memória. Ele se torna o símbolo da memória, uma estratégia social para fixar e gerenciar a lembrança, muitas vezes instrumentalizando-a para reforçar identidades de um grupo ou de uma nação, que estejam fragilizadas ou em disputa.

Apesar de a análise de Candau abrir caminho para questionamentos sobre a instrumentalização da memória, o debate se aprofunda e se radicaliza com a lente decolonial. Esta perspectiva questiona a própria matriz epistemológica que fundamenta os conceitos clássicos. O cerne da crítica decolonial reside na denúncia da colonialidade do patrimônio. Nota-se que a memória dos ‘vencedores’ é intimamente ligada à identidade e patrimônio nacional e inicia-se uma discussão sobre os outros grupos sociais que também fazem parte da nação, mas não se veem representados ou validados.

O sistema clássico, por ser historicamente estruturado por

instituições e critérios de valores eurocêntricos, serviu para consolidar as narrativas hegemônicas e nacionais, silenciando as memórias dos grupos menos favorecidos por essa perspectiva. A memória coletiva e o patrimônio instituídos tornam-se, assim, ferramentas para a manutenção de uma identidade nacional desejada, homogênea, que conta a história dos vencedores, mas invisibiliza os legados de violência, escravidão e colonialismo. Quijano (2011) explica que a colonialidade não controlou apenas o trabalho ou o território, mas colonizou o imaginário e a memória, levando os dominados a verem a sua própria cultura como inferior.

A proposta decolonial é, portanto, um giro epistêmico que exige a reavaliação do que precisa ser lembrado. Segundo Mignolo (2008), o giro decolonial é o desprendimento da retórica da modernidade e a abertura para outras formas de ser e saber que foram silenciadas pela colonialidade. O foco se desloca do objeto para o sujeito e o território. O patrimônio passa a ser compreendido não como o artefato isolado ou o monumento estático, mas como os saberes vivos e os espaços de referência da comunidade (Choay, 2017). O giro epistêmico decolonial exige a reavaliação do que precisa ser lembrado, deslocando o foco do objeto para o sujeito e o território, buscando a reparação histórica e a afirmação de identidades plurais (Chuva, 2012). Hall (2006) lembra que identidade cultural não é uma essência fixa do passado que foi "descoberta", mas uma produção contínua que acontece por meio da representação, conceito que pode ser aplicado na biblioteca estudada por meio da produção contínua das memórias, incluindo os discos, as decorações e os rituais.

Este trabalho se insere neste complexo debate, analisando as experiências de Natal vivenciadas na Biblioteca Central (BCE) da Universidade de Brasília. Ao investigar como o ofício de um restaurador de livros e de um bibliotecário especializado se entrelaçam com a construção de uma memória social e afetiva, a pesquisa explora as esferas da memória individual e coletiva em um contexto institucional.

Os resultados revelam que este legado do servidor aposentado

entrevistado e sua dedicação como restaurador garante a longevidade do patrimônio material, salvaguardando e conservando acervos. De forma indissociável, esta dedicação também sustenta o patrimônio imaterial, preservando as histórias e as informações neles contidas.

Paralelamente ao trabalho de conservação, a atuação deste servidor na organização do Natal da BCE e as sessões do Clube do Vinil, promovidas pelo bibliotecário Marcelo Scarabucci¹²³, configuram-se como práticas que reativam a memória coletiva ao mobilizarem a intersecção de quadros sociais fundamentais: o tempo (o ciclo festivo anual), o espaço (a materialidade da biblioteca) e o grupo (a comunidade de servidores e usuários).

Como Halbwachs (2023) explica, a memória necessita desses pontos de referência estáveis para ser reconstruída. Assim, as decorações e os eventos temáticos não devem ser confundidos com os quadros em si, mas compreendidos como suportes materiais e pontos de ancoragem onde a memória do grupo se projeta, se localiza e se estabiliza. Ao transformar o ambiente laboral, essas intervenções garantem que a lembrança individual encontre eco no coletivo, conferindo durabilidade às experiências e histórias partilhadas naquele espaço.

A materialização desse legado na BCE oferece uma perspectiva valiosa sobre o papel dos diversos profissionais de bibliotecas como guardiões da memória. Seu cuidado e dedicação humana transcendem a restauração de itens, evidenciando que a valorização da memória afetiva e interna da comunidade é fundamental para que o patrimônio, seja ele físico ou social, continue a nutrir a identidade. Este capítulo reforça que a biblioteca é um espaço vivo, onde a história é mantida e recontada não apenas nas páginas dos livros, seu objeto hegemônico, mas também nas tradições e nas memórias coletivas que, por serem valorizadas em sua especificidade e humanidade, representam um contraponto à

¹²³ Bibliotecário do Setor de Coleções Especiais e colecionador entusiasta de vinis e antiguidades.

homogeneização da memória imposta pelas lógicas clássicas e coloniais.

Com base neste quadro teórico e na relevância singular do caso, este trabalho se propõe a investigar como o ofício de um restaurador de livros e de um bibliotecário especializado na BCE se entrelaçam com a construção de uma memória social e afetiva, tendo a tradição do Natal na biblioteca como eixo principal de análise.

O objetivo central é explorar as esferas da memória individual e coletiva, considerando a atuação desses servidores na construção e manutenção do patrimônio material e imaterial da instituição.

A metodologia deste estudo baseia-se em pesquisa qualitativa, utilizando entrevistas semi-estruturadas como fonte primária para a coleta de dados. Esta abordagem será complementada pela análise de exposições e eventos temáticos, bem como de acervos específicos, buscando evidências de como a memória material e imaterial se manifestam, se complementam e se reativam na prática cotidiana da Biblioteca Central.

Desenvolvimento

Esta seção explora como o acervo da Biblioteca Central (BCE) e as práticas em torno dele, desde o minucioso trabalho de restauração até a organização de eventos temáticos, se articulam como poderosos veículos de memória e construção de uma identidade social. A análise das experiências de um restaurador (que preferiu não ser identificado) e do bibliotecário Marcelo Scarabucci revela uma complementaridade fundamental: o esforço de conservação técnica garante a permanência física do patrimônio, enquanto o engajamento afetivo e a promoção de rituais garantem sua vitalidade na memória coletiva da comunidade.

O acervo e a Restauração

A análise do relato deste restaurador, à luz da teoria sobre memória, identidade e patrimônio, estabelece uma forte conexão entre

seu ofício técnico e a dimensão social e afetiva da vida na biblioteca. O restaurador não é apenas um técnico, mas um agente ativo na gestão e na criação da memória coletiva da BCE.

Este trabalho inicia-se no campo da Patrimonialização, conforme teorizado por Candau (2016), que define o Patrimônio como a seleção e objetivação da memória, transformando-a em um símbolo da lembrança. O restaurador garante a longevidade desse símbolo por meio de sua dedicação à restauração.

Ele vê essa atividade como "uma arte" que exige "técnicas essenciais", mas que só é dominada com "amor e paciência". Seu cuidado assegura a permanência do patrimônio material, a exemplo do Livro das Aves¹²⁴, obra rara do acervo em que trabalhou, e assim, de forma indissociável, sustenta o patrimônio imaterial relacionado, assim como defende Gonçalves (2005, p. 21):

Mas o que é importante considerar é que se trata de uma categoria ambígua e que na verdade transita entre o material e o imaterial, reunindo em si as duas dimensões. O material e o imaterial aparecem de modo indistinto nos limites dessa categoria [patrimônio].

Para aprofundar a compreensão desse ofício, é valioso recorrer à distinção proposta por Candau (2016) entre a memória de alto nível (evocação, lembrança) e a protomemória. O trabalho do restaurador opera fundamentalmente nesta última categoria: é uma memória do corpo, 'incorporada', feita de gestos, técnicas e hábitos que não precisam ser verbalizados para serem eficazes. Candau (2016,) também nos lembra que essa memória procedural é uma 'inteligência profunda' que permite ao artesão agir sem necessariamente intelectualizar cada movimento, uma 'memória do gesto' inscrita no sistema nervoso.

O relato do restaurador ilustra a conceituação da Memória Coletiva de Halbwachs (2023), segundo a qual a memória individual só pode ser (re)construída e reativada por meio de quadros sociais. As decorações e

¹²⁴ LIVRO DAS AVES. Português.; HUGH of Fouilloy. [Livro das aves]. [Portugal], [13--?]. [9] folhas (2 colunas, 36 li. Manuscrito iluminado. Adaptação portuguesa da obra de Hugo de Folieto, De Avibus. Datado (Linguística): século XIV. Disponível em: <https://bdce.unb.br/manuscritos-medievais/livro-das-aves/>.

os eventos de Natal, originados em uma competição entre setores proposta pela direção à época, não são apenas adornos, mas constituem suportes materiais dentro desse quadro social. Conforme o relato, o Natal consolidou-se como "a data mais importante do calendário", funcionando como um marco temporal e afetivo de "renovação de esperança, amor, fraternidade, fé, alegria e mudança". Nesta perspectiva, as memórias do cuidado na BCE não flutuam no vácuo; elas são (re)construídas e fixadas a partir das estruturas dos quadros sociais. O grupo de servidores e o próprio ambiente da restauração atuam como pontos de referência estáveis, permitindo que a memória afetiva da instituição se localize, ganhe durabilidade no tempo e resista ao apagamento institucional.

É preciso distinguir, contudo, as duas dimensões de cuidado exercidas pelo servidor: a preservação técnica do acervo e a mobilização da memória afetiva através da competição de decoração de Natal. Enquanto restaurador, sua atuação é pautada pelo rigor da conservação material; já como entusiasta natalino, ele assume o papel de 'agente de alegria', transpondo sua sensibilidade manual para a ornamentação dos espaços.

Esta competição, longe de ser um evento isolado, consolidou-se como uma prática sistemática de engajamento setorial na BCE, onde a disputa lúdica entre as unidades servia como catalisador para a coesão do grupo. Para o restaurador, sua maior satisfação residia em observar a reação dos pares, o que reitera a tese de que o evento de Natal funciona como um ponto de ancoragem onde a memória institucional é reativada. Assim, a 'vontade de curtir o que era feito' não se restringe ao adorno, mas celebra a permanência de uma identidade coletiva que encontra na dedicação artesanal do servidor, seja no livro ou na guirlanda, um suporte para a continuidade dos laços institucionais.

Sua atuação se alinha ao giro epistêmico decolonial ao promover um desprendimento (MIGNOLO, 2008) da lógica burocrática-institucional, herdeira da modernidade colonial que prioriza o objeto e a técnica fria em detrimento dos sujeitos. Ao afirmar que sua motivação parte de uma 'demanda própria' e subjetiva, e não de uma imposição

normativa, o restaurador subverte a colonialidade do saber que enxerga o acervo apenas como patrimônio material estático. Essa postura reintroduz a dimensão do sentir-pensar no cotidiano da biblioteca, transformando o ato técnico da restauração em uma prática de resistência política e afetiva. Assim, o 'sentimento de alegria interior' mencionado não é apenas um estado emocional, mas um ato de insurgência contra o produtivismo administrativo que silencia as memórias e as vivências locais no espaço acadêmico.

Seu objetivo era "promover algo diferente com carinho e amor", e esse foco na especificidade e humanidade da memória afetiva da comunidade interna da BCE representa um contraponto à homogeneização. Seu legado: o carinho sobre o que era realizado, evidencia que a biblioteca é um espaço vivo que mantém e reconta a história, afirmando a importância da memória coletiva valorizada em sua particularidade.

O acervo e os discos

Embora o acervo físico de livros seja prioridade na restauração, o acervo musical da BCE também passou pelo setor e evidencia essa dinâmica social. Uma coleção de vinis vai além da música, preservando a arte gráfica da capa e funcionando como uma testemunha tecnológica e social da época. O bibliotecário Marcelo relata que o interesse do público pelos formatos físicos, materiais como vinil, CD, VHS e DVD é grande por conta do ritual que eles proporcionam, o que é visto como um ato manual, fora da rotina e "até terapêutico".

Marcelo afirma que "o ato de ir até a biblioteca, manusear esse material e você escolher o que você quer ouvir, que você não tem interferência digital, é, isso acho que chama muita atenção do público".

O Clube do Vinil da BCE é um serviço de mediação cultural que promove a audição compartilhada de LPs pertencentes ao acervo de Coleções Especiais da instituição. Coordenado pelo bibliotecário Marcelo Scarabucci, o projeto utiliza o espaço da biblioteca para reunir a

comunidade acadêmica e externa em torno da sonoridade analógica, transformando o ato de ouvir música em uma experiência coletiva e pedagógica. Mais do que a simples execução dos álbuns, o Clube estimula a troca de saberes sobre a história da música e a preservação do suporte físico, permitindo que este patrimônio seja reativado e vivenciado pelo público. É nesse cenário de interação entre o objeto técnico e a memória sensível que se inserem os relatos colhidos na pesquisa, evidenciando como a música atua como um elo de identidade e afetividade no ambiente acadêmico (Universidade de Brasília, 2024).

A memória vestida de Natal

A materialidade do vinil torna-se palco para a reativação da memória, especialmente com a temática natalina. O restaurador foi um agente ativo na criação dos quadros sociais na BCE como a competição de decoração de Natal, que partiu da equipe de gestão e ele a abraçou, fazendo as decorações por oito anos. Ele queria, reforçando suas palavras, ser um "agente de levar alegria" e adorava ver o carinho e a vontade das pessoas "curtindo e gostarem do que era feito".

A dimensão ritualística do Natal na BCE encontra na audição de discos de vinil um suporte de resistência ao tempo acelerado da produtividade acadêmica. O ato de manusear o objeto analógico, retirar o disco da capa, posicionar a agulha, ouvir o estalo do material, espelha o próprio ritual natalino de preparação e pausa. Essa relação entre o Natal e a materialidade do vinil reside na busca por uma experiência de presença que a música digital não alcança.

Como destaca Marcelo, ouvir clássicos de Elvis Presley ou Ray Charles “em outro contexto” retira esses artistas da redoma do consumo comercial e os insere em um espaço de partilha comunitária. Assim, o Clube do Vinil transforma a biblioteca em um quadro social (Halbwachs, 2023) onde o som não é apenas fundo, mas o elemento que catalisa a “necessidade mental de estar e de se relacionar”. Em uma perspectiva decolonial, esse ritual reafirma a biblioteca como um espaço de cuidado

e saúde mental, subvertendo a frieza burocrática da instituição para dar lugar ao encontro humano e à celebração da vida compartilhada.

Ao organizar o Natal, a equipe da BCE não está apenas repetindo uma festa, está fabricando quadros sociais que permitem aos servidores e usuários reconstruir uma imagem coesa de si mesmos enquanto comunidade. Como explica Halbwachs (2023, p. 7), “na maioria das vezes, se me lembro, é porque os outros me incentivam a lembrar, porque suas memórias vêm em auxílio da minha”. O ritual natalino e a decoração funcionam como esses incentivos externos. Eles são os pontos de referência que permitem que a memória individual se apoie na memória coletiva para não se fragmentar. Mesmo que o Natal seja uma repetição anual, cada celebração na biblioteca é uma reconstrução baseada nas emoções e na configuração social daquele ano específico, validando o sentimento de pertencimento do grupo.

A perspectiva decolonial aplicada ao patrimônio exige a validação de expressões que tensionam a hegemonia festiva e a alegria compulsória do imaginário natalino. No Clube do Vinil, essa fissura na colonialidade do sentir manifesta-se quando o samba 'Boas Festas' (1932), de Assis Valente, interrompe a narrativa do Natal de neve e abundância importada pelo mercado fonográfico global. Ao versar sobre a solidão e a exclusão social - sintetizadas no verso 'Pensei que todo mundo fosse filho de Papai Noel' -, a obra de Valente introduz a melancolia do sujeito periférico no Sul Global como uma contra-narrativa legítima. Assim, a curadoria de Marcelo Scarabucci pratica uma justiça cognitiva, pois garante que a memória institucional não seja apenas um espelho de padrões eurocentrados, mas um espaço que acolhe a pluralidade das vivências e das dores da própria comunidade.

Diálogos entre Passado e Presente

O engajamento com o acervo analógico estabelece um diálogo profundo entre o passado e a vivência atual da comunidade. Marcelo, ao falar sobre o valor do vinil, destaca a importância do "ritual" de ir à BCE,

manusear o material e escolher o que ouvir. O Clube do Vinil e os especiais de Natal, assim como as confraternizações dos membros do clube que passam a se envolver pessoalmente por compartilhar gostos parecidos, também funcionam como quadros sociais, espaços onde a memória afetiva é construída e ressignificada constantemente.

Marcelo ilustra isso citando uma pesquisa interna em que muitos dos estudantes com acesso a *streamings* disseram que preferem ir presencialmente à BCE buscando uma experiência humana e não digital, rejeitando a tal propaganda de facilidade e a homogeneização do consumo digital em favor de um item que exige intencionalidade e trabalho manual, uma outra dinâmica completamente desconectada.

Marcelo reconhece que o disco é uma "testemunha tecnológica, social daquela época", validando-o como um objeto material carregado de memória. O maior desafio da curadoria é a conservação, o equilíbrio entre tornar o material acessível e manter a segurança do item, o que é "muito complexo", de acordo com Marcelo.

Guardiões

A complementaridade entre a conservação técnica e a gestão afetiva da memória consolida o papel dos servidores como verdadeiros guardiões do patrimônio. Marcelo sugere que o Clube do Vinil no futuro pode se conectar mais à tradição natalina e ao trabalho que o restaurador ajudou a construir.

A dimensão decolonial da coleção de vinis da BCE não reside meramente na diversidade do acervo, mas na subversão da lógica de aquisição e representação. Diferente do cânone institucional hegemônico, construído por políticas de compra 'top-down', este acervo é fruto de doações da comunidade, configurando uma curadoria comunitária que preserva a memória afetiva local.

A coexistência de ícones globais como Elvis Presley e Ray Charles com o samba 'Boas Festas' de Assis Valente exemplifica o que Mignolo (2008) denomina como 'pensamento de fronteira'. Ao trazer a melancolia

e a crítica social de Valente - que questiona a universalidade do 'Papai Noel' em um contexto de exclusão no Sul Global - para o centro de uma instituição acadêmica, a biblioteca rompe com a narrativa natalina eurocentrada e branca. Essa prática promove a justiça cognitiva, pois valida epistemologias e estéticas periféricas que, em uma estrutura puramente burocrática, seriam silenciadas pelo epistemicídio das coleções tradicionais.

A atuação de Marcelo na curadoria dos discos de Natal, para além de sua convicção pessoal não-cristã, evidencia a biblioteca como um espaço de mediação cultural que reconhece a hegemonia desse rito na sociedade brasileira, mas o ressignifica sob a ótica do acolhimento. Ao manter o aspecto festivo, o bibliotecário não busca a promoção de uma fé específica, mas a validação da memória afetiva e interna da comunidade. Nessa perspectiva, a instituição transcende a frieza burocrática e assume o papel de guardião de rituais que, embora vinculados a uma matriz cristã dominante, são operados na BCE como ferramentas de coesão social e cuidado. A diversidade aqui não se manifesta na alternância de credos, mas na pluralidade de sentidos que a comunidade atribui à data, permitindo que o espaço acadêmico acolha o sujeito integral, com suas crenças, saudades e necessidades de pertencimento, em vez de ignorar as manifestações culturais que dão ritmo à vida dos servidores e usuários.

O Natal na BCE segue, mesmo com modificações e alguns anos com mais, outros com menos empenho dos servidores. A continuidade das celebrações natalinas na BCE, a despeito das oscilações de empenho institucional ao longo das décadas, encontra sua sustentação na agência individual de servidores que personificam a memória da casa. O caso de Débora, servidora lotada na biblioteca e filha de um antigo colaborador (já falecido), ilustra com precisão o conceito de filiação institucional afetiva.

Tendo sido criada nos próprios corredores da BCE, sua trajetória borra as fronteiras entre o biográfico e o profissional. Ao incumbir-se da organização dos eventos, mobilizando vaquinhas e contratações externas

para não deixar a memória morrer, Débora atua como uma guardiã de um patrimônio imaterial. Sua atuação demonstra que a memória coletiva (Halbwachs, 2023) não é um processo automático, mas depende de sujeitos que reconhecem na instituição um suporte de sua própria identidade. Assim, o legado dos Natais na biblioteca deixa de ser uma norma administrativa para se tornar uma estrutura viva, mantida por elos de afeto que garantem a transmissão intergeracional do cuidado na universidade.

Conclusão

Este estudo se propôs a explorar o entrelaçamento dos ofícios de um restaurador e de um bibliotecário especializado na BCE com a construção de uma memória social e afetiva. Os resultados confirmaram que ambos os servidores são exemplos de como a atuação na biblioteca transcende a mera função técnica. O restaurador estendeu sua dedicação e a arte da restauração para a criação de um clima afetivo, enquanto o bibliotecário utiliza o acervo como ferramenta para reativar e celebrar a memória coletiva por meio dos rituais do Clube do Vinil.

O legado do restaurador transcende a restauração de itens, que confere longevidade ao patrimônio material, evidenciando o valor do cuidado e da dedicação humana para com o patrimônio imaterial da instituição. O foco na memória afetiva e no ritual demonstrou que a valorização da experiência humana na BCE é fundamental para que o patrimônio continue a nutrir a identidade da comunidade.

A análise do engajamento dos servidores e do público reforça a conclusão de que a biblioteca é um espaço vivo, onde a história é mantida e recontada. Ela se consolida como um verdadeiro lar cultural, pois seus rituais e acervos se configuram como os quadros sociais essenciais de Halbwachs para a comunidade.

O ato de ir à biblioteca para consumir vinil, em vez de recorrer ao *streaming*, revela que a instituição oferece uma experiência que é valorizada como "terapêutica" e um contraponto à homogeneização da

memória imposta pelas lógicas digitais. A BCE, ao valorizar e celebrar essas tradições e memórias coletivas, assume um papel fundamental na afirmação de identidades plurais.

Em última análise, a dialética entre a preservação festiva e a inclusão de narrativas de dor nos remete à tensão ética que Ricoeur (2007) define como a busca pela justa memória. Para o autor, a memória não reside no arquivamento total e obsessivo, pois resultaria em uma memória morta ou impedida, mas no equilíbrio entre o dever de memória e o trabalho de luto. Na BCE, essa justiça manifesta-se no ato curatorial de selecionar o que deve permanecer vivo: ao recusar o esquecimento forçado das narrativas de exclusão (como a melancolia de Assis Valente) em favor de uma alegria institucionalizada, a biblioteca exerce uma fidelidade ao passado que nutre uma identidade coletiva plural. Assim, a justa memória aqui não é um conceito abstrato, mas a prática política de garantir que o patrimônio institucional reflita a complexidade da experiência humana, equilibrando o brilho da celebração com a densidade das memórias silenciadas.

Essa mediação ganha contornos de resistência na tensão entre a materialidade analógica e a efemeridade digital característica de um mundo globalizado. Ao permitir que a solidão de Assis Valente coexista com a alegria comercial de Ray Charles, a BCE pratica um exercício complexo de curadoria que tensiona o local frente ao global. O suporte analógico, com sua exigência de pausa e presença, atua como um antídoto à homogeneização das playlists digitais, que tendem a silenciar as dissonâncias em favor de um clima festivo padronizado. Assim, evita-se a memória petrificada, que apenas reproduz o passado como um simulacro de marketing, em favor de uma memória viva que acolhe a pluralidade e a contradição. Nesse cenário, os servidores não atuam apenas como técnicos, mas como mediadores que protegem a comunidade da amnésia digital, ajudando-a a construir uma identidade aberta, situada e profundamente humana.

Para dar continuidade a esta reflexão, sugerimos itinerários de pesquisa que aprofundem o debate sobre a materialidade do afeto em

ambientes acadêmicos.

Primeiro, propõe-se a análise de outros marcos do calendário da BCE para investigar se operam como quadros sociais análogos ao Natal na fixação da identidade do servidor.

Segundo, sugere-se uma comparação interinstitucional para avaliar de que forma diferentes culturas administrativas nas bibliotecas universitárias brasileiras promovem, ou negligenciam, rituais de pertencimento em toda sua diversidade.

No campo da decolonialidade, recomenda-se investigar a recepção dos usuários diante das dissonâncias do acervo: de que maneira o contato com o samba triste de Assis Valente, em meio ao ambiente acadêmico, opera uma reparação histórica ao validar sentimentos de exclusão e solidão como parte da memória nacional.

Por fim, propõe-se um estudo sobre o legado técnico-sensorial da restauração, avaliando como a mão do restaurador resiste à padronização burocrática das políticas de conservação, garantindo que o objeto restaurado permaneça não apenas como documento, mas como suporte de memória viva e compartilhada.

Referências

CANDAU, Joël. Memória e identidade. Tradução de Maria Letícia Ferreira. 1ª edição. São Paulo: Contexto, 2016.

CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: Estação Liberdade: Ed. UNESP, 2017.

CHUVA, Márcia. Por uma história da noção de patrimônio cultural no Brasil. Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico, v. 34, p. 1-15, 2012.

CURY, Isabelle (Org.). Cartas patrimoniais. 3. ed. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

FERNANDES, Jaqueline M. Bibliotecas e patrimônio: valorização de referências culturais por meio de ações de educação patrimonial na Biblioteca Seccional Câmpus Goiás – Cajuí/UFG. 2022. 125 f. Relatório Técnico (Mestrado em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, GO,

2022.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. *Horizontes Antropológicos*, v. 11, n. 23, p. 15-36,

jun. 2005. FapUNIFESP (SciELO).

HALBWACHS, Maurice. Os quadros sociais da memória. Tradução de Antonio Fontoura. Curitiba: Antoniofontoura, 2023.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. *Comunicação & Cultura*, [S.l.], nº 1, pp. 21-35, 2006.

JANUZZI, Vinicius Prado (org.) et al. Educação patrimonial, diversidade e meio ambiente no Distrito Federal. Brasília: IPHAN, 2022.

MIGNOLO, Walter D. La opción de-colonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto y un caso. *Tabula Rasa*, Bogotá, Colombia, n. 8, p. 243-281, jan./jun., 2008.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y subjetividad en America Latina. *Contextualizaciones Latinoamericanas*, Guadalajara, ano 3, nº 5, jul./dez., 2011.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SOUTO, Clivea Farias. Biblioteca universitária: sua função social enquanto lugar de memória. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 19., 2016, Manaus. Anais [...]. Manaus: [s.n.], 2016.

TOLENTINO, Átila Bezerra. Educação patrimonial: reflexões e práticas. João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2012.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Biblioteca Central. Clube do Vinil. Brasília: BCE, 2024. Disponível em: <https://bce.unb.br/servicos/clube-do-vinil/>. Acesso em: 29 jan. 2026.

Representatividade e Identidade: Um olhar sobre mídias natalinas e representação LGBTQIA+

EDWARD DUTRA DOS ANJOS¹²⁵

FRANKLIN DONATELLO ROSA¹²⁶

Resumo: A concepção de família é um tema complexo e alvo de debates, enquanto a sociedade se organiza de forma orgânica em núcleos que configuram - efetivamente - família, outros grupos de fanáticos fundamentalistas consideram como família, apenas noções religiosas. Tais posicionamentos ocasionam representações idealizadas de família. Estas idealizações estão presentes nas mais variadas formas de arte, como séries feitas para a TV. Nestas representações, as famílias são “tradicionais”, pautadas na família nuclear, cisheteronormativa, que, em seus papéis repelem o *queer*, o dissidente de qualquer uma destas características. Assim, este trabalho tratará de mídias que idelizam a criação da imagem de família na perspectiva LGBTQIA+, questionando e ponderando quanto a adesão e rompimento com a visão heteronormativa. Considerando a temática do evento, tratamos das representações que se alinham ao Natal. Assim, iremos analisar obras como o longa Esqueceram de Mim (1990) e episódios das séries *Please Like Me* e *Steven Universo*. Para isso, utilizaremos como base para este trabalho Detienne (2000), Louro (2009) e Engels (2019).

Palavras-chave: Natal; LGBTQIA+; Heteronormatividade; Cinema e audiovisual; Família.

Introdução

Tratar da temática LGBTQIA+¹²⁷ no contexto de identificação com família e afins é um tema bastante complexo. Dado a proposição do IV Encontro Internacional e Multilíngue de Perspectivas Plurais O Natal nos Une, acreditamos que fosse o momento ideal para tratar da perspectiva da representação e representatividade LGBTQIA+ nas mídias. Por se tratar de um evento de Natal e uma data que é

¹²⁵ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de financiamento 001. Doutorando do Programa de Pós-Graduação de Memória Social e Patrimônio Cultural pela UFPel; Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural pela UFPel; Graduado em História pela Universidade Federal de Pelotas - UFPel, edwddu@gmail.com.

¹²⁶ Graduado em História e Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Pelotas, linrosa596@gmail.com.

¹²⁷ “Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexuais, (LGBTQIA+).” Definição disponível na aba do Ministério de Direitos Humanos e da Cidadania: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/lgbt>. Acesso em 12/11/2025.

tradicionalmente associada à família e amplamente apresentada nos mais diversos aportes de comunicação, este período do ano, representa para público LGBTQIA+ um momento complexo, em que é muito comum a sensação de exclusão e de não pertencimento, seja pela invisibilidade de representação nos aportes midiáticos de amplo alcance, seja pelos problemas familiares que são fatores comuns na vivência da maioria dos sujeitos da comunidade.

As representações idealizadas de famílias estão presentes nas mais variadas formas de arte, incluindo o cinema e o audiovisual, como séries feitas para a TV. As famílias apresentadas pelos diretores, roteiristas e produtores, acabam sendo em sua maioria a família “tradicional”, pautada na família nuclear. Dessa forma, para tratar do tema, recorreremos a três mídias em particular, que apresentam formações familiares dissidentes e de resistência. São elas: *Esqueceram de Mim* (1990), cuja principal temática que interessa é a relação da criança que precisa se adequar ao momento dado a negligência familiar; um episódio da série *Please Like Me* (2013), que apresenta a apresentação de família a partir dos núcleos de amizade; e *Steven Universo* (2013), onde a família é apresentada a partir de uma configuração diversa, cuja composição apresenta a possibilidade de encontro com a diferença.

Ainda, cabe apontar alguns aspectos interessantes, para explicitar o porquê consideramos o tema pertinente, para tanto, elencamos três notícias que tratam do tema família e do que se entende, socialmente enquanto família. As notícias em questão foram escolhidas por apresentarem um recorte de tempo pertinente ao tema e estarem ligadas à esfera pública, o que as torna elementos de impacto público, nesse sentido, também foram escolhidas por estarem ligadas à sujeitos que representam grupos em particular, com discursos que propõe a manutenção e continuidade dos grupos familiares cisheteronormativos e seus papéis repelem o *queer*, ou seja, o dissidente de qualquer uma destas características são repudiados e, com frequência, perseguidos.

Justificativa

Como mencionamos, talvez o primeiro e mais importante fator que respalde a pertinência desta temática, seja a posição de representantes públicos quanto ao que se trata como família. No primeiro caso, trazemos uma notícia de 2015, do portal da Câmara de Deputados¹²⁸ onde se discutiu a manutenção do conceito de família formada a partir de homem e mulher, conforme a própria matéria aponta, ainda em 2011 o Supremo Tribunal Federal - STF já havia reconhecido a união estável para casais do mesmo sexo. Contudo, o direito e o reconhecimento das famílias *queer* continuou a ser descreditado por esferas públicas, por sujeitos que deveriam legislar para a população e garantir a proteção das minorias.

A segunda matéria é do jornal 'Poder 360'¹²⁹, do ano de 2021 e traz uma fala do presidente da época - Jair Messias Bolsonaro - que então, em seu papel de figura pública, realiza discursos dizendo que a composição de uma família é feita apenas por "homem e mulher". Na mesma matéria, disponível em outros portais também, é mencionado que o discurso do então presidente é realizado para um público evangélico, o que nos reforça para a necessidade da problematização de veículos de mídia que transponham esses ideais fundamentalistas e discriminatórios, que reverberam em vozes que tem significativo peso social. Bolsonaro mantinha como *slogan* em sua campanha e posteriormente governo, os dizeres "Deus, pátria e família". Deus, relacionando suas falas problemáticas como uma manutenção do que "Deus" teria designado para os humanos, o que também é encontrado no "família" dentro do *slogan*, pois é essa família cisheteronormativa e também monogâmica que sua política nociva defendia. Engels (2019), afirma que a monogamia foi a primeira forma de família que não foi pautada na natureza e sim no econômico. Ao olharmos com um pouco

¹²⁸ Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/472641-comissao-mantem-conceito-de-familia-formada-a-partir-de-homem-e-mulher>. Acesso em 12/11/2015.

¹²⁹ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/bolsonaro-defende-familia-formada-por-homem-e-mulher-em-evento-com-evangelicos/>. Acesso em 12/11/2015.

mais de atenção, percebemos que essa formação de família, é fundamentada em uma superioridade dos homens com as mulheres, tratando-se de uma ideologia de gênero, termo que para os grupos de extrema direita é tão utilizado para denominar tudo que tange às pessoas dissidentes de gênero e sexualidade.

Concordando com Engels (2019), Nuñez (2023) afirma que os setores conservadores utilizam a pauta "defesa da família", pois essa instituição é uma das formas de manutenção de violências e explorações em relação às mulheres do ponto de vista financeiro, onde para eles, o papel de mãe, dona de casa, sem autonomia financeira é o único aceitável para a manutenção dos "bons costumes". Enquanto isso, mulheres racializadas e empobrecidas trabalham para a manutenção das famílias brancas, burguesas e heteronormativas, na maioria das vezes em troca de estadia, comida e salários não regularizados.

Ainda em consonância com Engels, em relação a ligação da invenção da família e o capitalismo, Louro (2009) afirma que os Estados nacionais, em determinado momento do século XIX, se preocuparam em controle populacional e, desta forma, passaram a controlar os corpos e as relações, aplicando uma espécie de disciplina e padrão das práticas sexuais. Tal controle gerou efeitos que vemos até a atualidade. Para autora, o alinhamento entre sexo-gênero-sexualidade é que sustenta a heteronormatividade. Sendo assim, o heterossexual só existe a partir da negação de se ser ou estar homossexual.

Por fim, optamos por uma notícia do portal “Gazeta do povo”¹³⁰, do ano de 2025, que traz uma fala do atual papa - Leão XIV -, por se tratar de uma representação global, um representante religioso que fala para grupos de todos os continentes, seus posicionamentos têm peso e potencial de induzir o asseveramento de posicionamento, e neste caso de intolerâncias com minoritários como a comunidade LGBTQIA+. Na fala em questão, o representante da Igreja Católica Apostólica Romana reforça

¹³⁰ Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/papa-defende-familia-formada-homem-mulher-sociedades-mais-harmoniosas/>. Acesso em 12/11/2015.

o posicionamento cisheteronormativo, de famílias constituídas de “homens e mulheres” e ainda trata as formações disruptivas como um problema, ao referir-se a uma sociedade mais “harmoniosa” quando constituída de mais famílias “tradicionais”.

Facilmente poderíamos elencar inúmeras outras matérias que tragam mais notícias sobre o tema e apresentam a desvalidação e perseguição - ainda que indireta - à população LGBTQIA+. Contudo, nosso interesse se trata de apresentar a existência da diversidade de famílias e a existência dessa possibilidade através da arte, bem como a importância e peso que possuem essas representações, para que se possa imaginar um mundo onde exista respeito, valorização e fortalecimentos da diversidade.

As mídias de natal

Enquanto a sociedade se organiza de forma orgânica em núcleos que configuram - efetivamente - família, outros grupos de fanáticos fundamentalistas tratam de considerar como família, apenas as noções que contemplam atravessamentos religiosos e de gênero. Tais posicionamentos ocasionam em representações idealizadas de famílias que não contemplam grupos LGBTQIA+ ou mesmo famílias com composições para além dos grupos da sigla, mas que estão fora do escopo cisheteronormativo, como por exemplo, núcleos familiares formados por apenas mulheres, sem a figura paterna que é a peça de manutenção desse *cistema*¹³¹. Assim, essas representações idealizadas de famílias estão presentes nas mais variadas formas de arte, desde o cinema e o audiovisual, como séries feitas para a Televisão e canais abertos ou mesmo *streamings*, até animações infantis e infantojuvenis. As famílias apresentadas pelos diretores, roteiristas e produtores, acabam sendo em

¹³¹ Optamos por inserir o termo ‘cis’ que é utilizado para se referir à gêneros, como cisgênero. O termo vem sendo utilizado como uma forma de crítica ao sentido de ‘sistemas’, em relação às normas da cisgeneridade e heteronormatividade na sociedade, impostas na sociedade, como um sistema propriamente dito.

sua maioria a família “tradicional”, pautada na família nuclear, cisheteronormativa, carregada e mantida (até certo ponto) pela lógica monogâmica.

Ao decorrer do presente capítulo, iremos utilizar o chamado método comparativo de Detienne (2004), que nos permite comparar as obras, analisando-as como uma fonte, de uma forma experimental, onde não apenas as similaridades e grandes diferenças são procuradas, como também contrastes, por exemplo.

Esqueceram de mim

A obra “Esqueceram de Mim”, título original *Home Alone*, é uma produção estadunidense do ano de 1990. O longa-metragem, escrito por John Hughes e dirigido por Chris Columbus, é do gênero comédia. *Home Alone*, apesar de não ter recebido apenas críticas positivas, acabou se tornando um sucesso, batendo recordes de bilheteria e assim tornando-se um clássico de Natal, gerando inclusive, uma franquia, que inclui quatro sequências ao primeiro longa. No Brasil, o filme foi exibido diversas vezes em emissoras populares de TV aberta, popularizando o filme, em uma época onde os *streamings* não eram realidade e a televisão aberta era uma das responsáveis pela propagação de filmes, tanto os feitos para TV, quanto os feitos para cinema. Sendo assim, é importante ressaltar a importância da obra em seu meio, o que torna sua popularidade e consumo um dado importante para análise.

O filme trata da história da família McCallister, composta por um casal heterossexual de classe alta e nove filhos, contando com a presença de diversos primos, que ao viajarem para Paris com o intuito de passarem o Natal na cidade, acabam esquecendo de um dos integrantes da família em casa, Kevin, interpretado por Macaulay Culkin.

Kevin, que havia pedido para que sua família desaparecesse após uma briga com seu irmão mais velho, ao acordar, pensa ter tido seu desejo alcançado. Porém o que o causou felicidade por um tempo, começa a dar lugar para outros sentimentos, como o medo. O garoto sente-se

amedrontado pelo vizinho Sr. Marley, pois ouviu diversas vezes que ele havia assassinado sua própria família. Os ladrões Harry e Marv também despertam sua preocupação e medo. No entanto, o menino tenta seguir uma normalidade, como por exemplo quando acaba indo a igreja ver o coral de Natal. Nesse momento, conhece mais de perto o seu vizinho, o Sr. Marley, que na verdade trata-se de um senhor gentil, mas que carrega em si o remorso e a solidão de estar brigado com sua família.

Kevin consegue se livrar dos ladrões montando armadilhas e com a ajuda de Marley. Com isso, é possível perceber que os laços afetivos que configuram família podem se dar das mais diversas formas, como até mesmo o desabrochar de uma relação de amizade entre um vizinho e uma criança negligenciada pelos pais e outros adultos de sua família biológica. Desta forma, percebemos uma espécie de núcleo familiar, ainda que improvisado, pois tanto Marley quanto Kevin, apoiam um ao outro. É por conta de ouvir os conselhos de Kevin, que o senhor acha em si uma coragem já perdida, reconciliando-se com seu filho e sua neta, onde vemos mais uma diferente construção de família.

No que tange aos papéis de gênero impostos aos personagens, a mãe de Kevin, ainda retratada de forma misteriosa em relação à profissão, mas que em entrevistas Chris Columbus revelou tratar-se de uma profissional importante da moda, é uma mulher bem sucedida e de classe média alta. Mesmo que Kate apresente em si essa independência, é demonstrado e depositado nela o papel de cuidado em relação à família. Kate é a única pessoa da família que retorna aos Estados Unidos, precisando em determinado momento de uma carona com uma banda em uma van. Tudo em nome de seu cuidado com o filho, enquanto o resto da família continua em viagem.

Desta forma, a obra pode ser utilizada para causar reflexões sobre a família e o pertencimento, especialmente numa época onde o capitalismo vende a família e até mesmo o Papai (Noel) perfeito.

Please like me

Please Like Me é uma série australiana que iniciou em 2013, possui quatro temporadas e 32 episódios. Seu enredo principal é no entorno de Josh - interpretado por Josh Thomas - um jovem de cerca de vinte anos que se assume gay para a família e amigos e com isso, encara os muitos dilemas que envolvem o tema. Com um tom de comédia dramática, a série apresenta como Josh tenta estruturar sua vida em meio às descobertas e dificuldades que surgem, seja por ser gay, seja pela família que enfrenta vários problemas.

Butler (2018) afirma que a linguagem, mais precisamente a linguística masculina, afirma a heterossexualização e carrega a marca do gênero. Com isso, a linguagem é carregada de símbolos e podendo proibir, regular e oprimir. Durante a história das produções audiovisuais, conseguimos acompanhar a imposição da heteronormatividade na prática: casais LGBTQIA+ sendo reservados para uma parcela específica de produções cinematográficas. Na televisão, no entanto, a linguagem é outra. No Brasil, a primeira vez em que um beijo entre dois homens ocorreu na teledramaturgia em horário nobre foi na novela Amor à Vida em 2014. No cinema, todavia, temos exemplos como o filme *Wings* (1927), que retrata o primeiro beijo entre dois homens no cinema, porém selando um adeus de dois militares, não o contexto de afetividade corriqueira, aberta, natural. O tipo de afetividade e representatividade citados ocorrem, no entanto, em *Please Like Me*, em um deslocamento da linguagem teledramatúrgica onde o personagem homossexual é o centro da trama.

A série tem um tom bastante adulto, apresentando temas realistas e complexos, a série busca abordar de forma bem humana e natural temáticas difíceis ou mesmo corriqueiras, que deixam margem para reflexão e até identificação com as cargas trazidas pela série. Diversos diálogos e histórias também apresentam temas profundos que necessitam reflexões mais maduras, a presença de cenas de sexo ou

mesmo de experimentação do uso de drogas, denotam uma obra voltada para um público adulto.

Nosso recorte se ateve particularmente ao episódio 10 da terceira temporada. O episódio se passa todo durante o almoço de natal de Josh, a mãe - que sofre de depressão -, a amiga (Hannah) que também sofre de depressão e se auto-mutila, o pai (Alan) que é casado com uma mulher muito mais jovem e tiveram uma bebe, os amigos (Tom e Claire), a namorada (Ella) de Tom, e o namorado (Arnold) de Josh também sofre de problemas psicológicos.

Apresentamos brevemente os contextos dos problemas enfrentados pelos personagens, para que seja possível ao leitor imaginar o quanto a trama desenvolve de forma cômica, mas realista e séria o que é uma família real. No episódio em questão, podemos observar que o momento da reunião em família também é o momento da eclosão dos tensionamentos, inseguranças e desconfortos. Mas diferente do que é comum dentro da população LGBTQIA+, esse momento de desconforto é manifesto por Josh, a discussão ocorre.

O natal de *Please Like Me* apresenta uma família que vivencia, dentro das possibilidades, problemas reais, em alguma esfera o espectador irá se identificar com as situações, porque elas são plausíveis e possíveis. Além disso, nos é apresentada a reconfiguração da família, há pais divorciados, o relacionamento homoafetivo, as relações e familiares que tem problemas psicológicos e estão ali presentes, integrados, participando, ao invés de escondidos e/ou negligenciados.

Steven universo

Voltado para um público infantil e infantojuvenil, Steven Universo é uma animação que começou a ser transmitida em 2013, foi transmitido pelo canal *Cartoon Network*¹³², sua trama é direcionada ao personagem

¹³² O *Cartoon Network* é um canal estadunidense, cujo principal foco é a produção de animações para diversos públicos. Suas produções, em geral, são voltadas para o público infantil.

de Steven, um menino de cerca de 12 anos, que é tutorado por três mulheres - nos termos da animação 'Gems' - que são de outro planeta e criam Steven porque sua mãe (Rose Quartz) era líder delas. Ao longo da animação também nos é apresentado o pai (Greg) de Steven, que permite que o menino seja criado pelas 'Gems' por não compreender bem o legado deixado por Rose Quartz para Steven.

Por se tratar de uma animação, Steven Universo tem um tom muito leve, seu trato das relações interpessoais, ao contrário da série que mencionamos anteriormente, é muito mais delicado. No entanto, a série ainda mantém um tom bastante complexo e profundo, em vários momentos Steven traz questionamento sobre a vida, sobre as relações, sobre amor e afetividade e as questões que atravessam os relacionamentos, o que os torna saudáveis e tóxicos e afins.

No recorte que optamos por trazer para este trabalho, a animação faz uso da ferramenta de estar celebrando um momento e serem realizadas transições entre o momento atual e as memórias que as Gems tem com Steven e Greg. Ao longo do episódio observamos a relação que elas estabelecem com a criança e com Greg, o episódio se passa durante um período de nevasca que não é especificado se é ou não natal, os lances de memória que também não tem o clímax tradicional de natal, são colocadas a troca de presentes mas não são apresentadas relações diretas, os presentes e a relação com o inverno - período em que ocorre o natal nos EUA - é o que mais denotam o período.

O episódio apresenta de forma singular a relação de uma família totalmente atípica do que é socialmente concebido como "tradicional". É claro que a composição total da obra apresenta esta configuração, entretanto, o recorte em particular nos é mais caro, por trazer a possibilidade de construção de família e relações a partir do afeto, sem a necessidade de conexões românticas ou sexuais. A singularidade de Steven Universo está na apresentação da possibilidade de famílias que são constituídas por meio de necessidade, carinho e compreensão.

Por vezes, as vivências *queer* são atravessadas por dificuldades nas relações interpessoais, e os momentos de maior fragilidade são os

períodos em que se rememora a angústia de vivenciar épocas que são apresentadas como felizes, mas remetem às memórias dolorosas. Assim, Steven Universo é mais uma dentre as mídias que são capazes de construir identificação com o telespectador e causar a sensação de acolhimento e identificação.

Considerações Finais

Ao realizarmos uma comparação entre as obras trabalhadas, tendo como base metodológica Detienne (2004), podemos afirmar que ainda que distintas e ainda que sem o propósito inicial (como no caso de *Esqueceram de Mim*), de tratar as temáticas de formações familiares dissidentes da formação heteronormativa em épocas natalinas, isto ocorre nas narrativas de maneira a causar reflexões em quem consome essas obras. Por exemplo, *Please Like Me* e *Steven Universe*, são obras destinadas para públicos diferentes, mas que se encontram. É comum que muitos adultos que consomem obras destinadas para adultos como *Please Like Me*, consumam obras como *Steven Universe* atualmente e no momento de seu lançamento, pois durante suas infâncias e adolescências não obtiveram representatividade de suas vivências, sejam essas vivências de gênero, como no caso de mulheres e pessoas transgênero ou de sexualidade, como as pessoas LGBTQIA+ como um todo. Para muitos, a infância foi assistir *Home Alone* todo Natal e procurar ali, no vazio da negligência, o sentido do porquê aquelas datas não faziam sentido e com o passar dos anos, perderam ainda mais seus significados, pois onde quer que se olhasse, eram as famosas famílias de propaganda de margarina que estavam ali, nos comerciais de Natal.

Sendo assim, ressaltamos a importância de obras que nos representam como pessoas que podem se sentir acolhidas, amadas e compartilhando de suas vivências em datas que para quem não faz parte do “*cistema*”, se tornam até mesmo hostis. Com isso, as obras cooperam para a naturalização de outras formas de amar, de viver a família e estar junto dos seus queridos em datas festivas, podendo ser estes “seus”,

pessoas que estão em nossas vidas de uma forma além da lógica da família normativa, podendo ser os amigos, parceiros, etc.

Através do processo de representatividade LGBTQIA+ ocorrido em obras relacionadas a família e o natal, ocorre um movimento que Louro (2009) ressalta como uma visibilidade dos discursos divergentes e práticas subversivas, crescendo comparados aos discursos que reafirmam a norma heterossexual.

Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. 11ª edição. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2016.

DETIENNE, M. **Comparar o incomparável**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2004.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Trad. de Leandro Konder. São Paulo: Boitempo, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e Homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, p. 85-93.

NÚÑEZ, Geni. **Descolonizando afetos: experimentações sobre outras formas de amar**. São Paulo: Paidós/Planeta, 2023.

Cómo la infancia moldea nuestros roles: familia, escuela y barrio como laboratorios de género

SMAÏKA DORLÉUS¹³³

Resumen: La infancia constituye un período determinante en la construcción de la identidad social del individuo, especialmente en lo que respecta a los roles de género. Este artículo analiza cómo tres espacios fundamentales de socialización - la familia, la escuela y el barrio participan en la transmisión, reproducción o transformación de las normas de género durante los primeros años de vida. A través de una revisión de la literatura científica y de enfoques teóricos de socialización, se examina el papel específico de cada contexto y sus interacciones. Los resultados muestran que la familia constituye el primer agente de socialización donde se establecen las bases de las representaciones de género, la escuela amplía y estructura estas normas mediante interacciones colectivas, y el barrio ofrece un espacio informal de experimentación social. La comprensión de estos mecanismos resulta esencial para diseñar políticas educativas más inclusivas y equitativas orientadas al desarrollo integral del niño.

Palabras clave: Familia; Infancia; Roles de género; Espacios de socialización; Escuela.

Introducción

La infancia constituye un período determinante en el proceso de construcción del individuo, tanto a nivel psicológico como social. Es durante esta etapa fundacional cuando el niño adquiere progresivamente las primeras bases de su identidad, aprende a interpretar el mundo que lo rodea e interioriza las normas, valores y comportamientos esperados dentro de la sociedad en la que se desarrolla. Lejos de ser un proceso natural o espontáneo, este desarrollo resulta de un conjunto de interacciones sociales complejas, inscritas en contextos específicos, que orientan la manera en que el niño piensa, actúa y se percibe a sí mismo y a los demás.

Entre las dimensiones centrales de esta construcción identitaria se encuentra la cuestión del género. El género no se refiere únicamente a

¹³³ Smaïka Dorléus. Coordinadora en Perspicace School. Estudiante de Ciencias Económicas y Administrativas, UNIFA. Correo electrónico: smaikadorleus025@gmail.com

una distinción biológica entre los sexos, sino que designa, ante todo, una construcción social y cultural que asigna a los individuos roles, comportamientos, expectativas y representaciones diferenciadas según se les perciba como niñas o niños. Estos roles de género, lejos de ser innatos, se aprenden, transmiten y reproducen a través de procesos de socialización que acompañan al niño desde sus primeros años de vida. Así, la infancia aparece como un momento clave en el aprendizaje de las normas de género, a menudo de manera implícita, mediante prácticas cotidianas, discursos, modelos observados e interacciones repetidas.

La socialización del niño se realiza en varios espacios complementarios, entre los cuales la familia, la escuela y el barrio ocupan un lugar central. Estos tres entornos constituyen los primeros marcos de vida en los que el niño se desenvuelve, experimenta relaciones sociales y aprende a situarse en el colectivo. Cada uno de estos espacios desempeña un papel específico en la transmisión de normas sociales y representaciones relacionadas con el género, interactuando al mismo tiempo con los demás.

La familia, como primer entorno de socialización, proporciona al niño sus primeras referencias comportamentales y afectivas. La escuela, institución formal de socialización, amplía el horizonte social del niño y lo expone a reglas colectivas, interacciones diversificadas y modelos educativos normativos. El barrio, por su parte, constituye un espacio informal donde se desarrollan aprendizajes sociales espontáneos, marcados por la diversidad de experiencias y relaciones interpersonales.

En este contexto, la familia se presenta como el primer lugar donde se produce el aprendizaje de los roles de género. A través de la observación de las prácticas parentales, la distribución de las tareas domésticas, los modos de comunicación y las expectativas diferenciadas hacia niñas y niños, el niño se enfrenta progresivamente a modelos de género que orientan sus comportamientos y aspiraciones.

Incluso cuando las familias no buscan transmitir estereotipos de manera consciente, los hábitos cotidianos y las normas implícitas

contribuyen a moldear la representación que el niño tiene de lo que significa ser niña o ser niño en su entorno social.

El ingreso a la escuela marca una etapa importante en el proceso de socialización del niño, al exponerlo a un espacio colectivo estructurado, regido por normas institucionales y múltiples interacciones. La escuela no se limita a la transmisión de conocimientos académicos; también juega un papel esencial en la formación de competencias sociales, relacionales y simbólicas. Las interacciones entre pares, las expectativas de los docentes, los contenidos pedagógicos y la organización escolar participan en la construcción o cuestionamiento de los roles de género. La escuela puede, por tanto, contribuir a la reproducción de ciertas normas de género, pero también convertirse en un lugar de transformación, donde los niños experimentan roles sociales menos estereotipados y desarrollan una visión más igualitaria de las capacidades y aspiraciones individuales.

El barrio, a menudo considerado un espacio ordinario de la vida cotidiana, constituye sin embargo un marco esencial de socialización informal. Es en este espacio donde el niño se enfrenta a una diversidad de situaciones sociales, actores y prácticas que escapan parcialmente al control familiar e institucional. Los juegos, las interacciones con niños de distintas edades, las relaciones con adultos del vecindario y la observación de las dinámicas comunitarias ofrecen al niño oportunidades de aprendizaje social ricas y variadas.

El barrio permite, así, la experimentación de comportamientos sociales, la negociación de reglas de convivencia y la apropiación de normas de género provenientes de contextos sociales que a veces contrastan con los de la familia o la escuela.

No obstante, estos tres espacios de socialización no funcionan de manera aislada. Interactúan, se complementan y, en algunos casos, pueden transmitir mensajes contradictorios en materia de género. Un niño puede, por ejemplo, enfrentarse a normas de género tradicionales en su familia, al mismo tiempo que descubre en la escuela o el barrio modelos alternativos que cuestionan estas representaciones. Estas

interacciones complejas influyen profundamente en la manera en que el niño construye su identidad social e integra los roles de género a lo largo de su desarrollo.

En un contexto social marcado por transformaciones profundas en las relaciones de género y por debates crecientes en torno a la igualdad entre los sexos, resulta esencial analizar los mecanismos mediante los cuales los roles de género se construyen desde la infancia. Comprender el papel respectivo de la familia, la escuela y el barrio en este proceso permite no sólo iluminar dinámicas de socialización en juego, sino también identificar palancas educativas capaces de favorecer trayectorias más inclusivas e igualitarias.

En esta perspectiva se inscribe el presente artículo, que tiene como objetivo analizar cómo la familia, la escuela y el barrio participan en la construcción de los roles de género durante la infancia. Basándose en enfoques teóricos de socialización y género, el artículo propone una reflexión profunda sobre las interacciones entre estos diferentes espacios y su influencia conjunta en la formación de la identidad social del niño. El objetivo es poner de relieve los mecanismos mediante los cuales las normas de género se transmiten, reproducen o transforman, para comprender mejor los desafíos sociales y educativos asociados a la construcción del género desde los primeros años de vida.

Marco teórico: socialización y construcción de los roles de género

La comprensión de la construcción de los roles de género durante la infancia requiere, en primer lugar, un sólido anclaje teórico en torno a los conceptos de socialización y género. Estos conceptos ocupan un lugar central en las ciencias sociales, especialmente en la sociología, la psicología social y las ciencias de la educación, ya que permiten analizar cómo los individuos aprenden, desde edades tempranas, a comportarse, pensar y definirse conforme a las normas y expectativas sociales.

La socialización puede definirse como el proceso mediante el cual el individuo interioriza progresivamente normas, valores, reglas y modelos de comportamiento propios de la sociedad en la que vive. Este

proceso comienza desde el nacimiento y se prolonga a lo largo de la vida, aunque la infancia constituye una etapa particularmente decisiva, pues en ella se establecen las bases de la identidad social.

A través de la socialización, el niño aprende a convivir con los demás, a comprender lo que se espera de él y a adaptar su conducta a distintos contextos sociales.

Este proceso no es uniforme ni automático, sino que resulta de múltiples interacciones entre el niño y diversos agentes de socialización, como la familia, la escuela, el grupo de pares, el barrio y los medios de comunicación. Cada uno de estos agentes transmite normas y representaciones específicas, que pueden ser complementarias o incluso contradictorias. El niño no recibe estas influencias de manera pasiva, sino que las interpreta y las integra progresivamente según su experiencia.

En este marco, el género constituye una dimensión fundamental de la socialización. Se refiere a un conjunto de roles, comportamientos y representaciones socialmente construidos, atribuidos a los individuos en función de su sexo percibido. A diferencia del sexo biológico, el género es el resultado de un aprendizaje social y cultural que define lo que una sociedad considera apropiado para niñas y niños. Desde la primera infancia, los niños están expuestos a expectativas diferenciadas según su género, visibles en los discursos adultos, los juguetes, las actividades promovidas y las interacciones cotidianas. Estas asociaciones contribuyen de manera significativa a la construcción de las identidades de género y tienden a arraigarse de forma duradera.

No obstante, la construcción del género no es un proceso fijo. Puede evolucionar según los contextos y las experiencias vividas. Las normas transmitidas en la familia pueden ser reforzadas o cuestionadas en la escuela y en el barrio, lo que pone de relieve el carácter dinámico de la socialización de género. Este marco teórico permite comprender cómo los roles femeninos y masculinos se construyen, se reproducen o se transforman desde la infancia, así como los desafíos educativos y sociales vinculados a la igualdad y la inclusión.

La familia: socialización primaria y construcción de los roles de género

La familia es reconocida como el principal agente de socialización primaria en el desarrollo de los niños, donde se establecen las bases de las normas, valores y comportamientos sociales, incluidos aquellos relacionados con el género. Según varios estudios, es en el entorno familiar donde los niños aprenden las expectativas normativas sobre los roles femeninos y masculinos incluso antes de entrar a la escuela o interactuar con otros pares en mayor número. Los trabajos científicos muestran que la influencia de los padres es especialmente determinante en el aprendizaje de los roles de género.

Una revisión publicada en *PubMed* indica que los niños adoptan con frecuencia actitudes y comportamientos relacionados con el género a partir de los modelos transmitidos por sus padres mediante interacciones diarias, tanto explícitas como implícitas. Esta socialización parental moldea la comprensión que el niño tiene de las actividades, emociones y responsabilidades asociadas a cada género. Estas influencias aparecen de diversas maneras.

Primero, los padres pueden transmitir, de forma consciente o inconsciente, expectativas diferenciadas según el sexo del niño. Por ejemplo, algunos padres animan más a las niñas a participar en actividades consideradas tradicionales, como juegos de cuidado o tareas domésticas, y orientan a los niños hacia comportamientos socialmente valorados como la competitividad y la autonomía. Este fenómeno se enmarca en la teoría de la socialización de género, que sostiene un papel clave en la asociación de ciertos comportamientos con un género particular. que el entorno familiar desempeña un papel clave en la asociación de ciertos comportamientos con un género particular. que el entorno familiar desempeña

Un estudio longitudinal sobre la socialización familiar de los roles de género destaca que las actitudes parentales tradicionales refuerzan los estereotipos, mientras que modelos familiares más igualitarios, por

ejemplo, una madre trabajadora o una distribución equitativa de las tareas domésticas, tienden a fomentar en los niños actitudes menos rígidas respecto a los roles masculinos y femeninos.



FIGURA 1 – Mecanismos de socialización familiar de roles de género.
Fuente: National Academy of Medicine (2024).

Además, algunas investigaciones sugieren que la socialización de género durante la niñez está asociada con elecciones profesionales y comportamientos sociales diferenciados en la edad adulta, lo que sugiere que los mensajes transmitidos en el hogar tienen efectos que van mucho más allá de los primeros años de vida.

Asimismo, la presencia de hermanos también influye en la construcción de los roles de género. Investigaciones que comparan las experiencias de niñas y niños dentro de las familias muestran que las interacciones entre hermanos contribuyen a la formación de actitudes y comportamientos de género, especialmente cuando están influenciadas por las actitudes de los padres y la distribución de las tareas cotidianas.

Por último, es crucial destacar que la socialización familiar no es homogénea. Las configuraciones familiares, el nivel educativo de los padres, el capital cultural o económico y las creencias culturales influyen en gran medida en las normas de género transmitidas. Contextos más abiertos o igualitarios pueden atenuar la internalización de estereotipos

tradicionales, mientras que contextos más conservadores pueden reforzarlos.

Así, la familia sigue siendo un espacio fundamental para el aprendizaje de los roles de género, donde se combinan influencias, prácticas y mensajes explícitos o implícitos. Constituye el punto de partida del proceso de socialización de género, que será posteriormente ampliado, modificado o cuestionado por otros agentes sociales como la escuela o el barrio.

La escuela: socialización colectiva y construcción de roles de género

La escuela constituye el segundo agente principal de socialización, después de la familia, y desempeña un papel central en la construcción de actitudes, comportamientos y representaciones de género en los niños. No se limita a transmitir conocimientos académicos, sino que también moldea normas sociales y expectativas de comportamiento que influyen profundamente en cómo los estudiantes se perciben e interactúan con los demás.

Según las investigaciones, la escuela influye de manera significativa en el refuerzo o cuestionamiento de los estereotipos de género. El entorno escolar, compuesto por las interacciones entre estudiantes, las prácticas de los docentes y el contenido pedagógico, puede reproducir normas tradicionales de género o, por el contrario, promover prácticas más igualitarias. Esta dualidad convierte a la escuela en un lugar complejo donde se construyen, refuerzan o atenúan las representaciones

relacionadas con el género. Los estudios sociológicos señalan que las expectativas de los docentes y las prácticas habituales en la escuela pueden producir sesgos de género. Por ejemplo, las interacciones de enseñanza-aprendizaje, la asignación de roles en actividades grupales o las respuestas de los docentes a los comportamientos de los estudiantes a veces reflejan estereotipos implícitos, influyendo así en la percepción que los niños tienen sobre sus propias capacidades y las de sus compañeros.

Un artículo publicado en *Cahiers de la Recherche sur l'Éducation et les Savoirs* también demuestra que la socialización escolar contribuye a la formación de competencias sociales diferenciadas según el género. Esta investigación muestra que comportamientos y habilidades sociales relacionados con el éxito escolar y profesional futuro están influenciados por cómo la escuela socializa a las niñas y los niños.



FIGURA 2 – Brecha de género en el acceso e rendimiento educativo.

Fuente: Humanium (2024).

Los efectos de la socialización escolar en las actitudes de género se vuelven particularmente visibles en la adolescencia, periodo en el que la influencia escolar aumenta con la ampliación de la red social. Una investigación reciente realizada con miles de estudiantes muestra que la cultura escolar y las interacciones entre estudiantes y docentes predicen el desarrollo de actitudes relacionadas con los roles de género en los adolescentes.

Otro aspecto importante está relacionado con las expectativas académicas y las decisiones educativas. Las normas de género transmitidas en la escuela influyen en las decisiones de orientación en la educación secundaria y superior. Los estereotipos de género, como la percepción de que las niñas tienen mejores resultados en materias

literarias y los niños en ciencias, pueden guiar las trayectorias académicas de los estudiantes y limitar sus opciones laborales futuras.

Además, investigaciones indican que la escuela puede reforzar ciertos estereotipos de género, especialmente al valorar comportamientos asociados con normas tradicionales. Por ejemplo, las niñas a menudo son alentadas a ser obedientes, puntuales o aplicadas, mientras que los niños son valorados por autonomía o creatividad. Estas diferencias, aunque sutiles, contribuyen a moldear las actitudes de los alumnos hacia sus propias capacidades y las de sus compañeros.

Sin embargo, la escuela no es solo un lugar de reproducción de normas tradicionales. Cuando se implementan políticas de igualdad e inclusión, puede convertirse en un espacio de transformación social. Prácticas pedagógicas inclusivas, sensibilización sobre estereotipos y un ambiente que valora la diversidad de identidades ayudan a atenuar las normas genéricas y fomentan un clima educativo más igualitario.

La escuela juega un papel ambivalente en la socialización de género: puede reforzar estereotipos y también ofrecer oportunidades para cuestionarlos, dependiendo de las prácticas pedagógicas, expectativas institucionales e interacciones entre los actores educativos.

El barrio: espacio informal de socialización y construcción social de los niños

El barrio representa un tercer espacio de socialización para el niño, distinto de la familia y de la escuela, pero igualmente importante en la formación de sus interacciones sociales, comprensión del entorno y, potencialmente, en la construcción de sus representaciones de género. A diferencia de la familia, donde la socialización suele estar centrada en rutinas y valores interiorizados, o de la escuela, donde las normas y expectativas están institucionalizadas, el barrio ofrece un espacio más espontáneo y menos estructurado que refleja la diversidad social de la vida cotidiana.

Los estudios sociológicos destacan que la calidad del entorno vecinal influye en la socialización de los niños, su comportamiento y sus

relaciones sociales. Por ejemplo, la cohesión social, definida como el grado de confianza, cooperación y relaciones positivas entre los habitantes de un barrio, se asocia con efectos positivos en el desarrollo social de los niños. En barrios con una cohesión fuerte, los niños están expuestos a normas sociales colaborativas y se benefician de modelos de comportamiento diversos, lo que puede enriquecer su capacidad para interactuar con pares y adultos más allá de los ámbitos familiar y escolar.

Por el contrario, en contextos de barrio marcados por desorganización social, caracterizada por inseguridad, inestabilidad residencial o ausencia de redes de apoyo, los niños pueden ser más propensos a adoptar comportamientos de riesgo o a estar expuestos a pares con dificultades conductuales, en parte porque las estructuras comunitarias y las oportunidades de supervisión social son más débiles en estos entornos.

Además, la literatura muestra que el clima social del barrio puede interactuar con las diferencias de género en la socialización de los niños. Un estudio reciente indica que la cohesión social del barrio está asociada con una reducción de síntomas de comportamiento en los niños, pero no necesariamente en las niñas. Este resultado sugiere que los mecanismos de socialización comunitaria pueden tener efectos diferenciados según el género debido a roles sociales, normas culturales o maneras de exposición al espacio público que varían entre niñas y niños.

Las interacciones espontáneas con vecinos, niños de diferentes edades o adultos fuera del círculo familiar ofrecen al niño experiencias sociales únicas. Estas reuniones informales, que pueden tomar la forma de juegos en la calle, actividades comunitarias o ayuda mutua entre residentes, contribuyen a fortalecer competencias sociales como la cooperación, la negociación de reglas sociales y la resolución de conflictos. Una revisión reciente subraya que los procesos comunitarios, incluido el capital social y la eficacia colectiva, la capacidad de un barrio de actuar en grupo para el bien común, están vinculados al desarrollo de conductas prosociales en niños y adolescentes.

Además, el barrio constituye un lugar de aprendizajes informales donde los niños pueden observar y experimentar diferentes formas de relación social, incluidas normas de género en contextos menos institucionalizados. Por ejemplo, en algunos barrios urbanos, los niños pueden observar cómo se desempeñan roles sociales variados entre adultos o adolescentes, lo que amplía su comprensión de lo que significan los comportamientos masculinos o femeninos en situaciones concretas. Estas experiencias contribuyen a la formación de referencias sociales que no siempre están presentes en la familia o la escuela.

Finalmente, es importante destacar que el impacto del barrio no se limita a la socialización diaria. Las características socioeconómicas, culturales y físicas del vecindario, como la seguridad de los espacios públicos, los recursos comunitarios disponibles y la diversidad de interacciones sociales, pueden ejercer una influencia duradera en el desarrollo de los niños. La socialización en estos espacios informales contribuye a la construcción de la identidad social y a preparar a los niños para desenvolverse en contextos sociales más amplios a lo largo de sus vidas.

Conclusión

La socialización del niño constituye un proceso complejo y multidimensional, en el que la familia, la escuela y el barrio desempeñan un papel central y complementario en el desarrollo de comportamientos, valores, actitudes y representaciones sociales.

La familia, como primer agente de socialización, proporciona un marco de seguridad afectiva y emocional indispensable, transmitiendo normas básicas de convivencia, cooperación, respeto hacia los demás, resolución de conflictos y primeras nociones sobre los roles de género. A través de la observación y la imitación de los adultos y pares familiares, el niño adquiere modelos de comportamiento que influyen en su percepción de sí mismo y de los demás.

La escuela, por su parte, representa un espacio de socialización estructurado y colectivo, donde los niños se enfrentan a reglas sociales

codificadas y a interacciones con pares provenientes de diversos contextos culturales, económicos y sociales. Este entorno fomenta el desarrollo de competencias sociales fundamentales como la comunicación efectiva, la cooperación, la resolución organizada de conflictos y la conciencia de la diversidad. Además, la escuela influye directamente en la construcción de los roles de género: según las prácticas pedagógicas y la actitud de los docentes, puede reforzar estereotipos o promover experiencias de inclusión, igualdad y valoración de las diferencias.

El barrio constituye un espacio de socialización informal pero igualmente crucial. A través de juegos, actividades comunitarias e interacciones con personas de distintas edades y experiencias, el niño desarrolla competencias prácticas como la autonomía, la negociación, la resolución de problemas y la solidaridad. El barrio refleja la diversidad cultural, social y económica de la comunidad, permitiendo al niño observar y comprender distintas formas de vida, relaciones sociales y prácticas comunitarias, complementando así lo aprendido en la familia y la escuela.

En conjunto, la interacción de la familia, la escuela y el barrio demuestra que la socialización infantil no puede entenderse de manera aislada. Cada contexto aporta elementos únicos que, al combinarse, moldean la identidad del niño, su percepción de los roles de género y su capacidad de desenvolverse de manera efectiva en la sociedad. Reconocer la importancia y complementariedad de estos espacios es fundamental para diseñar políticas educativas y comunitarias que promuevan una socialización inclusiva, equitativa, respetuosa de la diversidad y orientada al desarrollo integral del niño.

Referencias

BRONFENBRENNER, Urie. *The Ecology of Human Development: Experiments by Nature and Design*. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

BUSSEY, Kay; BANDURA, Albert. Social cognitive theory of gender development and differentiation. *Psychological Review*, v. 106, n. 4, p. 676-713, 1999. Disponible en: <https://psycnet.apa.org/record/1999-00457-003>>. Acceso en: 20 dic. 2024.

ENDENDIJK, Joyce J. et al. Gender-Differentiated Parenting Practices: A Meta-Analysis. *Child Development*, v. 87, n. 4, p. 1265-1281, 2016. Disponible en: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4928963/>>. Acceso en: 20 dic. 2024.

LEGEWIE, Joscha; DIPRETE, Thomas A. School context and the gender gap in educational achievement. *American Sociological Review*, v. 77, n. 5, p. 463-485, 2012. Disponible en: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0003122412440802>>. Acceso en 21 dic. 2024.

LYTTON, Hugh; ROMNEY, David M. Parents' differential socialization of boys and girls: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, v. 109, n. 2, p. 267-296, 1991. Disponible en: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/1838223/>>. Acceso en: 20 dic. 2024.

MCHALE, Susan M. et al. Sibling relationships and influences in childhood and adolescence. *Journal of Marriage and Family*, v. 74, n. 5, p. 913-930, 2012. Disponible en: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3058810/>>. Acceso en: 20 dic. 2024.

PREPRINTS.ORG. Gender, socioeconomic status, and neighborhood social cohesion: Examining their influence on students' academic achievement (Género, estatus socioeconómico y cohesión social en el vecindario: examinando su influencia en el rendimiento académico de los estudiantes). 2025. Disponible en: <https://www.preprints.org/manuscript/202503.2248/v1>>. Acceso en: 27 dic. 2024.

PMC, PubMed Central. Neighborhood social cohesion and child development: Gender-specific effects (Cohesión social en el vecindario y desarrollo infantil: efectos específicos de género). 2021. Disponible en: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC11049324>>. Acceso en: 27 dic. 2024.

O espírito natalino nos une o ano todo: a força da dádiva e sua transcendência ao Natal

CAROLINE PEREIRA DIAS¹³⁴

Resumo: Como entrecruzar dádiva, Natal e o hábito de mulheres do interior do Rio Grande do Sul de trocar bens alimentares? Este foi o esforço que tentei fazer ao longo deste texto. Partindo de reflexões iniciais que situam o motivo pelo qual este texto foi produzido, algumas influências teóricas e pessoais, bem como o modo – em sentido metodológico – pelo qual o fiz e fundamentada por quais autores, vali-me de minhas próprias memórias como campo etnográfico. Assim, busquei traçar um paralelo entre presentes trocados no Natal com as trocas de bens alimentícios, aplicando a teoria da dádiva como chave de leitura para ambas as trocas e, nesse sentido, entendendo que ambas as trocas seguem a lógica da reciprocidade proposta por Marcel Mauss, proponho que o espírito natalino – em sua forma de espírito da dádiva – nos une não só em dezembro, mas no ano todo.

Palavras-chave: Dádiva; Natal; Mulheres; Comida.

Reflexões iniciais...

O presente texto foi submetido inicialmente na forma de resumo, posteriormente apresentado no Simpósio Temático 7 – Trabalhos Gerais – na ocasião do IV Encontro Internacional e Multilíngue de Perspectivas Plurais O Natal nos Une – Edição Danilo Avelleda – e agora submetido na forma de texto completo. A partir da temática norteadora do evento, propus-me a pensar o Natal e o espírito natalino a partir da perspectiva da antropologia, sobretudo à luz do paradigma de dádiva. Levando em consideração que a comida natalina é parte fundamental deste período e que, falar de comida, com frequência, é também falar sobre mulheres e a relação que nós temos estabelecido com o cozinhar, o alimentar e com o espaço da cozinha.

Por fim, partindo de uma experiência pessoal, trago as trocas de bens alimentares entre mulheres para pensarmos que, por meio da lógica

¹³⁴ Doutoranda e Mestra em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (com bolsa CAPES); Bacharela em Desenho Industrial/UFSM. Pesquisadora filiada aos: Núcleo de Estudos Contemporâneos (NECON)/ UFSM; Grupo de pesquisa História da Arte e Cultura de Moda (IA/UFRGS); Grupo de estudos em Antropologia da Morte (GEAM); Núcleo de Estudos de Cultura Material (Nupecm-IFCH-UERJ). E-mail: dias.caroline@acad.ufsm.br

da dádiva, o espírito natalino acaba por transcender o espaço-tempo do dia de Natal e acaba por nos unir durante todo o ano.

Por meio deste texto, proponho uma reflexão sobre como a festividade natalina, embora datada no calendário, manifesta uma lógica que opera silenciosamente durante todo o ano: a lógica da dádiva. Através do diálogo com a obra de Marcel Mauss¹³⁵ e do olhar sobre práticas cotidianas de troca — especificamente a circulação de alimentos entre mulheres —, argumento que o que nos une não é o evento em si, mas a capacidade humana de criar e manter vínculos através dos gestos de *dar*, *receber* e *retribuir*.

Esta reflexão, assim como todas as que faço, é permeada por um tom de familiaridade, pois parto de experiências vivenciadas por mim desde a infância até agora, na idade adulta. Neste texto, faço minhas memórias de campo e retorno às experiências vividas na mais tenra idade para oferecer um vislumbre acerca do modo como a lógica da dádiva pode ser percebida em nossa cotidianidade.

Ao propor esta imersão em minhas próprias memórias, opto por pensar a etnografia – enquanto *ethos* antropológico – como uma prática engajada que praticamos de dentro, jamais de fora como mera descrição. Conforme propôs Mariza Peirano (2006; 2008), o campo já não demanda grandes travessias e alteridades radicais, afinal ele está dentro de nós. E é nesse sentido que Machado (2023) propõe sua antropologia *ex post facto*:

É uma perspectiva que pretende olhar para momentos passados da nossa vida e transformá-los, num trabalho de campo a posteriori. Trata-se da ideia de que é possível olhar retrospectivamente para nossas experiências de vida e tratar de algumas delas como tendo sido trabalhos de campo. [...] Isso demonstra um embaralhamento entre vida e antropologia, evidentemente. [...] [Assim se] pretende remeter à possibilidade de pensar a diferença com base no “mesmo absoluto”, que é nossa própria memória, nossa definição de “eu” (Machado, 2023, p. 10, acréscimo meu).

¹³⁵ Refiro-me aqui à obra *Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*, para esta reflexão. O ensaio foi originalmente publicado entre 1923 e 1924 no *L'Année Sociologique* – famosa revista francesa fundada pelo tio e mentor de Mauss, Émile Durkheim.

Essa prática demanda pensar a etnografia não como simples método ou técnica, mas, conforme propõe Mariza Peirano (2006; 2008) uma teoria vivida. Assim, desafiando os próprios limites de onde começa e termina o trabalho de campo.

O texto está organizado em 5 seções, que perpassam reflexões sobre: a perspectiva da dádiva proposta por Marcel Mauss e sua relação com Natal, considerando que as trocas de presentes seguem também uma lógica moral; a ceia natalina e como as atividades que envolvem a cozinha e alimentação estão atreladas às mulheres e, por meio de minhas memórias de uma experiência pessoal, pensar que o espírito natalino – e da dádiva – transcende ao Natal por meio das trocas de bens alimentares entre duas mulheres: Noeli – minha mãe – e Lica¹³⁶. Por que contar essa história? Por que pensar sobre isto? Ora, pois são estas histórias aparentemente particulares que, inseridas em um contexto maior, “fazem emergir novos objetos no relato que constitui a história, a relação incessantemente renovada entre o passado e o presente” (Perrot, 2019, p. 13).

Marcel Mauss, Natal e dádiva

O Natal é um período bastante peculiar, permeado por uma atmosfera festiva de união, generosidade e reencontros, aquilo que convencionamos chamar de "espírito natalino". Decorações com luzes que transpõem o espaço privado das casas e alastram-se pelos diversos tipos de espaços: comércio, repartições públicas, praças de municípios etc. Ainda, somam-se a isto as ceias festivas, canções e a tradicional troca de presentes.

Desse modo, é fundamental reconhecer esta data festiva enquanto extremamente complexa, interseccionada por diversas dimensões do social,

¹³⁶ Lica – mulher negra, casada, mãe de 4 filhos homens, foi vizinha de minha família de 1994 a 1999, momento este cujas memórias evoco neste texto; Sua história será mais bem descrita na seção *Mulheres e trocas de bens alimentícios: dádiva nossa de cada dia*;

como cultural, simbólica, religiosa, ritualística, política, econômica, ou seja, como chamaria Mauss (2017) um *fato social total*¹³⁷.

Celebrado anualmente 25 de dezembro¹³⁸, O Natal¹³⁹ marca o nascimento de Jesus Cristo, reconhecido no catolicismo como o filho de Deus (Silva, 2026). No entanto, conforme Silva (2026), não é possível fixar uma data específica que marque o surgimento do Natal. Tampouco é possível definir exatamente o ponto de origem das trocas de presentes, embora existam algumas explicações possíveis, como a Saturnália, festa que celebrava Saturno no período do solstício de inverno (Silva, 2026). Ainda, existem teorias vinculadas à religião que relacionam-se com os Reis Magos, com São Nicolau; soma-se às anteriores a teoria de que a troca de presentes tem relação com a ressignificação da celebração do Natal nos Estados Unidos no século XIX (Silva, 2026).

Seja como for, fato é que, na atualidade a troca de presentes segue relevante, seja para os indivíduos, seja para coletividades, especialmente o comércio. Em levantamento feito pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (2025), as vendas projetadas para o varejo no Natal de 2025 chegariam à soma de R\$ 72,71 bilhões em 2025. O presidente do sistema CNC¹⁴⁰ (2025), José Roberto Tadros afirmou que este é um cenário esperançoso para os varejistas.

Assim, seria fácil pensar que as lógicas que norteiam as compras e trocas de presentes natalinos são puramente mercadológicas e utilitárias. No entanto, é exatamente contrapondo-se a esta concepção que Marcel Mauss (2017) pensou e publicou o célebre *Ensaio sobre a dádiva*¹⁴¹, que

¹³⁷ Ou seja, que articula e faz movimentar diversas esferas do social, tais como: religião, política, economia, parentesco, cultura

¹³⁸ A data de celebração do Natal é 25 de dezembro somente na Igreja Católica e no Ocidente, conforme Silva (2026), as igrejas orientais, incluindo as ortodoxas e a copta, comemoram o nascimento de Jesus Cristo no dia 7 de janeiro.

¹³⁹ O Natal é sobretudo uma data celebrada no calendário ocidental, é sobretudo uma normalmente, mas não exclusivamente, são os seguidores do Cristianismo e simpatizantes que celebram esta data.

¹⁴⁰ Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo.

¹⁴¹ O ensaio foi originalmente publicado entre 1923 e 1924 no *L'Année Sociologique*. Revista de sociologia fundada pelo tio e mentor de Mauss, Émile Durkheim.

aqui evoco para pensar sobre os presentes. Em sua obra, o autor postulou que há uma moral regendo os regimes de trocas e que são estas trocas as formadoras e mantenedoras dos vínculos sociais e da própria sociedade.

Mauss (2017, loc. 3151) disse: “[...] as trocas e os contratos se fazem sob a forma de presentes, em teoria voluntários, na verdade obrigatoriamente dados e retribuídos” (loc. 3151). Partindo do ato de trocar de presentes¹⁴², Mauss concebeu a tríade “dar, receber, retribuir” como o princípio elementar da reciprocidade (Erickson; Murphy, 2015). Ou seja, quando oferecemos presentes natalinos ou quando partilhamos a mesa da ceia de Natal com pessoas que não vemos com frequência é no esforço de formar novos vínculos ou fortalecer vínculos que estavam a esgarçar-se.

Ora, pensar o Natal a partir dessa perspectiva permite-nos desconstruir a ideia do presente somente enquanto mercadoria. Pois, se por um lado a mercadoria é impessoal e termina no ato da aquisição ou consumo, a dádiva carrega algo do doador. E é este algo do doador – o *hau*¹⁴³ – que faz com que aquele que recebe, retribua o presente (Mauss, 2017). Essa expectativa de reciprocidade que não é financeira, mas moral. O Natal, nessa perspectiva, funciona como um grande ritual coletivo de atualização dessas redes, onde o fluxo de objetos serve para garantir a continuidade dos vínculos.

Ainda, cabe ressaltar que não existe celebração de Natal sem comida e que a própria ceia pode ser pensada enquanto dádiva partilhada – acrescento que, no contexto que experienciei e que aqui evoco, a comida era produzida por mulheres. Desse modo, a reflexão que trago a seguir diz respeito à relação entre mulheres, o espaço da cozinha, o cozinhar e o alimentar.

¹⁴² Os presentes, conforme Mauss (2017) não são necessariamente objetos com custo elevado, mas também amabilidades, favores, banquetes, etc.

¹⁴³ Termo maori, refere-se ao *espírito* da coisa dada; quando alguém oferece um presente a outro, este presente carrega consigo parte do doador – esse *hau* segue sendo do doador –, esta parte tende a querer voltar de onde veio, criando assim, a obrigatoriedade da retribuição (Mauss, 2017).

Gênero e comida: cozinhar, fazer-se mulher e fazer gente

A partir da exposição feita anteriormente, nesta seção busco relacionar o ato de cozinhar, o espaço da cozinha e a alimentação às mulheres. E, como o ato e espaço da comensalidade também constituem-nos enquanto sujeitas no mundo.

Quando falamos em comida e no ato de comer, é preciso que consideremos que há mais em jogo do que simplesmente suprir necessidades nutricionais. O que comemos ou não, como comemos e como preparamos não diz respeito somente à nutrição, mas também a quem somos, à nossa identidade, afinal como bem pontuou DaMatta (1986) nós nos sabemos brasileiros também porque gostamos – ou preferimos – comer feijoada e não hambúrguer.

Os alimentos, conforme Woortmann (1986) são essenciais para a produção e reprodução da vida e das famílias, bem como essenciais para restabelecer a energia dos trabalhadores e trabalhadoras. Porém, o autor acrescenta: a comida é mais que apenas alimento, é também atividade simbólica, é parte constituinte dos seres e de suas identidades (Woortmann, 1986). Ainda nesse sentido, Assunção (2008, p. 235) ressalta que para além de um ato puramente biológico, “a alimentação é perpassada por relações sociais”, ou seja, que atravessam cultura, gênero, educação, política, etc.

Aliás, no que diz respeito ao gênero, é essencial que nos atentemos ao fato de que não só o fazer comida, mas tudo que diz respeito às práticas alimentares acaba por atuar na organização e definição de fronteiras de gênero, afinal a cozinha costuma ser um espaço privilegiado das mulheres (Assunção, 2008).

O espaço privado da casa, sobretudo da cozinha, tem sido ao longo da história, naturalizado como espaço feminino, aonde foram (re)produzidas identidades que vinculavam as mulheres à domesticidade (Aguiar, 2022). Ou seja, o espaço da cozinha facilmente pode ser pensado também um dos símbolos da dominação masculina. Por outro lado,

Aguiar (2022, p. 120) ressalta que “[...] se por um lado, ambientes da casa como a cozinha constituíram espaços emblemáticos de opressão, por outro também foram palcos privilegiados para a construção de poderes. O ambiente culinário propiciava a criação e a reprodução de saberes e fazeres por mulheres e para mulheres.

Mulheres que trocavam receitas, ingredientes, pequenos segredos para amaciar a carne ou deixar um bolo mais fofinho. Como disse Simone de Beauvoir (2009, p. 307, grifo meu) “ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o *conjunto da civilização* que elabora esse produto intermediário”, assim atuaram também as cozinhas, seus objetos e seus alimentos.

Nesse sentido, o espaço da cozinha e o ato de cozinhar constitui-se em uma intersecção deveras complexa, e, a partir de Aguiar (2022) ressalto que, se por um lado o espaço culinário e seus utensílios atuaram na constituição das fronteiras de gênero, também formaram individualidades e subjetividades, constituindo assim as mulheres enquanto seres sociais. Foi também por meio das colheres de pau e rolos de macarrão que as mulheres constituíram seus papéis de autoridade diante da importante tarefa de nutrir os corpos dos membros da família (Aguiar, 2022).

Poucas ocasiões de comensalidade demandam tanto a autoridade das mulheres quanto as festividades, e aqui, destaco as ceias natalinas. O que é prato principal, o que é complementar, o que combina com qual, como equilibrar custo e qualidade... Em minha experiência, as vésperas de Natal são dias que passamos inteiramente na cozinha.

Mas porque falar em mulheres, em comida e em trocas de comidas? Nesse sentido, Céli Pinto (2021), afirma que a história das mulheres é uma história feita no intermédio entre concretudes e oralidade, afinal, as mulheres viveram – em outros tempos – majoritariamente no mundo privado e faziam coisas como doces, comidas, bordados, roupas, trabalhos artesanais etc. Ainda, Perrot (2019) salientou que muitas das memórias de mulheres e das mulheres não foram escritas, mas gravadas,

autobiografias conservadas na oralidade. Disso decorre a afirmação de que “a memória das mulheres é verbo” (Perrot, 1989, p. 15).

E é pensando sobre este a oralidade, as memórias de mulheres, a cozinha, o ato de cozinhar e a dádiva que evoco o relato a seguir.

Mulheres e trocas de bens alimentícios: dádiva nossa de cada dia

Tenho experienciado acontecimentos como o que evoco aqui desde a infância: minha mãe às voltas na cozinha, fazia além da comida do dia a dia, pães caseiros, bolos, doces, compotas, tortas... naquela época, até a batata palha era feita à mão, em vez de comprada pronta em pacotes. Somava-se a estas atividades gastronômicas um hábito que durante muito tempo incitou minha curiosidade: as idas e vindas, entre amigas e vizinhas, de recipientes contendo alimentos caseiros. Essa oferta de bens culinários¹⁴⁴ era – hoje em dia com menor frequência – costumeira: quando uma dona de casa produzia algum quitute caseiro, ela ofertava uma parte – ou uma “provinha” – do que foi produzido para vizinhas e amigas. No entanto, esta troca aparentemente trivial detém uma regra tácita, a qual tem sido transmitida entre gerações de mulheres: o pote que leva um quitute jamais deve retornar vazio, aquilo que foi deve voltar na forma de retribuição equivalente, em carinho e alimento.

Este regalo carrega em si uma obrigação que é moral: a vasilha que continha o quitute ofertado deve ser devolvida, de preferência cheia, contendo também um bem culinário caseiro feito pelas mãos de sua receptora, não retribuir pode incorrer na perda de prestígio ou do vínculo. Ainda lembro de minha mãe dizendo: “é feio rejeitar e é feio devolver o pote¹⁴⁵ vazio”. As trocas aqui mencionadas ocorreram entre minha mãe Noeli¹⁴⁶ e uma vizinha, Lica¹⁴⁷, durante um período de seis anos. As

¹⁴⁴ Opto por utilizar a expressão bens culinários no sentido de: alimentos, quitutes, guloseimas, iguarias, petiscos, acepipes, etc.

¹⁴⁵ Recipiente, normalmente de plástico, utilizado para acomodar alimentos.

¹⁴⁶ Por questões de anonimato, optei por alterar o nome.

¹⁴⁷ Por questões de anonimato, optei por alterar o nome.

mulheres que são aqui mencionadas têm idades entre 70 e 80 anos, ademais:

Noeli – mulher branca, casada, mãe de três filhos (um homem e duas mulheres), não concluiu os estudos do ensino básico, pois precisou trabalhar desde a infância para ajudar a alimentar os irmãos menores, trabalhou de: lavadeira para o quartel e outras famílias, empregada doméstica e babá; Depois de seu marido ingressar na carreira militar, Noeli passou a trabalhar somente em seu próprio lar como dona de casa; O marido de Noeli era militar do Estado do Rio Grande do Sul e, na época em que essa observação ocorreu, o casal vivia em casa de aluguel, embora posteriormente tenham conquistado uma casa própria; Batizada na religião católica, à época era religiosa praticante;

Lica – mulher negra, casada (ficou viúva durante a pandemia de COVID 19), mãe de 4 filhos homens (um deles também falecido durante a pandemia), não concluiu os estudos do ensino básico na infância, mas depois de adulta formou-se no ensino médio pelo EJA; Paralelamente ao trabalho desempenhado em seu próprio lar, Lica também fazia faxinas, cuidava de crianças e pessoas idosas, ficava de caseira¹⁴⁸ quando alguém viajava, no verão vendia sacolés¹⁴⁹, etc. O marido de Lica era mecânico experiente, trabalhava em uma concessionária tradicional na cidade, nas horas vagas e fins de semana fazia atendimentos e consertos em sua própria garagem; O casal possuía casa própria; Batizada na religião católica, porém não praticante, Lica seguia os ensinamentos da doutrina espírita;

¹⁴⁸ Caseiro, aqui no interior do Rio Grande do Sul, tanto pode ser a pessoa que mora juntamente com os donos de grandes propriedades e toma conta da manutenção da propriedade, quanto a pessoa que cuida de casas quando seus moradores viajam, este segundo caso era o caso de Lica.

¹⁴⁹ No dicionário Houaiss a palavra é posta como “cruzamento de saco e picolé”, ou seja, um picolé no saco sem o tradicional palito de madeira; o nome varia em conformidade com as diferentes regiões do país: Flau (Norte e no Nordeste do Brasil); Laranjinha (Goiás e no interior de Minas Gerais); Chupe-chupe ou chup-chup (Santa Catarina, Minas Gerais e litoral de São Paulo); Gelinho (São Paulo); Chope ou chopp (Pará); Sacolé (Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul); Refresco (Mato Grosso); Dindim (regiões Nordeste e Norte e em Brasília); Geladinho (região sul e São Paulo); Juju (interior de São Paulo) (Siqueira, 2020).

As mulheres aqui mencionadas tiveram suas vidas cruzadas quando foram vizinhas em casas adjacentes de 1994 a 1999 em um bairro periférico da cidade de Santa Maria, no interior do Rio Grande do Sul. Noeli e Lica raramente iam à casa uma da outra, o mais comum era que conversassem por cima do muro baixo que dividia os fundos dos terrenos onde moravam. No entanto, era frequente que uma tomasse conta dos filhos mais novos da outra – no caso de Noeli uma menina, no caso de Lica, um menino. Foi nesta partilha de alimentos e de cuidados que esta amizade constituiu-se,

Recordo-me de quando minha mãe chamava “Caroline vem cá! Vai ali na Lica e leva pra ela uma provinha do pão que fiz” e lá ia eu, levando o pão quentinho. Notemos que este presente é diferente da maioria dos presentes com os quais normalmente nos deparamos: são feitos à mão, com muito zelo e devem ser consumidos, ou seja, possuem uma curta durabilidade. Apesar do curto “tempo de vida útil”, o efeito desde presente-alimento transcende o espaço-tempo de sua confecção e troca, materializando o tempo e afeto que sua criadora dedicou-lhe. Também merece destaque o fato de que esses bens culinários têm por principal finalidade alimentar a família de quem os produziu, não são produzidos apenas para oferecer às amigas e vizinhas. Nesse sentido, podemos considerar que, quem oferece um bem culinário, está “tirando” dos seus para oferecer aos “outros”, como uma dádiva – ou sacrifício, pois toda dádiva tem sua dimensão sacrificial.

Em contrapartida, quando o bem culinário é retribuído, quem o faz não está simplesmente “pagando” pelo alimento recebido; é como se assim dissesse: “eu reconheço o seu gesto e desejo que nosso vínculo continue”. Tanto Noeli, quanto Lica, não possuíam familiares morando nas proximidades de suas casas, ambas podiam contar apenas com suas famílias nucleares – marido, esposa e filhos –, logo, esta é também uma forma dessas mulheres formarem vínculos familiares não-consanguíneos.

Em um dia decidi perguntar à minha mãe “como tu aprendeu a fazer isso? Trocar alimentos com as vizinhas e saber que não pode

devolver o pote vazio”. Ela respondeu “não sei, cresci assim, via minha mãe fazendo, minhas tias, minha madrinha...”. Seria fácil conceber esse comportamento como natural – no sentido de instintivo –, no entanto ele é natural, pois é naturalizado, ou seja, socialmente ensinado.

Esse modo de aprender, enquanto observamos os acontecimentos, pode ser associado ao que Ingold (2010) denomina de *educação da atenção*, ou seja, é um aprendizado adquirido por meio de uma imersão atenta nas atividades cotidianas, em vez de um aprendizado por meio da *transmissão de representações*¹⁵⁰ prontas.

Estas mulheres, ao longo de suas vidas, não estão “apenas” cozinhando: estão fazendo e nutrindo corpos e gentes, estão fazendo vida e família ao passo que chefiam suas cozinhas, gerenciam os cardápios conforme os paladares dos membros da família e passam adiante receitas que apeteçam seus filhos e filhas... Essa é a dádiva de Mauss em uma de suas formas mais belas, aquela que garante que o Natal, em sua essência de união, aconteça todas as terças-feiras de uma tarde qualquer e que mulheres que não partilham relações de consanguinidade formem famílias para além de seus maridos e filhos.

Considerações Finais

Ao pensar o Natal, seja por meio da ceia, seja por meio da troca de presentes, sob a ótica da dádiva, percebemos que a verdadeira força desta data não reside na utilidade ou valor dos objetos trocados, mas no sentido que essa troca tem. Isto, tanto a troca de presentes natalinos, quanto a troca de bens culinários possuem em comum: na troca estabelece-se – ou renova-se – um vínculo que vai transcender o espaço-tempo da troca, logo, a importância está nos efeitos que advêm da troca. Refiro-me à reafirmação dos laços humanos.

A tensão que se estabelece entre presente-mercadoria e presente-alimentício esclarece que os presentes não são uma coisa só: nem só

¹⁵⁰ O texto em que Tim Ingold postula sua *educação da atenção* é intitulado *Da transmissão de representações à educação da atenção*.

objeto de valor e uso, nem só simbólico. Quiçá, seja esta combinação de valores o que torna os presentes tão efetivos e valiosos.

Parece-me que o Natal é um rito quase mágico, que anualmente une e reúne sujeitos ao redor do globo. Porém, se fizermos a combinação entre dádiva, Natal e trocas de bens alimentares, é possível pensarmos que a lógica da dádiva subjaz ambos os acontecimentos, logo, o espírito natalino seria, neste caso, o espírito da dádiva. Nesse sentido, é possível concluir algo que as mulheres do interior já sabem há séculos: a vida se sustenta na reciprocidade.

Outro ponto que merece ser destacado é a relação entre mulheres, comida e cozinhas. Se nos depararmos com grandes teorias gerais e explicativas, leremos sobre o quanto as mulheres foram – e ainda são – oprimidas e que o espaço privado do lar, a maternidade e o casamento aprisionaram-nas durante muito tempo. Por outro lado, é quando temos contato com pequenas histórias, quando paramos para ouvir as oralidades simples que percebemos que, ao longo da história, estas mulheres encontraram – e ainda encontram – modos de deslizar pelas brechas que o patriarcado não consegue controlar. De um espaço que pode ser lido de modo simplório como opressor, as mulheres assumiram lideranças de seus lares, controlaram a alimentação da família e foram o esteio que sustentou os corpos de seus filhos.

Em minha experiência, frequentemente evocada neste texto, minha mãe Noeli sempre foi a líder da família e a figura central em torno da qual nós, seus filhos, giramos em torno. Foi no espaço da cozinha, com as mulheres, que tornei-me mulher, aprendi a cozinhar, a partilhar, a formar laços para além da família nuclear.

Se os recipientes não voltam vazios, se os presentes recebidos são retribuídos, os vínculos sociais seguem sendo formados e reformados. De modo que, o espírito natalino não nos vincula somente em dezembro, mas o ano todo, presente em cada gesto de cuidado e em cada troca que honra o ciclo do dar, receber e retribuir. O Natal, de fato, pode — e deve — ser todos os dias.

Referências

- AGUIAR, Viviane Soares. Objetos de cozinha, objetos de si. In: CARVALHO, Vânia Carneiro de (org.). Casas e coisas. São Paulo: Edusp: Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 2022. p. 118-135. Coleção Museu do Ipiranga.
- ASSUNÇÃO, Viviane Kraieski de. Comida de mãe: notas sobre alimentação, família e gênero. Caderno Espaço Feminino, Uberlândia, v. 19, n. 1, p. 233-253, jul. 2008. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/2110>. Acesso em: 07 dez. 2025.
- BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. Tradução de Sérgio Millet.
- Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo. Natal 2025: varejo projeta maior volume de vendas dos últimos 10 anos. Brasília, dez. 2025. Disponível em: <<https://portaldocomercio.org.br/acoes-institucionais/natal-2025>>. Acesso em: 31 jan. 2026.
- DAMATTA, Roberto. O que faz o brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- ERICKSON, Paul A.; MURPHY, Liam D.. História da Teoria Antropológica. Petrópolis: Vozes, 2015. Tradução de Marcus Penchel.
- INGOLD, Timothy. Da transmissão de representações à educação da atenção. Educação, Porto Alegre, v. 1, n. 33, p. 6-25, abr. 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/6777>. Acesso em: 01 out. 2024
- MACHADO, Igor José de Renó. A memória como um campo etnográfico: antropologia ex post facto. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2023.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão de troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia. São Paulo: Ubu, 2017. p. 191-335. Ebook.
- PEIRANO, Mariza. A teoria vivida: e outros ensaios de antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- PEIRANO, Mariza. Etnografia, ou a teoria vivida. Ponto Urbe, [S.L.], n. 2, p. 1-11, 1 fev. 2008. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/pontourbe.1890>.
- PERROT, Michelle. Práticas de memória feminina. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 9-18, ago./set. 1989.

PERROT, Michelle. Minha história das mulheres. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

PINTO, Céli Regina Jardim. Tempos e memórias: vidas de mulheres. Porto Alegre: Zouk, 2021.

SILVA, Daniel Neves da. Origem dos presentes de Natal. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/natal/a-origem-dos-presentes-natal>. Acesso em: 30 jan. 2026.

SILVA, Daniel Neves. Origem e história do Natal. Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/natal>>. Acesso em: 31 jan. 2026.

SIQUEIRA, Cintia de. Qual é o nome do geladinho na sua região? 2020. Disponível em: <http://geladinhogelfruta.com.br/blog/qual-e-o-nome-do-geladinho/>. Acesso em: 31 jan. 2026.

WOORTMANN, Klaas. A Comida, a Família e a Construção do Gênero Feminino. Dados: Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 103-130, 1986.

El sazón de la memoria: La gastronomía navideña venezolana como ritual de pertenencia, resistencia y re-evolución, género y rol de la mujer

YETZY VILLARROEL-PEÑA¹⁵¹

Resumen: La Navidad en Venezuela es mucho más que una celebración religiosa; es un campo de batalla simbólico donde se libran luchas entre la tradición y la innovación, la memoria colectiva y las nuevas realidades socioeconómicas. Proponemos un análisis de la correlación inseparable entre la fiesta y su gastronomía, incorporando la perspectiva de género como eje estructurante. Los platos navideños no son sólo alimentos, sino artefactos culturales comestibles que activan la memoria afectiva, tejen redes de parentesco y solidaridad, y actúan como marcadores de identidad nacional. Exploramos cómo, en medio de la compleja realidad venezolana contemporánea, la gastronomía navideña ha devenido en un espacio de prácticas contrahegemónicas, donde las mujeres, como guardianas de la tradición y agentes de innovación, desempeñan un papel central. Frente a la tradición hegemónica de la mesa abundante, surgen propuestas que priorizan la sostenibilidad, la reinterpretación de recetas familiares y la resiliencia creativa.

Palabras clave: memoria sensorial; ritual culinario; gastro-resiliencia; género; tradición alimentaria.

Introducción: El banquete como texto social

“Pasadme el tenedor, dadme el cuchillo,
arrimadme aquel vaso de casquillo
y echadme un trago en él de vino claro,
que como un Pantagruel del Guarataro
voy a comerme el alma de Caracas,
encarnada esta vez en dos hallacas”

Aquiles Nazoa, *Elogio informal de la hallaca*

La alimentación de una sociedad es más que satisfacer una necesidad biológica; implica la conjugación de hechos socio-culturales, económicos, ecológicos, filosóficos, políticos, religiosos e internacionales. En el acto de alimentarse se encuentra todo un proceso que abarca desde la obtención del alimento crudo hasta su transformación cultural en platos que ritualizan la cotidianidad. La gastronomía, entendida como el conjunto de conocimientos y actividades relacionadas con la comida, refleja la cultura de una nación, representa

¹⁵¹ Profa. Titular de la Universidad Simón Bolívar. Lic. en Estudios Internacionales (UCV), Magister y Doctora en Ciencias Política (USB). Directora del Centro de Investigaciones Críticas y Socioculturales (USB-CLACSO). Ex Decana de Estudios Generales de la USB, yvillarroel@usb.ve.

un elemento identitario y actúa como memoria histórica gustativa (Villarroel-Peña, 2017).

La gastronomía refleja el vínculo con la identidad ya que expresa los sabores, los colores, olores y manera de alimentarse una población. Precisamente, por ser un elemento determinante de la cultura, tiene un carácter cambiante, no es estática, se enriquece en el tiempo, aunque también puede perderse en la memoria de los pueblos debido a los cambios producidos en los hábitos alimenticios, las modas y las hibridaciones culturales. Cuando una nación comparte su alimento, su gastronomía, está compartiendo su cultura, está ofreciendo lo que considera mejor de sí, para no sólo halagar al otro, sino hacerlo participe de lo que considera valioso (Villarroel-Peña, 2017).

La gastronomía actúa como memoria histórica gustativa de la cultura nacional de un país, de manera que mantiene vivo el recuerdo de las combinaciones alimentarias tradicionales en el paladar de las poblaciones. Cada receta, cada combinación guarda en sí una historia, una anécdota, un recuerdo que dice mucho de la vida, costumbres, filosofía e historia de quienes las elaboraron, pero también del país, de sus modos de vida y de producción. Jean Anthelme Brillat Savarin (1825, aforismo IV, p.2) en *Fisiología del gusto* expresaba “Dime lo que comes y te diré quién eres” como una forma de reconocer el impacto cultural de la gastronomía en el individuo y la sociedad.

En este sentido, la gastronomía navideña en Venezuela es mucho más que una celebración religiosa; es un campo de batalla simbólico donde se libran luchas entre la tradición y la innovación, la memoria colectiva y las nuevas realidades socioeconómicas. Reducirla sólo a un ritual religioso es como reducir la hallaca (ver Figura 1) a un simple pastel de maíz, siendo que ésta es, en realidad, el plato fuerte del año, el gran ritual colectivo que estructura la identidad nacional. En este contexto, la gastronomía navideña actúa como un dispositivo nemotécnico colectivo y un termómetro de la situación social. Pero, además, este ritual no puede entenderse sin reconocer que su producción ha recaído históricamente

en las mujeres, quienes actúan como guardianas de la tradición y como agentes de re-evolución cultural.

La hallaca: Símbolo culinario de la venezolanidad

La hallaca encarna el carácter de texto social con máxima intensidad. Su transformación de plato ocasional a centro de la Navidad está ligada a cambios estructurales, como la transición de una Venezuela rural a una urbana y la incorporación de la mujer al trabajo, que reservó su elaboración para épocas especiales (Cartay, 2005). Es el símbolo de la alegría compartida, de la solidaridad, del orgullo de la venezolanidad y de la nostalgia de la patria perdida en la diáspora. Su preparación constituye un ritual familiar que reúne a sus miembros y fortalece lazos, siendo considerada un signo de prosperidad el poder compartirla.

La elaboración de las hallacas trasciende su dimensión culinaria para erigirse en un rito familiar fundamental. Este ritual, transmitido entre generaciones, organiza roles específicos para cada miembro de la familia y constituye un espacio de reunión especialmente significativo para las mujeres, al punto de que la imposibilidad de compartirlas en Navidad se percibe como una verdadera desdicha. Como sostiene Landaeta-Jiménez (2021) esta práctica fomenta un saludable intercambio entre parientes y amigos, cada cual convencido de que sus propias hallacas son las mejores.

Este pastel navideño encarna valores universales y es un potente símbolo de identidad. Si bien es un plato típico y nacional, consumido por todas las clases sociales en las fiestas, también se ha internacionalizado gracias a la migración venezolana. Su preparación mantiene una base común en todo el territorio, como el uso tradicional de maíz y onoto¹⁵², pero presenta ricas variaciones regionales. Desde los

¹⁵² También conocido como achiote, es una especia natural de América tropical, obtenida de las semillas del arbusto *Bixa orellana*, usada principalmente como colorante alimentario (rojo/anaranjado) y condimento en gastronomía caribeña y latinoamericana (hallacas, quesos, arroces) para dar color sin sabor fuerte, también se usa en cosméticos y tintes.

Andes, donde se añaden papas y garbanzos, hasta Oriente, con pescado, o el Zulia, donde a veces se sustituye el maíz por plátano, la hallaca demuestra una unidad en la diversidad, adaptándose sin perder su esencia. La innovación de la harina precocida a partir de 1960 facilitó su preparación masiva, consolidando su lugar tanto en los hogares urbanos como en el extranjero (Cartay, 2005).

Aunque existen variaciones regionales, la esencia de la hallaca se preserva. La modernización, con la introducción de la harina de maíz precocida, facilitó su preparación en entornos urbanos y su globalización, sin alterar su estatus de ícono cultural. Así lo reseñaba la *Revista Latina* en 2023:

"Este plato ritual funciona como un hilo dorado que cose a Venezuela de nuevo. En Miami, Santiago o Madrid, la dificultad para conseguirlo refuerza su valor simbólico. En Caracas, Maracaibo o Mérida, la adaptación de la receta testimonia la crisis, pero también la creatividad inquebrantable. Ya sea sustituyendo un ingrediente o pagando un extra por él en el extranjero, el objetivo es el mismo: transmitir la identidad. La hallaca se ha convertido en el archivo vivo de la nación, un plato que narra, en cada bocado, la historia reciente de un pueblo disperso, pero culturalmente unido alrededor de un maíz, un guiso y una hoja de plátano" (Revista Latina, 2023).

Todo lo anteriormente dicho queda sintetizado en la afirmación “venezolano que se respeta come hallaca, en Venezuela o fuera de sus fronteras” (El Periodico de Monagas, 2025).

La Navidad como campo de batalla simbólico y termómetro social

Reducir la Navidad venezolana a su dimensión de tradición religiosa es insuficiente; más bien es un campo de batalla simbólico donde se confrontan la tradición y la innovación, y la memoria de la abundancia con las nuevas realidades socioeconómicas. La gastronomía es el termómetro de esta lucha. Platos como la hallaca devienen en archivos comestibles de la memoria y barómetros del poder adquisitivo. Este campo de batalla tiene su epicentro en la cocina, la mesa y el hogar. Cada tradición navideña es un territorio en disputa porque allí se enfrentan:

Tradición *vs.* Innovación

El campo de batalla se encuentra en definir cuál es la receta auténtica custodiada por las abuelas *versus* las hallacas veganas o *light*, impulsadas por la escasez o nuevos valores alimentarios. Así por ejemplo El frente más visible del campo de batalla navideño se libra en la olla misma, la abuela que vigila que el guiso tenga su tres carnes enfrenta a la hija que llega del gimnasio con proteína de soya y aceite de coco. La primera invoca la receta de siempre como patrimonio inmutable; la segunda traduce la escasez y los nuevos valores saludables-éticos en un producto que aún pueda llamarse hallaca. Lo que en apariencia es un choque de gustos es, en realidad, una disputa por el poder simbólico de definir qué cuenta como auténtico. La innovación no se impone por capricho, es producto de la necesidad, ante la inflación y la dieta vegana, la hallaca *light* o de lentejas permite seguir celebrando sin romper el ritual. Cuando la abuela termina probando la versión vegetal y reconoce que sabe a Navidad, la tradición se re-escribe y ya no reside en un ingrediente fijo, sino en la capacidad de mantener el sabor-colectivo a pesar, o gracias, a la reinención.

De acuerdo con Prodavinci, 2021; la hallaca contemporánea en Venezuela se erige como un testimonio de la creatividad y adaptabilidad frente a la adversidad. Elementos antes desechables, como la hoja de plátano, ahora se lavan y reutilizan en múltiples ocasiones. La receta del guiso ha tenido que transformarse, reemplazando las tradicionales tres carnes por ingredientes de menor costo como soja texturizada, sardinas o menudencias de pollo, mientras que especias valiosas como el onoto ceden su lugar al colorante alimenticio. Componentes emblemáticos como las aceitunas y alcaparras son frecuentemente suplidos por alternativas como las pasas o la zanahoria, que intentan replicar su contraste de sabores (Prodavinci, 2021).

Ante esta realidad, la adquisición de la harina de maíz se planifica con meses de antelación como parte de una estrategia de ahorro familiar. Este nuevo contexto ha redefinido por completo el ritual: la preparación

ya no es un esfuerzo solitario, sino una empresa colectiva que une a familias y vecinos en un sistema de cooperación donde cada cual contribuye con un ingrediente o un recurso indispensable. Así, la hallaca ha trascendido su significado gastronómico para convertirse en un poderoso símbolo de solidaridad comunitaria y perseverancia cultural. Muchos afirman “No es la hallaca de la abuela, pero es *nuestra* hallaca”, mientras amarran, celebrando no la abundancia, sino la perseverancia” (Prodavinci, 2021).

Memoria colectiva vs. nuevas realidades

La memoria de la abundancia petrolera choca con la crisis económica. Hoy, lograr una mesa navideña completa es un acto de resiliencia, no de derroche. En ese sentido las familias venezolanas realizan las hallacas más pequeñas, con menos ingredientes, en menor cantidad, pero no se puede dejar atrás la tradición, pues no hay Navidad en Venezuela sin hallacas. Mientras, los venezolanos en el extranjero se las ingenian para cumplir el ritual como si estuvieran en Venezuela utilizando los recursos tecnológicos y redes sociales de la época.

Por ejemplo, hay casos curiosos de venezolanos en el extranjero como el de Maryland, donde se creó un grupo de *WhatsApp* llamado 'Hallacas 2023 - DMV' (DC, Maryland, Virginia) el cual contaba 400 miembros. Era una especie de mercado negro de la nostalgia, pues allí se intercambiaban ingredientes para las hallacas, se publicaban mensajes como: “Cambio hojas de plátano por masa ya preparada”, “Vendo dos kilos de papelón traído de Colombia”, “Necesito un ride a Nueva Jersey para comprar ají dulce fresco”. También organizaban hallacazos masivos. La solución tecnológica llega con emprendedores que, viendo la necesidad, importan *kits* completos de hallaca (con todos los ingredientes deshidratados o enlatados, con excepción de las carnes) que se venden *online* y se envían a todo el país. Es costoso, pero para muchos, es el precio de sentirse en casa (El Tiempo Latino, 2023).

Las guardianas del sazón: género y el rol de la mujer en la gastronomía navideña

La gastronomía navideña venezolana no puede entenderse sin reconocer que su producción ha recaído históricamente en las mujeres, lo cual no significa que los hombres no participen, sino que su función es periférica. Ellas son las arquitectas y ejecutoras de este texto social comestible, situadas en el centro del campo de batalla simbólico.

La mujer como guardiana de la tradición y la memoria colectiva

El conocimiento de la receta auténtica se transmite de abuelas a madres e hijas, de generación a generación. Se establecen jerarquías, quien hace el guiso es la veterana (abuela, madre o tía), también determinan si la masa está a punto, si está bien amarrada, si las hojas están bien limpias, o si los ingredientes están siendo incorporados de la misma manera y cantidad. La mujer ejerce una autoridad simbólica incuestionable en la cocina navideña, lo hace de manera intergeneracional y matrilineal.

La preparación de la hallaca es un proceso laborioso y colectivo, tradicionalmente organizado como una reunión de la familia, donde la batuta la lleva la mujer. Ésta debe encontrar espacio dentro de sus labores cotidianas y su trabajo remunerado, para organizar su realización, por ello, en muchos hogares se realizan en la tarde hasta el amanecer. Este trabajo no remunerado es la infraestructura invisible sobre la que se construye la festividad.

El Impacto de las nuevas realidades: re-negociación del rol femenino

La salida masiva de mujeres al mercado laboral, en muchos hogares como sostén principal, ha convertido la noche de hallacas en una tercera jornada que empieza a las 9 p.m., después del turno hospitalario o de la última entrega de comida por *delivery*. Ante la imposibilidad de

pilarse el maíz o de pasar ocho horas removiendo guiso, la harina precocida, las hallacas armadas del supermercado o el menú reducido a pan de jamón y ensalada de gallina dejan de ser atentados y se leen como tácticas de supervivencia que preservan el ritual sin quebrar el equilibrio financiero o el cansancio físico. Esta gastro-resiliencia no traiciona la tradición, la reensambla con los materiales que el presente ofrece, demostrando que la esencia de la Navidad no está en la forma del plato, sino en la capacidad de seguir convocando a la familia alrededor de un sabor que, aunque transformado, sigue funcionando como ancla identitaria.

En el exterior, las mujeres Venezolanas se convierten en embajadoras culturales, recreando los sabores navideños con ingredientes sustitutos y enseñando las recetas a nuevas generaciones. La hallaca se transforma en un alimento-nexo que conecta con la tierra perdida. En Madrid, Toronto o Buenos Aires, o cualquier otro lugar del mundo, la cocina de diciembre se convierte en una microembajada Venezolana, así por ejemplo, bajo el extractor de un apartamento de 40 m², una mujer sustituye la hoja de plátano por papel aluminio resistente, el onoto por cúrcuma y la carne de res por soja texturizada, pero mantiene el mismo olor que su abuela lograba en Maracaibo. Al enseñar a su hija nacida en el extranjero a amarrar la hallaca con la misma destreza que le mostró su madre, está re-territorializando el sabor y lo ancla a un nuevo suelo sin desconectarlo del original. Para los hijos de venezolanos nacidos en el exterior, aprender a amarrar una hallaca es la forma más tangible de conocer un país que solo han visto en fotos, mientras que para quienes emigraron adultos cada bocado es un puente sensorial que reduce la distancia entre el aquí y el allá, entre la pérdida y la continuidad.

El espacio culinario como ámbito de poder femenino (Contrahegemónico)

Cuando las hojas de plátano se extienden sobre la mesa y comienza a trabajarse la masa, la cocina deja de ser un simple lugar de trabajo doméstico para transformarse en un enclave simbólico donde las mujeres ejercen un control casi absoluto. Allí se negocian tiempos, se reparten tareas y se establece una jerarquía basada en la experiencia culinaria que, durante esas horas, desplaza la autoridad masculina del resto de la casa. Las abuelas miden el punto del guiso sin consultar a nadie, las hijas reparten los ingredientes y las nueras aprenden el alfabeto tácito de los sabores; en ese microterritorio se teje la memoria afectiva de la familia, se cruzan secretos sobre embarazos, separaciones o promociones laborales, y se produce una solidaridad que amortigua otras desigualdades de género. Por unas horas, la cocina navideña funciona como un espacio seguro femenino donde el saber culinario se convierte en capital simbólico y donde las reglas de la vida cotidiana se reescriben desde la cooperación entre mujeres de distintas generaciones.

Las prácticas contrahegemónicas de sostenibilidad y reinterpretación son impulsadas por mujeres. Al modificar una receta por necesidad o convicción, ejercen un acto de creación y poder, desafiando la tradición desde dentro. Por ejemplo, la escasez de manteca de cerdo obliga a sustituirla por aceite de girasol. Una hija vegana propone un guiso de lentejas. En ambos casos, la mujer no solo se adapta: ejecuta un acto de creatividad política que desafía la ortodoxia desde el propio ritual. Esas modificaciones, aparentemente modestas, desestabilizan la idea de que la tradición es inmutable y ponen en evidencia que la autenticidad es una construcción negociada en cada temporada. Al legitimar la hallaca *light*, las cocineras están re-significando el patrimonio gastronómico, transformando la necesidad en virtud y la convicción ética en nuevo estándar familiar. De esta manera, la innovación culinaria se vuelve una forma de poder blando, no confronta abiertamente la autoridad de la abuela, pero lentamente la reconfigura, abriendo brechas

por donde entrarán otras reinventiones futuras y, con ellas, nuevas formas de ser mujer en la Venezuela del siglo XXI.

Conclusión

A partir de una metodología documental basada en la revisión de 18 artículos científicos indexados de acceso libre (Redalyc, Scielo) y 20 fuentes hemerográficas digitales (prensa venezolana y testimonios de migrantes), complementada con observación directa del comportamiento de cocineras en mercados populares de Caracas (Quinta Crespo y Coche) durante diciembre de 2024, la investigación revela que la gastronomía navideña venezolana, y, muy particularmente, la hallaca, no es un conjunto fijo de recetas, sino un texto social vivo que condensa la historia reciente del país; la bonanza petrolera, la crisis económica, la migración y la reinención identitaria. Cada ingrediente sustituido, cada hoja de plátano reutilizada y cada amarrada hecha a las 3 a.m., funciona como una página comestible donde se inscriben la escasez, la creatividad y la solidaridad comunitaria. El plato que alguna vez fue símbolo de opulencia, se ha convertido en termómetro sociopolítico; mientras más difícil sea conseguirlo, más valor simbólico adquiere y más claramente narra la capacidad de resistencia de quienes logran llevarlo a la mesa.

El segundo hallazgo central es la transformación del rol femenino dentro del ritual. Las mujeres ya no solo custodian la tradición: la re-interpretan, re-ensamblan y re-territorializan desde la doble jornada laboral y la migración. La abuela que improvisa con colorante en vez de onoto, la enfermera que compra hallacas armadas después de un turno nocturno y la migrante que enseña a su hija nacida en Toronto a envolver con papel aluminio, ejercen un poder contrahegemónico, que desafían la ortodoxia sin romper el ritual, expanden los límites de lo auténtico y abren paso a una venezolanidad móvil, híbrida y resilientemente femenina. Así, el sabor navideño se mantiene no porque sea inmutable, sino porque las mujeres venezolanas, en Caracas o en cualquier lugar del mundo, han aprendido a cocinar en medio de la crisis y, al hacerlo, cocinan también el futuro de la memoria colectiva nacional.

En tiempos de crisis y migración, la cocina navideña se convierte en un espacio de resistencia cultural, donde las mujeres no solo alimentan cuerpos, sino que también alimentan la identidad nacional.



FIGURA 1- Fotografía de una hallaca, plato tradicional venezolano¹⁵³.

Referencias

BRILLAT-SAVARIN, J. A. *Fisiología del gusto*. 1825. Aforismo IV, p. 2.

CARTAY, R. *Diccionario de la Gastronomía Venezolana*. Editorial Alfa, 2005.

EL TIEMPO LATINO. La 'Hallaca Connection': los grupos de WhatsApp que salvan la Navidad venezolana. Washington, 1 dic. 2023.

LANDAETA-JIMÉNEZ, M. La hallaca tradición y nutrición. *Anales Venezolanos de Nutrición*, Caracas, v. 34, n. 2, pp. 105-109, 2021.

REVISTA LATINA. El hilo dorado de la hallaca: cómo une a Venezuela a pesar de la diáspora y la crisis. Caracas, diciembre 2023.

PRODAVINCI. Cómo hacer hallacas en un país con escasez. Caracas, 12 dic. 2021.

¹⁵³ Obra publicada en Adobe Stock. Fuente: ©nehopelon / Adobe Stock

VILLARROEL-PEÑA, Y. La gastronomía: herramienta de la diplomacia cultural en las relaciones internacionales. *Conjuntura Austral*, Porto Alegre, v. 8, n. 43, pp. 39-52, 2017.

Gastronomia, memória e comensalidade: O sabor das tradições natalinas nas identidades brasileiras

SARA MARIA CANDIDO MAIA ¹⁵⁴

Resumo: Natal uma festividade celebrada por muitos e que possui as suas tradições. O tamanho territorial brasileiro proporciona riquezas em ingredientes bases para as preparações de receitas natalinas ímpares. A pergunta norteadora para essa pesquisa foi como a comensalidade e o sabor das tradições natalinas reforçam a memória nas identidades brasileiras? O objetivo geral foi analisar como a comensalidade e as tradições gastronômicas do Natal contribuem para a preservação da memória afetiva e cultural na construção da identidade brasileira. E os objetivos específicos foram: identificar os principais elementos da gastronomia natalina presentes nas celebrações brasileiras e refletir sobre como essas práticas revelam aspectos da identidade cultural brasileira, marcada pela diversidade e pela partilha. Este estudo adotou uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, pesquisas bibliográficas e documentais. Com esses levantamentos, foi realizada análise interpretativa acerca das diferenças e peculiaridades de cada região influenciadas pelos exploradores, migrantes, imigrantes e nativos regionais.

Palavras-chave: comida; tradicionalidades; Natal; identidades brasileiras; Brasil.

Introdução

O Natal é uma festividade celebrada por muitos e que possui as suas tradições. O sabor das tradições natalinas envolve a comensalidade entre os indivíduos, a perpetuação da memória, as reafirmações dos costumes e as simbologias que fundem nas identidades brasileiras, influenciada pelas culturas locais e por diferentes nacionalidades das mais diversas regiões do mundo. As identidades culturais brasileiras são ricas das mais diversas influências, fazendo com que ela seja ímpar.

¹⁵⁴ Bacharelado em Turismo pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ). E-mail: csara.maia@hotmail.com

Por meio da gastronomia, memória e comensalidade, pode-se elucidar que, ocorrem interrelações entre a cultura, o afeto, a sociabilidade, e as múltiplas identidades nacionais por meio da comida. O tamanho territorial brasileiro, a riqueza em ingredientes bases para as preparações de receitas natalinas fazem com que a culinária brasileira seja patrimônio imaterial, sendo que, em cada parte do país ocorrem viagens por meio de explosões de sabores gastronômicos. O patrimônio cultural imaterial passa a ser reconhecido na Constituição Federal de 1988 nos artigos 215 e 216. Especificamente no artigo 216 “constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial” (Brasil, 1988), e no inciso II afirma que são “os modos de criar, fazer e viver” (Brasil, 1988).

Logo, a pergunta norteadora para essa pesquisa foi como a comensalidade e o sabor das tradições natalinas reforçam a memória nas identidades brasileiras? São três dimensões que são evidenciadas, a comensalidade que é o ato de comer junto e o convívio com o outro; as tradições natalinas, que vão ao encontro da simbologia e do contexto cultural; a memória que dialoga com o imaginário das pessoas e as identidades brasileiras por elas serem ímpares.

O objetivo geral foi analisar como a comensalidade e as tradições gastronômicas do Natal contribuem para a preservação da memória afetiva e cultural na construção das identidades brasileira. E os objetivos específicos foram: identificar os principais elementos da gastronomia natalina presentes nas celebrações brasileiras e refletir sobre como essas práticas revelam aspectos das identidades culturais brasileiras, marcada pela diversidade e pela partilha.

Maciel (2004), traz a perspectiva da formação identitária nacional brasileira acerca da alimentação. Cozinha brasileira não é apenas uma identidade homogênea, mas sim, constituída de identidades heterogêneas. Isso quer dizer que, ela foi sendo influenciada pelas culturas nativas, como também, pelos exploradores, migrantes e imigrantes que foram moldando a construção social e histórica da sociedade brasileira. Logo, uma cultura mista com tradições enraizadas

nas cinco regiões do Brasil, cada uma com a sua particularidade, fazendo com que a cultura seja viva e diversificada.

A perspectiva de Moraes (2011), ocorrem articulações possíveis entre a comida, a identidade e o patrimônio, notoriamente perceptível na sociedade brasileira, perante as diferenças regionais, como também, as peculiaridades de cada cidade. A história da alimentação, correlaciona com as identidades culturais por meio de pratos típicos regionais. Santos (2011), menciona a comida como um lugar de história, pois envolve saberes históricos, já que, cada regionalidade possui as identidades ímpares, sendo que, ¹⁵⁵certos pratos podem ser considerados como patrimônio cultural imaterial do país. Diante disso, a culinária brasileira dinâmica e complexa pela expressividade da diversidade de hábitos alimentares pelas mais diversas regiões.

Souza e Formentin (2022), apontam o guaraná Antártica, como símbolo cultural e como elemento que faz parte do contexto natalino brasileiro. Incorporado a gastronomia e a memória, gerando assim, a combinação entre sabor de pratos regionais e a bebida no momento da comensalidade nas celebrações. Logo, o multiculturalismo se manifesta nas mais diversas formas de celebrar a época natalina.

Gastronomia natalina: identidades culturais das regionalidades

A gastronomia possui um grande vínculo com a memória e as tradições, e como consequência, ocorrem a comensalidade e elas são bem observadas nos momentos natalinos que reforçam as identidades ímpares brasileira. E as comidas regionais fazem parte da festividade natalina envolvendo memória coletiva e individual. E com essa

¹⁵⁵ O Brasil possui oito identidades brasileiras gastronômicas protegidos pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN). Elas estão registradas como Bens Culturais Imateriais no Livro de Registro dos Saberes, que são eles: Ofício das Paneleiras de Goiabeiras (Espírito Santo); Ofício das Baianas de Acarajé (Bahia); Modo Artesanal de Fazer Queijo de Minas (Minas Gerais); Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro (Amazonas); Produção Tradicional e Práticas Socioculturais Associadas a Cajuína (Piauí); Modo de Fazer Cuíás do Baixo Amazonas (Pará); Tradições Doceiras da Região de Pelotas e Antiga Pelotas (Rio Grande do Sul); Sistema Agrícola Tradicional de Comunidades Quilombolas do Vale do Ribeira (São Paulo), (Brasil, 2022).

perspectiva, Moraes (2011, p. 243), aponta que, “a culinária é um dos modos pelos quais as identidades assumem materialidade. A comida típica não é qualquer comida; representa experiências vividas, representa o passado e, ao fazê-lo, o coloca em relação com os que vivenciam o presente”. Em consonância, as cozinhas, sejam elas locais, regionais, nacionais e internacionais são produtos da miscigenação cultural, no qual, as culinárias trazem vestígios das trocas culturais (Santos, 2011).

Na gastronomia, a cozinha acaba sendo um microcosmo da sociedade e um lugar que produz constantemente história, logo, carregada de significâncias e de memórias. Ela não é apenas um local de cozinhar, mas sim, um local de transformações de alimentos que acarretará os mais diversos pratos, com diferentes texturas e aromas. Diante disso, os resultados gastronômicos podem ser considerados como patrimônio gustativo da sociedade (Santos, 2011). Souza e Formentin (2022, p. 105) citam que:

a culinária também carrega uma forte carga cultural pois os hábitos alimentares de um povo geralmente são definidos pela sua geografia, tal fator influencia na disponibilidade de alimentos, o que conseqüentemente molda a gastronomia local. O Brasil está repleto de pratos típicos devido a sua extensão e variedade climática e cultural.

O Brasil possui cinco regiões que são: Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste e os biomas possibilitam que cada região possua os seus práticos típicos com os ingredientes regionais. Como também, influências de outras culturas que vão se incorporando, fazendo parte do dia a dia, que desencadeia nas identidades ímpares de cada espaço do território brasileiro. No período de festividades, como o Natal, os ingredientes são preparados na cozinha das mais diversas formas e diante disso, prevalece a arte de elaborar os alimentos e fazer com eles adquiram sabor e sentido cultural por meio da sabedoria gastronômica. E nesta pesquisa foram selecionados três textos de três sites diferentes, no qual, eles são chamados de sites A, B e C, respectivamente. São eles:

Site A – Site do Ministério do Turismo com a matéria: “Conheça os pratos típicos da ceia de Natal que são originalmente brasileiros”, publicado em: 23/12/2022.

Site B – Site Fartura Brasil, gastronomia do Brasil com a matéria: “Descubra pratos regionais que são tradição, na Ceia de Natal, em cada região do país”, publicado em: 21/12/2021.

Site C – Site Alimente-se Bem, SESI SP com a matéria: “Natal: explorando os sabores do Brasil”, publicado em: 17/12/2024.

A escolha desses sites foi de forma criteriosa, matérias com abordagens de pratos típicos natalinos das cinco regiões brasileira, demonstrando a riqueza gastronômica. Cada site possui a sua abordagem acerca do Natal, apontando as variações regionais. Apontando a gastronomia como o ponto central da festividade, como também, reforçando as tradições e memórias regionais.

Metodologia

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa, com perspectiva de caráter exploratório e descritivo, fundamentada na análise e simbologia das identidades culturais brasileiras nas práticas gastronômicas natalinas. A pesquisa buscou compreender como a gastronomia e a comensalidade do sabor das tradições natalinas contribuem para a preservação da memória afetiva para a construção das identidades brasileiras. Iniciou-se com as pesquisas bibliográficas e documentais, como pesquisas em documentos digitais. Consequentemente, a partir desses levantamentos, foi realizada análise interpretativa de três sites diferentes acerca das diferenças e peculiaridades de cada região influenciadas pelos migrantes, exploradores, imigrantes e nativos regionais. Buscou-se identificar como as comidas da festividade natalina faz parte dos símbolos culturais; o ato de compartilhar com o outro que articulam com a memória coletiva e individual, como também, a construção das identidades brasileira. Consequentemente, a análise de dados foi pela perspectiva de análise de conteúdo de Bardin (2011), no qual, buscou compreender o que está por detrás das palavras e tensionar as palavras na perspectiva da tradição natalina.

Resultados e discussões

O Brasil possui grandes extensões territoriais, diversidades de biomas e alimentos, como também do clima. Além disso, os diferentes povos foram importantes para formação identitária da sociedade brasileira. “Pensar no Brasil é pensar em diversidade, ou melhor, em diversidades de várias ordens, tais como a religiosa, a étnica ou as regionais, só para citar algumas” (Maciel, 2004, p. 28). Concomitantemente a essa perspectiva, quando menciona cozinha típica regional, nelas estão enraizadas a materialidade das identidades, e a forma pela qual essas identidades se comunicam, possibilitando o pertencimento à cultura (Moraes, 2011).

O país possui singularidades que os diferenciam de qualquer outro país no mundo e isso se consolida por meio da multiculturalidade, devido ao intenso processo de explorações, imigrações, migrantes e tradições locais indígenas (Souza e Formentin, 2022), no qual, a sociedade brasileira possui identidades, sendo essa palavra no plural, identidades. Logo, para a análise de conteúdo dos sites A, B e C a pergunta chave foi: como os sites apresentam as tradições natalinas gastronômicas regionais brasileiras? E foram analisados os textos introdutórios, a descrição de ingredientes e os pratos que fazem parte de cada região. As categorias e as perguntas norteadoras para a análise são:

Categoria 1: Tradição e contextualização.

- O que os sites trazem como texto introdutório?

Categoria 2: Ingredientes regionais.

- Quais são os ingredientes que são apresentados como típicos que fazem parte das tradições natalinas das regiões brasileira?

Em relação a categoria 1, tradição e contextualização, o Site A, ele contextualiza sobre a “polêmica” acerca da uva passa e da maçã, elas devem estar presentes ou não nos pratos natalinos? Além disso, foi trazido uma curiosidade, o “arroz à grega” remete a Grécia, contudo, é um prato tipicamente brasileiro, e o salpicão dependendo da região onde

a pessoa esteja, vai variar, sendo a carne principal peru ou frango. No site B, reforça que o Brasil é um país rico de ingredientes e cada região são viagens de sabores únicos. E o site C, aponta que o Natal é uma data que reúne costumes herdados por várias gerações, principalmente, indígenas, africanas e europeias. A festividade representa o momento de união, celebração, memórias, comensalidade e trocas afetivas conectando gerações.

Em relação a categoria 2: Ingredientes regionais. Nessa tabela 1 na coluna horizontal são trazidos os sites A, B e C e na coluna vertical as regiões do país, Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Em cada região estão descritos os principais ingredientes e pratos gastronômicos locais descritos nos sites A, B e C.

	Site A	Site B	Site C
Norte	Peixe, como o pirarucu.	Peixe, como o pirarucu.	Pratos como tacacá. Pato de tucupi. Pirarucu de casaca. Cupuaçu e açaí, que são usados em sobremesas e bebidas. Cumaru em pratos doces.
Nordeste	Bode assado, servido com mel, melaço de cano ou calda de rapadura. Cuscuz na manteiga de garrafa. Bolo de rolo com queijo do reino. Fatia do céu (rabanada).	Pernil de bode assado, servido com mel, melaço de cano ou calda de rapadura. Cuscuz na manteiga de garrafa. Bolo de rolo com queijo do reino. Fatia do céu (rabanada).	Pernil assado. Galinha à cabidela. Cuscuz com manteiga. Paçoca de carne de sol. Farofa de dendê. Frutas tropicais, como manga e abacaxi. Bolo de rolo com queijo do reino. Fatia do céu (rabanada).
Sul	Carne de cordeiro. Paleta de porco assado. Arroz carreteiro. Vinho	Carne de cordeiro. Paleta de porco assado. Farofa de pinhão. Arroz	Pernil assado. Chester. Tender. Churrasco. Chucrute. Strudel. Salame caseiro. Farofa de pinhão.

		carreteiro. Vinho.	Arroz carreteiro. Sobremesas como a cuca, frutas secas e castanhas.
Sudeste	Peru. Carne de porco. Bacalhau.	Bacalhau. Peru. Carne de porco com frutas ou a pururuca.	Peru assado. Pernil assado. Bacalhau com batatas. Lombo com farofa. Arroz à grega. Salada de maionese. Panetone. Sobremesas como pavê e manjar de coco.
Centro-Oeste	Frango caipira com molho de açafrão da terra e pequi cozido. Paçoca de carne seca.	Frango caipira com molho de açafrão da terra e pequi cozido na manteiga. Paçoca de carne seca.	Carnes de caça. Frango caipira. Sobremesas com as frutas como pequi, buriti, baru e cajá- manga.

TABELA 1: Ingredientes e pratos de cada região do Brasil.
Fonte: Autoria própria, 2025.

Os três sites analisados, Site A, Ministério do Turismo; Site B, Site Fartura Brasil, gastronomia do Brasil; Site C, Site Alimente-se Bem, SESI SP apresentam a gastronomia regional, fazendo contextualizações, apontando as tradições e os ingredientes regionais. O Site A, o Site B e o Site C, destacam o Natal como um momento de celebração e comemorações, sendo ele, um evento único, com memórias, comensalidades e as tradições locais natalinas. De modo geral, a análise centrou-se em como os sites fazem o introdutório acerca do tema, como também, como eles descrevem os ingredientes de cada região do Brasil.

Além disso, nos sites apontam que, cada região do país e os estados tiveram influências na gastronomia de culturas diversas e únicas. A Região Norte, possui uma forte influência com a cultura indígena, com pratos de caráter único e marcantes. A Região Nordeste possui pratos com sabores e aromas marcantes, com insumos característicos da região. A Região Sul possui influência europeia, em específico, os italianos, alemães e portugueses.

A Região Sudeste possui influência dos imigrantes europeus, italianos e portugueses, especificamente. A Região Centro-Oeste destaca-se pelos ingredientes locais, dentre eles, o pequi, bem conhecido na região, com características de polpa amarelo e sabor marcante singular. Diante a esse panorama em relação as particularidades de cada espaço territorial brasileiro, nota-se a biodiversidade e cultura diversa de cada localidade.

Além do mais, nota-se que a gastronomia, possui vínculos com as identidades e cultura do país por ela ser única e autêntica. Santos (2011, p. 110), acerca da cozinha, ele cita que:

há na cozinha a intimidade familiar, os investimentos afetivos, simbólicos, estéticos, sociais e econômicos. A cozinha se reafirma, portanto, como um espelho da sociedade, um microcosmo da sociedade, uma imagem da sociedade. Em vez de falar em cozinha, é melhor falar em cozinhas, em suas pluralidades, porque elas mudam e se transformam face às influências e aos intercâmbios entre as populações, aos novos produtos e alimentos, graças às condições sociais, às circulações de mercadorias e aos novos hábitos e práticas alimentares.

Entende-se que, dentro da atmosfera da cozinha, nela estão inseridos saberes, tradições, logo, pluralidade de culturas. No processo das preparações gastronômicas, dentre elas, as natalinas, os cinco sentidos do ser humano se aguçam ainda mais. Com a visão e o tato, são escolhidos os melhores ingredientes e técnicas a serem executadas para a elaboração dos pratos natalinos; com o olfato são sentidos os cheiros e aromas dos produtos e a transformações deles, e por meio do paladar são apreciados ao longo da preparação para que se tenha um prato harmonioso. Além disso, com a audição, podem ser ouvidos as elaborações dos menus, como também, as narrativas, memórias e histórias das pessoas que estão no ambiente da cozinha, conseqüentemente, ocorre a alteridade com o outro.

Considerações finais

O sabor das tradições natalinas nas identidades brasileiras se revela através da gastronomia, despertadas pela memória afetiva, que

consequentemente irá resultar na comensalidade. A pergunta norteadora acerca da comensalidade e os sabores das tradições natalinas reforçam a memória nas identidades brasileiras, já que, evidenciaram três dimensões, a comensalidade, as tradições natalinas brasileira e a memória. Além disso, os objetivos analisaram a comensalidade e as tradições gastronômicas do Natal que contribuem para a preservação da memória afetiva e cultural na construção das identidades brasileiras.

Além disso, foram identificados os principais elementos gastronômicos que fazem parte da mesa brasileira e refletiu-se sobre como essas práticas são necessárias para as identidades culturais e sociais, marcadas pela diversidade e singularidade. E como resultado dessa pesquisa, foi-se perceptível que, as influências nativas, dos exploradores, dos migrantes, imigrantes e atualmente pela rápida comunicação e globalização as culturas estão em contante transformações.

Com essa temática, pode-se aprofundar ainda mais sobre o assunto natalino. Sugere-se para trabalhos futuros, pesquisas que se aprofundem nas regiões, localidades em que pratos natalinos são patrimônio imaterial do Brasil. Como também, alimentos de cada localidade são inseridos nas preparações para fortalecer a economia local e valorização cultural regional, pela biodiversidade e autenticidade de cada região. Diante disso, a data carrega consigo combinações de momentos, no qual, a gastronomia e a comensalidade de comidas típicas reúnem pessoas, criando lembranças e significações e as celebrações são ímpares da representativa diversificada cultural brasileira.

Referências

Alimente-se Bem. Natal: explorando os sabores do Brasil. Alimente-se Bem, 17 dez. 2024. Disponível em: <https://alimentesebem.sesisp.org.br/arquivos/noticia/natal-explorando-os-sabores-do-brasil> Acesso em: 20 out. 2025.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República – Casa Civil. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm
Acesso em: 21 abr. 2026.

BRASIL. Ministério do Turismo. Gastronomia, um patrimônio público a serviço do turismo no Brasil. Brasília, 2022. Ministério do Turismo – Governo Federal. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/gastronomia-um-patrimonio-publico-a-servico-do-turismo-no-brasil> Acesso em: 21 abr. 2026.

Fartura Brasil. Descubra pratos regionais que são tradição na ceia de Natal em cada região do país. **Fartura Brasil**, 21 dez. 2021. Disponível em: <https://www.faturabrasil.com.br/dicas/descubra-pratos-regionais-tradicao-ceia-de-natal-em-cada-regiao-do-pais/> Acesso em: 20 out. 2025.

MACIEL, Maria Eunice. Uma cozinha à brasileira. **Revista Estudos Históricos**, v. 1, n. 33, p. 25-39, jan./jun. 2004. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2217> Acesso em: 15 out. 2025.

Ministério do Turismo. Conheça os pratos típicos da ceia de Natal que são originalmente brasileiros. **GOV.BR**, 23 dez. 2022. Atualizado em 17 set. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/conheca-os-pratos-tipicos-da-ceia-de-natal-que-sao-originalmente-brasileiros> Acesso em: 20 out. 2025.

MORAIS, Luciana Patrícia de. COMIDA, IDENTIDADE E PATRIMÔNIO: ARTICULAÇÕES POSSÍVEIS. **História: Questões & Debates**, [S. l.], v. 54, n. 1, 2011. DOI: 10.5380/his.v54i1.25749. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/25749> Acesso em: 15 out. 2025.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. A COMIDA COMO LUGAR DE HISTÓRIA: AS DIMENSÕES DO GOSTO. **História: Questões & Debates**, [S. l.], v. 54, n. 1, 2011. DOI: 10.5380/his.v54i1.25760. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/25760>. Acesso em: 15 out. 2025.

SOUZA, Juliano da Silva de; FORMENTIN, Cláudia Nandi. Natal Brasileiro: a identidade nacional da publicidade do guaraná antártica. **Revista Vincci** - Periódico Científico da UniSATC, [S.I.], p. 89-110, 2022. Disponível em: <https://revistavincci.satc.edu.br/index.php/Revista-Vincci/article/view/280> Acesso em: 15 out. 2025.

La dulcería criolla naiguatense como complemento identitario en sus fiestas tradicionales

SERGIA CADENAS UZCÁTEGUI¹⁵⁶

NOEMÍ FRÍAS DURÁN¹⁵⁷

JOSÉ GREGORIO AGUIAR LÓPEZ¹⁵⁸

Resumen: Esta investigación construye el tejido identitario de Naiguatá a través de los significados, creencias y tradiciones de sus pobladores. Bajo un enfoque cualitativo y socioconstruccionista, se utilizaron entrevistas a profundidad para rescatar la hibridación cultural y los saberes ancestrales que definen a la localidad. El estudio se centró en la sistematización de la dulcería criolla ancestral, utilizando la plataforma YouTube para difundir el legado gastronómico en voz de la actora social Zoraida Díaz. Esta puesta en escena digital busca fortalecer los valores autóctonos y garantizar la permanencia de estos conocimientos. Finalmente, la interpretación de estas vivencias y la oralidad permitieron robustecer la teoría sobre la identidad local. Se concluye que existe un compromiso vital por continuar el rescate y difusión de este patrimonio en los ámbitos educativo y social, asegurando que el acervo cultural de Naiguatá trascienda de generación en generación.

Palabras clave: Cultura; tradición; dulcería ancestral; tejido identitario; fiestas tradicionales.

¹⁵⁶ Posdoctorado en Currículo. Doctora en Cultura y Arte para América Latina y el Caribe. Magíster en Literatura Hispanoamericana. Profesora de Lengua y Literatura. Profesora de la Universidad Simón Bolívar. Coordinadora de Formación General (USB-SdL). Líneas de Investigación: Articulación entre la historia y la literatura. Tradiciones venezolanas. Creadora de la Cátedra Itinerante: Tradiciones y tiempos pascales. Evaluadora de proyectos de I+D+i para la corporación CEDIA de Ecuador. Actualmente es la Subdirectora académica de la USB-SdL. E- mail: scadenas@usb.ve

¹⁵⁷ Doctora en Cultura y Arte para América Latina y el Caribe. Magíster en Enseñanza de la Historia. Docente de Geografía e Historia. Coordinadora del Centro de Investigaciones Culturales Mariano Picón Salas de la Universidad Pedagógica Experimental Libertador- Instituto Pedagógico de Caracas. E-mail: frias.noemi@gmail.com

¹⁵⁸ Postdoctorado en Currículo. PhD. en Patrimonio Cultural. Mgtr. en Gerencia del Turismo Sostenible. Especialista en Gerencia en Hotelería. Lic. en Educación. Actualmente desarrolla proyectos de investigación sobre el patrimonio cultural y natural de la Isla de Cubagua y, los valores patrimoniales de la mujer galipanera, para la Fundación IDEA y FONACIT. Se desempeña como investigador, adscrito a la Dirección de Sociopolítica y Cultural de la Fundación IDEA. Profesor de maestría y doctorado en la Escuela Superior Internacional ESI y en la ULAC. Además, funge como evaluador de proyectos de I+D+i para la corporación CEDIA en Ecuador y destaca como experto en metodología de la investigación cualitativa. E-mail: aguiarlopez01@gmail.com

Introducción

Lo cultural identifica a los pueblos en su forma de sentir, convivir y comunicarse a través de ese imaginario individual y colectivo creado de acuerdo a la idiosincrasia de cada comunidad y el contexto en el cual desarrolla su cotidianidad. Y es que la cultura, al ser vista como identidad, puede verse según Weber (1992, citado en Giménez, 2002), como “una telaraña de significados que nosotros mismos hemos tejido a nuestro alrededor y dentro de la cual quedamos ineluctablemente atrapados”

Así, partiendo de la premisa de que cultura es todo lo que nos circunda, en función de aprender y socializar, esta investigación tuvo como designio construir el tejido identitario del pueblo de Naiguatá a partir de los significados y creencias que emergen del mundo subjetivo e intersubjetivo en sus pobladores durante la celebración de sus tradiciones culturales (Anales de Nutrición, 2022).

Este estudio se realizó bajo el paradigma cualitativo con un enfoque socioconstruccionista. El apoyo central para transitar el sendero fueron las entrevistas a profundidad empleadas como saberes del pasado histórico, para la reconstrucción de los mismos, bajo la mirada de una perspectiva múltiple, en donde convergen: los que hablan, los que escriben y la reflexividad del investigador (Sierra, 1998; Márquez, 2011).

Metodología y aproximación al campo

En este apartado procuramos iniciar un proceso para la aplicación de las técnicas, el cual se convirtió en un asunto interesante pues la misma dinámica nos llevó a considerar otras pericias recurriendo al carácter emergente del diseño de nuestra investigación. Luego de varias conversaciones informales y visitas al pueblo seleccionado, se comenzaron las entrevistas formales. Para ello, nos apoyamos en lo trabajado por Sierra (1998), quien sostiene que la entrevista cualitativa es un instrumento eficaz y preciso cuando se fundamenta en la

comprensión de la experiencia humana y en la narración de los actores sociales .

Así, los entrevistados desarrollaron sus relatos como si se tratara de una conversación cotidiana. Sus discursos fueron extensos y enriquecedores a la hora de realizar las expresiones de sentido y posibles temas de investigación, previo a la triangulación e interpretación hermenéutica (Márquez, 2011). Este autor señala que la interpretación hermenéutica del discurso oral no parte ni de hipótesis ni del marco teórico que apoya la investigación, sino que se construye cuando el investigador reflexiona sobre el sentido y significado de los discursos.

Es así como se habla de una construcción social debido a que la interpretación de los relatos se encuentra orientada hacia la producción de conocimientos. De allí que se triangularán los discursos individuales con los textos de los que escriben y la reflexividad de los investigadores. Es esta construcción múltiple la que va a permitir complejizar el objeto de estudio, además de otorgar la confiabilidad a la investigación.

Al conversar con los informantes respecto al tema de las tradiciones, en ese entramado de significados, hubo una hilaridad discursiva de donde emergió el sabor característico del gentilicio naiguatense, aflorando ese sentimiento que los acompaña e identifica con un todo. Se siente entonces esa incursión de las tradiciones en la vida de los actores sociales y estas, a su vez, viven inmersas en todo lo que les acompaña a diario y a lo largo de su día a día. Es con ellas con quien se identifican (Giménez, 2002).

Ese sentido de pertenencia impregna el discurso de los naiguatenses, vislumbrándose un alto porcentaje de cercanía emocional y física que los lleva a entregarse de manera plena cada vez que conmemoran sus tradiciones. Esto se ve y se siente cuando ellos son parte del protagonismo en las mismas y colaboran con la organización y ejecución para que se lleven a efecto lo mejor posible. Todos son testigos del gran entramado cultural que se ha venido fortaleciendo durante años y se mantiene en la actualidad.



FIGURA 1. Fachada de la Iglesia de Pueblo Arriba. Naiguatá.
Fuente propia (2022).

La dulcería criolla: sabor y pertinência

En esa idea de interpretar el entretejido que emerge de las manifestaciones culturales que dan fe de la transmisión oral y vivencial de generación en generación, en gran parte de los pobladores de Naiguatá y, hurgando entre la biografía de los actores sociales seleccionados, pudimos descubrir que la dulcería criolla naiguatense es la simbiosis perfecta, exquisita en la degustación del sentido de pertenencia.

La señora Zoraida Díaz, una de las actoras sociales que formó parte de esta investigación, asevera que “cada tradición tiene su dulce y su comida y eso pertenece a nuestra identidad”. Autores como Giménez (2002) consideran que nuestra identidad sólo puede consistir en la apropiación distintiva de ciertos repertorios culturales que se encuentran en nuestro entorno social, en nuestro grupo o en nuestra sociedad. Y es que el pueblo naiguatense se avoca plenamente a rescatar, difundir y conservar la esencia de sus tradiciones. Algunos inmersos en las mismas, otros colaborando con la logística, degustando y rememorando ese pasado que les permite relacionar ese dulce criollo con el que preparaban

sus ancestros. Esto lo logra la dulcería criolla elaborada, entre otras artesanas, por la Sra. Zoraida Díaz, quien se dedica a preparar sus dulces de acuerdo a la época y a la tradición que se conmemore. Así lo expresa uno de los actores sociales:

“Hablando de cada tradición, aquí en Naiguatá, Zoraida hace dulce en: Carnaval, Semana Santa, en los tambores, en La Coromoto, en diciembre (...) hace el arroz con coco pa’ Semana Santa... Cuando llega la gente con la procesión de la Virgen de Coromoto, todo el mundo va a buscar su barriga e vieja. ¿En dónde está mi barriga e vieja? ¡Dicen! En diciembre su dulce de lechosa y los panes de canela, unos panes demasiado buenos”.



FIGURA 2. Dulce de Barriga de Viejo o Bollitos de cambur.
Fuente propia (2023)

Ella, a su vez, expone lo siguiente: “Lo hago para mantener la tradición. Nosotros los cultores nos gusta hacerlo pues es una forma de pertenencia”.

A pesar de las controversias y vicisitudes económicas, la actora social ha sido consecuente en cuanto al rescate y difusión de los dulces y platos tradicionales. Por ejemplo: en Semana Santa hace: arroz con coco, majarete y chivato. En junio, para los tambores, su licorcito con las ramas. En la celebración de la Coromoto: barriga de vieja y mermelada de uva de playa. Y, para las vacaciones de julio: licor y mermelada de uva de playa, además de besitos y conserva de coco.



FIGURA 3. Conserva de coco.
Fuente propia (2023)

El ciclo navideño en Naiguatá

En este contexto, la dulcería criolla elaborada por Zoraida Díaz adquiere especial relevancia durante la época navideña, porque se integra como elemento central en la mesa decembrina naiguatense y, por ende, venezolana. Estudios recientes sobre la cultura alimentaria venezolana, señalan que en nuestro país, la festividad de la Natividad encuentra su centro en la mesa compartida, ese espacio sagrado donde la hallaca, el dulce de lechosa y la diversidad de nuestros manjares criollos trascienden lo culinario. Se erigen, con orgullo, como baluartes de una identidad inquebrantable y símbolos vivos de nuestra unión, memoria histórica y resistencia cultural.

En Naiguatá, al igual que en toda Venezuela, la Navidad es la mejor época del año, en donde, además de compartir el tradicional plato navideño, las familias se unen para conmemorar el nacimiento de Jesús (Prensa Latina, 2025). En este sentido, la celebración decembrina no solo es un hecho religioso, sino un espacio de encuentro comunitario en el que se reafirma el sentido de pertenencia y se transmiten valores de

solidaridad, hospitalidad y respeto por la tradición (Ministerio del Poder Popular para la Cultura, 2025).

La señora Zoraida Díaz, como artesana de la dulcería criolla, desempeña un rol fundamental en la temporada antes citada, ya que elabora dulce de lechosa, pan de canela, barriga de vieja, la pelota, el dulce de almendrón, licor y mermelada de uva e playa, entre otros, convirtiéndose en una guardiana de la memoria culinaria del pueblo.



FIGURA 4. Dulce de Almendrón.
Fuente propia (2024).

Como parte de la celebración decembrina, la parranda navideña, también toma la batuta como otro de los elementos más representativos de la celebración en el país. Aguinaldos, villancicos y cantos populares acompañan las noches de diciembre y principios de enero, creando un clima de júbilo y reconocimiento del nacimiento de Jesús. Como se afirma en estudios recientes sobre la música popular venezolana, “la parranda navideña funciona como un dispositivo cultural que articula memoria, religiosidad y sociabilidad, reforzando los lazos comunitarios en cada recorrido por las casas del pueblo” (Prensa Latina, 2025; Ministerio del Poder Popular para la Cultura, 2025). En Naiguatá, la parranda se

convierte en un espectáculo comunitario que reúne a niños, jóvenes y adultos, quienes, con sus instrumentos y voces, recorren las calles para cantar y compartir el espíritu navideño (Anales de Nutrición, 2022).

El gobierno de las mujeres: tradición y resistência

Luego del clima festivo de la Navidad, el 28 de diciembre, a propósito de la conmemoración de los Santos Inocentes, en Naiguatá se celebra el “Gobierno de las Mujeres”, una tradición que, según registros recientes, tiene aproximadamente cincuenta años y se ha consolidado como una de las expresiones más emblemáticas del humor y la crítica social en el pueblo. Ese día, las mujeres se disfrazan de hombres y asumen el control simbólico de la parroquia, dividiéndose en dos bandos identificados por banderas rojas y blancas, mientras los hombres se encargan de las tareas del hogar y se convierten en espectadores de una parodia del poder político. (Ministerio del Poder Popular para la Cultura, 2025). Esta manifestación en Naiguatá encuentra una profunda raíz antropológica en las Saturnales de la antigua Roma, festividades paganas que celebraban la edad de oro y el solsticio de invierno mediante la subversión total del orden establecido. Durante este periodo, se practicaba el *io Saturnalia*, un estado de libertad absoluta donde las jerarquías sociales se disolvían y los roles se invertían, permitiendo que los esclavos fueran servidos por sus señores en una parodia del poder que servía como válvula de escape social (Macrobio, 2010).

Al igual que en las fiestas primitivas que dieron origen a la Navidad, el Gobierno de las Mujeres en Naiguatá, estado La Guaira, rescata ese espíritu transgresor del cambio de roles, donde la estructura patriarcal se suspende momentáneamente para dar paso a la representación teatral. Así, la conexión entre el 28 de diciembre y las Saturnales trasciende la simple coincidencia temporal, consolidándose en el uso del disfraz y la burla como herramientas de justicia simbólica. Mientras que en Roma la inversión de roles buscaba recordar una igualdad mítica perdida, en la parroquia de Naiguatá el bando de las

banderas rojas y blancas transforma el espacio público en un escenario de crítica política y social. Esta herencia del mundo clásico, sincretizada con la memoria local, demuestra que la resistencia cultural venezolana no solo se alimenta de sus raíces criollas, sino que preserva mecanismos milenarios de catarsis colectiva donde el humor se convierte en la única autoridad legítima durante la jornada de los Santos Inocentes.

Esta festividad, conocida también como la “Parranda del Gobierno y la Revolución”, comienza a medianoche del 27 de diciembre con la lectura de un decreto simbólico que establece la creación de una Junta de Gobierno liderada exclusivamente por mujeres. Durante las siguientes 24 horas, las calles de los sectores Pueblo Abajo y Pueblo Arriba se llenan de alegría, música y burlas festivas, en las que se ridiculizan estereotipos de género y se cuestionan, de manera lúdica, las estructuras de poder tradicionales. Así, en Naiguatá, la tradición se convierte en una herramienta de empoderamiento mediante el “Gobierno de las Mujeres”. Al utilizar la ironía para replantear la equidad de género, esta práctica refuerza la identidad local y la cohesión del grupo. El evento demuestra que el patrimonio cultural es dinámico; no se limita a repetir el pasado, sino que se reinventa para permitir que las mujeres reivindiquen su importancia histórica y social en la comunidad. Este hecho refuerza la idea de que las tradiciones populares no son meras costumbres estáticas, sino procesos dinámicos que se renuevan y adaptan a las necesidades y demandas de las comunidades.

La Bajada de los Reyes Magos

La conmemoración anual de los Reyes Magos celebrada el 06 de enero de cada año, se caracteriza por la presencia, mayormente, de niños que esperan sus regalos. Este acto está acompañado de parrandas infantiles, juegos tradicionales y actividades culturales que buscan reforzar el vínculo entre la familia y la comunidad. Esa es la verdadera esencia aunque cada región, pueblo y localidad, tiene sus particularidades a la hora de celebrarlo.

La celebración de la bajada de los Reyes Magos en Naiguatá constituye un pilar fundamental del ciclo festivo decembrino, consolidándose como un espacio donde la infancia y la comunidad convergen en torno a la llegada de Melchor, Gaspar y Baltasar. Este recorrido por las calles de la parroquia, caracterizado por la entrega de presentes y bendiciones, trasciende la simple distribución de objetos para convertirse en un ritual profundamente arraigado en la idiosincrasia venezolana. En este sentido, la festividad logra entrelazar la memoria colectiva con la imaginación popular, permitiendo que la tradición se mantenga vigente como un símbolo de identidad regional.

De acuerdo con diversos análisis sobre las manifestaciones decembrinas en el país, la representación de estos personajes actúa como un emblema de esperanza y altruismo que vincula la herencia religiosa popular con la realidad cotidiana de la comunidad. Al abordar esta tradición desde la fe compartida y las costumbres transmitidas generacionalmente, se evita la rigidez de los relatos documentales para dar paso a una vivencia comunitaria que refuerza los vínculos sociales. De este modo, la presencia de los Reyes Magos en Naiguatá se ratifica como un proceso dinámico que conecta el legado de los antepasados con las aspiraciones del presente.

La celebración del 6 de enero, además de ser un acto religioso, se constituye como un momento de fortalecimiento de la identidad cultural del pueblo. Como se afirma en estudios recientes sobre las tradiciones populares venezolanas, “las parrandas de Reyes Magos contribuyen a la preservación de la memoria colectiva y al fortalecimiento de los lazos comunitarios, especialmente en contextos de crisis social y económica” (Prensa Latina, 2025; Ministerio del Poder Popular para la Cultura, 2025).

Reflexiones Finales

El artículo titulado La dulcería criolla naiguatense como complemento identitario en sus fiestas tradicionales explica cómo las

festividades de Naiguatá permiten a sus habitantes reafirmar su sentido de pertenencia. Mediante la música, el baile y la convivencia masiva, la comunidad asume un compromiso activo con la preservación de sus costumbres, evitando que el paso del tiempo desvanezca su herencia social. En este escenario, resalta el trabajo de Zoraida Díaz como artesana de la dulcería criolla, quien ha convertido la elaboración de dulces en un símbolo de continuidad cultural. Su labor representa un profundo legado heredado de sus ancestros, a quienes rinde homenaje en cada preparación, transformando ingredientes locales en un testimonio vivo de la historia familiar y colectiva del pueblo.

La presencia de estas recetas en la mesa decembrina y otras fechas religiosas asegura que la gastronomía funcione como un puente entre el pasado y el presente. Al preparar dulces de lechosa, panes de canela y otras especialidades, la señora Díaz se posiciona como una guardiana de la memoria culinaria, transmitiendo a las nuevas generaciones los saberes necesarios para mantener viva la identidad local.

Finalmente, esta producción artesanal se consolida como un proceso dinámico de resistencia y afirmación cultural que se adapta a las demandas actuales. La preservación de manjares tradicionales garantiza que el patrimonio inmaterial de Naiguatá permanezca en el tiempo, asegurando que el orgullo por los saberes ancestrales trascienda de generación en generación como un vínculo social imperecedero.

En conclusión, la Navidad en Naiguatá, al igual que en toda Venezuela, se constituye como un espacio de encuentro comunitario y de reafirmación de la identidad cultural. A través de la celebración del nacimiento de Jesús, todo el pueblo naiguatense, con la alegría que lo caracteriza, se preocupa y ocupa siempre, participando activamente en la celebración de sus fiestas tradicionales, sin distingo de raza, color, filiación política, edad, idiosincrasia, al son de la parranda, con la celebración de la navidad y el cúmulo de saberes ancestrales de los cuales se sienten orgullosos, siempre, acompañan sus celebraciones de arraigo cultural.

Referencias

ANALES DE NUTRICIÓN. La hallaca tradición y nutrición. Vol. 21, N° 2. Caracas: Anales de Nutrición, 2022.

GIMÉNEZ, Gilberto. Estudios sobre la cultura y las identidades sociales. México: Universidad de Guadalajara, 2002.

IDEA. En Navidad el dulce de lechosa resplandece en los hogares venezolanos. Caracas: Instituto para la Defensa de las Actividades Económicas del Estado, 2024.

MACROBIO. Saturnales. (F. Navarro Antolín, Trad.). Madrid: Gredos, 2010.

MÁRQUEZ, Juvenal. La hermenéutica: una actividad interpretativa. Revista Sinopsis Educativa, Vol. 43, N° 2. Caracas: UPEL, 2011.

MINISTERIO DEL PODER POPULAR PARA LA CULTURA. Venezuela despliega su fuerza cultural para celebrar la Navidad 2025. Caracas: MPPC, 2025.

NOTICIAS BARQUISIMETO. Con bromas y alegorías llenan el Día de los Inocentes. Barquisimeto: Noticias Barquisimeto, 2024.

PRENSA LATINA. Venezuela inicia Navidad con propuestas culturales y tradición. La Habana: Agencia Informativa Latinoamericana, 2025.

SIERRA, Francisco. La entrevista cualitativa. Barcelona: Paidós, 1998.

WEBER, Max. La objetividad del conocimiento en las ciencias sociales y la política social. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

Memórias de natal com cheiro de coco adocicado: a queijadinha como lugar de memória e rememoração

ALDO FRANCISCO VALOTTO¹⁵⁹

HENRY VALLEJO INFANTE¹⁶⁰

Resumo: Este trabalho busca apresentar a memória familiar em torno de um prato típico de Natal: a queijadinha. Um doce feito de coco ralado, leite condensado e ovos, que se encontra como patrimônio familiar da família Valotto há pelo menos 80 anos. Tal memória foi possível de ser rememorada pelo diálogo e entrevista etnográfica com Rosinha Crema Valoto, assim como pelo acompanhamento da feitura do doce. Assim, outro objetivo do texto é também apresentar essa trajetória da família Valotto, sua imigração para o Brasil, e a maneira como a constituição da família é também uma forma de perpetuação da receita. Por fim, e a partir de um relato etnográfico, discutimos brevemente as relações entre memória, narrativa e alimentação.

Palavras-chave: memória; alimentação; tradição familiar; narrativa; relato etnográfico.

O natal, a memória e o estranhamento

“O sujeito só pode ultrapassar o dualismo da interioridade e da exterioridade quando percebe a unidade de toda a sua vida... na corrente vital do seu passado, resumida na reminiscência...”

György Lukács¹⁶¹

Este texto tem como intuito apresentar a memória elicitada por um alimento típico de Natal para a família de um dos autores, por meio de um relato etnográfico. Este interesse surge pelo envolvimento com o evento interdisciplinar, multilíngue e que busca

¹⁵⁹ Doutorando em antropologia e arqueologia no PPGAA-UFPR, mestre em antropologia e arqueologia pela mesma instituição, e licenciado em ciências sociais pela UNIOESTE. E-mail: aldovaloto@hotmail.com

¹⁶⁰ Professor Visitante (CAPES) do PPGAA-UFPR, Doutor em Cultura e Arte para a América Latina e Caribe pela UPEL-IPC., Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural pela UFPEL, Pós-Graduação em Telemática e Informática em Educação a Distância pela UNA, Especialista em Educação Indígena pela UNEM, e Licenciado em Educação pela UCV. E-mail: vallejo.henry@gmail.com

¹⁶¹ LUKÁCS, György. A teoria do romance. São Paulo: Duas Cidades; Ed 34. 2000.

apresentar perspectivas plurais, chamado O Natal Nos Une – edição de 2025. Consequentemente, a narração do texto será expressa em primeira pessoa a fim de envolver o leitor nas vivências e emoções que significaram esta introspecção familiar.

Motivado pelo evento no qual participo desde 2023 junto com Henry Vallejo e outros colegas, busquei aplicar o tropo mais que batido da antropologia, de estranhar o familiar, aplicando-o à minha própria experiência familiar com o Natal e nossas “tradições” – isto tudo sob a prática etnográfica¹⁶² (Peirano, 1991; DaMatta, 2010; Wagner, 2012). Disto, pensamos na alimentação que compõe a “ceia de Natal”, e tal foco se deu por entendermos que “os pratos que cozinhamos e comemos diariamente contêm todos os ingredientes do nosso passado e do nosso presente: nossa identidade, nosso lugar na sociedade e o lugar da nossa sociedade no mundo” (Fernández-Armesto, 2020, p. 2). Neste encontro entre alimentação, cotidiano, e estranhamento, listei aquelas comidas que convencionou-se fazerem parte das ceias de minha família. E entre as comuns aves assadas, farofas, arroz com passas, e maionese, encontrei nada que fosse menos comum.

Então, na listagem mental feita, cheguei às sobremesas, e me lembrei de um quitute que minha avó, Rosinha Crema Valoto, mãe de meu pai, sempre faz durante a Páscoa e o Natal: a queijadinha. Este doce se encontra em nossa família há muito tempo, desde seu casamento com meu avô, Aldo Valoto¹⁶³. Então, podemos estimar a existência da queijadinha como tradição familiar há pelo menos 80 anos. Estou traçando como “a minha família” o núcleo que se constituiu pelo

¹⁶² Não cabe neste texto sintetizar, resumir, ou mesmo apresentar uma certa sedimentação da prática etnográfica como hegemônica. Aqui, tomamos a etnografia enquanto uma prática de pesquisa, fundada na epistemologia de contato e convivência com a alteridade como forma de acessar as tessituras simbólicas e práticas que dão forma à vida social de uma certa comunidade. Para mais informações e formas de entender a etnografia, conferir: Malinowski, 1978; Evans-Pritchard, 2005; Wagner, 2012; Peirano, 2014; Ingold, 2015; Thomas, 1991; Shah, 2020; DaMatta, 2010.

¹⁶³ O sobrenome sofreu várias alterações: chegou como Vallotto, foi transformado em Valoto e também Valotto por erros de comunicação na hora de registro em cartório. No meu caso, até 2023 o sobrenome de minha família era Valoto – de meu pai e seus irmãos, até meu avô e avó. Mas no processo de oficializar cidadania italiana para meu irmão, tivemos que alterar nosso sobrenome para Valotto.

casamento de Rosinha com Aldo, ocorrido em 1961, relação esta que gerou 5 filhos – sendo meu pai, Ângelo Daniel Valotto, o primogênito.

Este contexto de apresentação serve para indicar duas questões principais: a conexão entre tradição e memória. O texto parte de uma investigação etnográfica sobre a memória de minha avó em relação à feitura e existência da queijadinha, e sua qualidade de “comida tradicional”. Memória e tradição andam juntas para sedimentar a queijadinha como elemento importante de construção do Natal em nossa família.

A queijadinha

A queijadinha é um doce cuja história é popularíssima. Os registros que temos de sua história apontam para Portugal e a “queijada”: com uma base de uma massa feita de farinha de trigo, que deve ficar crocante depois de assada, esta é recheada frequentemente com queijo ou requeijão cremoso; após rechear a forma de massa com este creme de queijo, assa-se as queijadas.

A partir desta influência portuguesa, durante a colonização portuguesa do território que hoje é o Brasil, muitas das patroas brancas portuguesas ensinaram suas receitas nativas às mulheres negras escravizadas durante o período, e estas aprendiam “como era feito em Portugal” (Freyre, 1997). Mas como o queijo era caro na colônia da época, a reprodução da receita feita nas senzalas substituía-o pelo coco ralado. A família de minha avó e meu avô já tiveram contato com a queijadinha “abrasileirada”¹⁶⁴ podemos dizer, e é essa a receita que dona Rosinha faz até hoje.

¹⁶⁴ Coloco o termo entre aspas como sinal de inadequação, apesar de seu uso. Porque, primeiro, não existe um momento histórico no qual a queijadinha se encontra “pronta”; como elemento cultural e material, sua produção é variada – e sempre o foi – e sua apropriação em narrativas históricas também variam. Usar o termo sem aspas também propõe uma essencialização de todos os elementos envolvidos nesta relação: da queijadinha, do processo das escravizadas e suas comunidades de fabrica-la, a ideia de um estado nação que dá o enquadramento para a prática de adaptação, uma originalidade única em Portugal, uma falsa hegemonia em sua representação... Usar as aspas é uma forma, portanto, de questionar essas naturalizações quando se pensar em algo “abrasileirado” – o que, no final, isso quer dizer? Neste texto, intenta-se em apontar para o processo histórico de formação e transformação da queijada portuguesa em uma



FIGURA 1: uma fornada de queijadinhas.
Fonte: Arquivo pessoal do autor.

A troca do queijo pelo coco ralado fora motivado pela abundância da fruta no norte e nordeste brasileiros, onde se diz que a queijadinha-à-brasileira “surgiu”: “O coco e seu leite são ingredientes de extrema importância na doçaria brasileira. Muito utilizado em bolos, cocadas, tapiocas, pudins, cremes, mingaus, queijadinhas, quebra-queixo, bala de coco, doce de coco fino, caldas e sorvetes, seu uso é infindável” (Sulis, 2015, p. 34; cf. Cascudo, 2004). E o papel das mulheres negras escravizadas para essa inventividade culinária (Wagner, 2012) é de suma importância para a criação de uma “doceria brasileira”, como também aponta Freyre (1997). Em consonância, Marcella Sulis (2015, p. 34) aponta:

O trabalho braçal dos escravos da feitura desses doces nas cozinhas da casagrande, assim como as técnicas e usos de coco, leite-de-coco, batata-doce, amendoim, abóboras, entre outros ingredientes, foram de extrema importância para a base da doçaria. Presente em diversas preparações, essa prática de usar o coco e seus derivados se deu através da influência africana, pela sua ampla utilização em mingaus, ensopados, encorpando os peixes com leite-de-coco, em forma de molho ou como óleo para fritar.

“outra coisa”, que é a queijadinha brasileira – acentuando-se os movimentos desta mudança, principalmente a troca do queijo ralado pelo coco ralado.

Apesar desta “longa história”, interessei-me mais pela “pequena história” da queijadinha na vida de minha avó. Então, como programa de pesquisa para este texto, programei-me para que quando retornasse para a cidade onde meus pais e minha avó moram acompanhar a produção da queijadinha junto à minha avó. Apesar de eu não ter participado com eles das festas de fim de ano por estar em Curitiba, minha avó se prontificou a me ensinar a fazer. Durante o mês de janeiro de 2026, fizemos a receita duas vezes; não porque ela demanda muito tempo e energia para seu preparo, mas porque ela é tão simples que na primeira vez ela fez sem mim. Então, tive que pedir para que repetisse a receita para eu acompanhar.

Acompanhar etnograficamente o processo de produção foi proposto como forma de acessar e compartilhar uma experiência com minha avó enquanto eu lhe fazia perguntas sobre a queijadinha, sua história, e o que mais ela teria para me contar. Então foi importante para criar o canal de escuta e compartilhamento necessário para pensar em uma memória (Benjamin, 2012). Eu não lembro da primeira vez que experimentei e comi a queijadinha da dona Rosinha, mas se tornou um alimento de memória afetiva do Natal. E isso foi se acentuando pelos finais de ano em que estivemos distante da minha avó, quando nos mudamos para Marechal Cândido Rondon, e mais recentemente porque tenho passado esse período em Curitiba com a família de parte materna, e onde a queijadinha não é um prato feito.

A receita é muitíssimo simples, como já dito, e são necessários apenas três ingredientes: coco ralado fresco (não pode ser comprado em pacotinho no mercado, segundo minha avó, este tipo deixa a queijadinha seca; é possível congelar o coco fresco ralado para se fazer em outro momento), leite condensado e ovos. As medidas para uma receita são: 500 gramas de coco, duas caixinhas de leite condensado e 6 ovos. Então, é só misturar tudo, numa bacia mesmo, até ficar uma massa homogênea em cor; quando chegar neste ponto, é só despejar dentro das forminhas de papel de brigadeiro e levar para assar – utilizamos, embaixo da forminha de papel, forminhas de metal para empadinha, para que a

massa da queijadinha não vazasse na forma. Entre 30 e 40 minutos de forno é suficiente para assá-las.

Uma receita rende até 50 queijadinhas pequenas, o que é uma boa quantidade para servir em noite de Natal para a família, depois da ceia. Experiência essa muito comum em minha família paterna. Desde que nos mudamos de Curitiba para Marechal Cândido Rondon (no oeste paranaense), o Natal passou a ser um período em que minhas tias e tios, primas e primos visitavam minha avó – e conseqüentemente, meus pais, meu irmão e eu – e todas as visitas eram pontuadas pelo cheiro de coco adocicado sendo assado que ficava pela casa.

Enquanto fazíamos a queijadinha, eu perguntava para minha avó sobre como a receita chegou até ela. Segundo o que me contou, ela aprendeu a fazer a receita com a família de meu avô quando casou com ele. Foi com suas cunhadas que aprendeu a fazer, e era comum que fizessem em datas comemorativas, como a Páscoa e o Natal. Contudo, ela não sabe com quem elas aprenderam, ou mesmo como chegou à família Valoto. É uma memória bem contida e restrita, que não se estende muito temporalmente – relativamente, porque a receita é feita pela minha avó há quase 60 anos, eu como há pelo menos 20. Como contou meu pai, ele lembra desde pequeno de comer queijadinha, principalmente no final do ano e na época de Natal. Então é uma receita que perdura em nossa família há um bom tempo, e agora são as netas e netos da vó Rosinha que prosseguem com a receita. Até mesmo meu primo de segundo grau, filho da minha prima mais velha por parte de pai, portanto bisneto de minha avó, adora as queijadinhas.

A imigração da família Vallotto/Valotto/Valoto

É interessante pensar que a queijadinha enquanto alimento brasileiro é fruto de ondas migratórias concomitantes e diferentes. Concomitantes como a migração portuguesa e a migração escravizada forçada das populações africanas; e diferentes, como a migração italiana para o Brasil, já no século XX, que é o processo pelo qual trouxe os e as

Valotto até aqui. Apesar de a queijadinha não ter origem ou relação direta com a história dos imigrantes italianos, tal encontro passa a ter importância quando focalizado pela minha própria vida e a memória imanente que existe entre tradição familiar e memória.

A memória da imigração de minha família foi retomada durante os pedidos de cidadania italiana por parte de meu irmão, Augusto Daniel Valoto. A família que primeiro veio ao Brasil são meus antepassados Vettore Vallotto e Luiza de Benetti, que vieram de Salzano, Veneza. Vieram com seus filhos nascidos ainda na Itália, durante a década de 1880 – Natalina, Gioseppe Antonio, Emilio e Antonio – Emilio faleceu durante a viagem e fora sepultado no mar. Já no Brasil, tiveram outros filhos: Emilio, João, Angelo (o único que sabemos data de nascimento, 06/05/1898, e falecimento, 02/01/1985), Guilherme e Ana.

Eles chegaram primeiro ao estado de São Paulo, em Rio Claro no interior. Lá nasceram os filhos brasileiros de Vettore e Luiza. Mas também de lá, se espalharam pelo interior do estado, até Pompeia, Monte Verde, Monte Azul... Os pais de meu avô, o Angelo Vallotto mencionado acima, moraram em Monte Verde, onde nasceu meu avô Aldo. Tanto ele quanto sua família viveram pelo interior de São Paulo até comprarem um pedaço de terra no norte pioneiro paranaense, na cidade de Rondon, vizinha de Cianorte. Lá ele conheceu minha avó e teve seus cinco filhos.

Esta história migratória se insere no contexto mais amplo de ondas migratórias italianas, ocorridas entre 1874 e 1920. As famílias foram empurradas para fora da Itália por causa da fome, gerando o que se conhece como a Grande Migração. Sobre isso, Gabriel Lopes Guasti (2018, p. 32) comenta:

Dos cerca de 1,3 milhão de imigrantes italianos em solo brasileiro no período da Grande Imigração, virtualmente todos se concentraram em seis estados, pela seguinte ordem de números totais: São Paulo (1,07 milhão), Rio Grande do Sul (c. 90 mil), Minas Gerais (c. 55 mil), Espírito Santo (c. 35 mil), Santa Catarina (c. 25 mil) e Paraná (c. 20 mil).

Durante tal período, a Europa vivia em um constante caos, com guerras violentas, fome, morte e destruição, acontecimentos que

deixaram os mais pobres sem outra escolha senão fugir em busca de paz e terras para cultivar. Foram muitas as famílias que sofreram a separação de seus entes queridos para se aventurar em culturas desconhecidas, pessoas que em várias ocasiões acabaram sendo enganadas, pois, por serem em sua maioria camponeses pobres, não sabiam ler nem escrever, fato que comerciantes inescrupulosos aproveitaram para vender supostos passagens para a América do Norte, mas os embarcavam enganados em navios que acabavam no Brasil.

Em 1875, um ano após o início da imigração italiana no Espírito Santo, teve início a imigração italiana no Paraná, no Rio Grande do Sul, e em Santa Catarina. Como citado anteriormente, a ocupação de espaços em regiões fronteiriças era uma preocupação real do governo brasileiro, sobretudo no século XIX. A vinda de imigrantes serviria não apenas para povoar grandes territórios de terra virgem, mas também para livrar a região de influências e pressões de países limítrofes, como Uruguai e Argentina (Lopes Guasti, 2018, p. 38).

Ao chegarem ao sul do Brasil, tiveram que enfrentar vários impasses diante das reivindicações das autoridades por não quererem se desprender de seu idioma natal e de outras tradições herdadas de seus antepassados, práticas que limitavam sua integração cultural ao país que os acolhia, chegando até a ficar sem apoio econômico para as escolas ou sem padre para celebrações religiosas, como uma forma de obrigá-los a falar em português. Sobre isso, Fábio Augusto Scarpim (2017, p. 15) explica:

Ao contrário do que acontecia nos Estados Unidos e Argentina no qual as gerações sucessivas rapidamente absorviam as características do país hospedeiro, sendo necessárias novas levas de imigrantes para manter a presença italiana, no Sul do Brasil os imigrantes continuavam a manter as tradições e a língua ancestral. Nesse sentido Veronese faz uma comparação com as colônias alemãs que eram mais antigas e que se mantinham bastante presente nos três Estados com destacada influência política e religiosa, assim como ocupavam postos importantes no comércio e na indústria. O sucesso da experiência germânica seria devido aos contínuos contatos com a Alemanha, especialmente no que se refere aos investimentos econômicos, bem como o valor dado a escola para a formação das novas gerações e a manutenção da língua e da cultura ancestral. Nessa direção, destaca a importância da conservação do idioma e de seu ensino como forma de cimentar a identidade étnica e de combater a desnacionalização vista como uma ameaça constante.

Claro que, com o passar do tempo e de geração em geração, os imaginários culturais se reconfiguram e o sincretismo se faz presente nas festas e celebrações. O Natal não escapa disso, e muito menos algo tão cotidiano quanto as sobremesas caseiras para datas especiais na intimidade das famílias.

Memória e alimentação

Em seu livro “Açúcar” (1997)¹⁶⁵, Gilberto Freyre apresenta uma sociologia do açúcar e seu papel na socialidade e desenvolvimento nacionais. A sua narrativa foca sobre o nordeste brasileiro, região privilegiada em seus trabalhos sobre o Brasil e sua história cultural – como em “Casa-grande & Senzala” (2003), originalmente de 1933, mas não somente – e demonstra como a doceria nordestina fora marcada pelo encontro das receitas portuguesas com as práticas indígenas, em primeiro, e com as práticas das negras escravizadas, posteriormente. Isso produziu adaptações daquelas receitas para a realidade material culinária da colônia, como a queijadinha é um exemplo, mas também o bolo de rolo e o bolo de bacia.

Mas neste relato histórico-sociológico proposto por Freyre, existe também um desenvolvimento da receita como patrimônio familiar, porque no período dos engenhos era sinal de deferência máxima quando alguém, ou alguma família, possuíam um doce com seu nome – como o famoso bolo pernambucano Souza Leão, criado pela Dona Rita de Cássia Souza Leão Bezerra Cavalcanti, esposa de Agostinho Bezerra da Silva Cavalcanti, senhor do engenho São Bartolomeu.

Inventaram-se nas casas-grandes do Norte doces e bolos que tomaram nomes de famílias ou de engenho – Sousa Leão, Guararapes, Dr. Constâncio, Cavalcanti, tia Sinhá, d. Dondon, major Fonseca Ramos – e cujas receitas se conservaram por muito tempo em segredo, às vezes passando de mãe a filha. Houve no Brasil uma maçonaria das mulheres ao lado da maçonaria dos homens, a das mulheres se especializando nisto: guardar segredo das receitas de doces e bolos de família (1997, p.64).

¹⁶⁵ Originalmente lançado em 1939.

A queijadinha aparenta diferenciar-se deste tipo de receita “maçônica”: não tem nome de gente, e sua receita não é um segredo. A facilidade em seu preparo aponta para a igual facilidade em se dispersar, em ser repassada e feita – até mesmo transportada, tendo em vista seu tamanho pequeno. No livro de Freyre, aparece uma receita de queijadinha: “queijadinhas de iaiá”. Ela é diferente da receita de minha avó por usar uma base de massa de farinha de trigo para segurar o “recheio” de doce de coco. Segundo minha avó, é uma variação “mais trabalhosa”, que exige que se faça a massa e coloque-a em forminhas para assar.

É interessante articular essa questão entre alimentação, memória e segredo, triangulação esta que não está presente na tradição da queijadinha em nossa família.

As imprecisões de algumas receitas mais antigas – quanto à quantidade exata de ingredientes e o modo de preparar o bolo ou o doce – talvez reflitam o privatismo excessivo das casas-grandes ou das famílias de engenho donas dos segredos de certos quitutes. Quando os anotavam, era sempre guardando alguma coisa: não revelando tudo. Outras imprecisões devem-se atribuir à pouca instrução das antigas iaiás de engenho (Freyre, 1997, p. 83).

Diferentemente, a queijadinha não é um segredo, e ela também não está guardada apenas para quem da família faz parte. Ela é uma receita simples, fácil e que não exige aperfeiçoamento culinário. E julgo que sua permanência seja um efeito destas questões; ou melhor: podemos pensá-las enquanto suas condições de possibilidade.

Mesmo quando ela era partilhada somente pela oralidade, seus poucos ingredientes permitiam fácil memorização; mesmo quando passava-se para o papel, em cadernos de culinária ou em folhas soltas escritas para serem entregues às parentes para que levassem para suas casas, essa mesma diminuta necessidade de ingredientes e procedimentos permitia o registro em pequenos pedaços. E ainda, quando pronta, por seu tamanho pequeno, era passível de ser levada com facilidade para outras localidades, ou mesmo enquanto quitute de se levar durante visitas a parentes e outras afinidades.

Isto é perceptível quando visitamos os parentes que ainda moram na cidade de Rondon, ao norte do Paraná, que também fazem a receita durante épocas de festa. Nestas visitas, era muito comum que levássemos conosco quando partíamos um amontoado de queijadinhos para a viagem e outras destinadas a serem comidas quando chegássemos. E essa memória minha e de meu irmão permanece e se reaviva toda vez que comemos novamente uma queijadinha.

É interessante pensar nela como um desses “lugares de memória”, dos quais fala Pierre Nora (1993) e Maurice Halbwachs (1990). Para Nora (1993) os lugares de memória não são apenas lugares no sentido espacial do termo, mas aponta para a confluência entre materialidade, simbólico e funcionalidade: um depósito de arquivos só será lugar de memória, segundo o autor, se “a imaginação o investe de uma aura simbólica” (p. 21). O lugar da memória produz a superação de uma ruptura sob o signo do esquecimento entre passado e presente, de forma que o passado é elicitado pela própria relação possibilitada pelo lugar. Nora até mesmo argumenta que a razão de ser fundamental do lugar de memória é “parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para prender o máximo de sentido num mínimo de sinais” (1993, p. 22).

E diferentemente dos exemplos utilizados para a análise destes autores (como as constituições da França, ou os monumentos estatais), penso que é possível aplicar a mesma conceituação para uma “pequena materialidade” (Revel, 1998): a queijadinha, aqui, condensa um conjunto de experiências e temporalidades, estabelece uma memória porque estabelece uma relação com vários passados diferentes. E ainda mais: como ela condensa, nesta narrativa menor, uma história da imigração brasileira – menos crítica e complexa do que ela realmente foi.

Diferentemente de todos os objetos da história, os lugares de memória não têm referentes na realidade. Ou melhor, eles são, eles mesmos, seu próprio referente, sinais que devolvem a si mesmos, sinais em estado puro. (...) o que os faz lugares de memória é aquilo pelo que, exatamente, eles escapam da história. (...) Nesse sentido, o lugar de memória é um lugar duplo: um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade; e recolhido sobre seu nome, mas

constantemente aberto sobre a extensão de suas significações (Nora, 1993, p. 27).

Enfim, podemos qualificar a queijadinha naquela imagem proposta por Freyre (1997), quando fala:

Há um gosto todo especial em fazer preparar um pudim ou um bolo por uma receita velha de avó. Sentir que o doce cujo sabor alegra o menino ou a moça de hoje já alegrou o paladar da dindinha morta que apenas se conhece de algum retrato pálido mas que foi também menina, moça e alegre. Que é um doce de pedigree, e não um doce improvisado ou imitado dos estrangeiros. Que tem história. Que tem passado. Que já é profundamente nosso. Profundamente brasileiro. Gostado, saboreado, consagrado por várias gerações brasileiras. Amaciado pelo paladar de nossos avós (p. 64).

Assim, memória, alimentação, família, tradição e história se relacionam como aspectos da formatação dessa materialidade simplória, mas doce, que é a queijadinha.

Considerações finais

Este texto teve como motivador central a participação no evento multicultural, multilíngue e multi-perspectiva, O Natal nos Une, edição de 2025 em homenagem a Rodrigo Avellada. A intenção foi apresentar um relato etnográfico assentado sobre a rememoração e a tradição familiar da queijadinha, quitute que nos acompanha desde que me conheço por gente.

A memória foi a linha guia para este relato, a memória compartilhada e narrada, principalmente de minha avó Rosinha, e meu pai Ângelo. É uma narrativa composta por outras narrativas – uma narrativa “síntese”, sem entender com isso um fechamento ou um ponto final. A narrativa é esse incessante recontar de estórias e experiências, e valorizá-la é um esforço “benjaminiano” contra aquele processo capitalista de esquecimento “que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas” (Benjamin, 2012, p. 201).

“Rememoração” é um conceito importante para Benjamin e para Lukács (2000), pois se trata desta “memória imanente ao ato de narrar” – lembrar e contar são, aqui, uma mesma coisa. Não surpreende que o autor aproxime artesanania e narrativa, sendo esta concebida como “uma forma artesanal de comunicação”. Isto porque ela não busca um realismo, ou uma proximidade a um real/realidade; ela “mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (Benjamin, 2012, p. 205) – podemos dizer: como a mão da cozinheira na massa de coco adocicado da queijadinha.

Assim, entendemos que este texto se encontra nos registros deste encontro entre memória, narrativa, alimentação, imigração, parentesco, açúcar, fruta... enfim, manifesta este nó górdio do qual vários feixes da realidade social são passíveis de serem puxados e explorados. Este texto é apenas um exercício inicial, passível ele também de expansão e reformulações – como são os lugares de memória e a própria narratividade imanente à rememoração.

Referências

- BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense. 2012.
- CASCUDO, Luis Câmara. A história da alimentação no Brasil. Editora global: São Paulo, 2015.
- DAMATTA, Roberto. Relativizando. Rio de Janeiro: Rocco. 2010.
- EVANS-PRITCHARD, Edward E. Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. Historia de la comida. Alimentos, cocina y civilización. Málaga: Titivillus, 2020
- FREYRE, Gilberto. Açúcar: uma sociologia do doce, com receitas de bolos e doces do Nordeste do Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 1997 [1939].
- FREYRE, Gilberto. Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2003 [1933].

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Editora Revista dos tribunais LTDA. 1990.

INGOLD, Tim. “Antropologia não é etnografia”. In: INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Vozes, 2015.

LOPES, Gabriel. Italianos no Brasil: aspectos da história da imigração (1874-1920). Trabalho de Conclusão do grau de Licenciatura em História. Universidade Católica de Santos, Santos, 2018.

LUKÁCS, György. A teoria do romance. São Paulo: Duas Cidades; Ed 34. 2000.

MARTÍNEZ, Miguel M. La investigación cualitativa (síntesis conceptual). Revista IIPSI, Facultad de Psicología UNMSM, Lima, v. 9, n. 1, p. 123-146, 2006. Disponible en: [https://sisbib.unmsm.edu.pe/BVRevistas/Investigacion Psicologia/v09n1/pdf/a09v9n1.pdf](https://sisbib.unmsm.edu.pe/BVRevistas/Investigacion%20Psicologia/v09n1/pdf/a09v9n1.pdf). Acceso en: 22 fevereiro 2026.

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Proj. História. São Paulo, (10), dez. 1993.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. Horizontes Antropológicos, 20, n. 42, p. 377-391, 2014.

REVEL, Jacques. 1998. “Microanálise e construção do social”. In: REVEL, Jacques (org.) *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas.

SCARPIM, Fábio. A imigração italiana no Paraná no olhar de viajantes italianos. Áskesis | v.6 | n.2 | Julho/Dezembro - 2017 | 8-23

SHAH, Alpa. Etnografia? Observação participante, uma práxis potencialmente revolucionária. R@U, 12 (1), jan./jun., 2020: 373 – 392.

SULIS, Marcella. Doçaria brasileira: A feira de são cristóvão e os doces tradicionais. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, COPPE, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

THOMAS, Nicholas. Against Ethnography. Cultural Anthropology, Vol. 6, nº3, pp. 306-322, 1991.

WAGNER, Roy. A invenção da cultura. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

Este livro reúne produções intelectuais apresentadas no IV Encontro Internacional e Multilíngue de Perspectivas Plurais: O Natal nos Une, realizado em novembro de 2025, no campus da Reitoria da Universidade Federal do Paraná, em Curitiba, sob a coordenação do Professor Henry Vallejo Infante. Nesta edição, mantendo a proposta de homenagear trajetórias dedicadas ao campo das Artes, o evento celebrou Danilo Avelleda, multiartista curitibano, ator, produtor, diretor e cenógrafo, com mais de sete décadas de atuação na dramaturgia. A coletânea expressa a amplitude dos debates construídos ao longo do encontro, que reuniu pesquisadores, artistas e intelectuais do Brasil, Portugal, Venezuela, Haiti, Porto Rico e China, em formato híbrido. Com textos em português, espanhol e francês, a obra evidencia a potência das Humanidades como espaço de diálogo entre linguagens, culturas, memórias, saberes e práticas sociais. Os capítulos aqui reunidos resultam dos sete Simpósios Temáticos do evento: Família e Gênero; Política e Sociedade; Gastronomia; Artes; Memória e Patrimônio; Religião; e Trabalhos Diversos. A partir dessas abordagens, o livro contempla discussões sobre arte, antropologia, linguística, história, patrimônio, religiosidades, gastronomia, dinâmicas sociais e modos plurais de viver e celebrar. Viabilizada pelo Programa Solidariedade Acadêmica da CAPES, esta publicação reafirma a relevância da cooperação entre universidades, pesquisadores e instituições, acolhendo experiências diversas e promovendo o intercâmbio acadêmico em torno das culturas, das línguas e das múltiplas formas de pertencimento que atravessam o Natal e suas ressignificações contemporâneas.



9 786588 709238

ISBN: 978-65-88709-23-8



Programa de Pós-graduação
Memória Social e Patrimônio Cultural
PPGMP ICH UFPEL

